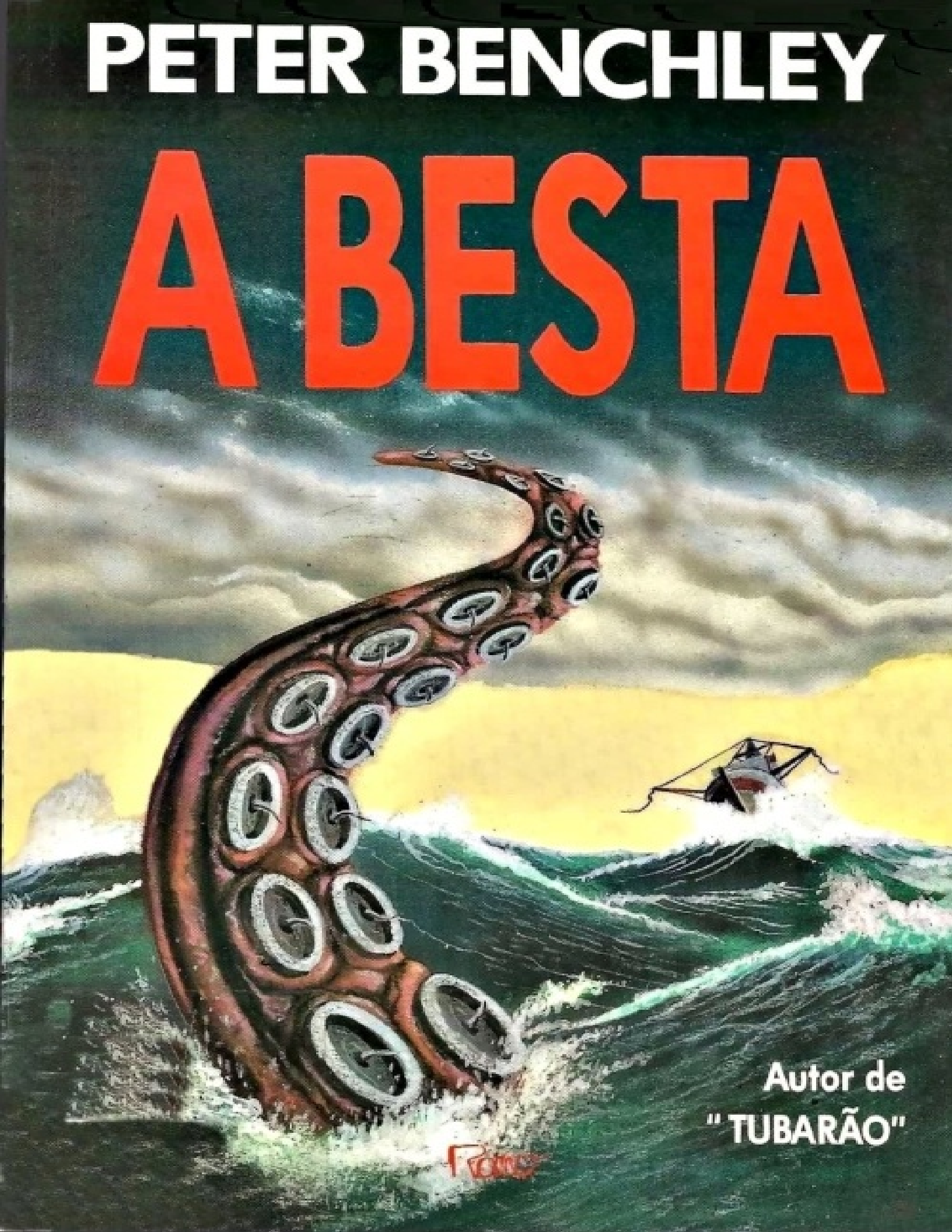
PETER BENCHLEY

A BESTA



Autor de "TUBARÃO"

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***Epubr.club*** e baixar livros exclusivos neste link.



Sinopse

A BESTA

Um veleiro naufraga na costa das Bermudas, deixando um jovem casal à deriva num bote salvavidas. Eles procuram se tranquilizar pensando que, afinal, o tempo está bom, o farol de emergência está enviando sinais de socorro, tudo parece se encaminhar para um final feliz. Inexplicavelmente, no entanto, eles sentem medo. E bem justificado.

Debaixo do bote, algo se move. Uma coisa incrível e selvagem e imensa, um animal de dimensões pré-históricas: uma lula oceânica gigante. Prova viva do desequilíbrio ecológico e suas consequências.

A partir de uma pesquisa meticulosa sobre a misteriosa criatura conhecida como *Architeuthis dux,* Peter Benchley, autor de *Tubarão,* desenvolve sua mais emocionante aventura marítima.

Orelhas:

A BESTA

Apaixonado pelo mar desde os nove anos de idade, quando passava seus verões em Nantucket, Massachussetts, Peter Benchley provou que seus conhecimentos marinhos aliados a uma boa história de suspense podiam produzir um grande *best-seller* como *Tubarão* (1974). *A besta é* uma nova incursão no universo de sua predileção e nas detalhadas pesquisas sobre o mar. Desta vez o monstro atormentador tem uma justificativa para sua ferocidade e dimensões irreais: o desequilíbrio ecológico provocado pelo homem que, ao longo dos séculos, vem exterminando sem tréguas os cachalotes.

O protagonista do romance é Whip Darling, um conceituado especialista das profundezas do oceano que luta para ganhar a vida nas águas quase sem peixes, próximas às Bermudas. De repente Whip se depara com uma série de fatos estranhos. Descobre um bote salva-vidas vazio, sem sinais de luta a não ser por alguns arranhões esquisitos. Um barco explode, aparentemente sem motivo, a pouca distância da praia. Uma mulher, localizando baleias através do telescópio, garante ter visto um monstro terrível.

Whip Darling medita sobre as causas que teriam provocado esses acontecimentos, mas não alcança o real significado deles. Então, a besta ataca novamente e Whip começa a se perguntar: será que a devastação dos mares trouxe das profundezas uma criatura lendária, um animal tão enorme, tão insaciável, que vai matar, matar até que alguém consiga destruí-lo?

A besta é um romance empolgante, mas também uma bem elaborada mescla de emoções e questionamentos importantes para esse final de século.



Peter Benchley formou-se em Harvard e trabalhou vários anos como jornalista e redator de discursos até publicar *Tubarão* (1974), ao qual se seguiram livros como *A Ilha* (1979). Colaborador de revistas como *Newsweek*, *National Geographic Magazine* e *The New York Times Magazine*, Benchley fez o roteiro para três dos filmes baseados em seus livros e costuma apresentar documentários para a televisão.

Ilustração de capa: *IVAN PINTO*

A BESTA

Este livro foi composto pela Linolivro S/C Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — Rio — RJ e impresso na Editora Vozes Ltda.,

Rua Frei Luís, 100 — Petrópolis — RJ em junho de 1992 para a Editora Rocco Ltda.

PETER BENCHLEY

A BESTA

Tradução de
AULYDE SOARES RODRIGUES

Rio de Janeiro — 1992

Título original BEAST

Copyright © 1991 *by* Peter- Benchley

Direitos para a língua portuguesa reservados, com exclusividade para o Brasil, à EDITORA ROCCO LTDA.

Rua da Assembleia, 10 Gr. 3101 Tel.: 224-5859 Telex: 38462 EDRC BR

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais GRACE DANTAS MATTOS

revisão

SANDRA PÁSSARO/WENDELL SETÚBAL

HENRIQUE TARNAPOLSKY

CARLOS ANCÊDE NOUGUÉ

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RT

Benchley, Peter, 1940-

B395b A besta / Peter Benchley ; tradução de Aulyde Soares Rodrigues. — Rio de Janeiro : Rocco, 1992.

Tradução de: Beast

1. Ficção estadunidense. I, Rodrigues, Aulyde Soares. II. Título.

92-0209

CDD — 813 CDU — 820(73)-3

ISBN 85-325-0114-1

Este e-book:

Digitalização:

Chuncho (LAVRo)

Ocerização, revisão inicial, formatação, modernização da ortografia e mínima alteração de tradução para adequação de gênero *(no caso em todas as referências à palavra hélice no original se tinha usado artigos masculinos)*:

The Flash

Para os *Squid Squads* 1979

Billy Mac, Garbage Bob,

The Duke, Columbus Mould, Capitão Fanthom

1990

George Bell, Clayton Benchley, Nat Benchley, Adrian Hooper, Kyle Jachney, Stan Waterman, Michele Wernick, Donald Wesson, John Wilcox

E, é claro, para os Tuckers:

Teddy, Edna e Wendy

"Ela (Scylla) tem doze *pés* chatos e seis pescoços compridos e esqueléticos. Cada pescoço suporta uma cabeça obscena, cheia de dentes, com três fileiras de presas negras carregadas de morte... Ela se alimenta especialmente de seres humanos, nunca deixando de apanhar com cada uma das suas cabeças um homem, de cada navio com proa escura que passa por ela.”

Homero, A *Odisseia*

PRIMEIRA PARTE

1

A coisa pairava na água escura, à espreita.

Não era peixe, não tinha vesícula natatória para boiar, mas devido à constituição química especial da sua carne, não despencava no abismo.

Não era um mamífero, não respirava ar, portanto não sentia nenhum impulso para subir à tona.

A coisa pairava.

Não dormia, pois não sabia o que era dormir, o sono não fazia parte dos seus ritmos naturais. Descansava, alimentando-se com oxigênio absorvido da água, que era bombeada através das cavernas do corpo em forma de bala.

Seus oito braços sinuosos flutuavam com a corrente, os dois tentáculos longos estavam enrolados no corpo. Quando era ameaçada, ou no frenesi do ataque, os tentáculos saltavam como molas para a frente, como relhos dentados.

Tinha um único inimigo: todas as outras criaturas do mundo eram sua presa.

Não tinha noção de si mesma, nem do seu tamanho imenso nem do fato de que sua capacidade para a violência era desconhecida das outras criaturas das profundezas.

Pairava a mais de 300 metros abaixo da superfície, muito além do alcance da luz do sol, mas seus olhos enormes registravam pequenos brilhos, gerados, no terror ou na raiva, por outros predadores menores.

Se pudesse ser observado por olhos humanos, o animal seria visto como marrom-arroxeado, mas isso era agora, assim em repouso. Quando provocado, mudava constantemente de cor.

O único elemento do mar que seu sistema sensorial monitorava constantemente era a temperatura. Era mais confortável numa faixa entre 4 e 12 graus centígrados, e a coisa, à deriva, na corrente, quando encontrava termoclines ou alterações verticais que abaixavam ou elevavam a temperatura, movia-se para cima ou para baixo, conforme o caso.

O animal percebia agora uma mudança. A corrente o tinha levado para a escarpa de um vulcão extinto, que se erguia como uma agulha do fundo do

oceano. O mar passava em volta da montanha e a água fria era levada para cima.

Assim, impulsionada pela cauda e pelas nadadeiras, a besta subiu suavemente no escuro.

Ao contrário da maioria dos peixes, não precisava da comunidade e vagava sozinha pelos mares. Por isso ignorava a existência de muitos outros animais iguais a ela, que existiam em número muito maior do que no passado. O equilíbrio da natureza fora perturbado.

A coisa existia para sobreviver. É para matar.

Pois, por peculiar que fosse, situação única no mundo das coisas vivas, ela geralmente matava sem necessidade, como se a natureza, num acesso de perversa malevolência, a tivesse programado para isso.

2

Visto de longe, o barco era um grão de arroz num vasto campo de cetim azul.

Durante alguns dias o vento soprou de sudoeste. Agora, nas últimas horas, tinha diminuído — enfraquecido, recuado — e a calmaria era incerta, como se o vento estivesse tomando fôlego e ajeitando-se como um lutador cansado antes de escolher o objetivo do próximo assalto.

Howard Griffin estava no *cockpit* com um dos pés descalços na roda do leme. O barco, privado da força impulsora do vento, balançava suavemente nas longas marolas.

Griffin olhou para as velas adejantes, depois consultou o relógio e amaldiçoou a própria tolice. Não tinha contado com isso, não havia previsto a calmaria. Plotou o curso, o tempo da viagem, contando com os ventos de sul.

Ingênuo. Idiota. Devia saber que não é possível prever o tempo.

Já estavam com muitas horas de atraso por causa da longa parada no Estaleiro da Marinha Real, esperando que o funcionário da alfândega ensinasse um aprendiz a revistar devidamente um Hatteras de cinquenta e dois pés à procura de contrabando.

À essa altura já deviam estar em mar alto. Porém, quando Griffin olhou para trás, avistou a boia alta do canal, na extremidade do Eastem Blue Cut, como um pontinho branco, cintilando na luz oblíqua do sol poente.

Ouviu a chaleira apitando na cabine e logo sua mulher apareceu na portinhola com uma xícara de chá para ele. Griffin agradeceu com um sorriso e a ideia apareceu de repente.

— Você está bárbara.

Surpresa, Elizabeth retribuiu o sorriso.

— Você também não está nada mal.

— Falo sério. Seis meses num barco, não sei como você consegue.

— É uma ilusão. — Inclinou-se e beijou a cabeça dele. — Seus padrões já foram por água abaixo.

— O cheiro também é bom. — Sabonete e ar e pele.

Griffin olhou para as pernas dela, da cor de carvalho polido com óleo, sem uma marca, sem varizes que pudessem trair a idade ou os dois filhos nascidos há mais de 15 anos. Apenas uma cicatriz, resultado da batida da canela certa noite num poste de concreto, em Exumas. Olhou para os pés dela, bronzeados, nodosos e calejados. Griffin amava os pés da mulher.

— Não sei como vou poder usar sapatos outra vez — disse ela. — Posso arranjar um emprego na Companhia Descalça de Bancos e Trastes.

— Se chegarmos lá. — Com um gesto, mostrou a vela mestra.

— O vento vai rodar e voltar.

— Talvez, mas não temos tempo. — Inclinou-se para a frente para ligar o motor.

— Não faça isso.

— Pensa que eu gosto? O homem vai estar no ancoradouro segunda-feira de manhã e acho bom estarmos também.

— Um segundo. — Ela ergueu a mão. — Vou verificar.

Com um erguer de ombros, Griffin voltou à posição de antes e Elizabeth desceu para a cabine. Ouviu a estática quando ela sintonizou o rádio, e depois a voz de Elizabeth no microfone, "Rádio do Porto das Bermudas, Rádio do Porto das Bermudas, Rádio do Porto das Bermudas... aqui o iate *Severance”*.

— Iate *Severance*, Rádio do Porto das Bermudas... — respondeu a voz a 15 milhas ao sul. — Vá para seis-oito, por favor e fique na escuta.

— *Severance* passando para seis-oito — disse Elizabeth.

Silêncio.

Griffin ouviu alguma coisa saltando na água na direção da popa do barco. Virou a cabeça e viu uma meia dúzia de carpas cinzentas numa mancha de sargaço, disputando os pequenos camarões e as outras criaturas que se abrigavam entre as hastes e as vesículas flutuantes. Ele gostava do sargaço, assim como gostava de cagarras, que pareciam falar de liberdade, e dos tubarões que falavam de ordem, e dos golfinhos que falavam de Deus. O sargaço falava de vida. Viajava pelo mar, empurrado pelo vento, levando alimento para os animais pequenos, que por sua vez tornavam-se alimento dos grandes, e assim

por diante, na cadeia da alimentação.

— Iate *Severance*, Rádio do Porto das Bermudas... na escuta.

— Sim, Bermudas. Estamos velejando para o norte, para Connecticut. Gostaríamos de uma previsão do tempo. Câmbio.

— Certo, *Severance*. Barômetro três-zero-ponto-quatro-sete e firme. Vento sudoeste, 10 a 15, girando para noroeste. Ondas de 95 cm a um metro e meio esta noite e amanhã, com ventos noroeste de 15 a 20 milhas por hora. Possibilidade de chuvas esparsas no mar aberto. Câmbio.

— Muito obrigada, Bermudas. *Severance* na escuta em 16.

Elizabeth apareceu outra vez na portinhola e disse:

— Sinto muito.

— Eu também.

— Não era assim que devia acabar.

— Não.

O que devia acontecer, ou seja, o que esperavam que acontecesse na sua volta, era pegar um vento sul o caminho todo até a costa, e quando tivessem passado a Ponta Montauk, com a Ilha Fishers à frente e o Porto Stonington logo adiante, eles içariam todos as flâmulas e bandeirolas de todos os países e iates-clubes que tinham visitado na viagem de quase meio ano. Quando chegassem ao quebra-mar de Stonington, o vento voltaria um pouco para o leste e eles marchariam triunfantemente para o porto com o iate todo embandeirado e muito belo. Os filhos estariam esperando no cais, eles abriríam uma garrafa de champanha; tirariam tudo de dentro do barco e o entregariam ao corretor para ser vendido.

Um capítulo da sua vida estaria terminando então e outro ia começar. Com todas as flâmulas esvoaçando ao vento.

— Ainda temos uma esperança — disse Griffin. — Nesta época do ano, o noroeste não dura muito. — Fez uma pausa. — Acho melhor não durar, do contrário ficaremos sem combustível e vamos ficar à deriva de um lado para o outro até morrermos de velhice.

Griffin girou a chave e apertou o botão de partida do motor. O diesel de quatro cilindros não era muito barulhento, mas lhe parecia uma locomotiva. Não

era muito sujo, mas para ele cheirava como o bairro miserável de Manhattan.

Elizabeth disse:

— Meu Deus, odeio essa coisa!

— É uma máquina. Como pode odiar uma máquina? Eu não gosto dela, mas não posso odiar. Não se pode odiar uma máquina.

— Pois eu posso. Sou uma pessoa “bárbara”. Você mesmo disse. Está na Constituição. As pessoas bárbaras podem odiar o que elas quiserem. — Com um largo sorriso ela adiantou-se para arriar a bujarrona.

— Pense positivamente — disse ele em voz alta. — Velejamos bastante. Agora vamos usar o motor.

— Não *quero* pensar positivamente. Quero ficar zangada, desapontada e amuada. E agradeceria se você ficasse zangado também.

— Por que vou ficar zangado?

Quando viu que a vela estava arriada, ele ligou a marcha e apontou o barco para a brisa, que começava a ficar mais fresca. A calma oleosa da superfície foi substituída por pequenas ondas que batiam na quilha do barco.

— Estou sozinho com a mais bela mulher maluca do Atlântico, tenho um barco que vai me dar dinheiro suficiente para viver bem durante um ano procurando emprego e estou ficando excitado. O que mais um cara pode pedir da vida?

Elizabeth foi para a popa e começou a arriar a mestra.

— Então esse é o final da história, não é? Você quer brincar.

— É exatamente o que eu quero — disse Griffin. Levantou-se e foi ajudá-la com a vela, com o pé na roda do leme para manter o barco apontado para o vento. — Mas há um probleminha.

— O que é? — Apoiando-se num pé, ela traçou com a ponta do outro um círculo na perna de Griffin.

— Quem vai pilotar o barco?

— Ligue o piloto automático.

— Grande ideia... se tivéssemos piloto automático.

— Certo. Pensei que dizendo as palavras podia fazer aparecer um.

— Você é biruta — disse ele. — Muito bela, mas biruta. — Inclinou-se entre as dobras da vela e beijou-a. Depois apanhou um cabo de juta para amarrar o pano. Seu pé escorregou da roda do leme e o barco deu uma guinada, saindo do vento. Uma onda bateu no quarto de estibordo borrifando água nas pernas de Elizabeth. Ela gritou.

— Belo trabalho — disse ela. — Você é ótimo para afogar qualquer romance.

Griffin girou o leme para estibordo, apontando a proa outra vez para o vento. O movimento do barco tornou-se desagradável, navegando sobre o mar picado. Ele disse:

— Acho melhor a gente esperar uma brisa mais camarada.

— Ainda bem... é bom saber que seu coração está ainda no lugar certo. — Ela sorriu, balançou o traseiro e desceu para a cabine.

Griffin olhou para oeste. O sol tinha chegado na linha do horizonte e parecia se achatar como uma bola alaranjada, deslizando pela borda do mundo.

A proa mergulhou, subiu e bateu com estalo na onda seguinte. As gotas de água salgada borrifaram a popa como uma garoa gelada. Griffin estremeceu e ia chamar Elizabeth para pedir um agasalho quando ela apareceu vestindo o impermeável e com uma xícara de café.

— Deixe que eu levo o barco — disse ela. — Vá dormir um pouco.

— Eu estou bem.

— Eu sei, mas se o vento não mudar, vai ser uma noite longa. — Ela sentou-se ao lado dele, atrás da roda do leme.

— Está bem — disse Griffin, tirando uma das mãos dela do leme e beijando os dedos finos.

— Para que isso?

— Mudança de comando. Um velho costume do mar. Sempre beije a mão do seu substituto.

— Gosto disso.

Griffin levantou-se, abaixou para passar sob a retranca e foi para a cabine.

— Acorde-me se o vento parar — disse ele.

Na cabine, Griffin consultou o *loran*, transferiu a informação para a carta que estava na mesa suspensa e marcou sua posição. Com a régua, traçou uma linha de onde estavam até a Ponta Montauk, depois alinhou com a rosa-dos-ventos no canto inferior da carta.

Enfiou a cabeça pela portinhola e disse:

— Três, três, zero é a boa rota.

O céu tinha escurecido tanto nos últimos minutos que a luz vermelha da bússola refletia-se suavemente no queixo de Elizabeth. O impermeável cor-de-laranja cintilava no escuro e o cabelo castanho avermelhado parecia feito de brasas.

— Você *é bonita* — disse Griffin, voltando para a cabine. Entrou no banheiro e enquanto urinava ouvia o motor e a água passando pelo casco de madeira. Seus ouvidos estavam alerta para qualquer ruído estranho, mas não havia nenhum.

Tirou a camisa e o short e deitou em um dos dois pequenos beliches da cabine de proa. Quando estavam no porto, dormiam juntos na cabine de popa, mas no mar era melhor, dormir na proa para controlar o movimento do barco, sentir a mudança no tempo, uma virada do vento, só por precaução...

O travesseiro cheirava a Elizabeth.

Ele dormiu.

***

O motor roncava monotonamente. Os injetores bombeavam combustível para os cilindros, os pistões comprimiam o combustível até a combustão e milhares de explosões por minuto faziam girar o eixo da hélice que conduzia o barco para o norte, para dentro da noite.

Uma bomba retirava a água através de um cano no casco, passando-a pelo motor, esfriando-a, e enviando para a popa, onde era atirada para fora pelo cano de exaustão.

O motor não era antigo, tinha menos de 700 horas de uso quando compraram o barco, e Griffin o tratava como se fosse um filho muito querido.

Mas a manutenção do cano de descarga era difícil. Saía do compartimento do motor, na popa, e passava muito junto do eixo da hélice, sob o chão da cabine de popa. Era de aço de boa qualidade, mas nos milhares de horas de uso já haviam passado por ele toneladas de água salgada e de gases. E quando o motor estava desligado, quando o barco estava só nas velas ou ancorado no porto, resíduos de sal e moléculas de corrosivo químico depositavam-se no cano de descarga, e, aos poucos, comiam o aço.

O buraco minúsculo podia estar há semanas no cano de descarga. Tinham velejado com bons ventos desde as Bahamas e só haviam usado o motor para entrar no porto de St. George e no Arsenal e depois para sair, e o bombeamento automático do cavername era, suficiente para remover qualquer excesso de água. Mas agora, com o motor e a bomba de controle de temperatura funcionando seguidamente, com o barco mergulhando a proa e levantando, em vez de navegar no mar liso e calmo, aumentando a tensão interna, o buraco estava aumentando. Lascas de metal soltavam-se das pontas e em pouco tempo estava com o diâmetro de um lápis.

A água que apenas pingava no cavername, agora o inundava.

***

Com os pés na roda do leme, Elizabeth estava recostada na almofada do *cockpit.* À esquerda, no oeste, tudo que restava do dia era uma lasca cor-de-violeta na borda do mundo. À direita, subia o crescente da lua, desenhando uma faixa de ouro que a guiava na superfície do mar.

Não há nenhuma alma, pensou ela olhando para a lua. Era uma lenda árabe — Elizabeth a encontrou no livro *Os Descobridores,* um dos 20 livros que há anos queria ler e que tinha finalmente conseguido “devorar” nos últimos seis meses — e gostou da ideia. A lua nova era um barco celestial vazio, começando a viagem de um mês para apanhar as almas dos que tinham partido, e com o passar dos dias, ia ficando mais cheia, até que, repleta de almas, desaparecia para depositar a carga no céu e então reaparecia como um barco vazio, e recomeçava a coleta.

A ideia de um navio cheio de almas a agradava especialmente porque, pela primeira vez na vida, Elizabeth começava a achar que entendia o que era uma alma. Não era uma pessoa dada a pensamentos profundos. Evitava assuntos muito sérios, antes que atingissem as profundezas da sua mente. Além disso, ela

e Griffin estavam sempre muito ocupados vivendo para parar e refletir.

Ele trabalhava em ritmo acelerado na firma Shearson Lehman Brothers e ela na divisão particular do Chemical Bank. Na década de 80 eles começaram a colecionar brinquedos: um apartamento de um milhão de dólares, uma casa de meio milhão, em Stonington, dois carros com assentos aquecidos e lâmpadas nos cinzeiros do banco traseiro. O dinheiro entrava e saía; 20.000 dólares para escolas particulares, 15.000 por ano para comer fora umas duas vezes por semana, 20.000 para férias, 50.000 para manutenção e conservação.

Vinte mil aqui, vinte mil ali — era a piada deles — e logo você está falando em dinheiro de verdade.

Era uma piada, porque o dinheiro continuava a entrar.

Então, um dia, a fonte secou. Griffin foi despedido. Uma semana depois, Elizabeth teve de escolher: meio expediente, com metade do salário, ou sair da firma.

O acerto com a firma dava para Griffin viver um ano, sem luxos, enquanto procurava um emprego. Mas outro emprego (certamente com ordenado menor) significaria começar tudo de novo, alguns passos atrás do que já tinham alcançado.

A outra opção era usar o dinheiro para comprar um barco e ver se na verdade existia mais alguma coisa no mundo além de *confit de canard* e champanha.

Ficaram com a casa em Stonington, venderam o apartamento de Nova York e investiram o dinheiro num fundo para os estudos dos filhos.

Estavam livres e com a liberdade veio o entusiasmo e o medo e — dia após dia, quase que minuto após minuto — a descoberta. A descoberta deles mesmos, de um sobre o outro, do que era importante e o que era dispensável.

Podia ter sido um desastre, duas pessoas confinadas 24 horas por dia num espaço de 12,5 metros de comprimento por três e meio de largura, e durante as duas primeiras semanas, eles temeram o resultado. Pareciam estar sempre atrapalhando o caminho um do outro e sempre se queixando disto e daquilo.

Então, tornaram-se competentes, e com a competência veio a segurança, e com a segurança a autoestima e a apreciação dos pontos positivos do outro.

Apaixonaram-se outra vez, e, o mais importante, voltaram a gostar de si

mesmos.

Não tinham ideia do que fariam quando voltassem para casa. Talvez Griffin tentasse outro emprego no mundo das finanças, embora, por tudo que podiam ler — especialmente no *Time* do Caribe — esse ramo de atividade parecia estar em baixa. Talvez procurasse emprego num estaleiro. Ele gostava de trabalhar com as mãos, gostava até de limpar e costurar velas.

E ela? Talvez desse aulas de navegação à vela, talvez entrasse para um grupo de defesa do ambiente. Tinham visto com horror a destruição dos recifes nas Bahamas e da vida selvagem nas Windwards e Leewards. Nos seus mergulhos rasos viram o fundo do mar repleto de conchas de moluscos mortos e carapaças partidas de lagostas. Em volta de todas as ilhas o oceano fora saqueado e destruído. E como tinham tempo para pensar e observar, compreenderam melhor o ciclo da pobreza criando ignorância criando pobreza criando ignorância criando pobreza criando ignorância. Elizabeth chegou à conclusão de que ela devia poder fazer alguma coisa, contribuir — como pesquisadora ou lobista. Ainda mantinha contato com muitas das pessoas ricas com quem tratava no Chemical Bank.

Não tinha importância. Encontrariam alguma coisa. E fosse o que fosse, seria melhor do que aquilo que tinham antes, pois eram agora pessoas diferentes..

Foi uma viagem maravilhosa, sem nenhuma lembrança desagradável.

Bem, isso não era verdade. Era desagradável ter de ligar o motor. Elizabeth detestava o barulho monótono, o gorgolejar absurdo da descarga, o cheiro horrível da fumaça que rodopiava na popa e invadia o *cockpit.*

***

O buraco na descarga crescia à medida que as pequenas lascas de metal saíam com a água. Com cada movimento do barco, com cada leve balanço de um lado para o outro, não só o casco se movia, mas tudo que estava dentro dele — não muito, não que desse para notar, mas o suficiente para causar tensão, o bastante para enfraquecer o metal.

A olho nu não se podia notar o aumento do buraco, mas agora, quando o barco saltou entre duas ondas curtas e fortes, o cano sofreu uma leve torção. Girou e se partiu e a água da bomba resfriadora inundou o cavername. E como o

cano estava quebrado, quando a popa mergulhou e o cano de descarga submergiu, não havia nada para evitar que a água entrasse livremente.

***

Elizabeth estava com sono. O movimento do barco era a pior espécie de soporífero, bastante insistente para ser desagradável, mas não violento a ponto de mantê-la acordada. Talvez fosse melhor chamar Griffin.

Olhou as horas. Não. Ele estava dormindo apenas há uma hora e meia. Ela ia esperar mais meia hora. Então ele estaria descansado e ela podia dormir.

Bateu com as mãos no rosto e balançou a cabeça.

Resolveu cantar. Era impossível dormir cantando. Fato científico. Cantou os primeiros versos de “O que você vai fazer o resto da sua vida?”

Uma onda bateu na popa e molhou Elizabeth.

Não fazia mal. A água não estava fria. Logo ia...

Uma onda? Como uma onda podia vir da popa quando o barco estava navegando contra o movimento do mar?

Elizabeth olhou para trás.

A popa estava a poucos centímetros da água. Elizabeth observou e viu quando ela mergulhou outra vez e a água entrou no barco, espalhando-se nas almofadas.

A adrenalina subiu rápido por suas costas e pelos seus braços. Ficou imóvel por um momento, procurando se acalmar e ver o que estava acontecendo. O gorgolejar incômodo do escapamento tinha parado. Não havia fumaça rodopiando na popa. As ondas pareciam mais altas nos dois bordos. O barco movia-se vagarosamente, balançando com a popa muito abaixada.

Elizabeth estendeu a mão para a frente do leme, levantou o plástico e ligou o botão da bomba de porão. Ouviu o motor elétrico começar a funcionar, mas havia alguma coisa errada com o som. Estava distante, fraco e raspante.

— Howard! — gritou ela.

Nenhuma resposta.

— Howard!

Nada.

Apanhou um pedaço de cabo que estava enrolado na retranca, amarrou com ele a roda do leme e desceu para a cabine.

O cheiro forte de fumaça do motor quase a sufocou e fez arder seus olhos. A fumaça saía do chão da cabine.

— Howard!

Olhou para a cabine de popa. O carpete estava coberto por dez centímetros de água.

Griffin estava no meio de um sonho escuro e assustador quando ouviu seu nome chamado de uma grande distância.

Esforçou-se para acordar, sentindo que algo estava errado, errado com ele, pois sua cabeça doía, tinha um gosto horrível na boca e parecia drogado.

— O que é? — perguntou, pondo as duas pernas para fora do beliche. Olhou para a popa e, através de uma névoa azul, viu Elizabeth que corria para ele gritando alguma coisa. O que ela estava dizendo?

— Estamos afundando!

— Ora, vamos... — Ele piscou os olhos e balançou a cabeça. Agora sentia o cheiro e reconhecia o gosto da fumaça do motor.

Elizabeth arrancou o carpete da cabine de popa e abriu a portinhola do compartimento do motor. Griffin estava ao lado dela. Viram a água cobrindo até a metade do motor. As baterias ainda estavam secas, mas a água subia rapidamente enquanto eles olhavam.

Griffin ouviu o barulho na cabine da popa, viu a água balançando e compreendeu o que tinha acontecido.

— Desligue o motor — disse.

— O quê?

— Agora!

Elizabeth segurou a alavanca e desligou o motor. O ronco parou e com ele a bomba de circulação. Não estava entrando mais água e eles ouviam o ruído reconfortante da bomba elétrica de porão.

Mas havia ainda o rombo na popa.

Griffin apanhou dois panos de prato da pia e uma camisa do cabide e entregou tudo para Elizabeth.

— Enfie isto no cano de descarga. Bem firme. O mais justo possível.

Ela correu para fora da cabine.

Griffin apanhou uma chave de boca. Ajoelhou no convés e ajustou a chave a um dos parafusos que prendiam as baterias ao suporte. Se conseguisse tirar as baterias do compartimento do motor, levantando-as, nem que fosse alguns centímetros, daria à bomba de porão tempo pará evitar que a água subisse. Griffin tinha pensado em mudar o lugar das baterias depois de ler um artigo numa revista especializada sobre a perigosa dependência que os barcos modernos têm dos sofisticados aparelhos eletrônicos. Mas isso implicaria uma reforma muito além dos seus talentos. Precisaria usar a mão-de-obra da ilha, o que atrasaria sua viagem.

Atrasaria para quê?

Praguejando, ele procurou soltar o primeiro parafuso. Estava enferrujado e a chave escapou.

Sem rumo, o barco girou o costado para o movimento do mar e entrou num ritmo balanceado com batidas rápidas na superfície. A porta de um armário se abriu e uma pilha de pratos partiu-se no chão.

Ele apertou a chave e fez força para o lado. O parafuso se moveu. Conseguiu uma meia-volta, e então o cabo da chave bateu no anteparo do motor. Griffin retirou a chave, acertou outra vez em volta do parafuso e girou. A água subiu.

No *cockpit,* Elizabeth estava debruçada sobre a amurada da popa, com as pernas abertas, os pés firmes para evitar o balanço. Tinha um dos panos de prato enrolado na mão e com a outra procurava o cano de saída da descarga. Alcançou a abertura com as pontas dos dedos e tentou enfiar o pano enrolado. O cano era grande demais, o pano de prato muito fino. Escapou e foi levado pela água.

Ela ouviu um ruído novo e parou para descobrir o que era. Era o som do silêncio. A bomba de porão tinha parado.

Então, ouviu a voz de Griffin na cabine.

— Rádio do Porto das Bermudas... aqui o iate *Severance*... Mayday, mayday, mayday... estamos afundando... nossa posição é... *Merda!*

Elizabeth enrolou a camisa com o outro pano de prato e procurou outra vez a abertura na popa.

O barco girou. A água entrou pela popa e ela escorregou. Seus pés ergueram-se do chão. Ela estava caindo. Agitou os braços.

Griffin a segurou puxando-a para dentro do barco e disse:

— Deixe isso.

— *Deixe* isso? Estamos afundando!

Não mais sua voz estava inexpressiva — Já afundamos.

— Não, eu não...

— Ei — disse ele, e abraçando-a encostou a cabeça dela no seu peito afagando os cabelos da mulher. — A bateria pifou. A bomba pifou. O rádio pifou. O barco acabou. O que temos de fazer é dar o fora daqui antes que ele desapareça. Certo?

Elizabeth olhou para ele e balançou a cabeça afirmativamente.

— Ótimo — Griffin beijou a cabeça dela. — Apanhe o EPIRB.

Griffin foi para a proa e descobriu o bote preso no teto da cabine. Verificou se todas as células estavam cheias de ar, a caixa ruberizada pregada no fundo do bote, para certificar-se de que em algum dos portos de parada não tinham roubado os sinaleiros luminosos, as linhas de pesca ou as latas de comida. Levou a mão ao cinto para ver se a faca suíça do exército estava na bainha de couro.

Um bujão de água de cinco galões estava preso à amurada do barco. Ele o desamarrou e colocou no bote. Pensou em subir e apanhar o pequeno motor de popa guardado na proa, mas desistiu. Esqueça, pensou. Não queria ser apanhado no porão quando o barco afundasse.

Enquanto soltava as últimas presilhas do bote, Griffin sentiu uma certa satisfação. Não tinha entrado em pânico. Estava agindo exatamente como devia — metodicamente, racionalmente, com precisão.

Continue assim, disse para si mesmo. E talvez vocês tenham alguma chance.

Elizabeth foi para a proa com a bolsa de plástico que continha os papéis de bordo, passaportes e dinheiro e na outra mão o EPIRB, o farol de emergência,

uma caixa vermelha recoberta de isopor amarelo, com uma antena retrátil numa das extremidades.

O convés estava inundado e foi fácil levantar o bote sobre a amurada muito baixa. Griffin segurou o bote com uma das mãos e com a outra ajudou Elizabeth a entrar nele. Quando ela sentou na proa, ele saltou do barco para a popa do bote. Sentou, ligou o botão do EPIRB, puxou a antena e prendeu o aparelho com uma fita elástica na borda do bote.

Como o bote era leve e o vento noroeste estava mais forte, logo se afastavam do barco adernado.

Griffin segurou a mão de Elizabeth e os dois olharam em silêncio.

O veleiro era uma silhueta negra contra o céu estrelado. A popa afundou mais, depois desapareceu. De repente, a proa subiu, empinando como um cavalo e deslizou para trás, para o abismo. Bolhas enormes surgiram na superfície estourando com explosões surdas.

Griffin disse:

— Jesus...

3

A coisa estava alerta há vários minutos, e seus receptores sensoriais processavam sinais de perigo crescente.

Alguma coisa grande descia lá de cima de onde sempre vinha o inimigo. Sentia o deslocamento de grande quantidade de água, sentia a pressão das ondas.

Preparou-se para a defesa. Gatilhos químicos detonaram por todo seu corpo, enviando combustível para a massa de carne. Cromatóforos acenderam-se dentro do corpo, e sua cor passou de marrom-arroxeado para um vermelho mais leve e mais brilhante — não vermelho-sangue, pois seu sangue tinha tanta hemocianina que era na verdade verde, mas um vermelho criado pela natureza unicamente para intimidar o inimigo.

A coisa encolheu e engatilhou os dois braços mais longos, finos como chicotes, depois virou de frente para o lugar de onde vinha o inimigo.

Não era capaz de sentir medo, não considerou a possibilidade de fuga.

Mas estava confusa, pois os sinais do inimigo eram fora do comum. Não havia aceleração, nem agressão. Acima de tudo, não havia os sons normais do ecolocalizador do inimigo, nenhum estalido, nenhum som metálico.

Fosse o que fosse que estava chegando, moveu-se erraticamente a princípio, depois entrou em queda direta e constante.

Fosse o que fosse, passou e continuou descendo para o abismo, com ruídos estranhos. Rangidos secos e pequenas explosões. Sons mortos.

A cor da criatura mudou outra vez. Seus braços relaxaram e se desenrolaram com o movimento da água.

Levada à deriva, ela estava a trinta metros da superfície e seus olhos refletiam as estrelas como pontos brilhantes de prata. Como a luz podia ser sinal de presa próxima, deixou-se levar para cima, para a direção da claridade.

Quando estava a seis metros da superfície e seu movimento começava a ser afetado pelas ondas, a coisa sentiu algo novo — uma perturbação, uma interrupção no fluxo do mar, algo que se movia e ao mesmo tempo não se movia, que flutuava com a corrente, na água, mas que não era parte dela.

Dois impulsos moveram a criatura. O impulso de matar e o impulso de

se alimentar. A fome era mais forte, uma fome que se tinha tornado cada vez mais urgente com a procura vã de alimento nas profundezas do mar. Antes, a fome era um sinal simples, sinal de que devia se alimentar, e a coisa respondia instintivamente, alimentando-se à vontade. Mas agora, o alimento tinha de ser procurado, pois as presas estavam escassas.

Mais uma vez o animal ficou alerta, não para se defender, mas para atacar.

4

Estavam em silêncio.

Griffin havia disparado um sinal luminoso e, de mãos dadas, observaram o arco amarelo e a explosão de luz alaranjada brilhante contra o céu negro.

Então, olharam para o lugar onde o bote tinha estado. Alguns poucos destroços boiaram, uma almofada do *cockpit*, uma defensa de borracha — mas agora não havia nada, nenhum sinal da existência do barco.

Elizabeth sentiu a mão de Griffin contraída, rígida. Segurou-a entre as suas e disse:

— O que você está pensando?

— Estava fazendo o exercício do “se”.

— O quê?

— Você sabe. Se tivéssemos saído um ou dois dias antes, se o vento tivesse rodado, se não fosse preciso ligar o motor... — Depois de uma pausa, disse com amargura: — ... se eu não fosse tão preguiçoso e tivesse ido ao porão para examinar aquele cano...

— Não faça isso, Howard.

— Não.

— Não foi culpa de ninguém.

— Acho que não. — Ela estava certa. Mas mesmo que não estivesse, aquilo não ia adiantar nada. Só podia piorar as coisas.

— Ei — disse Griffin, com alegria forçada. — Tive uma ideia. Lembra de quando Roger nos vendeu o seguro? Lembra que nós queríamos o mais barato de todos, e ele disse não, nunca poderíamos reformar um barco de madeira daquele tamanho com o menor seguro, e nos fez comprar o mais caro? Lembra disso?

— Acho que sim.

— É claro que lembra. O caso é que o barco está segurado por 450.000 dólares. *Nunca* o venderíamos por esse preço.

Elizabeth sabia o que ele estava fazendo. Isso era bom e ela ia dizer alguma coisa quando o bote subiu na crista de uma onda e mergulhou de proa.

Estavam emborcando. Ela sabia e não podia fazer nada para evitar. Elizabeth gritou.

Então, o bote voltou à posição normal e passou suavemente pela onda seguinte.

— Ei — disse Griffin, chegando, mais para perto dela e passando o braço em volta dos seus ombros. — Está tudo bem. Estamos bem.

— Não — disse ela, com a cabeça encostada no peito dele. — Não estamos bem.

— Certo, não estamos bem. Está com medo de quê?

— Medo de quê? — disse ela, irritada. — Estamos no meio do oceano no meio da noite, num bote do tamanho de uma tampa de garrafa... e você pergunta de que eu tenho medo? Que tal *de morrer*?

— Morrer por quê?

— Pelo amor de Deus, Howard...

— Falo sério. Vamos conversar sobre o assunto.

— Não quero conversar sobre o assunto.

— Você tem algo melhor para fazer? Ora, vamos. — Beijou a cabeça dela. Vamos descobrir os demônios e acabar com eles.

— Está certo. — Ela respirou fundo. — Tubarões. Pode me chamar de covarde, mas tenho pavor de tubarões.

— Tubarões. Ótimo. Muito bem. Podemos esquecer os tubarões.

— *Você* pode, talvez.

— Não. Escute. A água está fria. De qualquer modo, os japoneses e os coreanos já pescaram quase todos. E se aparecer algum tubarão grande enquanto estivermos no bote, não vamos parecer, nem cheirar como qualquer coisa que ele costuma comer. O que mais?

— Imagine uma tempestade...

— Certo. O tempo. Não tem problema. A previsão é boa. Não estamos na época dos furacões. Mesmo que chegue um nordeste, este bote é praticamente

insubmersível. O pior que pode acontecer é ele virar. Se isso acontecer, a gente o endireita outra vez.

— E flutuamos por aí até morrer de fome.

— Não vai acontecer — Griffin estava satisfeito pois percebeu que, quanto mais ele falava, mais abrandava o próprio medo. — Primeiro, o vento nos está levando de volta para as Bermudas. Segundo, navios entram e saem do porto todos os dias. Terceiro, na pior das hipóteses, segunda-feira à tarde, as crianças e o como-se-chama, o corretor, vão avisar que estamos desaparecidos, e o Rádio do Porto das Bermudas sabe tudo sobre nossa viagem. Mas não vai chegar a isso. Este aparelhinho está apitando como um louco por nós.

— Bateu de leve com a mão no EPIRB. — O primeiro avião que passar vai chamar a cavalaria. Provavelmente já chamou.

Elizabeth ficou em silêncio por um momento, depois disse:

— Você acredita em tudo isso?

— É claro que acredito.

— E não está com medo?

Ele a abraçou e disse:

— É claro que estou.

— Ótimo.

— Mas se a gente não fizer alguma coisa com o medo — conversar para se livrar dele, mudar a cara dele — ele nos devora.

Ela encostou a cabeça no peito dele e respirou fundo. Griffin cheirava a sal e suor... e a conforto. Estava sentindo o cheiro de vinte anos de sua vida.

— Então... — disse Elizabeth. — Você quer brincar?

— Isso mesmo! — Ele riu. — Emborcar num acesso de paixão.

Ficaram abraçados, muito juntos, enquanto o bote deslizava lentamente para o sul, levado pela brisa. Lá em cima, as estrelas pareciam dançar loucamente, contorcendo-se e mergulhando com o movimento do bote, mas sempre movendo-se inexoravelmente para o oeste.

Depois de algum tempo, Griffin pensou que Elizabeth tinha adormecido. Então sentiu as lágrimas no seu peito.

— Ei — disse ele. — O que foi?

— Caroline respondeu Elizabeth. — Ela é tão jovem...

— Meu bem, por favor, não...

— Não posso deixar de pensar.

— Devia tentar dormir. — Dormir?

— Tudo bem, então vamos jogar Botticelli.

Ela suspirou.

— Está bem. Estou pensando em um... M famoso.

— M. Vejamos. É um... francês famoso...

De repente Elizabeth se sobressaltou. Endireitou o corpo e olhou para a proa.

— O que foi isso?

Isso o quê?

— Aquele barulho de alguma coisa arranhando o bote.

— Não ouvi nada.

— Como unhas.

— Onde?

Ela foi agachada até a frente do bote e tocou na borracha da célula de proa.

— Bem aqui. Como unhas arranhando a borracha.

— Alguma coisa do barco, talvez. Esqueça. Um pedaço de madeira. O mar está cheio de coisas boiando. Pode ter sido um peixe voador. Às vezes eles chegam a entrar nos barcos.

— Que cheiro é esse?

— Que cheiro? — Griffin respirou fundo e sentiu. — Amoníaco?

— Foi o que pensei.

— Alguma coisa do barco.

— Por exemplo?

— Como vou saber? Tínhamos uma garrafa debaixo da pia... A não ser que alguma coisa esteja derramando aqui dentro. — Olhou para a popa do bote e abriu o zíper da tampa da caixa de borracha. Estava muito escuro, e Griffin inclinou-se para ver melhor o interior da caixa.

Ouviu algo parecido com um rosnido e o bote saltou e inclinou-se para o lado. Griffin, que estava ajoelhado, perdeu o equilíbrio. As latas tilintaram na caixa, as placas do chão do bote rangeram e estalaram contra a borracha e ele ouviu sons de alguma coisa caindo na água — provavelmente o bote chocando-se contra as ondas pequenas e picadas.

— Ei! — Procurou se firmar segurando nos dois lados do bote. — Cuidado!

Não sentiu nenhum cheiro diferente na caixa. Griffin fechou o zíper.

— Nada. — Mas o cheiro de amoníaco estava mais forte agora. Voltou-se para a proa. — Não sei o que...

Elizabeth tinha desaparecido.

Simplesmente não estava mais lá.

Por uma fração de segundo, Griffin pensou que tinha enlouquecido, que era uma alucinação, que nada daquilo estava acontecendo, nunca tinha acontecido, que logo ia acordar no hospital, saindo de um estado de coma de um mês, provocado por um acidente de automóvel, um raio ou um pedaço de reboco despencado do teto do escritório.

— Elizabeth! — chamou. Sua voz foi engolida pela brisa. Chamou outra vez.

Griffin sentou, respirou fundo e fechou os olhos. Estava tonto e nauseado, e o sangue pulsava com força nos seus ouvidos.

Depois de um momento, abriu os olhos, esperando ver Elizabeth sentada na proa, com uma expressão intrigada, como se ele acabasse de ter um ataque qualquer.

Estava sozinho.

De joelhos procurou em todo o bote, esperando — imaginando — que ela havia caído na água e estava segurando um dos cabos dependurados nas bordas.

Não.

Griffin sentou de novo.

Tudo bem, pensou ele. Tudo bem. Vamos examinar isso racionalmente. Quais são as possibilidades? Ela saltou do bote. Enlouqueceu de repente e resolveu nadar para a praia. Ou cometer suicídio. Ou... ou o quê? Foi raptada por terroristas da galáxia Andrômeda?

Gritou o nome dela outra vez e outra mais.

Ouviu o barulho de unhas arranhando o bote e alguma coisa encostou na borracha sob suas nádegas.

Ela estava lá! Debaixo do bote! Devia ter caído e ficou presa por alguma coisa, talvez os destroços do barco e agora estava sob o bote, tentando respirar.

Griffin inclinou-se sobre a borda e estendeu os braços para debaixo do bote, procurando seus cabelos, seus pés, seu impermeável... qualquer coisa.

Ouviu o barulho de alguma coisa arranhando o bote outra vez, atrás dele.

Tirou o braço da água, foi para o centro do bote e olhou para a frente.

Na luz cinza-amarelada da lua viu que algo se movia na proa do bote de borracha. Parecia estar tentando subir a bordo.

Tinha de ser a mão de Elizabeth. Livre do que a prendia, exausta, quase afogada, ela lutava para subir no bote.

Griffin atirou-se para a frente e estendeu o braço e com os dedos a poucos centímetros — tão próximos que podia sentir o frio que se irradiava do que estava na água — percebeu que não era a mão de Elizabeth, que não era nada humano.

Era pegajoso e ondulante, uma coisa estranha que se movia na direção dele procurando alcançá-lo.

Griffin recolheu o braço e saltou para a proa do bote. Escorregou, caiu. O movimento ergueu a proa e por um segundo ele viu, aliviado, que a coisa tinha desaparecido.

Mas então, enquanto olhava horrorizado, a coisa reapareceu e começou a subir pelo lado do bote até ficar toda sobre a célula de borracha. O animal ergueu-se e espalhou-se para os lados como uma cobra gigantesca. A superfície do seu corpo era coberta por círculos, cada um vibrando com vida própria e

expelindo água como saliva nojenta.

Griffin gritou. Não uma palavra, não um palavrão, não um apelo, apenas um grito visceral de terror, de ultraje, de descrença.

Mas a coisa continuou a avançar, comprimindo o corpo numa massa cônica e estendendo-o outra vez na direção dele, parecendo caminhar sobre os círculos vibrantes. E cada círculo que tocava a borracha do bote fazia aquele ruído raspante, como se tivesse garras.

O animal continuou a avançar. Não hesitou, não fez uma pausa, não procurou explorar o terreno. Avançava como se soubesse que aquilo que procurava estava bem ali.

Griffin viu o remo sob as células de borracha a estibordo. Apanhou e o segurou como um taco de beisebol, erguendo-o acima da cabeça, esperando que a coisa se aproximasse mais.

Firmou-se nos joelhos e quando achou que era o momento certo, gritou: “Seu filho da mãe!” e desceu o remo sobre o animal.

Griffin jamais soube se a coisa foi atingida pelo remo ou se antecipou o ataque. O remo foi arrancado das suas mãos, erguido no ar e atirado no mar.

Então a coisa, tendo localizado Griffin, começou a avançar com maior rapidez sobre a borracha.

Griffin recuou, tropeçou, caiu sobre a borda, da popa. Foi recuando, recuando, procurando se enfiar entre a borracha e as placas do fundo do bote. Estendeu a mão — insana e ridiculamente — para a faca suíça, lutando para abrir o botão da bainha de couro, murmurando, como numa ladainha: “Oh, Deus... oh, Jesus... oh, Deus... oh, Jesus.”

A coisa pairou sobre ele, num movimento giratório, respingando gotas d’água. Cada círculo contorcia-se como em competição feroz um com o outro, tendo no centro um anzol curvo que, refletindo a luz da lua, parecia a lâmina de uma cimitarra.

Foi a última coisa de que Griffin teve consciência, a não ser a dor.

5

Whip Darling foi para a varanda, com a xícara de café na mão, para ver como estava o tempo.

Logo o sol ia aparecer, o céu, a leste, já se tingia de rosa e as últimas estrelas tinham-se apagado. Em pouco tempo uma faixa cor-de-laranja ia surgir no horizonte, clareando o céu e o vento resolveria o que ia fazer.

Então, Whip resolveu também. Ia sair para o mar, procurar alguma coisa que valesse alguns dólares. Por outro lado, se ficasse em terra, tinha muito que fazer no barco.

O vento tinha virado durante a noite. No fim da tarde, no dia anterior, quando ele voltou das docas, os barcos ancorados na baía estavam aproados para o sul. Agora, a falange de proas apontava para noroeste. Mas não havia agressividade no vento, era pouco mais do que uma brisa suave. Um pouco menos e os barcos estariam cada um virado para um lado, balançando com a maré.

Alguma coisa saltou da água na baía, depois outra, e Whip ouviu o adejar do cardume de peixes miúdos, fugindo desesperadamente, quase fora da água.

Cavala? Caranho? Filhotes de tubarão terminando a patrulha da madrugada antes de voltar para os recifes?

Cavala, concluiu ele, pelo vigor dos giros e a inexorabilidade da caçada.

Whip gostava daquela hora do dia, antes de começar o barulho do tráfego no outro lado, em Somerset, o ronco dos barcos de turistas na baía e todos os outros ruídos da humanidade. Era um momento de paz e de promessa, quando podia olhar demoradamente para a água, lembrar como era antes e imaginar como podia ser no futuro.

A porta de tela abriu-se atrás dele e sua mulher, Charlotte — descalça e com o robe de algodão leve que revelava a sombra do corpo —, saiu para a varanda com a xícara de café na mão e ficou ao lado dele, tão perto que Whip sentia o perfume do sono nos seus cabelos. Ele pôs o braço nos ombros dela.

— Cavalas na baía — disse.

— Ótimo. A primeira vez em... quanto tempo?

— Seis semanas, ou mais.

— Você vai sair?

— Acho que sim. Procurar arco-íris é mais interessante do que raspar e pintar.

— Nunca se sabe.

— Não. — Ele sorriu. — E ainda há esperança. De qualquer modo, quero recolher as linhas do aquário.

Ele terminou o café, jogou o resto na grama e quando virou para entrar em casa, os primeiros raios de sol refletidos na água iluminaram a casa pintada de branco. Whip olhou para a tinta azul-escura lascada e as ripas de madeira rachadas e tortas.

— Nossa, esta casa está um lixo.

— Eles querem 200 por cada janela — disse Charlotte. — 3.000 por tudo.

— Ladrões — disse Whip, segurando a porta para ela entrar.

— Acho que podíamos pedir a Dana. Ela não continuou.

— Nem pensar, Charlie. Não mais. Ela já fez muito.

— Ela *quer* ajudar. Não é como...

— Ainda não chegamos a esse ponto, as coisas não vão tão mal.

— Talvez não ainda, William. r— Ela entrou na casa. — Mas quase.

— Agora é William, certo? — disse ele. — É muito cedo para sua artilharia pesada.

William Somers Darling tinha o nome do Somers, um dos colonizadores naufragados nas Bermudas, em 1609. Sir George Somers navegava para a Virgínia quando seu *Sea Venture* encalhou nas Bermudas, o que ele considerou um grande feito de navegação marítima, uma vez que, bater nas Bermudas, no meio da imensidão do Atlântico, era o mesmo, para ele, que quebrar uma perna escorregando num clipe de papel, no campo de futebol. Mas não foi o primeiro e nem o último. Nas 22 milhas quadradas das Bermudas jaziam os destroços de mais de 300 navios naufragados.

A maioria dos habitantes, negros e brancos, tinha o nome de um ou de

outro dos primeiros colonizadores — Somers, Darling, Trimingham, Outerbridge, Tucker e mais uma dúzia deles. Os nomes insinuavam história, tradição. Porém, numa revolta contra a pretensão da mãe-pátria, quase todos os nativos das Bermudas, negros e brancos, logo deixaram de usar um ou dois dos seus nomes, adotando um apelido ligado a alguma coisa com que pareciam ou que tinham feito, ou a algum defeito físico.

O apelido de Darling era “Buggywhip”, por causa do instrumento com que seu pai o castigava.

Os amigos o chamavam de Whip, e Charlotte também, a não ser quando brigavam ou conversavam sobre algum assunto muito sério. Então, ela o chamava de William.

Whip era pescador, ou melhor, tinha sido. Agora era um ex-pescador, pois ser pescador nas Bermudas era uma profissão tão proveitosa quanto ser instrutor de esqui no Congo. Era difícil ganhar a vida apanhando uma coisa que não existia mais.

Podiam viver muito bem, embora sem luxo, com 20.000 ou 25.000 dólares por ano. Tinham casa própria — era da família dele, livre e desimpedida de ônus, desde antes da Revolução Americana. A manutenção, incluindo gás de cozinha, seguro e eletricidade, custava cinco ou seis mil dólares por ano. A manutenção do barco, feita por ele próprio e seu companheiro, Mike Newstead, custava outros seis ou sete mil dólares. Comida, roupas e todas as outras coisas que apareciam do nada e consumiam dinheiro levavam o resto.

Mas 20.000 dólares agora podiam ser um milhão, porque Whip não estava ganhando isso. Quase no fim do ano, tinha feito menos de sete mil dólares.

A filha deles, Dana, em vez de ir para a universidade, preferiu trabalhar numa firma de contabilidade. Ela ganhava bem e procurou ajudar o pai. Darling recusou, com mais brusquidão do que desejava, incapaz de explicar o misto de amor e vergonha que o invadia.

Durante algum tempo, Dana conseguiu pagar algumas contas que tirava da caixa de correspondência dos pais. Como era inevitável que acontecesse, Whip descobriu e ela defendeu-se calmamente, dizendo que, uma vez que a casa seria dela algum dia, era natural que contribuísse para a manutenção, especialmente quando a alternativa era hipotecá-la ao banco, o que seria mais tarde mais um encargo para ela.

A discussão deslizou para fora da lógica, para as regiões da confiança e da desconfiança e terminou em mágoa e zanga.

Talvez Charlotte tivesse razão. Talvez as coisas *estivessem* péssimas. Darling tinha visto um folheto do banco, na mesa da cozinha entre a correspondência, mas, antes que pudesse perguntar alguma coisa, o folheto, tinha desaparecido e ele esqueceu por completo. Mas agora, perguntava a si mesmo: será que ela já estava conversando sobre hipotecas e empréstimos? Iam permitir que o banco tomasse conta do que era seu?

Não. Ele não permitiría. Tinha de haver outra solução. A regata Newport-Bermudas ia se realizar dentro de dez dias, e um amigo mergulhador, assoberbado de trabalho com os barcos de aluguel, pedira a Whip para encarregar-se de alguns. Dariam mil dólares cada um, talvez cinco mil.

Havia também o zelador do aquário que pagava o combustível para que ele procurasse animais exóticos nas profundezas do oceano. A quatro dólares o galão, ele gastava mais de 32 dólares de combustível cada hora que ficava no mar. O aquário pagava também um bônus por alguma coisa espetacular. Whip nunca sabia o que ia apanhar. Havia muita coisa comum lá embaixo, pequenos tubarões desdentados com olhos de gato e coisas raras, como o diabo-marinho que atraía a presa com suas antenas dorsais bioluminosas e as devorava com dentes que pareciam agulhas de cristal. Ele sabia que no abismo também havia criaturas desconhecidas, animais nunca vistos. Esse era o verdadeiro desafio.

Finalmente, havia sempre a chance — tão vaga quanto a de ganhar o *sweepstake* irlandês, mas assim mesmo, uma chance — de encontrar restos de naufrágio com alguma coisa valiosa.

Na cozinha, Whip comeu uma banana, enquanto esquentava a barracuda do jantar da véspera. Consultou os dois barômetros na parede. O primeiro era um aneroide comum com dois ponteiros, um dos quais era movido manualmente, enquanto o outro marcava a pressão atmosférica. Ele bateu no vidro. Nenhuma alteração.

O segundo barômetro era um tubo de óleo de fígado de tubarão. Quando o tempo estava bom, o óleo tinha a cor clara do âmbar. No caso de mudança ou de queda da pressão, ficava mais escuro e enfumaçado. Whip acreditava no tubo de óleo, porque não era uma máquina, e ele não confiava em máquinas. As máquinas eram feitas pelo homem e o homem era um trapalhão crônico. A natureza raramente cometia erros.

O óleo estava claro.

Resolveu sair para o mar. Talvez houvesse uma garoupa robusta lá fora, esperando para ser apanhada, desgarrada dos bons tempos do passado. Um peixe de 50 quilos podia dar 400 ou 500 dólares. Talvez encontrasse um cardume de atum.

Talvez...

***

O companheiro de Darling, Mike Newstead, apareceu um pouco depois das sete. Darling costumava dizer que um geneticista classificaria Mike como o protótipo do nativo das Bermudas, pois ele possuía todos os traços étnicos que existiam na colônia. Tinha o cabelo curto e crespo do negro, a pele avermelhada do índio — uma lembrança dos índios mohawk, levados para a ilha como escravos pelos conservadores ingleses —, os olhos azuis brilhantes do inglês (mas amendoados como os dos asiáticos), e a resignação taciturna do português.

Mike tinha 36 anos, cinco menos do que Darling, mas parecia não ter idade. Seus traços eram acentuados e o rosto marcado por linhas fundas como pedra lapidada. Um estranho podia calcular sua idade entre 30 e 50.

Alguns ainda o chamavam de Tutti-Frutti, porém, não mais quando Mike podia ouvir, pois agora ele tinha 1,95m de altura, e pesava mais de 110 quilos. Mike não se zangava com facilidade, mas diziam que tinha temperamento explosivo, controlado por sua mulher, uma portuguesa pequenina e por Darling, a quem ele amava.

Para Darling, ele era o companheiro perfeito. Mike não gostava de tomar decisões. Preferia que lhe dissessem o que devia fazer. Nunca questionava ordens; mas obedecia imediatamente — desde que respeitasse quem as dava. Não falava muito — na verdade, mal falava e se tinha opiniões, ele as guardava para si mesmo. Comunicava-se intimamente e com grande prazer com as maiores inimigas de Darling, as máquinas. Sem nunca ter aprendido, compreendia por intuição o funcionamento dos motores, fossem a óleo diesel, gasolina, querosene, a ar ou elétricos. Falava com eles, procurava acalmá-los, adulava e os seduzia para fazerem o que ele desejava.

Darling serviu café para Mike, saíram para o cais e ficaram observando as fragatas revoando sobre a baía, à procura de comida.

— Acho que devemos retirar as linhas do aquário — disse Darling. — Estão na água há muito tempo, os animais podem morrer ou ser comidos... as armadilhas podem se partir.

— Certo.

— Podemos levar alguma isca... só por precaução.

Mike fez um gesto afirmativo, terminou de tomar o café e foi para o galpão, apanhar as iscas no congelador.

Darling entrou no barco e ligou o grande motor diesel Cummings para esquentar.

O *Privateer* era um barco para puxar redes de camarões, comprado por Darling num estaleiro de Houma, Lousiana e convertido agora numa embarcação para todos os fins. O nome antigo era *Miss Daisy,* mas logo à primeira vista, Whip percebeu que não era nenhuma *Miss Daisy.* Era grande, largo e forte, forrado com placas de aço, anteparas de aço, convés de aço, uma plataforma estável que navegava com tempo bom confortavelmente e desafiava o tempo ruim com coragem, castigando as ondas, como que desafiando o mar a abrir seu casco ou soltar seus rebites.

Ele pode derrubar a gente, Whip dizia, mas nunca vai naufragar.

O barco tinha uma cabine seca e espaçosa, dois compressores, dois geradores e prateleiras para 20 tanques de ar de mergulho.

Darling era tão supersticioso quanto a maioria das pessoas, mas quando o criticaram por ter mudado o nome do barco, defendeu-se dizendo que, como ele fora batizado com o nome errado, tudo que ele fez foi lhe dar o nome certo.

Porém, por segurança, na proa, dentro da cabine do leme, Whip tinha uma estatueta de *obeah,* de Antigua, e nos momentos difíceis — como quando um pequeno ciclone atingiu diretamente as Bermudas e o vento passou de 8 para 120 nós em cinco minutos, uivando como o demônio durante uma hora — ele passava a mão nela.

Mike embarcou e soltou as amarras da proa e da popa. Darling engatou a marcha e saíram da Baía de Mangrove, dando a volta na ponta Blue Cut.

Sentado na popa, Mike conversava em voz baixa com um motor de bomba teimoso que tinha no colo.

Darling tinha estendido as linhas do aquário a noroeste, a umas seis

milhas da costa, a uma profundidade de 500 braças. Podia encontrar essa profundidade mais perto da costa, ao sul, pois ali os recifes terminavam e a água profunda começava a uma milha ou, duas da terra. Mas, por algum motivo, as criaturas que interessavam ao aquário pareciam viver somente na faixa a noroeste.

Agora, navegando entre os recifes, a água estava calma mas com agitação suficiente para quebrar o reflexo da luz e mostrar claramente as cores do coral, permitindo que Darling saísse da passagem, aproado para as ondas mais altas. Era verdadeiro o ditado segundo o qual quanto mais escura a coisa, mais profunda ela era. Assim, enquanto pudesse ver os vilões amarelos sob a superfície, podia evitá-los.

De pé no *flying bridge*, recebendo a brisa fresca de noroeste e aquecido pelo jovem sol, Whip Darling era um homem feliz. Por um momento podia esquecer que não tinha dinheiro, e podia sonhar com uma imensa fortuna. Deixou que sua fantasia criasse pilhas de moedas de prata e correntes de ouro entrelaçadas. Certo, era fantasia, mas era realidade também, já havia acontecido antes. O tesouro Tucker, o tesouro Fisher, do *Atocha*, o tesouro de um bilhão de dólares do *Central America.* Quem podia garantir que não ia acontecer outra vez?

E ouro e prata não eram os únicos tesouros esperando para serem descobertos. Havia animais, desconhecidos e nunca imaginados, especialmente nas profundezas, que podiam mudar todos os conceitos dos homens, desde a biologia até a teoria da evolução, que podiam dar pistas para curas, da artrite até o câncer. Encontrar uma ou duas dessas criaturas não ia encher seu bolso de dinheiro, mas sem dúvida alimentaria seu espírito.

Desviou a vista das aberturas na areia para as frestas nos bancos de coral, sempre procurando os sinais indicadores de um naufrágio, que podia ser do tempo do primeiro rei James.

Ninguém sabia quando o primeiro navio tinha naufragado no vulcão das Bermudas, mas era certo que tinha acontecido no tempo de Elizabeth I, porque havia provas da estadia de um infeliz espanhol na ilha durante o reinado da Rainha Virgem. O homem passou muito tempo e teve muito trabalho gravando uma inscrição na rocha, que podia ser lida até hoje: F.T. 1543.

As Bermudas sempre foram uma armadilha para navios, e eram ainda, mesmo com todos os milagres modernos como o RDF, *loran* e navegação por satélite, porque o vulcão, embora extinto, erguia-se do fundo do mar como uma

varinha mágica repleta de anomalias eletromagnéticas. Máquinas, aparelhos eletrônicos ou magnéticos enlouqueciam nas Bermudas Nada funcionava. Não com precisão. As bússolas iam para trás e para a frente, como bêbados. Um marinheiro que perguntou ao *loran* onde estava, recebeu a resposta de que estava nas montanhas, acima de Barcelona.

Os caprichos do vulcão das Bermudas ajudavam a espalhar a lenda do Triângulo das Bermudas, pois quando a mente do homem encontra um grão de verdade e o transforma num bolo de fantasia, ele vai buscar tudo, da Atlântida aos OVNIs, até os monstros carnívoros que vivem no centro da Terra.

Darling não tinha nada contra as fantasias sobre o Triângulo das Bermudas, mas achava que era uma grande perda de tempo. Se as pessoas procurassem aprender um pouco mais sobre o que *realmente* existe, pensava ele, poderiam satisfazer plenamente seu apetite por dragões. A água cobre 75% da superfície da Terra e desses 75%, 95% estão inexplorados. O homem gasta milhões para explorar Marte e Netuno, a ponto de sabermos mais sobre o lado escuro da lua do que sobre três quartos do nosso planeta. Loucura.

Até mesmo ele — um ninguém num pedacinho insignificante de lugar nenhum — nos seus 25 anos de mar tinha visto o bastante para saber que o oceano abrigava dragões capazes de alimentar os pesadelos de toda a raça humana. Tubarões de nove metros que viviam na lama, caranguejos do tamanho de motocicletas, peixes sem nadadeiras com cabeças de cavalo, enguias que comiam qualquer coisa, incluindo umas às outras, peixes que pescavam com pequenas lanternas dependuradas nas sobrancelhas, e assim por diante.

Ultimamente, a armadilha das Bermudas tinha apanhado apenas uma ou duas vítimas de dois em dois anos, geralmente um petroleiro panamenho ou liberiano, pertencentes a uma sociedade de dentistas ou pediatras de lugares como Altona, Pensilvânia, e cujo capitão taiwanês não falava uma palavra de inglês. Ele saía de Norfolk, digamos, plotava o curso para o Estreito de Gibraltar e ligava o piloto automático. Então, descia para a cabine e tomava chá, tirava uma soneca ou fazia uma massagem *shiatsu,* sem se dar ao trabalho de notar um *blip* insignificante na sua carta, mais ou menos a 600 milhas da costa da Carolina do Norte.

Umas duas noites depois, as ondas dos rádios de repente ficavam cheias de chamados de S.O.S. Às vezes, quando a noite estava calma e clara, Darling ia até a porta dos fundos da sua casa, olhava para o norte ou para o noroeste e via, no horizonte, as luzes do navio encalhado.

Seu primeiro pensamento sempre era, Senhor, não permita que esteja cheio de óleo. O segundo era, se ele carrega óleo, Senhor, não permita que tenha algum buraco no casco.

Nos velhos tempos, os recifes de coral capturavam tantos navios que surgiu a indústria de salvamento. Várias pessoas da ilha ganhavam a vida remando até os navios encalhados para ajudar no salvamento. Alguns não tinham paciência para esperar e acendiam luzes falsas para atrair os navios, para os recifes de coral.

Darling sempre se divertia com o que considerava uma bela ironia. Os marinheiros tinham feito a armadilha das Bermudas. Podiam ter evitado as Bermudas, mas o problema era que eles precisavam delas.

Até a década de 1780, não existia o que se pode chamar de navegação longitudinal confiável. Os marinheiros podiam determinar a latitude medindo o ângulo do sol no horizonte, e faziam isso há milhares de anos usando varas cruzadas, astrolábios, oitantes e sextantes. Mas para saber onde estavam em relação ao eixo leste-oeste precisavam de um cronômetro preciso — muito preciso. E não existia nenhum.

As Bermudas eram um ponto fixo e conhecido no oceano. Quando as encontravam, sabiam exatamente sua posição. Assim, saíam das Índias Orientais ou Espanhola, ou Havana e navegavam para o norte, na Corrente do Golfo, depois para nordeste, até alcançarem 32 graus de latitude norte. Então, aproavam para leste e procuravam as Bermudas, que lhes daria o curso de volta para casa.

Porém, se fossem apanhados por uma tempestade, com ventos tão fortes e mar tão encapelado que a visibilidade era nula, ou se a neblina os envolvia, ou ainda se o navegador não fosse muito inteligente, quando finalmente avistavam as Bermudas, as chances eram de já estarem *sobre* as Bermudas.

Certa vez Charlotte leu para ele os versos de um poeta: “... muitos navios da meia-noite e sua tripulação ululante”. Darling gostava das palavras porque evocavam a visão do que devia acontecer a bordo de um dos antigos navios a caminho do fim. Navegando em frente, seguro como um pássaro no ar, o ressoador na proa deixando cair o peso e não encontrando o fundo, então, de repente — o que era aquilo? — o som das ondas quebrando na praia — *ondas quebrando na praia?* Como pode ser, no meio do oceano? E eles aguçam os olhos mas não podem ver e o barulho do quebra-mar é mais forte — então, o ressoador encontra o fundo, e chega o momento de horror, quando eles sabem...

***

Nesse dia, Darling não viu nenhum sinal de naufrágio na água rasa, mas o que ele viu — pois foi tudo que avistou — sugou toda a felicidade da sua alma como uma seringa, tirando sangue de uma veia — foi um bodião, um peixe-agulha andando na superfície, de pé sobre a cauda, uma meia dúzia de peixes voadores, assustados pela proa do barco e alguns bremas espalhados.

Recifes que antes pululavam de vida estavam tão vazios quanto uma estação de trem depois de uma ameaça de bomba.

Darling tinha a impressão de estar assistindo ao enterro de um modo de vida... seu modo de vida.

Logo o fundo começou a descer, 12 metros, 18, 30 e ele deixou de olhar para o fundo e começou a procurar sua boia.

Estava onde ele a havia deixado, o que o surpreendeu um pouco porque, nos últimos dois anos, certos pescadores resolveram abandonar o código de honra que diz: “nenhum homem toca as linhas de pesca de outro homem”. E mesmo sem a intervenção humana, as iscas estavam tão fundas que algum sobrevivente maior podia ter fugido com elas — um tubarão de seis guelras, talvez, ou um tubarão de olhos grandes — arrastando as redes por quilômetros e quilômetros, antes de conseguir se soltar.

— Estamos quase em cima delas — disse Darling.

Mike largou o motor e apanhou o croque do barco.

A boia branca e laranja deslizou pelo costado do barco e quando chegou na popa, Mike a puxou para bordo com o croque, levou-a para a proa e enrolou o cabo que a prendia em volta do guincho.

Darling pôs o motor em neutro, deixando o barco ao sabor do mar calmo e desceu do *flying bridge*.

— Vá você — disse Mike, e Darling empurrou a alavanca para girar o guincho. À medida que o cabo subia, Mike o enrolava dentro do tambor de plástico de 55 galões.

Tinham lançado 915 metros de cabo de polietileno, com a boia na parte de cima e 12,5 kg de pesos enfileirados para mantê-la no fundo. Começando a 600 metros, com intervalos de 30 metros, havia cabos de aviação, de aço

inoxidável, de 48 fios trançados, com nove metros de comprimento cada um, tendo na extremidade um dos aparelhinhos do aquário. Alguns eram caixinhas de arame, outros eram feitos de rede muito fina. Quase todos continham pedacinhos de isca para atrair as criaturas das profundezas sem luz. Como Darling não sabia — ninguém sabia — que criaturas podiam ser essas ou o que elas gostavam de comer, ele punha em prática sua teoria sobre os carniceiros do oceano — o que fede mais dá melhor resultado — e usava como isca nas armadilhas o peixe mais podre e mais fedido que podia encontrar.

Em algumas armadilhas não havia nenhuma isca, apenas luzes químicas, seguindo outra das suas teorias — a luz era uma novidade tão grande no mundo da noite perpétua que alguns animais podiam ser atraídos por ela só por curiosidade.

Sua esperança era apanhar os animais vivos e mantê-los assim no tanque de água fria do barco. Mais ou menos a cada oito dias, um cientista do aquário ia examinar os animais apanhados e os raros ou desconhecidos eram levados para o laboratório, em Flatts.

Darling calculava que 20% dos animais sobreviviam à viagem e à transferência para o aquário — não era muito, talvez, mas era o modo mais barato de colher novas espécies.

E pagava seu combustível, o que era importante nesses dias.

Darling continuou segurando a manivela, observando o cabo. Estava esticado, rangendo e pingando água, mas devia estar, considerando os 600 metros de cabo e os 12 quilos e meio de chumbo, mais as armadilhas e as iscas.

Apoiou o pé na amurada para se firmar melhor e olhou para o mar azul esperando ver algum peixe.

Que esperança, pensou ele. Se havia ainda algum peixe no mar, há muito tempo tinha deixado as Bermudas.

— Tem alguma coisa errada — disse Mike. Estava com a mão no cabo, sentindo a tensão com as pontas dos dedos.

— O quê?

— Está vibrando. Sinta. — Mike passou o cabo para Darling e recuou para segurar a alavanca do guincho.

Darling sentiu o cabo. Havia uma vibração estranha. Ouviu um ruído

surdo, como de um motor falhando.

O cabo tinha uma marca em cada cem braças de profundidade, e quando passou a terceira marca, Darling ergueu a mão, mandando Mike ir mais devagar com o guincho e inclinou-se sobre a amurada para ver a primeira armadilha sair da água. Se estivesse enrolada no cabo, ele queria desenrolar antes que batesse no barco. Alguns pequenos animais abissais eram tão delicados que a menor pancada podia matá-los.

Viu o brilho da primeira argola de aço inoxidável que segurava o cabo, viu o cabo, e depois... nada.

A armadilha tinha desaparecido.

Impossível. O único animal que podia levar a armadilha era o tubarão, mas não havia nada ali que pudesse interessar a um tubarão. E se um deles tivesse passado por ela, teria levado todo o conjunto, cabo e tudo. Um tubarão não podia ter partido o cabo de aço.

Esperou que o guincho levantasse o cabo de aço até onde ele estava, soltou-o e examinou a extremidade. Então, o estendeu para Mike.

— Arrebentado? — perguntou Mike.

— Não. Se tivesse arrebentado, os fios estariam encrespados, como os cabelos de quem enfia a mão num soquete de lâmpada. Veja, estes fios estão esticados como quando saíram da fábrica.

— E daí?

Darling examinou mais de perto a extremidade do cabo. Estava cortado, limpamente, como se tivessem usado um escalpelo. Não havia marcas de mastigação, nem de puxão.

— Mordido — disse ele. — Mordido com uma só dentada.

— Mordido?

Darling olhou para a água.

— O que, em nome de Cristo, tem uma boca que pode partir de uma só vez um cabo de aço trançado com 48 fios?

Mike não disse nada. Darling, com um gesto, mandou que ele acionasse o guincho outra vez e logo surgiu o segundo cabo.

— Desapareceu — disse ele, pois a outra armadilha também não estava onde devia estar e a ponta do cabo estava mordida como a primeira.

Viu a fieira de pesos de chumbo saindo da água e havia alguma coisa estranha também. Mandou Mike parar o guincho e puxou com a mão o que restava do cabo.

— Jesus Cristo — disse ele. — Veja só.

Uma das armadilhas estava enrolada nos pesos, formando uma massa, como se tudo tivesse sido derretido junto numa caldeira.

Puxaram aquela coisa amassada e a colocaram no chão do barco. Era uma confusão de cabos reforçados de aço, arame e chumbo.

Mike olhou longamente para aquilo e depois disse:

— Jesus, Whip. Que espécie de filho da mãe fez isso?

— Nenhum homem, tenho certeza — disse Darling. Nenhum animal, também. Pelo menos, nenhum animal que eu conheça.

6

Desmontaram a aparelhagem em silêncio, enrolando os pedaços de cabo de aço e prendendo os com cabos de juta, jogando fora as luzes químicas, acondicionando as últimas braçadas de cabo no tambor de plástico.

Darling examinava seu catálogo mental de criaturas do mar, tentando descobrir o que poderia ter a força e a vontade de destruir aquela armadilha.

Chegou a considerar a ideia de Mike de que podia ter sido um homem, algum pescador zangado, ressentido, invejoso — embora não pudesse imaginar o que Whip Darling tinha para ser invejado. Ou talvez alguém que gostasse de destruir só pelo prazer da destruição. Não. Nenhum homem faria aquilo e estava certo de que ninguém ia se dar a esse trabalho. Não tinha lógica.

Então, sobrava o quê? O que podia ter partido o cabo de aço trançado com 48 fios, só com uma mordida?

Uma parte dele desejava que nunca chegassem a saber.

O fato de que a natureza tem seu lado negro não era desconhecido para ele. Certa vez, há mais de 20 anos, quando fazia parte da tripulação de um petroleiro que saía da África do Sul, uma onda fantasma — saída do mar calmo com barômetro firme — ergueu uma parede de 30 metros de água na frente do navio. O capitão e a tripulação nunca tinham visto nada igual e porque não sabiam o que era, aproaram diretamente para a parede de água, que se fechou sobre o navio, levando-o para o fundo do mar. Se Darling não tivesse ido para a gávea dois minutos antes para apanhar uma coisa, teria afundado com o navio. Foi atirado ao mar e ficou à deriva durante dois dias, agarrado a uma vigia, até ser recolhido por um cargueiro de cabotagem.

Outra vez, na Austrália, ele e alguns companheiros abandonaram o navio, quando descobriram que o capitão era viciado em licor de anis e em garotos, e lançaram-se numa louca caçada ao tesouro, no vasto deserto do interior. Juntaram-se a uma família em férias numa pequena caravana e certa tarde, quando voltaram ao acampamento, encontraram todos mortos por uma taipan, a serpente que ataca só pelo prazer de atacar, que mata só pelo prazer de matar.

Aos poucos, Darling concluiu que não se pode confiar na natureza. Muitas vezes ela revela sua face sinistra.

Mike não tinha passado por esse tipo de experiência e não se sentia bem em face do desconhecido. Não se importava muito com o fato de não ter respostas, pessoalmente, mas perturbava-se quando Whip não as tinha. Detestava ouvir Whip dizer “Não sei”. Preferia a segurança de saber que alguém estava controlando a situação, alguém que sabia das coisas.

Por isso, Mike estava preocupado.

Darling percebeu os sinais de ansiedade. Mike não o olhava de frente e recolhia o cabo com atenção exagerada. Darling sabia que tinha de aliviar a preocupação do companheiro.

— Retiro o que disse — observou ele. — Acho que foi um tubarão.

— Por quê? — Mike queria acreditar, mas precisava de alguma prova convincente.

— Só podia ser. Acabo de me lembrar, o *National Geographic* diz que alguns tubarões podem dar uma dentada com o impacto de 20 toneladas por polegada quadrada. Mais do que o suficiente para cortar esses cabos.

— Por que ele não fugiu com eles?

— Não precisou. Não tinha anzóis nos cabos. Ele só nadou em volta, mordendo os cabos, um por um. — Darling estava quase se convencendo disso.

Mike pensou por um momento e disse:

— Oh.

Darling olhou para o céu. De repente sentiu uma vontade estranha. A vontade de largar tudo e ir para casa. Mas o sol estava subindo no horizonte e já tinham queimado 25 ou 30 dólares de combustível. Se voltassem agora, ia perder 50 mangos sem ter nada para recuperá-los, a não ser uma explicação maluca para o zelador do aquário. Por isso, com certa relutância, disse:

— Que tal tentarmos alguma coisa para pagar nosso dia?

— Boa ideia — disse Mike, e começaram a preparar uma linha de fundo com iscas nos anzóis grandes.

Talvez apanhassem alguma coisa para vender, ou pelo menos, para comer. Mesmo que só apanhassem *qualquer* coisa, seria melhor do que voltar, aceitando mais um fracasso.

A ideia o deixou deprimido. Ultimamente, o ato de pescar, antes um

prazer, mesmo quando não pegava nada, era deprimente. Whip o comparava à volta ao lugar da nossa infância, onde fomos felizes, do qual temos boas lembranças, para encontrá-lo transformado num grande estacionamento.

Agora, a pesca só servia para fazê-lo lembrar de como as coisas eram boas no passado.

Whip tinha lido tudo sobre como eram as Bermudas quando chegaram os primeiros colonizadores. A ilha era repleta de pássaros e porcos. Os pássaros eram nativos e alguns, como os *cahows*, eram tão mansos que pousavam nas cabeças das pessoas e eram apanhados e postos na panela. Os porcos não eram nativos. Alguns foram desembarcados por capitães de navios, para quando os desterrados precisassem de comida. Outros chegaram à praia sobre destroços de naufrágios e se alimentavam de pássaros e de ovos.

Porém, o que encantava os antigos colonos, o que emprestava um tom quase religioso às suas narrativas, era a fauna marítima. Existia tudo em volta das Bermudas, de tartarugas a baleias, em quantidades que pareciam incríveis para os homens do Velho Mundo, onde, já no século XVII, muitas espécies de animais estavam quase completamente dizimadas.

Darling não era do tipo que vive desejando a volta dos bons velhos tempos. Aceitava a mudança como algo inevitável e a destruição como parte dela, especialmente quando havia a intervenção do homem no processo. Assim eram as coisas.

Mas o que o enfurecia, o que o envergonhava e desgostava era a mudança que vira nas Bermudas em apenas 20 anos. Segundo seus cálculos, as Bermudas tinham sido arruinadas no espaço de tempo igual à vida de um gato.

No fim dos anos 60 e começo da década de 70, ele podia ir até os recifes e apanhar seu jantar. Havia lagostas sob cada pedra, cardumes de bodiões, anjos-do-mar, cângulos, barbeiros, donzelas, percas, pargos e até mesmo uma ou outra garoupa. Quando ele trabalhava num navio naufragado, os salmonetes cavavam a areia ao seu lado, raias deslizavam rapidamente no fundo, e havia sempre o pequeno perigo de um labro míope morder o lobo da sua orelha. Mais de uma vez, tubarões dos recifes o tinham expulsado de um navio naufragado, mordiscando as pontas das suas nadadeiras.

Na borda da plataforma, em águas mais profundas, havia colônias inteiras de garoupas — garoupas-nassau, garoupas pintadas, garoupas negras e, uma vez ou outra, uma água-viva de 250 a 300 quilos. Havia moreias e tubarões-

tigres, tubarões pardos e garoupas das Antilhas e caranhos. As cabeças das tartarugas apareciam na superfície, como crianças nadando.

E nas profundezas, a pesca de corrico era um prazer emocionante. Os *wahoos* disputavam a isca com as barracudas. Bonitos e atuns Alison amontoavam-se na esteira do barco. Os marlins deslizavam, com as nadadeiras dorsais cortando a água como foices e os tubarões pelágicos, grandes e rápidos subiam até o casco do barco, mostrando o azul brilhante das costas.

Um bom dia era 500 quilos de peixes dos recifes e mais 500 de atum, e os hotéis orgulhavam-se em anunciar como prato especial o peixe fresco das Bermudas.

Não era mais assim. Alguns hotéis ainda tinham nos cardápios peixe das Bermudas, mas não o anunciavam com orgulho, pois o que serviam, tudo que restava, era lixo, os sobreviventes, que não serviam de alimento nem para os outros animais. Quando um pescador apanhava uma garoupa de qualquer tamanho, era um fato para as primeiras páginas dos jornais.

O oceano das Bermudas estava a um passo da condição de ausência de vida dos redemoinhos ocidentais de Long Island Sound.

Darling escutava com ironia amarga as explicações dos pescadores. Poluição! exclamavam, e ele respondia: Besteira!

Os assassinos da indústria pesqueira das Bermudas, ele acreditava, ele sabia, sentia que podia provar — eram os pescadores. Não só os das Bermudas, mas todos, em geral. Gente. Gente que não se contentava em ganhar a vida e queria uma matança, tratando o oceano como se fosse um poço profundo para ser minado e despojado de vida. Whip tinha um nome científico para essa gente: *Homo merdus.*

Sim, tinham feito a matança, mas não do modo que pensavam.

E o maior vilão era um equipamento inventado por eles, a armadilha para peixes.

No passado, os pescadores *pescavam* — com linhas manuais — e o limite da pesca era a resistência de cada um. Paravam quando não podiam mais, quando as mãos ficavam inchadas como uma fieira de salsichas.

Então, alguém pensou em descer gaiolas de arame com isca dentro e boias na superfície. O peixe nadava para dentro da gaiola e, graças ao modo como eram construídas, não conseguia mais sair.

Logo, todos estavam usando armadilhas, tantas quantas podiam. Supostamente havia um limite, mas ninguém dava atenção a isso.

E como apanhavam peixe! Tanto, que jogavam fora grande parte deles — mortos ou morrendo, quem se importava? — guardando só os melhores, e se o preço baixava por causa da quantidade, não fazia mal, apanhavam mais.

Darling nunca tinha usado armadilhas, não gostava delas, não por uma questão de moral, mas porque, para ele, isso não era pescar, era matar e juntar, não era sequer uma atividade interessante. Na sua opinião, se você não sente prazer no que faz para ganhar a vida, então deve procurar outra coisa qualquer. Não pretendia acabar seus dias no quintal, com um gato no colo e um passarinho no ombro, contando aos visitantes que tinha vivido muito tempo e detestado cada minuto dessa vida.

O primeiro problema com as armadilhas era que funcionavam bem demais. Apanhavam tudo — grandes, pequenos, jovens, prenhes, qualquer coisa. Um pescador de linha podia escolher sua caça e devolver ao mar o peixe muito pequeno, muito novo, muito cheio de ovas ou simplesmente o que ele não estava procurando pescar. Mas com as armadilhas, quando os peixes ficavam amontoados dentro das gaiolas durante alguns dias, machucados, assustados, feridos e maltratados pelos maiores e pela própria gaiola, tinham pouca chance de sobreviver, mesmo que os pescadores se dessem ao trabalho de devolvê-los ao mar, o que a maior parte não fazia.

O segundo problema eram as armadilhas perdidas. Se a boia se soltava ou o cabo se partia, ou a armadilha era levada pelo mar revolto para a borda da plataforma, despencando a uma profundidade onde não podia ser apanhada, ela continuava a matar peixes. Os que estavam dentro, morriam e se transformavam em isca para outros, que entravam, ficavam presos e morriam, transformando-se por sua vez em isca para mais peixes, para todo o sempre, amém.

Todo mundo tinha um remédio. Tentavam fios biodegradáveis para manter fechada a porta da armadilha, até mesmo portas biodegradáveis, seguindo a teoria de que se a armadilha se perdesse, mais cedo ou mais tarde o material apodrecia, a porta ficava aberta ou se desfazia e os peixes podiam sair. Porém, “mais cedo ou mais tarde” demorava tanto que gerações inteiras de animais podiam desaparecer antes que a porta se abrisse como por mágica..

Darling tinha encontrado armadilhas perdidas no fundo do oceano, que pareciam um carro do metrô de Tóquio na hora do *rush*, um amontoado denso de tudo que se podia imaginar, desde enguias e bodiões até polvos e caranguejos.

Isso o entristecia e irritava, pois, embora não fosse sentimental no que se referia à morte, aquilo era morte sem nenhuma finalidade — o cúmulo do desperdício. Muitas vezes, ele parava o barco e, gastando tempo e dinheiro, mergulhava para cortar as linhas flutuantes e as portas de arame com alicate apropriado. Os prisioneiros, perplexos, exaustos e feridos — alguns com escamas arrancadas pelo arame, alguns com feridas abertas, resultado de lutas ferozes — nadavam por algum tempo dentro da armadilha aberta, sem poder acreditar na sorte inesperada, e só quando Whip se afastava, como que respondendo a uma deixa silenciosa, saíam rapidamente para a liberdade.

Finalmente, em 1990, com 10 anos de atraso, o governo das Bermudas proibiu as armadilhas, indenizando os 78 pescadores profissionais da ilha — regiamente, pensava Darling, embora todos se queixassem de que não dava para compensar a perda de um direito concedido por Deus.

Darling ficava furioso com aquelas reclamações hipócritas contra a perda de direitos. *Que* direitos? Onde estava escrito que qualquer homem tinha o direito de matar todos os peixes das Bermudas? Segundo essa lógica, o assalto a bancos devia ser uma profissão protegida por lei. Se um homem tem o direito de alimentar sua família, e se o que ele faz custa algumas centenas de milhares de dólares por ano às companhias de seguro, muito bem, esse é o preço da liberdade.

Agora que as armadilhas estavam proibidas por lei, a esperança era que os peixes voltassem, mas Darling duvidava. As Bermudas não eram como as Bahamas, uma cadeia de 700 ilhas que podiam suprir umas às outras, em caso de necessidade — embora alguns habitantes das Bahamas parecessem mais determinados à destruição das ilhas do que os das Bermudas. Agora estavam pescando com Clorox. Bombeavam um pouco no recife de coral e todos os peixes e lagostas saíam das tocas, subindo para onde podiam ser facilmente apanhados. É claro que o Clorox matava o coral também, todo ele, e para sempre. Mas um homem tinha de ganhar a vida.

As Bermudas eram uma rocha isolada no meio do nada. O que estava ali, estava ali, e o que não estava, jamais estaria.

E se o homem não estava trabalhando com rapidez suficiente para transformar a ilha num deserto, a natureza ajudava com seu aparelho demolidor. Um amigo de Darling, Marcus Sharp, da Base Naval Americana, que conhecia um pouco de meteorologia, mostrou a ele alguns dados que indicavam o aumento de dois graus na temperatura da água em volta das Bermudas, nos

últimos *20* anos.

Alguns cientistas diziam que era devido às queimadas na selva amazônica e à queima de muito combustível fóssil. Outros achavam que era parte do ritmo natural, como a vinda e o desaparecimento das idades do gelo. Mas os motivos não eram tão importantes quanto o fato. Estava acontecendo.

Para um homem da cidade, dois graus podiam não significar nada. Para os corais, no mar, dois graus significavam a diferença entre vida e morte. Dez por cento dos corais das Bermudas já estavam mortos. Darling via a prova disso todos os dias — grandes manchas de coral descorado, como ossários, na superfície da água. Se 10% passassem a 20%, se então *todo* o coral desaparecesse gradualmente, a erosão devoraria as Bermudas, pois os corais eram seu escudo contra o mar aberto.

Os pólipos de coral não eram os únicos animais afetados pela elevação da temperatura. Algumas criaturas tinham desaparecido, algumas desceram mais para o fundo, e outras subiram para mais perto da superfície. Havia um novo animal de toca, por exemplo — um verme ou inseto microscópico, que vivia na areia. Quando os mergulhadores agitavam a areia, esses animais eram libertados e grudavam-se na pele humana, penetrando nela. Excretavam um veneno que provocava feridas purulentas e uma coceira infernal que durava uma semana.

O último cavalo na troica da destruição eram os estrangeiros. Enquanto o povo das Bermudas matava seus peixes dos recifes, os japoneses e coreanos massacravam as espécies de alto-mar. Saíam todos os dias, jogando redes com 50 quilômetros de comprimento para apanhar os peixes migratórios. E estavam caçando de tudo, atum e marlim, cavalas e *wahoos*, tubarões e bonitos, lúcios e tartarugas.

Os pescadores que não usavam rede pescavam com linhas longas — quilômetros e quilômetros de linha, com anzóis com isca a cada poucos metros, que tinham o mesmo resultado. Matavam tudo, sem seleção nem discriminação.

Para Darling, isso também era uma carnificina.

Houve um tempo em que pescar dava a Darling uma sensação de vitalidade, a apreciação encantada da riqueza e da diversidade da vida.

Agora, só o fazia pensar em morte.

Levaram uma hora para pôr as iscas e lançar a linha de fundo. Darling então prendeu uma boia de borracha na extremidade da linha e a jogou pela amurada, deixando-a à deriva levada pela maré, enquanto a brisa levava o barco para sudeste.

Mike abriu uma lata de presunto polonês e uma garrafa de Coca-Cola, levou tudo para a popa e sentou para se distrair mais um pouco com o motor da bomba.

Darling foi para a casa do leme e comeu uma maçã, ouvindo o rádio para saber se alguém estava pegando alguma coisa em algum lugar. Um capitão informou que tinha tirado um tubarão. Outro, num barco de aluguel, mais distante, em Challenge Bank, havia apanhado alguns atuns Alison. Ninguém tinha visto nada.

O sol começava a deslizar para o oeste quando tiraram a linha da água. Revezaram-se — um no guincho, o outro sentindo a linha — trocando olhares esperançosos.

— Está sentindo?

— Uns dois lúcios.

— Tubarão gomoso, talvez.

— Peixe-tapioca.

— Aposto que é um par de caranhos.

— Você não gostaria que...

Os oito anzóis tinham apanhado dois caranhos vermelhos pequenos, com os olhos saltados e as vesículas saindo das bocas por causa da pressão. Darling os jogou na caixa de iscas, olhou para o céu, depois para o mar. Nem uma nadadeira, nem um pássaro procurando alimento. Nada.

— Muito bem, para o diabo com isso — disse ele, limpando as mãos nas pernas da calça e adiantando-se para ligar o motor.

Ia entrar na cabine quando ouviu Mike dizer:

— Veja isto. — Apontava para o céu ao sul.

Um helicóptero da marinha dirigia-se para eles, vindo do sul.

— Para onde será que ele vai? — disse Darling.

— Para lugar nenhum. Nunca vão. Só fazendo hora.

— Talvez. — Darling acenou quando o helicóptero passou por eles, seguindo para o norte.

Talvez Mike estivesse certo. A não ser por missões ocasionais de procura e salvamento, os pilotos da marinha tinham pouco que fazer, por isso às vezes voavam em volta da ilha só para praticar e aumentar suas horas de voo.

Mas esse piloto não estava vagando sem rumo, dirigia-se para o norte no vasto céu vazio e a toda velocidade.

— Não sei — disse Darling. — A não ser que esteja atrasado para o jantar na Nova Escócia, eu diria que está numa missão importante.

Entrou na cabine e apanhou o microfone do rádio.

— Huey Um... Huey Um... Huey Um... aqui *Privateer*... responda...

7

O Tenente Marcus Sharp tinha passado aquela sexta-feira treinando *jai-a-lai*, imaginando-se num mano a mano com Larry Bird — quando o oficial de operações o chamou, informando que um piloto da British Airways, a caminho de Miami, havia detectado um sinal de emergência 20 milhas ao norte das Bermudas.

O piloto não viu nada, disse o oficial, o que não era de admirar, considerando que ele voava a mais de 800 quilômetros por hora sobre o oceano, mas o sinal soou alto e claro no seu rádio de bordo VHF. Alguém estava em dificuldades lá embaixo.

Os homens na torre da estação naval aérea entraram em contato com Miami, Atlanta, Raleigh/Durham, Baltimore e Nova York, para verificar se algum avião estava atrasado. O oficial de operações falou com o Rádio do Porto das Bermudas, pedindo informações sobre qualquer embarcação desaparecida, atrasada ou em perigo.

Tudo parecia em ordem, mas não podiam arriscar — tinham de seguir o sinal.

Sharp tomou um rápido banho de chuveiro e vestiu o uniforme de verão, enquanto o oficial de operações chamava um copiloto e um mergulhador de salvamento e providenciava para que um dos helicópteros fosse abastecido e preparado para voar. Então, anotou as coordenadas descritas pelo piloto da B.A., pôs chocolate e alguns chicletes nos bolsos e caminhou rapidamente para o helicóptero.

Quando levantou voo do Campo Kindley e fez a curva para o norte, Marcus Sharp sentiu-se vivo pela primeira vez em muitas semanas. Seu corpo vibrava, o sangue pulsava mais rápido, estava interessado, tinha um objetivo. Alguma coisa estava acontecendo — não muita coisa, não exatamente o que ele chamaria de ação, mas *qualquer* coisa era melhor do que o nada da rotina diária.

Talvez, pensou, corrigindo o curso para noroeste, talvez encontrassem alguma coisa na água, alguém em perigo. Talvez até precisassem fazer alguma coisa... para variar.

O tédio não era seu único problema. Era mais complicado, pior do que isso. Marcus Sharp tinha a estranha e sinistra sensação de estar morrendo, não

fisicamente, mas de modo menos tangível. Durante toda sua vida sempre precisou de aventura, cortejava o perigo, crescia com a mudança — sentia que não era possível sobreviver sem ela. E a vida sempre havia alimentado suficientemente essa necessidade.

O encarregado do recrutamento da marinha no Estado de Michigan percebeu que Sharp precisava de ação e procurou tirar partido disso. Ali estava um homem que já quebrara as duas pernas. — uma esquiando, a outra, voando com asa-delta — e continuou com os dois esportes. Era formado em mergulho de profundidade desde os quatorze anos, e seu herói não era Jacques Cousteau, mas Peter Gimbel, o homem que pela primeira vez filmou debaixo d'água os grandes tubarões brancos e os destroços do *Andréa Doria,* um sonhador que queria construir um avião ultraleve e atravessar o país com ele, um aventureiro incansável, cuja ambição era se afirmar, não ganhando fortunas, mas testando os próprios limites. No teste de perfil profissional da marinha, Sharp mencionou os três homens que admirava, Ernest Hemingway, Theodore Roosevelt e James Bond — todos "porque eram homens de ação, não observadores, eles *viviam* a vida". (Sharp notou que, como ele próprio, a marinha não era radical na distinção entre lenda e fantasia.)

O chefe do recrutamento o convenceu de que a marinha oferecia uma oportunidade de fazer constantemente coisas que os outros só podiam fazer, uma vez ou outra, nas férias. Podia escolher uma especialidade de cada vez, "distender seu envelope" no mar e no céu e no processo — quase por incidente — contribuir para a defesa da nação.

Ele se alistou antes de se formar e, em junho de 1983, entrou para a Escola de Candidatos a Oficial, em Newport, Rhode Island.

Os primeiros anos corresponderam às suas expectativas. Especializou-se em demolições submarinas. Tirou brevê de piloto de helicóptero. Serviu no mar e viu combate real no Panamá. Quando sua mente alcançou a idade do corpo e ele começou a ter interesses de adulto, passou um ano estudando meteorologia e oceanografia, num curso de intercâmbio, em Halifax.

A vida para Sharp era rica, variada e divertida.

Mas nos últimos 18 meses, variedade e diversão deixaram de satisfazê-lo.

Parte do seu problema, ele sabia, era o fato de não querer enfrentar o espectro de se tornar adulto. Tinha 29 anos e não pensava muito nos 30, e

certamente não tinha medo deles, até poucos meses atrás, quando foi rejeitado seu pedido para fazer parte do grupo de elite, de alto risco, de altas exigências, o grupo de guerrilheiros anfíbios, os SEALs. Sharp era velho demais.

Porém, no íntimo do seu descontentamento estava a única coisa mais próxima da tragédia que ele já havia conhecido.

Marcus Sharp apaixonou-se por uma comissária de bordo da United Airlines, esquiadora, mergulhadora, e tinham percorrido juntos o mundo todo. Eram jovens e imortais. O casamento era uma possibilidade, mas não uma necessidade. Viviam no presente e para o presente.

Então, em setembro de 1989, estavam mergulhando ao largo de uma praia em North Queensland. Ouviram os avisos de rotina sobre animais perigosos, mas não se preocuparam. Já tinham nadado com tubarões e barracudas e raias, podiam se cuidar. O mar era um mundo não de perigo, mas de aventura e descoberta.

Uma tartaruga passou por eles e a seguiram, tentando acompanhá-la. A tartaruga diminuiu a marcha e abriu a boca, como para apanhar alguma coisa, embora eles não vissem nada por perto. Nadaram para ela, encantados com a graça dos seus movimentos na água.

Karen estendeu o braço para tocá-la, para passar a mão na carapaça e de repente Sharp a viu fazer um movimento convulsivo, arquear o corpo para trás e levar a mão ao peito. O *snorkel* escapou da sua boca. Karen arregalou os olhos e gritou, rasgando a própria carne.

Sharp a segurou, levou-a para a superfície e procurou fazê-la falar, mas Karen só gritava.

Quando chegaram à praia, Karen estava morta.

A tartaruga estava comendo vespas do mar, águas-vivas quadradas, invisíveis na água, colônias de nematocistos tão tóxicos que só de encostar na pele podiam parar o coração de um homem. E foi o que aconteceu.

Depois do enterro de Karen, em Indiana, quando a dor ficou mais leve, Sharp começou a ter pensamentos sombrios, pensamentos sobre os acasos do destino. Não era uma questão de injustiça ou engano — ele nunca havia pensado na vida como sendo justa ou injusta, ela simplesmente *era.* Mas o destino era caprichoso: Eles não eram imortais, nada vivia para sempre.

Começou a ser atormentado pelo vazio da sua vida, a falta de objetivo

central. Tinha feito muitas coisas, mas sem nenhuma finalidade definida.

Via a si mesmo como uma bola de aço na máquina de jogos, entrando e saindo dos buracos, um depois do outro, sem ir a lugar nenhum.

A marinha deu a ele o melhor posto disponível, dois anos nas Bermudas — a ilha ensolarada, confortável, sem muito trabalho e a duas horas do continente. Porém, tranquilidade não era o que Sharp queria. Precisava de ação, mas agora ação não era o bastante. Tinha de haver um objetivo, uma finalidade.

Nas Bermudas não fazia nada além de mexer com papéis e ocasionalmente pilotar o helicóptero, na esperança de que alguém precisasse de socorro.

Uma vez ou outra pensava em deixar a marinha, mas não tinha ideia do que mais podia fazer. A vida de civil não tinha muitos lugares para um piloto de helicóptero especializado em explodir pontes.

Enquanto isso, oferecia-se como voluntário para qualquer tarefa que o ajudasse a não pensar em si mesmo.

***

Voava para noroeste agora, seguindo um plano de busca, do noroeste para o norte, para o nordeste e depois leste, tudo no lado norte da ilha. Ligou o rádio UHF na faixa 243.0 e o VHF, na 121.5, as duas frequências usadas pelos equipamentos de emergência. Voava a 1.500 metros de altitude.

Nove quilômetros ao largo da ilha, onde os recifes terminavam e a cor da água passava de turquesa para o azul-celeste escuro, ouviu um bip — muito fraco, muito distante, mas persistente. Olhou para o copiloto, bateu com a mão nos fones de ouvido, o outro fez um gesto afirmativo e ergueu o polegar. Sharp examinou seus instrumentos, virando o helicóptero lentamente de um lado para o outro até encontrar o ponto em que seu rádio apanhava o sinal com maior força e clareza. Olhou a bússola.

Então, uma voz soou no seu rádio da marinha:

— Huey Um... Huey Um... Huey Um... aqui *Privateer*... responda.

Privateer... Huey Um... — Sharp sorriu. — Ei, Whip... onde você está?

— Bem debaixo de você, garoto. Não costuma olhar para a estrada?

— Estou com os olhos no futuro.

— Passeando?

— Um piloto da B.A. captou um sinal de EPIRB há poucos minutos. Ouviu alguma coisa?

— Nem um pio. A que distância?

— Dez, 15 milhas. Eu o apanhei no um-vinte-um-cinco agora. Seja o que for, o vento nordeste está empurrando para cá.

— Talvez eu siga na sua esteira.

Depois de pequena hesitação, Sharp disse:

— Certo, faça isso, Whip. Quem sabe? Talvez precise da sua ajuda.

— Entendido, Marcus. *Privateer* na escuta.

Ótimo, pensou Sharp. Se algum barco estivesse afundando por perto, Whip chegaria mais depressa do que qualquer embarcação chamada da base. Se fosse um barco abandonado, bote salva-vidas, digamos, o serviço de operações mandaria descer um mergulhador para investigar. O tempo estava bom, mas descer um mergulhador do helicóptero, no mar aberto, em qualquer condição, sempre envolvia risco. Sharp não hesitaria em descer, mas não gostava da ideia de pôr um garoto de 19 anos no mar, sozinho. Whip podia investigar enquanto ele procurava destroços. Se encontrassem alguém, vivo ou morto, teria de descer o mergulhador e queria que o garoto estivesse descansado.

Além disso, talvez tivesse alguma coisa para Whip, se ninguém a reclamasse. Uma balsa. Um rádio. Um sinal luminoso. Alguma coisa que pudesse vender, ou usar, algo que valesse dinheiro ou significasse uma economia. Sharp sabia que Whip precisava disso.

Além disso, pensou, eu devo uma a ele.

Whip salvara a sanidade de Sharp num momento em que tudo conspirava para que ele se tornasse um cretino, um adepto de distrações como *Nazistas do surf devem morrer* e *Mulheres amazonas na lua.* Seus fins de semana tinham-se tornado insuportáveis. Já havia mergulhado com todos os grupos de turistas da ilha, percorrido de motocicleta cada centímetro quadrado do lugar, visitado todos os fortes e museus, gastado dinheiro em todos os bares — não fazia nenhuma objeção moral à possibilidade de se tornar um bêbado, mas não tinha tolerância para bebida e o gosto não lhe agradava — vira todos os

filmes no vídeo da base, exceto os que tratavam do assassinato de *baby-sitters* com machado. Lia durante horas, todos os dias, até seus olhos reclamarem e seu traseiro ficar atrofiado. Estava a ponto de fazer o impensável — aprender a jogar golfe — quando conheceu Whip numa reunião, na base.

Sharp ouviu, fascinado, a descrição feita por Whip da descoberta de destroços de naufrágios e fez tantas perguntas inteligentes que foi convidado para sair no barco de Whip qualquer domingo... o que logo se transformou em todos os domingos e quase todos os sábados. Ouvindo Whip, ele aprendia, e por estranho que pudesse parecer, começou a se envergonhar do que sabia. Pois ali estava um homem com seis anos de colégio que aprendera sozinho, não só a pescar e mergulhar, mas que era também um historiador e biólogo e numismata e... bem, uma enciclopédia ambulante do mar.

Sharp ofereceu pagar parte do combustível do barco, mas Darling recusou. Ofereceu-se para ajudar a pintar o barco e Darling aceitou, o que o deixou satisfeito porque sentia-se como participante e não como parasita. Então, Whip mostrou a ele fotografias dos navios naufragados, tiradas do ar e de repente — como uma porta abrindo-se e iluminando um canto escuro e desconhecido da sua mente — Sharp viu a perspectiva de novos interesses, novos objetivos.

Whip o ensinou a não procurar a imagem clássica e fantasiosa dos destroços de navios — a embarcação de pé, pronta para navegar, as velas içadas, esqueletos com chapéus de três pontas, sentados onde tinham morrido, jogando com pilhas de dobrões de ouro. Os velhos navios eram de madeira e a maior parte deles tinha encalhado e naufragado em águas pouco profundas. O mar de tempestade os fazia em pedaços e séculos do movimento da água os havia dispersado e levado para o abismo, e o abismo os absorvia, corais cresciam sobre eles, acolhendo os mortos no seu interior.

Três eram os indícios de navio naufragado no fundo do mar, ensinava Whip. Quando o navio era levado para os recifes — empurrado pelo vento ou pelo mar revolto — ele amassava o recife, matava o coral frágil e deixava uma marca que, de uma altura de 60 metros sobre o mar, parecia uma imensa marca de pneus.

O olho muito aguçado podia ver um ou dois canhões cobertos de coral, que pareciam uma massa estranha de forma anormalmente reta. Era verdadeiro o velho ditado de que a natureza não gosta de linhas retas. Mas a presença de um canhão nem sempre significava que o navio estava por perto, porque quando a

embarcação estava nos últimos estertores, geralmente a tripulação atirava ao mar tudo que havia de pesado a bordo, para evitar que ela emborcasse. Era possível encontrar um canhão aqui, outro ali, uma âncora, e nem sinal do navio que podia ter sido carregado a quilômetros de distância e atirado com força, aos pedaços, no seu último pouso.

O sinal *certo* de destroços de navios — visível do ar, mas difícil de identificar — era uma pilha de lastro, pois Whip afirmava que, onde o navio deixava cair seu lastro, era onde ele morria. Sim, seu convés podia ser levado para longe, ou seus mastros, levando um ou dois sobreviventes, mas o coração e a alma — sua carga, seu tesouro — ficavam com o lastro. Geralmente, os navios antigos tinham lastro de pedras dos rios Tâmisa ou Ebro, ou de outro qualquer, dos seus portos de origem. Eram pedras lisas, redondas e podiam ser erguidas por um homem. Imagine pedras usadas para pavimentar as ruas, Whip disse para Sharp porque todas as pedras de pavimentação de certos lugares, como Nantucket, eram pedras de lastro, levadas no bojo das embarcações para manter o equilíbrio, quando saíam da Inglaterra, e substituídas depois por barris de óleo para a viagem de volta.

Assim, o que Sharp procurava ver era uma porção de pedras redondas, geralmente empilhadas na areia branca entre os corais vermelhos, pois Whip tinha ensinado que um navio antigo batia no topo do coral e ficava preso até ser libertado pelas ondas e atirado para a areia do fundo que o envolvia e o cobria completamente.

Agora, Sharp não perdia nenhuma oportunidade de voar e sempre que voava — supostamente para aumentar suas horas de voo, para treinar novos pilotos, ou para testar novo equipamento — estava atento aos destroços de navios. Voava o mais baixo possível, guinando de um lado para o outro para manter os raios do sol em ângulo reto com a água rasa, e se algum tripulante perguntava que diabo ele estava fazendo, dava uma resposta vaga, como pondo o aparelho no caminho certo.

Até agora tinha encontrado duas pilhas de lastro, dois destroços de navios. Um deles, disse Whip, fora explorado nos anos 60. O outro era novo. Algum dia desses, iam descer para examiná-lo.

***

O sinal do rádio estava alto e regular agora, e Sharp via alguma coisa amarela

subindo e descendo na superfície do mar. Empurrou para baixo a alavanca de controle de força coletiva e desceu a 30 metros do mar.

Era um bote salva-vidas, pequeno, vazio e aparentemente intacto. Sharp sobrevoou a balsa de borracha, com cuidado para que o deslocamento de ar dos rotores não o fizessem girar e emborcar.

— *Privateer*... Huey Um...

— Sim, Marcus... — disse Whip.

— É uma balsa. Ninguém a bordo. Só um bote salvavidas. Pode ter caído de uma embarcação. Alguns radiofaróis são ativados pela água salgada.

— Por que não deixa que eu o apanhe com meu turco? Dou umas voltas para ver se tem alguém na água, e depois o levo para terra. Ninguém precisa se molhar.

— É todo seu. Está a três-quatro-zero da sua posição. Deve chegar mais ou menos dentro de uma hora. Enquanto isso, vamos fazer uma busca minuciosa, indo de um lado para o outro até o combustível nos mandar voltar.

— Entendido, Marcus.

— Alarme falso, eu acho. Mas a terra dos homens livres e pátria dos bravos agradece do mesmo modo, Whip.

— O prazer é todo meu. *Privateer* na escuta...

8

— Talvez o dia não esteja perdido de todo — disse Darling, subindo para o *flying bridge*.

— Por quê? — Mike estava guardando as últimas guias de arame enrolado.

— Podemos apanhar uma balsa de borracha. Se for uma Switlik, sem o nome do dono, pode valer uns 2.000 ou mais.

— Alguém vai reclamar. Sempre reclamam.

— Pode ser... do jeito que anda a nossa sorte.

Ergueram o bote em menos de uma hora e Darling o examinou atentamente, como se fosse um espécime no laboratório.

— Switlik — disse, satisfeito.

— Parece nova em folha, como se nunca tivesse sido usada.

— Isso, ou foram salvos rapidamente. — Darling não viu nenhum dos sinais indicativos de que alguém havia estado no bote. Nenhuma sujeira, nenhuma marca de solas de borracha, nenhum sangue de peixe, nenhum pedaço de pano.

— Os tubarões os pegaram? — perguntou Mike.

Darling balançou a cabeça.

— O tubarão teria mordido a borracha, furado uma das células, talvez espetado com sua pele áspera. Daria para ver.

— O quê, então?

— Baleia, talvez.

Whip continuou a examinar o bote, pensando nessa possibilidade. Baleias assassinas atacavam balsas, escaleres, até barcos maiores. Ninguém sabia por quê, pois elas jamais atacavam as pessoas. Não se sabia de nenhum caso em que uma orca tivesse comido um ser humano. Talvez só quisessem brincar com o bote e, como uma criança afoita, desconhecessem a própria força.

Baleias corcundas matavam seres humanos, mas sempre por acidente.

Encostavam no bote, por curiosidade, para ver o que era, passavam por baixo e com uma pancada da cauda atiravam os ocupantes para o alto, para a morte.

— Não — disse Darling, eliminando a possibilidade. — Tudo estaria em desordem e de cabeça para baixo.

Mike disse:

— Talvez o bote tenha escorregado no convés e caído no mar.

— Então, o que foi que ligou o radiofarol? — Darling apontou para o EPIRB na caixa de isopor. — Isto não é automático. Alguém o ligou.

— Talvez um navio tenha apanhado as pessoas e esqueceram de desligar.

— E ninguém se deu ao trabalho de informar as Bermudas? — Darling fez uma pausa. — Aposto quanto quiser que o barco afundou, eles jogaram o bote na água, saltaram, erraram o pulo e se afogaram.

A resposta aparentemente satisfez Mike, por isso Darling não falou sobre a sua vaga ideia de outra opção. Não valia a pena pôr maus pensamentos na cabeça de Mike. Além disso, especulações quase sempre eram bobagem.

— Muito bem, a boa notícia é que temos aqui um Switlik novinho em folha, que dá para manter os lobos ao longe por mais algum tempo.

Prenderam o bote com o gancho mosquetão, prenderam o cabo na talha do turco e içaram para bordo com o guincho.

Mike ajoelhou ao lado do bote, abriu a caixa de suprimentos na proa, passando a mão sob as células de borracha.

— Acho melhor desligar o EPIRB — disse Darling, retirando o gancho e enrolando o cabo. — Não quero uma porção de pilotos preocupados com sinais de emergência quando deviam estar cuidando das suas ressacas.

Mike desligou o botão do farol e abaixou a antena. Então, ficou de pé.

— Nada. Não falta nada, não tem nada errado.

— Não. — Mas alguma coisa preocupava Darling e ele olhou para o bote, comparando o inventário do que estava vendo com o que devia ver.

O remo. Era isso. Não havia nenhum remo. Todos os botes salva-vidas tinham pelo menos um remo, e esse devia ter. As forquetas estavam lá. Mas nenhum remo.

Então, quando o bote se moveu um pouco, o sol cintilou numa das células de borracha. Whip inclinou-se e a examinou de perto. Arranhões, como se uma faca tivesse cortado superficialmente a borracha, e em volta de cada marca, brilhando ao sol, uma substância viscosa. Darling encostou a ponta do dedo na mancha e a levou ao nariz.

— O que é? — perguntou Mike.

Darling hesitou, e então resolveu mentir.

— Óleo de bronzear. Os pobres infelizes estavam preocupados com o bronzeado.

Não tinha ideia do que podia ser. Cheirava a amoníaco.

Darling chamou Sharp no rádio e disse que estava com o bote e pretendia continuar a busca, um pouco mais para o norte. Uma pessoa na água, viva ou morta, não opõe nenhuma resistência ao vento, portanto não podia ter viajado tão longe quanto o bote — na verdade, podia ter sido levada para a direção oposta, dependendo da corrente.

Assim, navegaram para o norte durante uma hora — dez milhas, mais ou menos — depois para o sul e seguiram em ziguezague, de sudoeste para sudeste. Mike estava na proa, com os olhos na superfície e alguns metros abaixo dela, enquanto Darling examinava a distância, do *flying bridge.*

Acabavam de virar para leste, na direção oposta à do sol, quando Mike gritou:

— Ali! — Apontou para bombordo.

A 20 ou 30 metros do barco uma coisa grande e brilhante flutuava no meio do sargaço.

Darling diminuiu a marcha e foi direto para ela. Quando se aproximaram viram que a coisa, fosse o que fosse, não era feita pelo homem. Oscilava lentamente, tinha uma superfície molhada e brilhante e estremecia como geleia.

— Que diabo é *aquilo*? — disse Mike.

— Parece uma água-viva de três metros, presa no sargaço.

— Droga! Não quero passar por cima dela.

Darling pôs o motor em ponto morto e olhou lá de cima, quando a coisa deslizou pelo lado do barco. Era uma água-viva enorme, clara, com um buraco

no meio, e parecia ter uma espécie de vida, pois girava para expor ao sol uma parte do corpo a cada um ou dois segundos.

— Eu *nunca* vi uma água-viva desse tipo — disse Mike.

— Não — disse Darling. — Não tenho ideia. Talvez um filhote de alguma coisa, eu acho.

— Quer apanhar um pedaço?

— Para quê?

— Para o aquário?

— Não. Nunca me pediram filhote. Se *for* um filhote, vamos deixar a criatura viver, seja lá o que for.

Darling rumou para sudeste. Quando chegaram ao lugar em que tinham apanhado o bote, já tinham encontrado almofadas de bordo e uma defensa de borracha.

— Não sei como Marcus não viu isto — disse Mike, erguendo a defensa para bordo. — Não estavam afundadas.

— O helicóptero é um aparelho maravilhoso, mas é preciso voar *muito* devagar sobre a água para não prejudicar o raio de visão do olho humano. — Darling olhou para o mar. Nenhum sinal de vida, presente ou passada. — Então, isso é tudo.

Calculou a posição da forma vaga e distante da ilha, chamou Bermudas e rumou para casa.

***

Às seis horas, tinham deixado para trás o mar aberto, não viam mais as marolas e a cor da água passou de azul-aço para verde-escuro. Do *flying bridge* eles avistavam os buracos de areia no fundo e manchas escuras de vegetação marinha e coral.

— Quem é? — perguntou Mike, apontando para a silhueta de um barco contra o sol poente.

Com a mão em pala na altura da testa, Darling olhou para o barco, observando o ângulo da proa, a forma da cabine e o tamanho do *cockpit.*

— Carl Frith — disse ele.

— Que diabo está fazendo? Corricando?

— Ali no raso? Não acredito.

Ficaram observando. Viam movimento a bordo do barco, que oscilava como se estivesse carregando um peso, depois oscilava para o outro lado, como se estivesse se livrando da carga.

— Você não acha que...? — Mike parou de falar e depois disse: — Não, ele não é tão burro.

— Burro? Talvez não — disse Darling, aproando para o barco de Frith a toda velocidade. — Que tal, ganancioso?

Mike olhou rapidamente para Darling. Os músculos do rosto de Whip estavam tensos e havia um brilho duro nos seus olhos.

Carl Frilh fora um pescador de armadilha e um dos que mais protestaram quando esse tipo de pesca foi proibida. Estava sempre falando sobre liberdade, independência e os direitos do homem, apesar de ter recebido mais de 100.000 dólares de indenização — o suficiente para qualquer homem, pensou Darling, o bastante para passar a pescar com linha, ou com barco alugado ou começar outro negócio qualquer. Mas, ao que parecia, Carl Frith queria as duas coisas.

Como estavam se aproximando do noroeste, contra o vento, chegaram a 100 metros do outro barco antes que Frith ouvisse o motor do *Privateer.* Viram quando ele levantou a boia com o croque, prendeu o cabo no guincho e suspendeu a armadilha para bordo, abrindo a porta e despejando os peixes no depósito do barco.

— Filho da mãe miserável — disse Darling.

— Vai atrás dele?

— Vou fazer filé dele.

— Ótimo.

Darling sentiu a raiva subir até a boca do estômago. Não se importava com o fato de ser ilegal o que Frith estava fazendo. No que lhe dizia respeito, a maioria das leis eram prostitutas criadas para servir os políticos. O que o deixava furioso — o ofendia, o deixava doente — era o egoísmo insensível do homem, a destruição e o desperdício declarados e ostensivos. E Frith não estava apenas

pescando com armadilha, estava usando boias submersas para não serem vistas pela polícia marítima. Um barco podia apanhar a boia com a hélice e cortar o cabo, ou uma tempestade podia levar a armadilha para um lugar onde ele jamais a encontraria. De qualquer modo, ficaria perdida no fundo, onde, dia após dia, semana após semana, ia matar, matar e matar.

Frith então ouviu o motor de Darling. Tinha uma armadilha dependurada na borda do barco, e assim que viu o *Privateer,* tirou a faca da bainha na cintura e cortou o cabo. A gaiola caiu na água e afundou.

Darling manteve a velocidade até estar a dez metros do barco pequeno de Frith, então fez uma volta rápida e desacelerou, levantando a esteira d'água que atingiu o barco e quase derrubou o homem.

— Ei! — gritou Frith. — O que pensa que está fazendo?

Darling deixou o barco emparelhar com o de Frith. Inclinou-se sobre a amurada da ponte e olhou para baixo. Frith tinha cinquenta e poucos anos, era barrigudo e careca. Sua pele era escura e castigada como uma sela velha e os dentes amarelos de nicotina.

Darling disse:

— Só queria ver o que você está fazendo, Carl.

— Não é da sua conta.

— Não estava pescando, por acaso, estava?

— Não se preocupe com isso.

— Não seria pesca com *armadilha*?

— Dá o fora, Whip.

— Vejamos, Carl... — O sorriso de Darling era gelado.

— Acho que você só apanhou... o quê?... caranho e bremas. Certo?

Frith não respondeu.

Darling virou para Mike.

— Dê uma olhada, Mike, veja o que ele apanhou.

Mike começou a descer a escada do *flying bridge.* Frith tirou a faca da bainha e a ergueu no ar.

— Ninguém vem a bordo do meu barco.

De onde estava, na escada, Mike espiou para o depósito de Frith. Olhou para Darling e balançou a cabeça afirmativamente.

Sempre sorrindo, Darling disse:

— Caranho e bremas. Vai cortar e vender para os hotéis, certo, Carl? Vender como peixe fresco das Bermudas? Por talvez; quatro dólares o quilo?

— Você não pode provar nada — disse Frith. Abriu os braços e apontou para o *cockpit* vazio. — Armadilhas? Onde está vendo armadilhas?

— Não preciso provar coisa alguma, Carl. Não vou denunciá-lo.

— Oh — Frith relaxou. — Bem, nesse caso...

Mike sobressaltou-se mas não disse nada.

— Você sabe o que fazem os caranhos e os bremas, Carl?

Eles comem as algas que crescem no coral, eles limpam os recifes. Sem eles, o coral morre sufocado.

— Ora, vamos, Whip... um homem, algumas armadilhas, não fazem...

— Claro, Carl — o sorriso desapareceu. — Um homem que recebeu 100.000 dólares do governo e deu sua palavra que ia parar de pescar, um homem que não precisa do dinheiro, mas é teimoso demais para fazer outra coisa qualquer, um homem que não liga a mínima...

— Ei, dane-se, Whip.

— Não, Carl — disse Darling. — Dane-se *você.*

Girou o leme para a direita, levou para a frente a alavanca do motor, o *Privateer* saltou para diante e para a direita, batendo no barco de Frith, sua proa de aço partindo a escada de madeira dependurada da borda.

Frith gritou:

— Ei! Maldito...

Darling continuou a virar, empurrando a popa de Frith de um lado para o outro. Frith correu, virou a chave do motor e apertou o botão de partida. O motor tossiu, protestou, pegou.

Darling deu marcha à ré, e aproou para a popa de Frith, avançou e

amassou a saia de madeira da popa.

Frith engatou a marcha, deu saída, tentando escapar.

Mike subiu a escada e ficou ao lado de Darling no *flying bridge.*

— Vai afundar o homem?

— Ele vai se afundar. — Darling olhou para trás. O sol estava ainda bem acima do horizonte, como uma bola amarela brilhante.

Frith fugiu, navegando para leste. Darling o seguiu a dez metros de distância, ameaçando a colisão, mas sem aumentar a velocidade, obrigando Frith a seguir aquela rota, cada vez que ele tentava se desviar, pressionando-o sempre para o leste.

— Não estou entendendo — disse Mike.

— Vai entender já.

— Você o está levando para o canal.

— Não *exatamente.*

Mike pensou por um momento e então compreendeu. Sorriu.

Darling perseguiu Frith por mais cinco minutos, sempre olhando para trás, para o sol e para os recifes à sua frente. Então, lentamente, puxou a alavanca do motor para trás. O *Privateer* diminuiu a marcha e Frith, aos poucos, se distanciou.

Frith olhou para trás e viu que estava ganhando distância. Gritou alguma coisa que foi levada pelo vento, e fez um gesto obsceno para Darling.

Darling pôs o motor em neutro e o *Privateer* parou.

— Tchau, Carl — disse ele. — Tenha um bom dia. — Apontou para a frente. A menos de um metro e meio, mal coberta pela água, estava a primeira falange de picos amarelos e escarpados de coral.

— Acha que vai funcionar? — perguntou Mike. — Ele conhece os recifes.

— Nenhum homem conhece esses recifes, Michael, quando não pode ver.

Carl Frith desviou o barco de uma ponta de coral, depois de outra.

Calma, disse para si mesmo. Seu calado é só de 90 centímetros, mas alguns desses corais estão a menos de 30 centímetros da superfície.

Diminuiu a marcha, esperando que a respiração entrasse no ritmo certo.

Aquele miserável, aquele filho da mãe metido a besta. Quem era Whip Darling para dizer a um homem como devia ganhar a vida? Pelo que diziam, Whip não ia nada bem. Devia entender essas coisas. Que importância tinham caranhos? Bremas? Que piada! Eram lixo, todo mundo sabia.

Whip estava furioso porque não tinha armadilhas para receber indenização do governo.

Não importa. Não é problema. Whip disse que não ia denunciá-lo, e por pior que ele fosse, Whip tinha palavra. Se ele queria que fosse pessoal, Frith deixaria que fosse pessoal. Algum dia desses, ia sair e cortar todas as boias de Whip, toda aquela porcaria que ele fazia para o aquário. Não era nem mesmo trabalho de homem.

De qualquer modo, estava claro que Whip não estava tornando a coisa muito a sério, do contrário ele teria feito mais do que obrigá-lo a entrar na água rasa. Não era nada de mais. Bastava dar meia-volta e...

Frith olhou para oeste. Não via nada, só os últimos raios amarelos e ofuscantes do sol no mar. Nada que se pudesse ver na água, nenhuma ponta de coral, nada. Era como olhar para uma folha de papel de alumínio ao meio-dia.

Compreendeu que estava encurralado. Não podia ir para leste porque, naquela direção, as pontas de coral subiam acima da superfície. Não podia ir para oeste porque não via nada. Sem enxergar, sem dúvida ia abrir o casco do barco no coral. E a maré estava baixando, lembrou, porque tinha verificado o horário das marés naquela manhã para ter certeza de encontrar suas boias.

Podia esperar até o pôr-do-sol — e então? Tentar no escuro? Esqueça.

Tinha de esperar até a manhã seguinte. Ou jogar a âncora e esperar, tomar uma cerveja, dormir e...

Mas não tinha coragem. Se o vento levantasse, podia ser obrigado a navegar no meio da noite. O que o vento ia fazer? Não tinha verificado, não parecia importante.

Frith não via mais o barco de Whip. Estava lá fora, em algum lugar no meio da luz do sol. Gritou: "Seu miserável!”

***

Darling viu o barco de Frith diminuir a marcha e parar. Imaginou Frith pensando que tudo estava bem, depois virando e olhando para o sol.

— Ele vai esperar amanhecer — disse Mike.

— Não Carl. Não tem paciência para isso.

Ficaram mais alguns minutos à deriva, na borda do recife raso.

— Talvez você tenha razão — disse Darling, estendendo a mão para a alavanca do motor.

Nesse momento ouviram o ronco do motor de Frith.

— Não, não tem — disse Mike, com um largo sorriso. Ficaram ouvindo o motor na água parada, acelerando e diminuindo a marcha, avançando e recuando.

— Está procurando — disse Darling. — Como um cego.

Um instante depois, sentiram um leve tremor sob os pés, provocado pela água passando pelas placas de aço do *Privateer,* e ouviram então um ruído surdo e raspante, seguido do uivo do motor de Frith.

— Aconteceu — disse Darling, rindo e batendo no ombro de Mike. — Bateu duro e com velocidade naquele recife.

— Quer que eu chame a polícia? — perguntou Mike. — Podem mandar um bote de borracha.

— Deixe que ele nade. O exercício vai lhe fazer bem. — Darling olhou para oeste. — Além disso, temos um dever a cumprir.

— Que dever?

— Destruir as armadilhas do filho da mãe.

— Ele vai dar queixa — disse Mike. Depois, pensou por um momento. — Não, pensando bem, acho que não vai.

***

Quando Darling passou pela ponta e entrou na Baía Mangrove, o azul do céu

transformava-se em violeta, e as nuvens a oeste guardavam ainda os tons salmão do sol posto.

Uma única luz estava acesa no cais, e abaixo dela, ancorado no píer, estava um barco branco de 25 pés, com motor de popa e a palavra POLÍCIA escrita com letras azuis de 30 centímetros de altura.

— Cristo — disse Mike —, ele já nos denunciou.

— Eu duvido — respondeu Darling. — Carl é idiota, mas não é louco.

Dois policiais jovens estavam de pé no cais, um branco, outro negro, ambos com as camisas, do uniforme, shorts e meias três-quartos. Esperaram Darling encostar no cais, e passaram para Mike os cabos de proa e de popa.

Darling conhecia os policiais, não tinha problemas com eles — como não tinha com a polícia marítima em geral, que ele considerava bem treinada, mal equipada e sobrecarregada de trabalho. Aqueles dois costumavam sair de barco com ele nos dias de folga. Darling os ensinou a conhecer os recifes e os atalhos para os poucos canais profundos de entrada e saída das Bermudas.

Mesmo assim, ele ficou no *flying bridge*, instintivamente sentindo que essa atitude reforçava sua autoridade.

Inclinou-se sobre a amurada, ergueu um dedo e disse:

— Colin... Barnett...

— Oi, Whip... — disse Colin, o policial branco.

Barnett disse:

— Podemos ir a bordo?

— Venham — disse Darling. — O que os traz aqui no começo da noite?

— Ouvimos dizer que você encontrou um bote salva-vidas — disse Barnett.

— É verdade.

Barnett subiu a bordo e apontou para o bote no *cockpit.*

— É esse?

— Isso mesmo.

Barnett iluminou o bote com a lanterna e inclinou-se para ele.

— Nossa, como fede!

Colin ficou onde estava e com voz hesitante disse:

— Whip... temos de levar o bote.

Depois de um momento, Darling perguntou:

— O que você disse? Alguém reclamou o bote?

— Não... exatamente.

— Então, é meu, não é?... A primeira lei de restos de naufrágio, quem acha é o dono.

— Bem... — Colin disse, constrangido. Olhou para os pés. — Não desta vez.

— É mesmo? — disse Darling, procurando controlar a fúria que subia para seu estômago. — Qual é o caso?

— O Dr. St. John — disse Colin. — Ele quer o bote.

— Dr. St. John. — Agora Darling sentiu que ia perder a luta contra a própria fúria. — Compreendo.

Liam St. John era um dos poucos homens nas Bermudas a quem Darling se dava o trabalho de detestar. Da segunda geração de imigrantes irlandeses, tinha estudado em Montana, formando-se em alguma fábrica de diplomas que lhe concedeu também o título de doutor. Doutor em quê, ninguém sabia ao certo e ele nunca disse. O que todos sabiam com certeza era que o pequeno Liam saiu das Bermudas pronunciando seu nome como “Saint John” e voltou pronunciando (e insistindo para que todos pronunciassem) “SINjin”.

Armado com um alfabeto inteiro depois do nome, St. John convocou alguns amigos poderosos dos seus pais e sitiou o governo, argumentando que certas disciplinas, como história marítima e controle da vida animal estavam sendo mal dirigidas por amadores despreparados e que deviam passar ao controle de especialistas qualificados — o que significava ele próprio, uma vez que era o único bermudiano importante com título de doutor em algo que não era medicina. Não importava que fosse doutor num assunto desconhecido, provavelmente algo completamente inútil, como pentes druidas.

Os políticos, indiferentes a naufrágios e criticados pelos pescadores atrevidos, ficaram satisfeitos em retirar ambos das suas agendas, e criaram para o

Dr. Liam St. John, Ph.D., um novo cargo, o de ministro da herança cultural. Não se deram ao trabalho de definir exatamente as atribuições do cargo, o que convinha a St. John, que as definiu e expandiu aos poucos, assumindo cada vez maior autoridade e pondo em vigor leis criadas por ele próprio.

Na opinião de Darling, St. John e suas leis haviam transformado centenas de bermudianos em criminosos. Por exemplo, ele decretou que qualquer destroço de naufrágio só podia ser tocado mediante licença especial concedida por ele e o pagamento de 200 dólares por dia a um dos seus funcionários para supervisionar o trabalho. O resultado foi que ninguém mais informava a descoberta de navios naufragados, e quando retiravam dos destroços moedas ou objetos de valor, brincos de ouro ou cerâmica espanhola, escondiam até conseguirem contrabandear para fora das Bermudas.

Graças ao ministro da herança cultural, a herança das Bermudas estava sendo vendida nas galerias da Avenida Madison, em Nova York. .

Cientistas, que antes viam nas águas profundas das Bermudas um laboratório de primeira classe, um ponto de terra único e especial no meio do Atlântico, não apareciam mais, porque. St. John queria que todas as descobertas fossem examinadas por seus funcionários, que faziam relatórios (sempre corriqueiros e muitas vezes errados) para serem entregues às reuniões acadêmicas.

Há quase um ano, Darling e seus companheiros mergulhadores imaginavam meios de se livrar de St. John. Alguém sugeriu que deviam comunicar a descoberta de um navio naufragado, levar St. John para examinar o achado e afundar o barco. (Diziam que St. John não sabia nadar.) A ideia foi vetada, especialmente devido ao fato de que St. John jamais sairia para o mar, mas mandaria um dos seus asseclas.

Outro sugeriu simplesmente matá-lo — dar uma pancada na cabeça e atirar nas profundezas do mar. Mas, embora todos achassem que o resultado seria ótimo, ninguém se candidatou a pôr em prática a sugestão.

Porém, Darling não se surpreenderia se isso acontecesse alguma noite — que St. John simplesmente desaparecesse da face da Terra. Também não ficaria triste com a notícia.

— Colin — disse ele. — Quero que você me faça um favor.

— É só dizer.

— Diga a St. John que entrego o bote...

— Certo.

— ... se ele vier até aqui e deixar que eu o enfie no seu traseiro.

— Oh — Colin olhou para Barnett, para os pés outra vez, depois, relutantemente, para Darling. — Whip, sabe que não posso fazer isso.

— Então, temos um problema, certo, Colin? Porque tem outra coisa que você não pode fazer, que é levar o bote.

— Mas *temos* de levar! — A voz de Colin era quase chorosa.

Barnett afastou-se do bote e parou no degrau mais baixo da escada, olhando para cima.

Quando olhou para ele, Darling viu um movimento na parte mais escura do cais. Era Mike, caminhando silenciosamente para o galpão onde guardava os tacos e bicheiros usados para pôr a bordo peixes grandes.

— Whip — disse Barnett — você não vai fazer isso.

— O bote é meu, Barnett, e você sabe disso.

Darling queria dizer mais, dizer que não era apenas uma questão do bote salva-vidas, não era nem mesmo só uma questão de princípio, mas era também uma questão de 2.000 ou 3.000 dólares que podiam significar toda a diferença, dólares que ele não ia permitir que Liam St. John roubasse dele. Mas não disse. Não ia choramingar para um policial.

— Não se St. John quer estudá-lo, como ele diz.

— O cretino não quer estudar coisa alguma. Quer ficar com ele. Sabe quanto vale em dinheiro.

— Não é o que ele diz.

— E desde quando ele virou uma droga de modelo da verdade?

— Whip... — Barnett deu um suspiro. Alguma coisa o fez olhar para trás, um reflexo de luz, talvez, ou um som, e ele viu Mike de pé, no escuro, segurando junto ao peito um bicheiro de um metro de comprimento com a ponta afiada e curva. — Você sabe o que nós temos de fazer.

— Certo. Voltem e digam ao Dr. St. John para plantar batatas.

— Não. Vamos chamar mais uma dúzia de policiais e voltaremos para

apanhar o bote.

— Não sem que alguém saia machucado.

— Pode ser, Whip, mas pense um pouco. Se acontecer, você acaba na cadeia, nós ficamos com o bote e quem vai rir por último? O Dr. St. merda John.

Darling olhou para as luzes dos carros que passavam na ponte Watford, além da água da baía, para o brilho das lanternas na varanda do Cambridge Beaches, o hotel mais próximo, onde um cantor do passado dizia, acompanhado pela banda, que tinha feito tudo a seu modo, na canção “My Way”.

Darling queria lutar, queria ficar furioso e desafiar todo mundo e brigar como louco. Mas dominou o impulso, porque sabia que Barnett estava certo.

— Barnett — disse ele, finalmente, começando a descer da ponte —, você é a própria alma da sabedoria.

Barnett olhou para Colin, que respirou fundo, aliviado e sorriu.

— O Dr. *SINjirt* quer o meu bote? — disse Darling, aproximando-se de Mike e tirando o bicheiro da mão dele. — O Dr. *SINjirt* terá o meu bote.

Ergueu o gancho e o desceu com força sobre a proa do bote. A ponta afiada atravessou a borracha e, com um estalo e um assobio, a célula se esvaziou.

— Opa! — disse Darling — desculpem. — Arrastou o bote para a amurada. Deu outro golpe em outra célula, esvaziando-a, e pôs o bote flácido sobre a amurada. Um pequeno objeto caiu do bote sobre o convés de aço, com um estalido fraco e saltou para longe. Darling retirou o bicheiro da borracha e golpeou a célula da popa. Ergueu o bicheiro e o segurou no ar, sobre a borda da lancha da polícia. Os músculos dos seus ombros queimavam como fogo e, no seu pescoço, os tendões pareciam cabos de aço saltados.

— Opa! — disse ele outra vez, atirando o bote na lancha da polícia, onde ele caiu como uma massa de borracha sibilante. Voltou-se para os dois policiais, deixou cair o bicheiro no convés e disse: — Pronto. O querido St. John pode ficar com seu maldito bote.

Os policiais entreolharam-se.

— Tudo bem — disse Colin, saindo rapidamente para o cais. — Diremos a St. John como você o encontrou.

— Certo — disse Barnett, saltando também para o cais. — Acho que um tubarão o apanhou.

— E o mar *estava* bravo — disse Colin. — Você não podia entrar na água para apanhar o bote, com tubarões por todos os lados... Boa noite, Whip.

Os policiais amontoaram o bote na proa da lancha, ligaram o motor e saíram de marcha à ré, para a noite. Darling sentia-se vazio, um pouco nauseado, satisfeito e ao mesmo tempo envergonhado.

— Temos ainda os barcos de aluguel para mergulhos durante a grande regata — disse Mike. — Podem dar um bom dinheiro.

— Claro — disse Darling. — Claro.

Quando limpavam o barco, guardando o equipamento e lavando o convés, Darling pisou numa coisa pequena e sólida. Apanhou e examinou o objeto, mas a luz era pouca e ele o guardou no bolso para ver mais tarde.

— Vejo você de manhã — disse Mike, pronto para desembarcar.

— Certo. Vamos dar a má notícia ao pessoal do aquário e veremos se nos dão outro equipamento. Se não derem, começamos a raspar o barco.

— Boa noite, então.

Darling saiu atrás dele, até sua casa, viu Mike ligar a moto e se afastar, apagou a luz externa e entrou.

Serviu dois dedos de rum escuro num copo e sentou na cozinha. Pensou em assistir ao noticiário, mas desistiu. Por definição, toda notícia é má notícia, do contrário não merecia aparecer na televisão. E ele não precisava de mais nenhuma notícia desagradável.

Charlotte entrou na cozinha e sentou na frente dele, no outro lado do balcão. Tomou um gole do copo de Darling, depois segurou a mão dele entre as suas.

— Aquilo foi uma infantilidade — disse ela.

— Você viu?

— Não são todas as noites que a polícia aparece por aqui.

Ele balançou a cabeça.

— Aquele irlandês bastardo, filho de uma cadela.

— O que você ganhou com isso?

— Você sabe como me faz mal sentir-me tão indefeso? Eu tinha de fazer *alguma* coisa.

— Sentiu-se melhor?

— Claro.

— De verdade?

— Mais ou menos. — Olhou para ela. Charlotte estava sorrindo. — Está bem, você tem razão. Sou um velho idiota com cabeça de criança.

— Bem.., mas é engraçadinho. — Charlotte estendeu o braço sobre o balcão, segurou o queixo dele e o aproximou do seu rosto.

Quando Darling levantou-se para beijá-la, alguma coisa espetou sua coxa, ele saltou para trás com um grito e caiu sentado na cadeira.

— O que foi? — perguntou ela.

— Fui espetado. — Enfiou a mão no bolso, tirou a coisa que tinha apanhado no chão do barco, e a pôs sobre o balcão.

Era um gancho em forma de meia-lua, não de aço, mas de um material duro, brilhante, ósseo.

— O que conseguiu me fisgar agora? — Darling apanhou o objeto e o apertou contra o balcão, tentando dobrá-lo. Não conseguiu.

— Parece uma garra — disse Charlotte. — Tigre, talvez. Ou até mesmo um dente. Onde encontrou?

— Caiu do bote — disse ele. Hesitou, lembrando os arranhões que tinha visto no bote, como cortes na borracha. Olhou para Charlotte, depois para o objeto, franziu a testa e disse: — Que diabo...?

9

A coisa pairava nas profundezas, à espera.

Imóvel, invisível no escuro, procurava com os sentidos as vibrações que indicariam a aproximação da presa.

Estava acostumada a ser servida, pois a água fria e rica de alimento a 300 metros de profundidade sempre fora farta de animais de todos os tamanhos. A coisa não conhecia a paciência, nunca tinha precisado dela, pois o alimento sempre foi abundante. Estava acostumada a alimentar seu corpo por reflexo, sem luta nem esforço.

Suas aptidões eram as de um matador, não um caçador, pois nunca precisou caçar.

Mas agora, os ciclos rítmicos que a conduziam pela vida estavam alterados. A comida não era mais abundante. Sem capacidade para raciocinar, a coisa não conhecia passado nem futuro e estava confusa com o desconforto da sensação estranha de fome.

O instinto a mandava caçar.

Sentiu uma interrupção no fluxo do mar, uma estática brusca e irregular no pulso da água.

Presa. Em grande número. Passando por ela.

Não estava perto, mas a alguma distância, em algum lugar acima de onde ela pairava.

A criatura absorveu enormes quantidades de água através da faixa muscular do corpo e a expeliu pelo funil da barriga, subindo e recuando ao mesmo tempo com a força de uma locomotiva a toda velocidade.

Localizou os sinais e lançou-se para a frente, expelindo espasmodicamente água pelo funil. Reconheceu os sinais, peixes, muitos peixes, muitos peixes grandes.

Elementos químicos percorreram sua carne, alterando suas cores.

Quando sentiu que estava suficientemente próxima, girou ficando de frente para o lugar em que devia estar a presa. Seus olhos enormes registraram um brilho prateado, e ela lançou violentamente os tentáculos finos como

chicotes. As pontas dos chicotes atingiram carne, os círculos denteados a morderam, os ganchos em forma de meia-lua rígidos dentro de cada círculo a laceraram. Em poucos segundos, só restava dos peixes uma chuva de escamas e uma onda de sangue.

Mas a fome da criatura não foi satisfeita — aumentou mais ainda. Elá precisava mais, muito mais.

Porém, a pressão do deslocamento de água provocado pelo arremesso do corpo enorme assustou um cardume de atum azul que fugiu em disparada..

Os tentáculos estendidos não encontraram nada. Os braços mais curtos na base do corpo, aos poucos, deixaram de se mover, as mandíbulas se fecharam, recolhendo-se para dentro da cavidade do corpo.

A criatura estava faminta, mas também enfraquecida e exausta. Muita energia fora despendida, sem conseguir satisfazer a fome tremenda.

A coisa pairou à deriva, faminta e confusa.

O fundo distante era irregular e a corrente que subia do abismo a levou lentamente encosta acima até um planalto que ficava a 130 metros de profundidade. A água fria redemoinhava em volta, por isso o animal não subiu mais.

Em outra encosta, bem acima, estava uma coisa grande e estranha, uma coisa que seus sentidos diziam que era morta, a não ser pelas formas de vida comuns que cresciam sobre ela.

A criatura a ignorou e esperou, recuperando as forças.

10

Lucas Coven estava tão amolado e tão impaciente para começar e acabar logo o trabalho daquele dia que ligou o motor do barco e saiu, antes que o guincho tivesse tempo de levantar completamente a âncora. Ouviu a pancada das patas de aço no casco e imaginou os cortes na fibra de vidro, o que o deixou mais furioso ainda.

Estava sempre fazendo isso, perdendo a paciência e então, dominado por seu orgulho teimoso, recusava voltar atrás. Afinal, era um pescador — tinha sido, pelo menos —, então por que se metia a bancar o maldito Jacques Cousteau?

A boca o traía sempre. Jurou que, se terminasse aquele dia sem nenhuma calamidade e nenhum processo legal, nunca mais entraria num bar — ou, se entrasse, ia costurar os lábios e tomar vodca com canudinho.

Assim que passou Port Ely, rumou para o sul. Olhou para baixo, do alto do *flying bridge*, certificando-se que os dois passageiros não tinham caído no mar, nem deixado cair alguma coisa pesada nos pés. Eles estavam na popa, arrumando o equipamento de mergulho — bússolas, facas, computadores, câmaras de vídeo — Deus do céu, tinham material suficiente para equipar um astronauta por um mês, no lado escuro da lua.

Garantiram que eram mergulhadores experimentados, insistiram em mostrar seus cartões de Experientes em Mar Aberto. Mas, para Lucas, quem se enfeitava com todas aquelas máquinas não era mergulhador, mas comprador. Certo, mergulhar podia ser uma coisa complicada, se a gente quisesse entender toda a química, mas não precisava ser. Uma pessoa experiente simplificava tudo. Usava um calção de banho para não ser agarrada pelos testículos, um tanque para respirar, alguns quilos de chumbo para ficar no fundo, um marcador de profundidade para o caso de se distrair.

Além disso, aquela moça, Susie, parecia não *precisar* de equipamento — tinha um par de pulmões capazes de levá-la a 300 metros, num único fôlego. O equipamento estragava o quadro, cobrindo toda aquela pele morena dourada, a massa dourada dos cabelos, que fez Lucas prender a respiração na primeira vez que a viu. Era a candidata por excelência para o número especial da *Sports Illustrated.*

Mas aqueles dois eram donos de uma alta tecnologia. Como quase todo

mundo, nestes dias, dependiam dos aparelhinhos eletrônicos para todo o trabalho. Bom senso e coragem estavam se tornando coisas do passado.

Bem, Lucas esperava que um deles, o rapaz ou a moça, tivesse ainda um pouco de bom senso, porquê, no lugar para onde estavam indo, a única coisa que aqueles brinquedos caros podiam fazer era um bom relatório para o chefe de polícia.

A ideia fez ferver outra vez a raiva de Lucas. Ele devia pagar alguém para remover suas cordas vocais.

Seu primeiro erro foi entrar no Hog Penny Pub para seu trago das cinco. Lucas nunca ia ao bar dos turistas na Front Street. As bebidas eram muito caras e as doses muito pequenas. Mas uma moça bonita parou a moto para pedir informações, e disse que ia todos os dias ao Hog Penny, e por que ele não aparecia para um drinque mais tarde. Então, Lucas fez a barba, trocou de camisa e apareceu. É claro que a moça nem deu sinal de vida.

O segundo erro foi demorar-se no bar o tempo suficiente para destruir uma nota de 20 dólares, porque, mesmo ao preço para turista, 20 dólares compraram o bastante para gerar calor no seu estômago e libertá-lo da timidez nativa.

Seu terceiro erro — o mais grave de todos — foi pôr a boca onde não devia, numa conversa de dois jovens que nunca tinha visto antes.

Lucas ficou fascinado pela moça logo que a viu, mas sem nenhuma esperança, porque o rapaz era tão bonito, tão alto, tão louro e tão bronzeado quanto ela. Lucas imaginou que deviam ser produto de um programa de criação de gente bonita. Eram tão parecidos que podiam ser irmãos...

... o que, ele soube mais tarde, eram realmente. Gêmeos, passando as férias do curso preparatório na casa dos pais, ao lado do Clube Mid-Ocean. Lucas ficou sabendo que o pai era uma figura importante no mundo da mídia, nos Estados Unidos.

Convencido pelo Dr. Smirnoff de que era tão suave quanto Tom Cruise, Lucas começou a acreditar que tinha uma chance com aquela garota capaz de fazer parar qualquer coração. O que ela estava usando devia ter servido de advertência. Nenhuma garota com um relógio Rolex, um anel de ouro no dedo mínimo e uma daquelas camisas de golfe de cinco dólares com a jaqueta de 50 dólares — além da pele acetinada e os dentes perfeitos como um teclado de piano — ia pensar em dar atenção a um rude piloto de lancha de pesca, de cabelo

mal cortado. Mas o Dr. Smirnoff estava no leme.

Estavam examinando um conjunto de tabelas de descompressão, comentando se deviam ter descomprimido depois do seu último mergulho e planejando a que profundidade mergulhariam no dia seguinte — um assunto que devia ter disparado alarmes no cérebro de Lucas, uma vez que, para começar, nenhum turista era levado para mergulhar nos lugares mais profundos das Bermudas e, segundo, a pesca de profundidade não era uma coisa que as pessoas sensatas faziam por gosto.

Lucas ficou calado, enquanto os dois discutiam as profundidades dos diversos navios naufragados que tinham explorado, comparando o *Constellation* com o *l'Herminie,* o *North Carolina* com o *Virgínia Merchant.* Nenhum deles estava a mais de 12 metros — o limite para mergulho livre de qualquer pessoa que não fosse tuberculosa. Lucas ia corrigir os cálculos dos dois quando eles compararam o *Cristóbal Colón* com o *Pollockshields,* dois navios de ferro em águas tão rasas que precisavam ter cuidado para não bater neles com o fundo do barco.

Sua deixa chegou quando o rapaz — Scott — observou:

— O cara do barco disse que o navio que está à maior profundidade por aqui é o *Pelinaion.*

— Onde está ele? — perguntou Susie. — Será que nos leva até lá?

Lucas inclinou-se para a frente, olhou para eles e disse:

— Com licença. Não é da minha conta, mas acho que alguém está querendo enganar vocês.

— É mesmo? — Susie arregalou os olhos e Lucas concluiu que eram as pestanas mais longas que já tinha visto em toda a sua vida.

— É mesmo. Como eu disse, não é da minha conta, mas não gosto de ver alguém cair nessa conversa.

— Então qual é? — perguntou Scott. — O navio que está mais fundo?

— O navio naufragado em lugar mais profundo nas Bermudas — disse Lucas, com um sorriso *tão* encantador, satisfeito por ver que conseguia falar, embora sentisse os lábios dormentes — é o *Admiral Durham.* —Está ao largo da Praia Sul. Pelo menos, o mais fundo que já foi visto.

— A que profundidade ele está? — perguntou Scott, com uma expressão

de quem não estava acreditando em nenhuma palavra, mas não tinha nada melhor a fazer no momento do que dar atenção a Lucas Coven.

— Começa em 57 metros, depois inclina-se e vai até 92.

— Puxa! — disse Susie.

Scott disse:

— Ora, deixa disso...

Lembrando agora, Lucas desejou ter dito algo final, como: “Vai se coçar, garoto”, que teria abortado a expedição no mesmo momento.

Mas Susie bateu com a mão fechada no ombro de Scott e disse:

— Scott! Pelo menos uma vez na vida, escute!

O que significava que ela estava interessada.

Então, Lucas deixou que sua boca entrasse em ação.

— Ele encalhou na Praia Sul durante uma tempestade e ficou ali um ou dois dias, enquanto tentavam desencalhar.

Conseguiram, mas os buracos eram tantos que, antes que pudessem reparar as avarias, o navio se encheu de água e afundou, descendo pela encosta da plataforma.

— E você o viu — disse Scott.

— Uma vez, há alguns anos. Não é muito fácil encontrar.

— Como é ele? — perguntou Susie, muito interessada.

— Acelera o sangue da gente. Eu o chamo de fabricante de viúvas. — Não era verdade, mas soava bem. — Por muito tempo, na descida, não se vê nada. Então, de repente, ele aparece das profundezas, e a gente pensa, cara, eu devo estar drogado. Porque o que a gente vê é um enorme navio de ferro navegando na nossa direção. Depois, o que mais nos convence de que estamos realmente sonhando é a locomotiva enorme, bem ao lado dele, que deve ter caído pela proa. Quando afinal a cabeça da gente fica mais clara, está na hora de subir. Só se pode ficar uns cinco minutos naquela profundidade.

— Eu não acredito — disse Scott.

— É seu direito — observou Lucas, com um gesto pedindo outra dose ao barman.

Susie pôs a mão no braço de Lucas, tocando-o de verdade e, com um olhar rápido mandando o irmão ficar quieto, disse:

— Por nossa conta — pediu duas cervejas ao barman e uma vodca para Lucas.

Foi nesse momento que Lucas percebeu que estavam no papo. E porque estava se divertindo e tentando imaginar onde podia ir com Susie quando se livrassem de Scott, não pensou que chegaria uma hora em que ia desejar não ter feito nada daquilo.

Quando as bebidas foram servidas, Susie disse:

— Quer nos dar licença um minuto?

Segurou o braço de Scott e o levou para uma mesa vazia. Falaram em voz baixa por dois ou três minutos, com muitos gestos, e quando voltaram, foi Scott quem pôs a bola em jogo.

Não era mais possível evitar.

Lucas achava que podia encontrar o *Admiral Durham* outra vez?

Provavelmente, com os novos aparelhos eletrônicos do barco.

Estava disposto a tentar?

Para quê?

Porque (disse Susie) estavam cheios de mergulhar perto da ilha, já tinham visto quase tudo e queriam mergulhar de *verdade* antes do fim do verão, porque depois iam ficar dentro de casa, trabalhando, estudando ou qualquer outra coisa assim. Além disso, não podiam ir a outra ilha para mergulhar, porque seus pais iam chegar de Nova York.

Bem... ele não sabia, estava muito ocupado.

Eles pagariam bem.

Tinha de ser honesto com eles, disse Lucas, seu barco estava alugado para um grupo, no dia seguinte. *(Alugado para um grupo!* Onde tinha arranjado isso? Lucas nunca havia alugado o barco em toda sua vida, nem sabia o que era isso, nem quanto devia cobrar.) Gostaria de poder ajudá-los, eles pareciam boa gente e tudo o mais, mas não podia sacrificar o dinheiro do aluguel do barco.

E quanto era?

Bem... o dia todo... 1.500 (uma gorda quantia, apanhada no ar).

Não era problema. Na verdade, se ele garantia que ia levá-los ao navio, pagariam 2.000. Mas se Lucas não encontrasse o *Durham* (Scott estava bancando o importante e durão), não pagariam nada.

Era justo, mas Lucas tinha de perguntar se estavam realmente preparados para um mergulho de mais de 60 metros. Já fizeram isso antes? Sabiam tudo sobre a descompressão que, quando mal feita podia aleijar ou matar, sobre a narcose do nitrogênio, a famosa "ruptura" que podia desorientar a pessoa ... sobre tudo o mais que podia acontecer no fundo do mar?

Oh, claro, eles eram supercautelosos, conheciam toda a química e a física do mergulho. E embora nunca tivessem mergulhado a 60 metros, já tinham ido até mais de 30 (Scott foi positivo, Susie tinha certeza) e, na verdade, a diferença não era muito grande, certo, mais ou menos nove ou dez andares de um prédio comercial.

E mais três atmosferas de pressão, pensou Lucas — três degraus acima na escada do espremedor, três vezes mais chance de um acidente que podia acabar em funeral. Mas ele não disse nada, porque a essa altura tinha se convencido de que Susie estava interessada e, além disso, Scott continuava a falar sobre a experiência dos dois.

Scott descreveu todos os lugares onde tinham mergulhado e o tempo que fazia em cada um. Mostraram seus cartões de Experiente em Mar Aberto e a lista completa de todos os lugares em que tinham molhado os pés.

Tudo bem, ele os levaria, mas iam descer sozinhos pelo cabo da âncora, ele não podia mergulhar também porque não tinha nenhum auxiliar a bordo e não podia deixar o barco no mar — a segurança era sua primeira preocupação, tinha fama disso em toda a ilha. Porque se acontecesse alguma coisa com o barco, eles não iam querer nadar para a praia depois de um mergulho de quase 60 metros... a não ser que quisessem pagar mais 100 dólares para contratar um marinheiro por um dia.

Susie disse, puxa, eles não precisavam de babá, podiam muito bem descer pelo velho cabo da âncora, tirar uma porção de fotografias e voltar, antes que ele percebesse que tinham descido.

Scott disse, então vamos brindar o mergulho de uma vida.

E foi o que fizeram. Na verdade, brindaram uma porção de vezes, até a

hora em que Lucas resolveu sugerir a Susie fugirem de Scott para jantar tranquilamente em algum lugar.

Susie riu dele — não uma risada maldosa, mas meio maternal e Lucas não conseguiu ficar zangado —, despenteou o cabelo dele e disse, vejo você amanhã.

***

Lucas passou bem longe do Southwest Breaker. O vento de sudoeste não chegava a ser uma brisa, mas o mar fervia em volta da ponta traiçoeira de pedra que subia do fundo, sedenta para furar quem passasse por perto.

O ar fresco desanuviou a cabeça de Lucas, um punhado de balas de hortelã tirou o gosto ruim da boca e uma cerveja o levou de volta ao lugar de onde podia ver o lado bom das coisas.

Dois mil dólares era mais do que fazia em um mês apanhando peixe voador na rede ou ajudando um companheiro a carregar água.

Talvez os garotos tivessem exagerado, talvez confiassem muito no seu equipamento Mickey Mouse, mas, sem dúvida, estavam sendo cautelosos, verificando e reverificando cada peça.

Lucas percebia que estavam nervosos, o que era bom. Podiam engolir ar tão rapidamente que nunca chegariam ao fundo, mas isso não o preocupava.

Afinal, o dia parecia promissor. Com sorte, ele podia estar de volta no cais para o almoço. Se eles conseguissem o que queriam, se Lucas lhes desse o mergulho de uma vida, Susie podia mudar de ideia. Nunca se sabe.

Estavam perto da linha dos recifes da Praia Sul, a água profunda ficava logo depois, por isso Lucas começou a lembrar de todas as suas marcas de referência em terra. Tinha anotado todas — sem nenhum motivo, mas agora iam ser muito úteis — na primeira e única vez que chegou perto daquele navio, dez anos atrás.

Havia uma casa lilás com duas altas casuarinas bem atrás do local. Ele precisava ver as duas árvores como se estivesse fazendo mira para atirar nelas, ao mesmo tempo triangulando para que a casa principal da colônia de cabanas cor-de-pêssego, a oeste, ficasse em linha com a base do Farol Gibbs Hill.

A maré estava em vazante, por isso Lucas aproou um pouco para fora,

depois virou com a proa para a praia, enquanto acelerava lentamente e ajustava suas marcas de terra.

Marcas de terra, porém, não eram infalíveis, em se tratando de um navio naquela profundidade. Não se podia ver nada da superfície, as marcas deviam ser anotadas quando se voltava do mergulho, e, assim mesmo, a essa altura, o barco podia ter mudado de direção, preso na âncora.

E perto não era suficiente para o *Admiral Durham.* A luz era pouca, a visibilidade talvez não mais de nove a doze metros, e com cinco minutos no fundo — que significavam cinco minutos desde que se deixava a superfície até o momento de começar a subir — não era muito tempo para explorar grande coisa. Lucas tinha de ancorar *em cima* dele e com o gancho no convés deixar arrastar a âncora até ela se prender em alguma coisa, no guarda-mancebo, numa corrente ou até no velho vaso sanitário enferrujado, no convés de proa, sentado no qual ele tinha sido fotografado um dia.

Ligou o ecobatímetro que usava para localizar peixes, acertou a profundidade marcada e, com a mão, protegeu a tela da claridade. O indicador de linhas e saliências não acusava nada, só um vazio, entre a superfície e o fundo. Lucas girou o leme, aproando o barco alguns pontos mais para bombordo, depois mais dois para estibordo, e, de repente, lá estava ele, um vulto gigantesco erguendo-se do fundo.

Lucas acertou a posição do barco até o vulto ficar bem no centro da tela. Então foi para a frente uma fração de milímetro, o bastante para compensar a força da corrente que movia a âncora e o cabo, e apertou o botão que soltava a âncora.

Lucas fechou os olhos e desejou que a âncora descesse até o fundo, vendo-a mentalmente mergulhar no azul-escuro e bater no aço com um forte ruído metálico.

11

A criatura estava em estado de quase hibernação. Seu movimento respiratório — ingestão e expulsão de água — tinha diminuído para 15 ciclos por minuto. Sua cor era marrom-acinzentada. Os braços e tentáculos flutuavam livremente como cobras gigantescas.

E ela estava ganhando força, como que absorvendo energia da escuridão fria e silenciosa.

De repente o silêncio foi quebrado por vibrações sonoras, que, ampliadas pela água salgada, desabaram sobre ela. Para o ouvido humano, o som seria espesso, ressonante, metálico, o barulho de aço sólido chocando-se com aço oco, com peso e velocidade.

Para a criatura, era um som desconhecido... estranho e alarmante, por isso sua respiração acelerou, dobrando a frequência rapidamente. Os braços se enrolaram, os tentáculos engatilharam. Sua cor mudou, ficou mais viva, os tons de marrom substituídos por roxos e vermelhos.

Localizou o ruído — vinha de cima — e começou á subir a encosta na direção da coisa grande, estranha e sem vida que tinha sentido antes.

O som começou outra vez, mas alterado, uma série de pancadas surdas e rápidas. Então, parou completamente.

A criatura moveu-se para a coisa estranha, depois pairou sobre ela, procurando a origem do som. Qualquer som, qualquer mudança nos ritmos normais do mar, podia significar uma presa.

E a força que a dominava, agora que estava despendendo energia com o movimento, era a fome.

12

De pé na proa, Lucas deixou o cabo da âncora correr entre suas mãos até ver a marca de cinquenta braças. Então, deu uma volta com o cabo na trava e observou o balanço da proa e o ângulo do cabo. Se desse pouca folga, o cabo podia soltar a âncora do fundo, muita folga, e o tempo de descida dos mergulhadores seria longo demais e ficariam sem ar.

Era melhor dar a eles todas as chances, pensou, agora que os 2.000 dólares estavam praticamente no seu bolso.

Quando achou que estava tudo em ordem, enrolou o cabo e foi para a popa.

— Mergulhem, mergulhem, mergulhem! — disse, com um largo sorriso para Scott e Susie, que pareciam personagens de quadrinhos.

Estavam com roupas de mergulho iguais, azuis com faixas amarelas como seus cabelos, e, presas nas pernas, facas com cabos vermelhos capazes de matar um búfalo. As nadadeiras italianas eram tão longas que eles pareciam patos mutantes. Os dois estavam cheios de tiras adesivas, presilhas e ganchos.

— Tem certeza de que encontrou o *Durham*? — perguntou Scott.

— Você não ouviu a âncora bater no convés lá embaixo?

Eles não sabiam se ele estava brincando ou não, por isso apenas sorriram um pouco nervosos.

Lucas os empurrou de leve para a escada da popa. O bronzeado de Susie parecia mais pálido, e o rosto dela estava cinzento.

— Você está bem? — perguntou Lucas, tocando o braço dela.

— Estou... acho.

— Não precisa ir. Não é vergonha nenhuma.

— Nós vamos — disse Scott. — Ela vai ficar bem.

Lucas olhou para Susie, que fez um gesto afirmativo.

— A festa é sua — disse Lucas, sério agora. — Nadem na superfície até o cabo da âncora. Agarrem nele, verifiquem tudo outra vez e esperem até estar calmos e seguros. Não me importo se demorar uma semana, não há pressa. Não

quero que desçam ansiosos. Quando estiverem prontos, um vai primeiro, o outro segue logo atrás, e, ouçam o que eu digo, *desçam* depressa, não fiquem fazendo hora. O tempo é pouco e precioso. Qualquer tempo de sobra, usem para subir lenta e suavemente.

Os dois balançaram as cabeças afirmativamente e limparam as máscaras antes de colocá-las. Lucas entregou as câmaras, uma de vídeo na caixa protetora para Scott, a Nikon V para Susie.

Ergueram os polegares, um para o outro.

— Escutem! — disse Lucas e os dois olharam para ele. — Uma última coisa. Não assustem nada lá embaixo. — Sorriu, para mostrar que era uma piada.

Não retribuíram o sorriso.

Assim que tocaram na água, encheram de ar os coletes e nadando de costas, batendo só os pés, foram até a proa do barco.

Lucas foi para a proa e ficou observando quando eles seguraram o cabo da âncora. Balançaram o cabo, verificaram isto e aquilo e falaram alguma coisa. Colocaram então os bocais, esvaziaram os coletes e mergulharam.

Lucas olhou o relógio: 10:52 h. Às onze horas ele estaria 2.000 dólares mais rico ou numa encrenca que nem queria pensar.

A criatura tinha percorrido duas vezes a largura e o comprimento do objeto estranho. As vibrações sonoras tinham cessado, e não havia mais nenhum sinal vindo da presa.

Seus olhos registravam a luz fraca que vinha de cima. Ali a água fria misturava-se com a mais quente, por isso ela se afastou da sensação estranha e começou a descer para a escuridão.

Então percebeu movimento outra vez, alguma coisa se aproximava e o som indicava uma forma de vida.

A criatura voltou para o objeto estranho no fundo e o corpo enorme parou no escuro, à espera.

À medida que o movimento se aproximava e o som raspante de coisas vivas respirando ficava mais forte, a cor da criatura ia mudando.

***

Scott desceu pelo cabo da âncora, uma das mãos depois da outra, a câmara de vídeo presa no cinto de chumbo, descendo atrás dele. Estava no meio do nada, com pouca luz, rodeado de azul. Parou para verificar seu marcador de ar — 2.500 libras, muito ainda — e o marcador de profundidade — 36 metros. Não via navio algum, nem o fundo.

Era uma sensação fantasmagórica, de solidão, mas não assustadora, pois tinha o consolo da tensão no cabo da âncora. Havia *alguma* coisa lá embaixo, a âncora estava presa nela. Se fosse o navio, ótimo, se não fosse, bem... economizariam 2.000 dólares. Não sabia ainda como ia explicar para o pai os adiantamentos que ele e a irmã tinham retirado com os cartões de crédito.

Onde estava Susie?

Scott olhou para cima, para o cabo. Ela estava bem acima, segurando o cabo, a 15 ou 18 metros — com medo, talvez, ou com problemas nos ouvidos.

Scott não podia fazer nada. Enquanto ela estivesse acima dele, estava tudo bem. Coven podia tomar conta dela.

Limpou uma mancha de vapor da máscara, virou o corpo para baixo e desceu batendo os pés.

A 48 metros ele viu e quase parou de respirar. Era exatamente como Coven tinha dito — um navio fantasma enorme que parecia navegar na sua direção, muito além da imaginação. E, no fundo, a estibordo da proa, como um monstro ferido olhando sem ver, com seu olho de ciclope, a frente da locomotiva.

Fantástico!

Scott queria parar a descida por um momento para soltar a câmara de vídeo do cinto, ligar a luz e focalizar. Porém, por mais que batesse com força as nadadeiras e desse impulsão para cima, sentiu que continuava a descer. Estava com muito peso para aquela profundidade. A roupa de neoprene comprimida perdeu a capacidade de boiar e ele estava pesado demais, descendo muito depressa. Apertou o botão para injetar ar na roupa e mais uma vez sentiu-se neutro na água. Verificou o marcador de ar — 1.800 libras — e disse a si mesmo para controlar a respiração.

Apontou a câmara para a proa do navio, apertou o disparador e foi descendo aos poucos, bem devagar.

***

Fosse o que fosse, estava vivo, e era lento e desajeitado.

E estava se aproximando.

A criatura enrolou os tentáculos e fez vibrar a cauda e as nadadeiras e lentamente, muito lentamente, começou a sair do escuro, na direção da presa.

***

Scott desceu até a proa do navio. Estava ainda respirando muito depressa, ouvia as batidas do coração, mas não se importou. Aquilo era incrível! O tamanho daquele navio!

Enganchou as pernas em alguma coisa sólida para se firmar — era um toalete, pelo amor de Deus, bem ali no convés! — e encostou o visor da câmara na máscara, procurando encaixar tudo na moldura.

Seu mundo era agora um pequeno quadrado com uma luz verde no canto e alguns números na parte inferior.

Sentiu a mudança no ritmo da água à sua volta mas não se voltou para ver o que era. Devia ser uma mudança na corrente, ou talvez Susie chegando.

Viu um movimento vago na extremidade esquerda da câmara, mas pensou que era ilusão, provocada pela luz irregular.

Alguma coisa tocou nele. Com um movimento brusco, Scott voltou-se, mas tudo que viu foi uma mancha informe de cor púrpura.

Então, a coisa se enrolou no seu peito e começou a apertar.

Scott deixou cair a câmara, virou o corpo, mas aquela coisa continuava a apertar. Agora pontas aguçadas como facas feriam sua carne. Scott ouviu um estalo — suas costelas partindo-se como gravetos.

A última coisa que ele viu foi uma bolha de sangue.

***

Susie não via nada acima dela, nada abaixo. Lutava para se controlar, para não entrar em pânico. Por que Scott não tinha esperado por ela? Deviam descer juntos. Lucas tinha insistido e eles haviam concordado. Mas não, Scott tinha de

descer sozinho. Impaciente, egoísta como sempre.

Susie verificou o marcador de ar — 1.500 libras — e o de profundidade — 33 metros. Nunca ia conseguir. Estava ofegante e tinha a impressão de ver o ar desaparecer a cada respiração. Sentia-se encurralada, comprimida, aprisionada. Não podia nem chegar à superfície. Ia morrer!

Pare com isso! disse para si mesma. Tudo está bem. *Você* está bem.

Agarrou no cabo da âncora e fechou os olhos, procurando respirar lenta e profundamente. O oxigênio a alimentou, a cabeça ficou mais clara, o pânico desapareceu.

Abriu os olhos e examinou o ar outra vez — 1.450 libras.

Resolveu descer mais uns 15 metros no cabo. Talvez desse para ver o navio naufragado. Então, começaria a subir.

Sem largar o cabo, deixou o corpo descer. Trinta e oito metros, 40, 42, então... o que era aquilo? Alguma coisa se movia abaixo dela. Alguma coisa avançava para ela.

Tinha de ser Scott. Já tinha visto o navio, tinha filmado e estava voltando.

Ela nem chegou a ver. Teria de se contentar com a descrição de Scott — infinitamente repetida, inevitavelmente exagerada. Teria de aguentar suas gracinhas sobre o “mergulho para homens”, duro demais para mulheres.

Era uma pena, mas...

Aquela coisa que se movia, aquela coisa cor-de-púrpura, não era Scott, subindo para ela. Era tão grande, tão enorme que não podia estar viva. Mas o que era? O que podia...

Sua última sensação foi de surpresa.

***

Lucas consultou o relógio: 10:59 h. Era bom que estivessem de volta nos próximos 60 segundos. Do contrário ele teria de usar o rádio para perguntar onde ficava a câmara de descompressão mais próxima. Porque os dois iam estar torcidos como parafusos.

A não ser que nem tivessem chegado lá, que tivessem se apavorado e parado a uns 45 metros, de onde podiam ver o navio. Acontecia muito. Grandes navios no fundo do mar apavoram muita gente.

Era isso, tinha de ser. Chegaram no meio do caminho e resolveram que era demais para eles. Estavam a 40 ou 45 metros. Podiam ficar mais cinco minutos.

11:02 h.

Lucas inclinou-se na amurada da proa, protegeu os olhos do sol com a mão em pala e examinou com atenção o cabo da âncora, procurando ver algum sinal daquelas roupas coloridas de mergulho.

Ouviu um ruído na popa. *Jesus!* Os idiotas tinham subido longe do cabo da âncora, provavelmente ficaram sem ar e “voaram” para a superfície. Fique feliz se um deles não tiver uma embolia.

Ou talvez tivessem feito a descompressão a três ou seis metros e subiram sob o casco do barco. Certo. Fazia sentido.

Mas por que ele não os tinha visto? A água estava clara como gim.

Lucas caminhou para a popa. O ruído continuava, um barulho estranho, molhado, de sucção.

Agora, sentiu um cheiro estranho.

Amoníaco. *Amoníaco!* Aqui?

Quando passava ao lado da cabine, o barco adernou bruscamente para estibordo.

Cristo! O que era aquilo?

Ouviu a madeira rachando e partindo.

O barco estava perigosamente inclinado agora, ele mal conseguia se firmar de pé. Saltou para o *cockpit.* O cabrestante tinha desaparecido, arrancado e atirado a quase um metro do convés.

Lucas olhou por cima da amurada, e o que ele viu o deixou gelado e sem ar. Era um olho, um olho do tamanho da lua, maior talvez, num campo de limo pegajoso e tremulante, vermelho como sangue.

Ele gritou — não palavras, apenas ruídos — e preparou-se para. fugir do

olho. Desviou para a direita, deu um passo, mas o barco balançou outra vez e ele foi atirado para trás. Seus joelhos bateram na amurada, seus braços agitaram-se no ar e ele caiu na água.

13

Marcus Sharp verificou o marcador de combustível e viu que teria de voltar para a base dentro de 15 ou 20 minutos.

Estava voando há umas duas horas, ostensivamente em patrulha, de treinamento de rotina, na verdade procurando navios naufragados. Depois de dar a volta à ilha, tinha voado sobre os recifes no norte e noroeste, atento a qualquer sinal de pilhas de lastros. Viu os navios conhecidos, o *Cristóbal Colón* e o *Caraquet*, mas nada de novo.

Esperava encontrar um navio naufragado virgem para Whip, de preferência um navio espanhol do fim do século XVI, cheio de barras e cordões de ouro, intocado, para reabastecer as reservas de entusiasmo, de esperança e de dinheiro de Whip que se esgotavam rapidamente.

Sharp sentia-se culpado, porque praticamente havia prometido a Whip que ele podia ficar, com o bote salva-vidas.

Depois, soube que fora confiscado pela polícia por ordem daquele merda de St. John metido a importante.

E *foi* por culpa de Sharp, pelo menos em parte, porque — como disse o Capitão Wallingford com seu ar mais condescendente — Sharp não tinha autoridade para encarregar Whip Darling de qualquer missão, muito menos entregar a ele o que podia ser uma prova importante. A lógica da defesa de Sharp não impressionou o Capitão Wallingford, que o submeteu a um sermão de meia hora sobre o comportamento apropriado dos americanos das forças armadas servindo em países estrangeiros.

Sharp agora voava sobre a Praia Sul, ao largo de Elbow Beach. Via dezenas de pessoas brincando nas ondas, e alguns mergulhadores com *snorkéls* explorando os destroços do *Pollockshields.*

Há muitas gerações o *Pollockshields* era uma ameaça. Um navio a vapor carregado com munição da Primeira Guerra naufragou nos recifes rasos, em 1915. Embora grande parte da munição estivesse ainda ativa, isso não era problema. O problema era o ferro. Mergulhadores com *snorkels* vinham da Elbow Beach, nadavam em volta dos restos do navio, eram apanhados pelas ondas que quebravam sobre eles e às vezes atirados contra as afiadas pontas de ferro. Com cortes profundos e sangrando, tinham de nadar centenas de metros

até a praia, nas águas rasas, calmas e nubladas, que eram o campo de caça dos tubarões dos recifes — ou melhor, que tinham sido no passado.

A 1.500 metros de altitude, Sharp circulou lentamente sobre, os nadadores com *snorkéls*, não viu nenhuma sombra indicadora de tubarões e, inclinando o helicóptero, rumou para oeste.

Whip tinha dito que o amigo de um amigo, examinando os Arquivos das Índias, em Sevilha, à procura de detalhes sobre uma frota espanhola naufragada ao largo da Dominica, em 1567, encontrou uma referência — quase um parêntese — sobre o fato de um dos navios ter-se separado dos outros no começo da viagem e naufragado no lado sul das Bermudas.

Procurar aquela ovelha desgarrada era um tiro no escuro, mas que diabo... não tinha nada melhor para fazer.

O copiloto de Sharp, o subtenente Forester, terminou de ler a revista *People* e disse:

— Estou, louco para urinar.

— Quase em casa — disse Sharp.

Ia desistir, ganhar altitude e voltar para nordeste, quando a voz soou no seu rádio.

— Huey Um... Kindley...

— Pode falar, Kindley...

— Que tal uma patrulha de superfície, tenente?

— Se não demorar mais de dez minutos. Ou vai estourar alguma coisa dentro de Forester e voltaremos para casa a nado. O que há?

— Uma mulher telefonou para a polícia e disse que viu um barco ser feito em pedaços, a uma milha ao sul de Southwest Breaker.

— Feito em pedaços? O que ela quer dizer, explodir?

— Não, e aí vem a parte mais estranha. Ela disse que estava olhando pelo telescópio à procura de baleias corcundas — às vezes ela as vê da sua casa — e viu o barco pesqueiro, 35 ou 40 pés, diz ela, apenas... ser estraçalhado. Sem fogo, sem fumaça, nada. Simplesmente se desmanchou.

— Claro... um pouco difícil. O.K., vou dar uma olhada — disse Sharp.

— Fica mesmo no caminho de casa.

Levou o manche para a esquerda e o helicóptero virou para o sul.

Forester disse:

— Vê se se apressa, senão vou mijar nas calças.

— Segure e estrangule — disse Sharp. — É uma ordem. Sharp deixou Southwest Breaker à direita, ficando com o sol quase a pino sobre o aparelho, um pouco atrás para não ofuscar a água. Ele enxergava perfeitamente o mar.

Mas não havia nada para ver.

Voou para o sul durante alguns minutos, depois virou para sudeste. Nada. Nada boiando, nada oscilando nas ondas, nada quebrando o deslizar das marolas azuis.

— Kindley... Huey Um... — disse Sharp, no rádio.

— Tenho de voltar. Nada lá embaixo.

— Volte para casa, Huey Um. Provavelmente não tem importância.

Sharp virou para leste.

— Veja! — Forester bateu com os dedos no *plexiglas* do seu lado, apontando para baixo.

Sharp inclinou o aparelho para a esquerda e olhou. Viu duas defensas brancas de borracha, depois alguns paineiros e, meio submerso, como um cobertor branco coberto pela névoa azul, todo o teto da cabine de um barco.

— Não posso parar agora — disse Sharp — , senão vamos ficar lá no fundo com ele.

Plotou o curso em 040, direto para a base.

Acabava de cruzar a linha dos recifes e estava quase sobre a terra quando olhou para a direita e viu o *Privateer* navegando devagar ao longo da costa.

Vá para casa, pensou ele, não faça isso. Não precisa dar a Wallingford outra desculpa para te censurar outra vez.

Então pensou, Wallingford que se dane. Sharp já tinha sido censurado por alguns dos grandes e Wallingford era decididamente arraia miúda. O que mais podiam fazer, transformá-lo em Mastro de Capitão? E daí? Ele estava formulando novas prioridades, e a marinha descia cada vez mais na sua lista.

Apertou o botão *falar* no microfone e disse:

— *Privateer... Privateer... Privateer...* Aqui Huey Urti...

***

Darling estava na cabine de comando tomando uma xícara de chá e calculando por quanto podia vender sua garrafa Masonic — era uma garrafa rara, com 170 anos de idade — quando ouviu a chamada no Canal 16.

Apanhou o microfone.

— *Privateer...* vá para 27, Marcus.

— Passando para 27...

— Mais besteira? — disse Mike.

— Não foi culpa dele o negócio do bote — disse Darling.

— Ele queria nos fazer um favor.

— *Privateer...* Huey Um... — disse Sharp. — Whip, há um barco naufragado mais ou menos a duas milhas à sua frente, digamos, dois-três-zero de onde você está. Uma milha e meia distante da praia.

— Naufragado como?

Não sei. Há destroços sob a água e na superfície. Não tenho combustível para procurar sobreviventes. A lancha da polícia provavelmente está a caminho, mas você está mais perto.

— Entendido, Marcus. Vou verificar. — Darling estendeu o mão para guardar o microfone, mas, num assomo de camaradagem, apertou o botão outra vez e disse: — Ei, Marcus... provavelmente vou sair neste fim de semana, se estiver interessado.

Com alívio na voz, Sharp respondeu:

— *Se estou...* quero dizer, se não me mandarem limpar as latrinas.

***

Darling pôs o microfone no gancho, sintonizou o rádio outra vez no Canal 16 e

disse para Mike:

— Está vendo? Você faz um favor a um amigo e eles castigam. Uma droga.

Acelerou o motor e viu o ponteiro do tacômetro subir de 1.500 rpm para 2.000.

— Por que a marinha se meteu no caso de Marcus? — perguntou Mike.

— Pense um pouco! Porque o duque de merda St. John se meteu no deles.

Ultimamente Darling se enfurecia com tanta frequência que começava a se preocupar. Precisava ter cuidado para não passar da conta, para não ficar paranoico.

Ele e Mike tinham devolvido o equipamento avariado para o aquário, explicando o pouco que sabiam sobre o acontecido. Darling começou a dizer quais os aperfeiçoamentos que devia ter o novo equipamento quando o assistente do diretor — um negro nervoso e magro, com cavanhaque Vandyke que, na opinião de Darling, servia para disfarçar uma personalidade fraca — disse:

— Temo que não.

— Não o quê?

— Nós vamos... ah... terminar o acordo com você.

— *O quê?* Por quê?

— Bem, isto era... ah... — Não olhava para Darling. — Equipamento muito caro... afinal.

— Tubarões são animais grandes... *afinal*... Jesus, Milton, se querem que eu deixe o equipamento a três metros de profundidade, tudo bem, nada vai tocar nele. Mas, se querem que desça até onde está a ação, para talvez apanhar alguma coisa interessante, temos de correr certos riscos. Essa é a questão.

— Sim, mas... Infelizmente está resolvido.

— Quem vai apanhar as criaturas para vocês?

— Bem. .. ainda não decidimos.

Darling respirou fundo e fechou os olhos tentando controlar a raiva — e o medo, tinha de admitir — vendo 800 dólares por mês desaparecerem no ar.

— É St. John, não é?...

Milton olhou para o telefone, como que implorando para ele tocar.

— Eu não...

— Divisão da vida selvagem. Ele resolveu que a divisão vai ficar com o aquário também... certo?

— Está tirando conclusões...

— Ele vai ficar com meus 800 dólares mensais e sair por aí com uma rede e uma caixa de cerveja, e quando não voltar com merda nenhuma, vai pôr a culpa nas manchas de óleo da Califórnia. — Darling estava certo e sabia disso.

Milton estava suando e seus olhos pulavam de um lado para o outro.

— Pelo amor de Deus, Whip...

— Tem razão, Milton, estou reagindo exageradamente. — Foi até a porta e a abriu. Mike estava lá fora, conversando com uma tartaruga tão velha que todos diziam que era um presente da Rainha Vitória para as Bermudas. — Mas quer saber de uma coisa? Sinto pena de você. Posso não ganhar muito dinheiro agora, mas pelo menos não preciso beijar o traseiro daquele lagarto irlandês para ganhar a vida.

Darling estava convencido de que St. John o considerava uma ameaça ao seu poder, um rebelde contra a construção do seu pequeno império. St. John queria arruinar Darling completamente... ou destruí-lo.

E o que mais o deixava furioso, o que o corroía por dentro era o fato — mais evidente a cada dia — de que St. John estava conseguindo. Ele tinha todas as armas.

***

— Lá está — disse Mike, apontando para um pedaço de madeira de um metro por um metro e meio e um pedaço de carpete, tipo interior-exterior, pregado nela e duas correntes curtas dependuradas.

— A escada externa — disse Darling. — Traga para bordo.

Mike saiu para o convés, apanhou o croque e foi para a popa, enquanto Darling subia para o *flying bridge*.

Lá de cima, a três metros e meio da superfície, podia ver os destroços por toda parte, alguns a 30 centímetros de profundidade, outros subindo e descendo com as marolas. Viu defensas, tábuas, almofadas, coletes salva-vidas.

A água estava cheia de arco-íris, listras do óleo saído do motor quando o barco afundou.

— Traga tudo para bordo — disse para Mike.

Durante uma hora ele navegou lentamente entre os destroços, enquanto Mike apanhava peça por peça e jogava no *cockpit.*

— Quer aquilo também? — perguntou Mike, apontando para um retângulo branco de madeira, com três metros e meio de largura por quatro e meio de comprimento, a uns 30 ou 60 centímetros da superfície.

— Não, aquilo é o teto — disse Darling, do *flying bridge.* Então teve uma ideia e disse: — Espere um pouco. — Pôs o motor em ponto morto, deixando o barco ao sabor da água e desceu para o convés. Apanhou um arpéu de quatro dentes, amarrado a seis metros de cabo e o atirou para o pedaço de madeira. Deixou descer até chegar na borda mais distante e puxou, tirando da água um dos cantos da capota.

— É o barco de Lucas Coven — disse ele, soltando a madeira e recolhendo o gancho.

— Como você sabe?

— Eu o vi pintando o barco na primavera. Estava fazendo a parte interior da cabine toda em verde, parecendo diarreia de criança. Disse que tinha comprado a tinta numa liquidação.

— Que diabo ele estava fazendo aqui?

— Você conhece o Lucas — disse Darling. — Provavelmente tinha algum plano idiota para ganhar rapidamente alguns dólares.

Conheciam Lucas Coven há mais de 20 anos e sempre acharam que ele sofria de um caso grave de “quases”. Tudo que Coven fazia, quase dava para ele viver daquilo, mas ficava só no quase. Ele tinha material para armadilhas suficiente para pagar todas as despesas e quando as armadilhas foram proibidas, Coven não sabia fazer mais nada. Era capaz de qualquer coisa por alguns dólares — carregar água, pintar casas, construir píeres — mas nunca fazia a mesma coisa por muito tempo para poder viver dela.

— Como a gente faz alguns dólares por aqui? Não tem nada.

— Não — concordou Darling. — Nada, a não ser o *Durham.*

— Ninguém mergulha no *Durham*... ninguém com juízo.

— Acertou outra vez. Vamos dar uma olhada. — Darling apanhou uma defensa de borracha. Nenhuma marca, nenhum arranhão, nenhuma queimadura.

— Ele tinha um motor GM, não tinha? — disse Mike.

— Isso mesmo. Seis-setenta-um.

— Então não foi o motor que explodiu. Fogão a gás de petróleo?

— Talvez. Mas, Cristo, iam ouvir a explosão até St. George. — Darling apanhou um pedaço de madeira com uma cabeça de parafuso enfiada.

— Então, o que foi que explodiu o barco? Ele levava explosivos?

Darling disse:

— Nada explodiu o barco. Veja isto. Nem está chamuscado, nenhum sinal de fumaça, nenhuma desintegração como a gente vê nas explosões. — Cheirou a madeira. — Nenhum cheiro. Daria para sentir se tivesse havido incêndio. — Jogou a madeira no convés. — Ele foi atirado para cima... de algum modo.

— Mas o que fez isso? Não tem nada aqui para bater com o barco.

— Não sei. Baleias assassinas? Era um barco de madeira. Baleias assassinas podem partir um barco de madeira.

— Baleias assassinas? À distância de um grito da praia?

— Então, *você* dá a ideia. — Lá vinha aquela fúria outra vez. Mike sempre queria respostas, e aparentemente Whip cada vez tinha menos para dar. — O que mais? OVNIs? Marcianos? A maldita Fada dos Dentes?

— Ei, Whip... — disse Mike.

Furioso consigo mesmo, Darling disse:

— Merda! — e chutou um colete salva-vidas, que teria ido parar dentro d’água se Mike não o apanhasse em tempo.

Mike ia jogar o colete no convés quando notou alguma coisa nele.

— O que é isto?

Darling olhou. O pano cor-de-laranja que cobria o colete estava rasgado, deixando à mostra o material flutuante interno. Havia duas marcas nele, círculos com mais ou menos seis polegadas de diâmetro. A borda de cada círculo estava esgarçada, como que cortada por um instrumento raspante, e no centro havia um corte profundo.

— Meu Deus! — disse Darling. — Parece um polvo.

— Claro — Mike achou que Whip estava brincando. Um polvo? — Um maldito polvo do tamanho de uma baleia — disse. — Além disso, você já viu um polvo com dentes nas ventosas?

— Não. — Mike tinha razão. As ventosas dos tentáculos de um polvo eram macias, flexíveis. Um homem podia desenrolá-las facilmente do seu braço como se estivesse tirando uma atadura.

Mas então, o que era? Um animal, não havia dúvida. Aquele barco não tinha explodido, não bateu em nada, não tinha se desintegrado por um golpe de mágica. Encontrou alguma coisa e foi destruído.

Darling jogou o colete no convés e chutou alguns pedaços de madeira para o lado, desimpedindo o caminho para a proa. Uma das tábuas bateu no aço da amurada e, quando caiu, um objeto se desprendeu dela e rolou no convés com um estalido.

Era uma garra, como a outra, em forma de meia-lua, com quatro centímetros de comprimento e afiada como navalha.

Whip olhou para fora do barco, para a água parada. Mas não estava realmente parada, estava viva, e, como para fazer com que ele lembrasse disso, mandou uma suave marola que ergueu um pouco o barco.

Quando o barco voltou à posição normal, alguma coisa flutuou, saindo debaixo do casco. Borracha azul com listras amarelas dos dois lados.

Um capuz de roupa de mergulho.

Darling apanhou o croque e, inclinando-se sobre a amurada, apanhou o capuz. Ele subiu como uma xícara, cheio d’água, e dentro da água, dois peixinhos com listras negras e amarelas. Sargentos. Estavam comendo alguma coisa.

Darling segurou o capuz e sentiu um cheiro forte e acre, como amoníaco.

Seu corpo fazia sombra sobre o capuz. Whip o virou para o sol

iluminando o interior escuro.

O que os peixes estavam comendo parecia uma enorme bola de gude.

Mike aproximou-se e olhou por sobre o ombro de Darling. — O que você... Cristo santíssimo! — Mike exclamou. — Isso é humano?

É — disse Darling, e recuou para que Mike pudesse vomitar à vontade no mar.

14

A mulher ficou olhando no telescópio até sentir dor de cabeça e sua visão começar a embaçar. Viu o helicóptero da marinha sair e voltar, e viu Whip Darling chegar naquele decrépito *Privateer.* Mas onde estava a polícia? Tinha cumprido seu dever cívico, informando o que viu. O mínimo que a polícia podia fazer era verificar.

Agora, parecia que alguém estava vomitando para fora do barco. Provavelmente de ressaca. Os pescadores eram todos iguais, pescavam o dia inteiro e bebiam a noite toda.

Se a polícia não ia fazer nada, talvez fosse melhor telefonar para o jornal. Às vezes os repórteres eram mais diligentes do que a polícia. Só não tinha telefonado antes porque temia que uma baleia corcunda fosse responsável pelo naufrágio — por acidente, é claro — e um repórter ignorante podia começar a dizer mentiras sobre as baleias. Mas depois de olhar e olhar, ela não viu baleia nenhuma, nenhum chafariz, nenhuma cauda no ar, portanto, talvez fosse seguro telefonar para o jornal.

***

O repórter olhou para a luz que piscava no seu telefone e apanhou apressadamente o bloco de notas na gaveta, abençoando sua boa sorte. Há uma hora tentava encontrar aquela mulher, desde que ouviu a primeira informação no rádio da sala de imprensa da polícia, mas o Rádio do Porto não quis revelar o nome dela.

Essa história podia ser seu passe para fora das trincheiras, seu passaporte para o topo da escada. Há três anos ele escrevia sobre assuntos tediosos, como a controvérsia sobre as armadilhas de pesca e o aumento das taxas portuárias, e começava a perder a esperança de sair daquela rocha esquecida por Deus. O problema com as Bermudas era que nada acontecia, pelo menos nada que interessasse às agências de notícias, às revistas ou às cadeias de televisão.

Mas isso era diferente. Mortes no mar, especialmente mortes em circunstâncias misteriosas, eram dinamite. Se ele pudesse escrever sobre o mistério, com um leve toque do Triângulo das Bermudas, talvez chamasse a atenção da AP ou do *Plain Dealer* de Cleveland, ou, sonho dos sonhos, do *New*

York Times.

Já tinha desistido da mulher e estava saindo para Somerset, a fim de esperar a chegada de Darling, quando a telefonista anunciou a ligação.

Ele apertou o botão luminoso e disse:

— Brendan Eve, Sra. Outerbridge. Muito obrigado por telefonar.

Ouviu por alguns minutos e depois disse:

— Tem certeza de que não explodiu?

Ela começou a falar outra vez e ele escutou. Meu Deus, como a mulher falava! Quando ela terminou, Brendan percebeu que tinha usado quatro folhas do bloco de notas. Podia escrever um tratado sobre as baleias corcundas.

Mas havia algumas pepitas de valor no monólogo da mulher. Brendan notou que tinha escrito, uma frase várias vezes, e a sublinhou: “monstro marinho”.

SEGUNDA PARTE

15

O Dr. Herbert Talley curvou os ombros e protegeu o rosto do vento, um nordeste ululante que trazia água salgada do oceano, misturada com a chuva, criando uma garoa salobra que queimava as folhas das árvores. Pisou numa poça e sentiu a água gelada entrando nos sapatos e escorrendo entre os dedos dos pés.

Parecia inverno. A única diferença entre o verão e o inverno na Nova Escócia era que no inverno todas as folhas desapareciam, levadas pelo vento.

Atravessou a praça, parou no Commons para apanhar a correspondência e subiu a escada do seu pequeno escritório. Estava sem fôlego por causa do esforço, o que o aborrecia, mas não surpreendia. Não estava fazendo *nenhum* exercício. O tempo andava tão ruim ultimamente que não dava para nadar nem correr. Ele se orgulhava dos seus jovens 50 anos, mas começava a sentir os velhos 51.

Prometeu a si mesmo recomeçar os exercícios no dia seguinte, nem que fosse no meio de um furacão. Precisava. Relaxar o cuidado do corpo era admitir a derrota, aceitar a perda dos seus sonhos, resignar-se à carreira de professor. Muitos podiam dizer que a academia era o cemitério da ciência, mas Herbert Talley não estava preparado para ser enterrado ainda.

Dias como esse não ajudavam. Só seis alunos tinham aparecido na aula sobre cefalópodes, seis estudantes semicomatosos do curso de verão, desajustados, que só receberiam o diploma se fizessem seus créditos em ciência. Ele fez o impossível para transmitir a eles seu entusiasmo. O Dr. Herbert Talley era um dos maiores especialistas em cefalópodes, e achava incrível que os alunos não compartilhassem sua apreciação dos maravilhosos cabeças-pés. Talvez a culpa fosse sua. Era um professor impaciente, que preferia mostrar a ensinar, fazer a contar. Nas viagens de estudo de campo e expedições ele era um mago. Mas não faziam mais expedições, não com a economia do mundo ocidental a ponto de implodir.

O escritório de Talley tinha espaço para a mesa, a cadeira de braços e a lâmpada de leitura, uma estante de livros e a mesa do rádio. Uma das paredes era tomada pelo mapa do mundo, da *National Geographic*, cheio de alfinetes com cabeças coloridas, representando eventos da malacologia, expedições que ele estava acompanhando, escavações onde foram encontradas espécies raras, depredações provocadas pela poluição e calamidades cíclicas, como marés

vermelhas e algas venenosas, que podiam ser naturais ou criadas pelo homem. Nas outras paredes estavam seus diplomas emoldurados, prêmios, citações e fotografias das celebridades do seu campo de estudo: polvos e lulas, ostras e mariscos e conchas e cauris e náutilos com câmaras.

Talley dependurou o chapéu na porta, ligou o rádio, ligou a chaleira elétrica para fazer chá e sentou-se com o *Boston Globe* recebido por via aérea, o único jornal a que tinha acesso, que não tratava só de pesca e pequenos crimes.

Não havia nenhuma notícia, pelo menos nada que pudesse interessar um malacologista de meia-idade, isolado nos confins da Nova Escócia. Tudo estava mais ou menos na mesma.

Acalentado pela interpretação primorosa de Bruno Walter da Sexta Sinfonia de Beethoven, pelo tamborilar da chuva e o murmúrio do vento, aquecido pelo chá, Talley esforçava-se para ficar acordado.

De repente, abriu os olhos. Uma frase — uma frase no meio de milhares de palavras na página enorme no seu colo — invadiu sua sonolência, imprimindo-se em sua mente. Ela o acordou como um despertador.

Monstro marinho.

Do que se tratava? Que monstro marinho?

Examinou a página, não encontrou, procurou em cada coluna, de cima até embaixo, e então... lá estava, um pequeno item no fim da página, uma notícia para encher espaço, o que chamavam de “calhau”.

TRÊS MORREM NO MAR

Bermudas (AP) — Três pessoas morreram ontem quando o barco em que estavam afundou, por causas desconhecidas, ao largo da praia desta colônia no oceano Atlântico. Duas das vítimas eram os filhos do magnata da mídia, Osborn Manning.

Não havia nenhuma evidência de explosão ou de fogo, e alguns residentes locais sugeriram que o barco foi atingido por um relâmpago, embora não se tenha notícia de nenhuma tempestade elétrica na área.

Outros, lembrando os mistérios do Triângulo das Bermudas, acham que foi obra de um monstro. As únicas pistas encontradas pela polícia foram marcas estranhas nas tábuas do barco e um cheiro de amoníaco em alguns destroços.

Talley prendeu a respiração. Releu a notícia, uma e outra vez. Levantou

e foi até o mapa na parede. As cores dos alfinetes representavam um código. Então ele procurou os vermelhos. Havia apenas dois, ambos na Terra Nova, ambos marcados com datas de referência, do começo dos anos 60. Ao largo das Bermudas não havia nada.

Até agora.

Evidentemente, o repórter não sabia sobre o que estava escrevendo. Juntou os fatos num todo, sem perceber que, com isso, estava dando a chave para resolver o mistério.

Amoníaco. Amoníaco era a chave. Talley sentiu uma sensação de descoberta, como se tivesse tropeçado, de repente, numa nova espécie.

Porém, esta espécie não era nova, era a velha Nêmesis de Talley, a presa constantemente perseguida, uma criatura a cuja procura havia dedicado grande parte da sua vida profissional, uma criatura sobre a qual tinha escrito livros.

Rasgou a notícia do jornal e leu outra vez. “Pode ser?” disse em voz alta. “Deus poderoso, faça com que seja. Depois de todos estes anos. É, já está na hora.”

Era verdade, tinha de ser. Não podia ser mais nada. E estava só a 1.600 quilômetros, umas duas horas de avião, esperando por ele.

Porém, com a mesma rapidez com que se entusiasmou, Talley se entristeceu. Precisava ir às Bermudas. Mas como?

Precisava organizar a procura, uma procura científica, mas como ia pagar tudo isso? A universidade não estava patrocinando nada ultimamente, as doações tinham desaparecido. Talley não tinha dinheiro e não tinha família para pedir emprestado.

Viu a si mesmo como um alpinista, com o pico das suas aspirações aparecendo de repente numa abertura das nuvens. Precisava lutar para alcançá-lo, e era o que ia fazer.

Precisava. Se perdesse essa oportunidade, estaria reconhecendo que era a mais desprezível das fraudes acadêmicas, um recitador de dados colhidos por outros, um coletor das teorias alheias.

A solução era muito simples, dinheiro, o mundo estava cheio de dinheiro. Como podia conseguir um pouco?

O rádio tocava os acordes de uma música que ele conhecia mas não

lembrava o nome, uma melodia ritmada, uma canção, obcecante e tristonha mas ao mesmo tempo cheia de esperança. O que era mesmo? O branco na memória o preocupou, por isso tirou da mente os pensamentos sobre dinheiro e concentrou-se em descobrir o nome da música.

A canção terminou, houve uma pausa, e então começou outra — também conhecida, também esperançosa — e Talley sabia o que era: *Kinderíotenlieder,* de Mahler, o ciclo musical sobre a morte de filhos pequenos. Que ironia, pensou Talley, que de uma das mais dolorosas tragédias pudesse nascer uma maravilhosa obra-de-arte. Só um gigante espiritual podia criar beleza cantando a morte de crianças.

Filhos...

Talley parou de respirar.

Ali estava. A sua resposta.

Tirou o recorte de jornal do bolso e o alisou sobre a mesa. Manning, leu... “magnata da mídia, Osborn Manning”.

Apanhou o telefone e ligou para o setor de informações da cidade de Nova York.

***

No seu escritório, Osborn Manning tentava prestar atenção ao relatório de um dos seus vice-presidentes. As notícias eram boas. Com a economia do país à beira do abismo, ninguém estava disposto a pagar sete dólares para assistir a um filme, ou 50 para ir ao teatro, ninguém mais passeava de carro aos domingos, nem visitava os parques de diversões. Todos preferiam divertimentos mais baratos, o seu divertimento, a televisão a cabo. As assinaturas chegavam de todo o país e seu grupo tinha comprado meia dúzia de *franchises* a bom preço, de operadores que não conseguiam pagar seus débitos aos bancos. Manning não devia nada aos bancos. Sentiu que a crise estava chegando e concluiu que, nos anos 90, o dinheiro vivo seria rei. Vendeu a maior parte das suas companhias subsidiárias, em fins de 88, na alta do mercado, e agora tinha mais dinheiro do que muitas dás novas nações do mundo.

E daí? O dinheiro ia trazer seus filhos de volta? O dinheiro ia curar sua mulher? Manning só soube o quanto a família significava para ele quando a perdeu. O dinheiro podia restaurar uma família?

Dinheiro não podia sequer trazer vingança, e a vingança era uma coisa que ele desejava, como se pudesse ajudá-lo a expiar o pecado de ter sido um pai distante, quase completamente ausente. Bem no seu íntimo, ele queria que os filhos tivessem sido assassinados por um viciado qualquer. Então, ele podia matar o viciado com as próprias mãos, ou contratar alguém para fazer o serviço.

Mas não podia nem se dar ao luxo de imaginar a vingança, pois não sabia o que tinha matado seus filhos. Ninguém sabia. Um acidente estranho. Sentimos muito. A dor corroía seu estômago, um espasmo desceu de trás das costelas para o estômago. Talvez o começo de uma úlcera. Ótimo, pensou Manning. Ele merecia.

Atirou o relatório sobre a mesa, recostou na cadeira e olhou pela janela, para o Central Park. O sol do fim do dia refletia-se, amarelo, nas janelas da Quinta Avenida. Era uma vista que ele amava, ou melhor, que amava antes. Nada importava agora.

O interfone tocou sobre a mesa. Ele girou a cadeira, apertou o botão e disse:

— Que droga, Helen, eu disse que...

— Sr. Manning... é sobre as crianças.

— O que sobre as crianças? — E então, para ver como as palavras ficavam em sua boca ele disse: — Elas estão mortas.

Fez-se uma pausa e Manning viu, mentalmente, a secretária engolir em seco.

— Sim, senhor — disse ela. — Mas há um cientista canadense no telefone.

— Quem?

— Um homem que diz que sabe quem matou as crianças.

Manning ficou gelado de repente. Não conseguia falar.

— Sr. Manning...?

Estendeu o braço para apanhar o telefone e viu que sua mão tremia.

16

A mãe e o filhote descansaram na superfície do mar com os outros do pequeno bando, desde a descida do sol no céu do oeste e o aparecimento da lua, como uma lâmina pálida, no leste.

Era uma reunião diária, para satisfazer a necessidade de socialização. Em qualquer lugar que estivessem, por mais que se espalhassem durante o dia, quando a noite começava a cair, o bando se reunia, não para se alimentar, não para procriar, mas para sentir o conforto da comunidade.

Num passado muito distante, mas ainda na lembrança da mais velha entre elas, o bando era muito maior. Não faziam interrogações, pois aquelas baleias, que tinham os maiores cérebros do mundo, não questionavam, elas aceitavam. Aceitavam o número menor, aceitariam a diminuição futura, quando talvez fossem reduzidas a duas ou três.

Porém, aqueles cérebros sofisticados, únicos entre os animais, reconheciam a perda, conheciam a tristeza, e, a seu modo, sentiam. Assim, por mais que aceitassem, lamentavam também.

Agora, com a escuridão da noite, o bando dispersou. Uma a uma, duas a duas, ou em grupos de três, separaram-se lentamente, respirando pelo alto das cabeças, num coro de suspiros. Encheram de ar os pulmões enormes e mergulharam para a escuridão do mar. O instinto as conduzia para o norte, portanto para o norte elas iriam, até que, depois de alguns meses, a mudança nos ritmos do planeta as trouxesse de novo para o sul.

A mãe e o filhote mergulharam juntos. Até poucos meses atrás isso seria impossível. Quando o filhote era mais novo, seus pulmões não estavam ainda desenvolvidos e eram incapazes de aguentar o mergulho de uma hora nas profundezas. Mas agora estava com dois anos, tinha sete metros e meio de comprimento e pesava mais de 20 toneladas. Seus dentes inferiores eram cones pontudos, próprios para agarrar e morder. O filhote não mamava mais e alimentava-se agora de presa viva.

Mergulhando na água escura, dando impulso com movimentos vigorosos das caudas horizontais, emitiam pela testa curva os zunidos e estalidos dos impulsos de sonar que usavam para identificar a presa.

***

A criatura pairava no escuro, sem fazer nada, nada antecipando, nada temendo, deixando-se levar pela corrente. Os braços e os tentáculos flutuavam soltos, ondulando como serpentes, as nadadeiras quase não se moviam, mas a mantinham estável.

De repente foi atingida por um golpe, e outro, e o que passava por audição na criatura registrou um zunido agudo e penetrante. Seus braços recolheram-se, os tentáculos engatilharam.

O inimigo estava chegando.

***

O eco do sonar era inconfundível: a presa. A mãe deu impulso para a frente, com a cauda, acelerando, afastando-se do filhote, descendo mais para o fundo.

O filhote procurou acompanhá-la; e com o esforço — embora não tivesse ainda noção disso, não sentisse nenhuma urgência — estava consumindo oxigênio depressa demais.

Embora a presa já estivesse localizada e não fizesse nenhum esforço para escapar, o cérebro da mãe lançou mais mísseis de sonar, um depois do outro, pois tinha decidido que essa seria a primeira caçada real do filhote. A presa era grande e ela queria atordoá-la com marteladas do sonar, antes que o filhote pudesse atacá-la.

***

Atacada, a criatura retraiu-se. Gatilhos químicos foram disparados, alimentando a carne, galvanizando-a e desenhando listras luminescentes. Como em contraste com a exuberância do colorido, outros reflexos esvaziaram um saco no interior da cavidade do corpo, expelindo uma nuvem de tinta negra na água negra.

Golpes seguidos a atingiram, martelando a carne, confundindo o cérebro pequeno.

O impulso de defesa passou para impulso de ataque. A criatura voltou-se para lutar.

***

Quando a mãe estava quase sobre a presa, diminuiu a velocidade do arremesso, para permitir que o filhote se aproximasse e passasse por ela. Emitiu uma série final de marteladas de sonar e virou, começando a circular em volta da presa.

O filhote lançou-se para baixo, excitado com a perspectiva da caça, impulsionado por milhões de anos de instinto.

Abriu a boca.

***

A criatura sentiu a onda de pressão que a impeliu para trás. O inimigo estava sobre ela.

Atacou com os tentáculos, agitando-os às cegas, e, por fim, encontrou carne, sólida e escorregadia. Automaticamente os tentáculos a envolveram, apertando, as ventosas sugaram, os anzóis no centro enterraram-se nela.

Os músculos dos tentáculos se contraíram, levando o inimigo para a criatura e a criatura para o inimigo, como dois lutadores de boxe num corpo-a-corpo.

***

O filhote fechou a boca no... vazio. Ficou confuso. Alguma coisa estava errada. Sentiu pressão atrás da cabeça, confinando-o, impedindo seus movimentos.

Lutou, batendo com a cauda, contorcendo o corpo, na tentativa frenética de se livrar do que o prendia no fundo.

Seus pulmões começaram a enviar sinais de exaustão.

***

A mãe circulou alarmada, sentindo que o filhote corria perigo, mas incapaz de ajudá-lo. Ela conhecia a agressão, conhecia a defesa, mas na programação do seu cérebro não havia um código para responder à ameaça a outro animal, nem mesmo ao seu filhote. Ela emitiu ruídos — estridentes, desesperados, inúteis.

***

A criatura ficou parada, ancorada ao inimigo. O inimigo se debatia, e no movimento a criatura percebeu uma mudança no equilíbrio da luta. O inimigo não era mais o agressor, estava tentando escapar.

Embora ali no fundo, na ausência da luz, não houvesse cores, as substâncias químicas no corpo do animal mudaram sua composição de defesa para ataque.

Quanto mais o inimigo lutava para subir, mais a criatura absorvia água no próprio corpo e expelia pelo funil na parte posterior da barriga, forçando a si mesma e ao inimigo cada vez mais para o fundo do abismo.

***

O filhote estava se afogando. Privado de oxigênio, a musculatura dos seus tecidos aos poucos foi se fechando. Uma agonia desconhecida comprimiu seus pulmões. O cérebro começou a morrer.

Parou de lutar.

***

A criatura sentiu a imobilidade do inimigo e começou a descer. Embora segurasse ainda a carne, foi gradualmente diminuindo a tensão e deixou-se cair para baixo, com a presa, num lento movimento em espiral.

Os tentáculos arrancaram um pedaço de carne, que passaram para os braços, que, por sua vez o levaram à boca em forma de bico protuberante.

***

A mãe, nadando em círculos, acompanhou o filhote com seus *blips* de sonar. Enviou estalidos e assobios de pavor, um balido de desespero indefeso.

Finalmente, seus pulmões também ficaram exaustos e, com uma última manifestação sônica, deu impulso para cima, para o ar da vida.

17

Sentado na praia, Marcus Sharp desejou ser outra pessoa. Não lembrava da última vez que fora à praia, provavelmente quando Karen era viva. Não gostava muito de praias. Não gostava de sentar na areia, olhando a água, enquanto o sol tropical fritava sua pele. Um impulso impensado, nascido da frustração desesperada, o levou a montar na moto e viajar os 24 quilômetros, da base até Horseshoe Bay.

Era sábado, ele estava de folga e havia programado sair para mergulhar com Darling. Mas quando telefonou, às oito da manhã, Darling disse que ele e Mike iam raspar o barco o dia todo. Sharp se ofereceu para ajudar, mas Darling disse que não, eles iam trabalhar numa parte da popa que não tinha espaço para três pessoas.

Depois de ler durante uma hora, às 11 horas Sharp estava na loja de vídeo, olhando os títulos das fitas. Consultou o relógio e compreendeu, com uma sensação de náusea, que para passar o resto daquele sábado, teria de alugar não um, não dois, mas três filmes.

É essa a sua vida? Sharp perguntou a si mesmo. Escolher entre *National Lampoon's, Christmas Vacation* e *Olha quem está falando*? Isso é tudo que resta, a escolha entre passar o tempo com um adulto infantil ou com um bebê metido a esperto? O que Karen diría? Ela diría: Viva, Marcus. Assalte um banco, pilote um avião, corte as unhas dos pés, *qualquer* coisa. Mas, faça *alguma* coisa!

Sharp saiu da loja e procurou um jogo de tênis, mas todos os tenistas que conhecia estavam jogando futebol, um jogo de que ele não gostava. Era só técnica sem muito resultado. Sharp gostava de jogos com rápida e alta contagem de pontos. Telefonou para duas companhias de aluguel de barcos para mergulho. Todos os barcos já tinham saído. Ofereceu-se para pilotar um helicóptero. Não tinham nenhum disponível.

Então ele foi para a praia, levado talvez, pensou, pela vaga esperança de conhecer alguma jovem para conversar, talvez sair e dançar, mais tarde. Não que ele soubesse dançar, mas qualquer coisa era melhor do que ficar sentado no alojamento dos oficiais solteiros, assistindo a filmes antigos de *Cagney e Lacey.*

A praia foi um erro. Ali sentado, vendo as crianças que brincavam na água, casais passeando e famílias fazendo piquenique, Sharp sentiu-se mais só do que nunca, cada vez mais desanimado. Imaginou se existiriam clubes de

solteiros na ilha. Talvez fosse bom começar a beber e entrar para os Alcoólatras Anônimos, só pela companhia.

Viu alguma possibilidade em duas turistas americanas, bonitinhas e cheias de vida, com biquínis suficientemente indiscretos para despertar seu interesse, mas não o bastante para anunciar que elas estavam à procura de companhia masculina. Elas até pararam e falaram com ele. Por que, Sharp não tinha certeza, talvez porque ele parecia seguro. Trinta e poucos anos, evidentemente não um conquistador, com aquele bronzeado de trabalhador braçal — todo branco, menos os braços e o rosto. Uma delas tinha a pele clara e cabelos vermelhos, a outra era bronzeada e tinha cabelos negros.

Sharp queria conversar com elas. Sua mente estava repleta de assuntos interessantes — a marinha, helicópteros, navios naufragados, mergulho, as Bermudas. Mas há muito tempo não praticava aquele jogo e depois de responder às perguntas sobre restaurantes de preço módico em Hamilton, deixou que elas se afastassem. É claro que nos cinco minutos seguintes ele pensou em diversos estratagemas que podiam ter despertado a atenção das moças, e amaldiçoou a própria idiotice.

Se elas entrassem na água, teria uma segunda chance. Ele se aproximaria e, como diziam os nativos da ilha, puxaria uma boa conversa com elas.

Então pensou, por que me dar ao trabalho? De que adiantaria? Suas glândulas não estavam exigindo nada. Não sentia vontade de fazer coisa alguma.

E esse, irmão, concluiu Sharp, é o seu problema.

Olhou para a água e viu a uns 100 metros da praia um *wind-surfer* tentando valentemente apanhar uma lufada de vento para velejar pelo menos alguns centímetros. Mas não havia vento e tudo que ele conseguia era cair para trás, com a vela por cima.

Sharp imaginou qual seria a profundidade da água ali onde o homem estava. Fosse o que fosse que havia destruído aquele barco e desaparecido com os mergulhadores, vivia em águas profundas.

Sharp achou interessante o fato de não ter havido pânico, nem mesmo depois do jornal citar palavra por palavra todas as idiotices daquela mulher maluca sobre um monstro marinho. Estavam todos nadando, velejando, *wind-surfando.* Sharp era adolescente quando *Tubarão* foi passado em todo o país e lembrava-se ainda dos pais proibindo os filhos de molhar os pés, das praias interditadas e dos adultos que agiam racionalmente em tudo o mais, porém

recusavam-se a nadar onde não dava pé... nos lagos.

Talvez a falta de pânico fosse devido à falta de conhecimento. Ninguém sabia que tipo de coisa estava lá no fundo do mar, mas não era um tubarão e não era uma baleia, portanto não podia haver nem mesmo uma especulação digna de crédito. Sharp suspeitava que Whip devia ter alguma ideia a respeito, mas Whip não era homem de fazer adivinhações. Adivinhações, diria Whip, eram perda de tempo e de energia.

Sharp sentiu fome. Levantou-se e caminhou para a barraca dos sanduíches. Ia entrar no meio das árvores quando viu as duas americanas. Estavam prendendo os cabelos com elásticos. Viram que ele as observava, acenaram, correram para a água e começaram a nadar.

Muito bem, pensou ele, por que não... Esperaria que elas parassem de nadar e então nadaria até elas, pensando em alguma coisa interessante para dizer.

A uns 30 ou 40 metros da praia, as moças pararam na água e começaram a conversar e rir, uma de frente para a outra.

Sharp andou até a beirada da água. Uma das moças acenou e ele respondeu.

Ela acenou outra vez, com as duas mãos, e desapareceu, e agora a outra estava acenando também e chamando. Não, não chamando, percebeu Sharp, ela estava gritando.

— Oh, meu Deus! — disse ele. Correu para a água, mergulhou e começou a nadar. Sharp nadava velozmente, tirando a cabeça para respirar a cada três ou quatro braçadas.

Levantou a cabeça para se orientar. Estava quase lá. Viu a ruiva agitando os braços e gritando apavorada, e cada vez que erguia os braços ela afundava. A outra tentava aproximar-se dela, procurando passar por debaixo dos braços que rodavam freneticamente no ar, para segurá-la e acalmar aquela crise de histeria.

Sharp colocou-se atrás da ruiva, segurou os braços dela e inclinou-se para trás, batendo os pés para manter sua cabeça e a dela fora d’água. Procurou o tubarão, a barracuda, a água-viva. Procurou sangue.

— Você está segura — disse ele. — Está tudo bem. Acalme-se, está tudo bem.

Os gritos aos poucos transformaram-se em soluços.

— Você está ferida? O que aconteceu?

A outra moça disse:

— De repente ela começou a gritar e a agitar os braços.

Sharp sentiu o corpo da moça relaxar, soltou-a e pôs a mão sob as costas dela para ajudá-la a boiar.

— Alguma coisa... — ela disse.

— Mordeu você? — perguntou Sharp.

— ... horrível, pegajosa e grande...

— O quê, queimou você?

— Não, ela... — Girou o corpo e agarrou-se em Sharp, chorando e quase o levando para o fundo.

Sharp disse:

— Vamos para a praia. — Segurou um dos braços dela e fez sinal para a morena segurar o outro. Juntos, nadaram de lado, para a praia, com a moça no meio. Logo chegaram onde dava pé.

A ruiva disse:

— Estou bem. Eu só... foi... — Olhou para Sharp e, tentando sorrir, disse: — Obrigada.

— Volto num minuto — disse Sharp, e entrando outra vez na água começou a nadar de peito, lentamente, para o lugar de onde tinham vindo. Quando achou que estava no ponto certo, parou de nadar e girou o corpo, examinando a água. Não sabia o que procurava. Não existiam águas-vivas invisíveis nas Bermudas, nem vespas-do-mar. Além disso, a moça não estava ferida, só assustada. Havia medusas, mas eram fáceis de serem detectadas. As grandes bolhas arroxeadas flutuavam na superfície. Devia haver grandes águas-vivas inofensivas sob a superfície, mas ela as teria visto e pedaços delas teríam ficado grudados no seu corpo.

Sharp começou a voltar, nadando de peito, devagar e então sua mão tocou em alguma coisa. Ele ergueu o corpo brusçamente e recuou. Olhou para a água. A uns 30 centímetros da superfície viu uma coisa de cor creme, arredondada, mais ou menos do tamanho de uma melancia. Sharp tocou nela. Era pegajosa, áspera, esponjosa, parecia carne podre. Pôs a mão debaixo da

massa esbranquiçada. A parte inferior era dura e escorregadia. Levou-a para a superfície e assim que foi exposta ao ar, o fedor de matéria putrefata pareceu queimar o nariz e os olhos dele.

Não era carne, era gordura. Banha. De um branco rosado e arrancada de alguma coisa.

Sharp a virou nas mãos. A pele dos lados era azul bem escuro com arranhões recentes perto do centro, e havia também um círculo de uns dez centímetros de diâmetro, feito por alguma coisa cortante. No centro do círculo havia um único corte que atravessava a pele, chegando até a camada de gordura. Numa das bordas havia um meio círculo igual.

— Jesus Cristo... — disse Sharp.

Empurrando a coisa na sua frente, ele nadou para a praia.

Quando chegou, viu um grupo de crianças em volta de um objeto trazido pelo mar. Elas o espetavam com varas, umas empurrando as outras para o objeto na areia e dizendo “Que nojo!”. “Horrível!”

Sharp viu que era outro pedaço de gordura, menor, com dois semicírculos, um em cada extremidade.

O pai de uma das crianças aproximou-se e disse:

— Puxa vida! — e chamou: — Nelson, venha ver isto!

Sharp segurou a coisa longe do rosto. As moças estavam sentadas na areia, a ruiva enrolada numa toalha, o braço da outra nos seus ombros.

— Ela está bem — disse a jovem de cabelos negros, com um sorriso. — Nós queremos agradecer. Será que podemos... — A brisa leve levou até elas o fedor da coisa que Sharp segurava. — O que é *isso*?

— Preciso ir — disse Sharp. Apanhou sua toalha, enrolou com ela o pedaço de gordura, pôs os óculos escuros e foi direto para o estacionamento onde tinha deixado a moto..

18

Darling e Mike estavam ajoelhados no compartimento de popa do *Privateer*, lixando as asperezas em volta da tinta que acabavam de raspar. Usavam máscaras cirúrgicas para não respirar o pó da tinta e óculos de aviador para proteger os olhos.

Darling tinha aquele barco há seis anos e o casco estava bom ainda. Não havia nenhum vazamento sério, nem em volta da caixa de vedação, mas o compartimento guardava umidade e umidade mais ar salgado, com o tempo, podiam corroer qualquer coisa.

Darling estava de mau humor. Detestava raspar tinta, gostaria de deixar que o trabalho fosse feito no estaleiro quando o barco saísse da água, no outono. Mas o estaleiro estava cobrando 40 dólares por hora a mão-de-obra, e Darling começava a pensar que talvez nem pudesse erguer o barco para *ele* mesmo pintar o fundo do casco.

Sentiu o barco inclinar um pouco quando alguém subiu a bordo e ouviu passos no convés, acima de onde estavam. Olhou para cima e viu Sharp de pé ao lado do alçapão aberto.

— Oi, Marcus...

— Desculpe interromper.

— Não se desculpe. Eu receberia o próprio Lúcifer de braços abertos se ele viesse me tirar deste trabalho infame.

— Será que pode dar uma olhada numa coisa para mim?

— É claro. — Darling tirou a máscara e os óculos e subiu a escada para o convés.

Mike continuou lixando até Darling dizer:

— Venha ver, Michael. Não perca a oportunidade de uma folga.

Sharp pôs a coisa enrolada na toalha sobre a mesa no meio do barco e afastou-se dela para não sentir o cheiro.

Darling aproximou-se e o fedor o atingiu. Ele disse:

— Cristo, garoto! O que você tem aí? Alguma coisa morta?

— Muito — disse Sharp. E contou o que tinha acontecido em Horseshoe Bay.

Darling segurou a ponta da toalha enquanto Mike a retirava. Moscas materializadas do nada e duas gaivotas que estavam sentadas na água começaram a voar em círculos sobre o barco.

— Baleia — disse Mike.

Darling fez um gesto afirmativo.

— Filhote.

— Como é que vocês sabem? — perguntou Sharp.

— A gordura é fina, ainda-não cresceu, bastante. Veja como é rosada alguns centímetros abaixo da camada superior.

Mike disse:

— Cachalote?

— Na certa.

— Apanhada por uma hélice?

— Não — disse Sharp. — Veja a parte de baixo.

Com a ponta da faca, Darling virou o pedaço de gordura.

À luz do sol, o círculo de marcas brilhava como um colar, e carne podre escorria do corte no centro.

Mike e Darling trocaram um olhar, então Darling disse em voz baixa:

— Filho da mãe... — Entrou na cabine e voltou com a garra em meia-lua, cor-de-âmbar. Enfiou-a no corte na pele negro-azulada. Encaixou perfeitamente.

— Filho da mãe... — repetiu ele.

— O que é, Whip? — perguntou Sharp. — O que fez isto?

— Espero que não seja o que estou pensando — disse Darling.

— O quê?

Darling apontou para a gordura e disse para Mike:

— Jogue essa porcaria no mar, deixe que os peixes se fartem. — Então,

voltou-se para Sharp: — Venha comigo.

— Aonde?

— Preciso consultar um ou dois livros.

Quando estavam perto da sua casa, Darling viu o carro da filha parado na porta.

— Dana está aqui — disse ele. — Não sei por quê.

Era a primeira vez que Sharp entrava na casa de Darling e olhou rapidamente em volta. Era uma casa clássica das Bermudas, do século XVIII, construída como um navio de cabeça para baixo. Juntas fortes de madeira sustentavam o teto. Vigas de dez por dez reforçavam as paredes. Os armários, as arcas, mesas e o assoalho eram de tábuas largas de cedro das Bermudas, relíquias de quando a praga ainda não havia dizimado todos os cedros. A casa era fresca, escura e cheirava a cedro.

As duas mulheres, sentadas na sala de jantar, sobressaltaram-se quando Darling apareceu na porta.

A mais nova — bronzeada, de traços fortes e cabelos manchados de sol — juntou rapidamente os papéis que estavam sobre a mesa.

Aparentemente Darling não notou. Ele disse:

— Oi, Lagarto — e aproximando-se, beijou-a no rosto.

— O que a traz aqui?

— Conspiração e planos — disse ela. — O que mais podia ser?

— É isso, mantenha os filhos da mãe afastados. Conhece Marcus Sharp? Marcus, esta é Dana.

— Conheço de *ouvir* falar — disse Dana, sorrindo e apertando a mão de Sharp.

— É um prazer — disse Sharp.

Dana parecia constrangida, pouco à vontade. Ficou de costas para a mesa, escondendo a pilha de papéis.

Darling e Sharp atravessaram a sala de estar e entraram numa saleta com as paredes cobertas por estantes de livros, uma enorme mesa de cedro e duas cadeiras.

— Eu devia me envergonhar — disse Darling acendendo a luz.

— Por quê?

— Por acreditar na ciência. Os cientistas só admitem aquilo que eles sabem. O que não sabem — que pode ser tudo que existe no reino do possível, mas não provado — eles ignoram, dizendo que é mito.

Sharp examinou os títulos dos livros. Teve a impressão de que tudo que já fora escrito sobre o mar estava naquelas estantes, desde Rachel Carson até Jacques Cousteau, de Samuel Eliot Morison a Mendel Peterson, Peter Freuchen e Peter Matthiessen. E não havia só livros sobre o mar, mas sobre moedas, cerâmica, fabricação de vidro, naufrágios, tesouros, armas.

— Agora, vejamos. — Darling tirou da estante um livro grande, numa caixa de papelão e leu o título em voz alta:

— *Mistérios do mar.* — Removeu a proteção de. papelão e abriu o livro.

— Mais ou menos há dez anos — disse ele, folheando o livro — eu estava num barco no Mar de Cortez com uns funcionários do aquário da Califórnia, ajudando-os a apanhar criaturas estranhas. Uma noite, vimos alguns mexicanos pescando com luzes, e nos aproximamos para ver. Estavam pescando lulas grandes. Lulas Humboldt, de um metro ou metro e meio de comprimento, e 25 ou 30 quilos. Eu nunca tinha visto lulas tão grandes, por isso resolvi entrar na água com eles. Assim que a minha máscara clareou, uma das filhas da mãe nadou diretamente para mim. Agitei os braços para me defender, e, com uma velocidade incrível, um dos seus tentáculos agarrou meu pulso. Tive a impressão de estar sendo picado por milhões de agulhas. Eu dei um murro no olho dela, o tentáculo soltou e resolvi subir para a superfície, e sair daquele lugar não muito saudável. Então, de repente, alguma coisa me puxou para baixo. Pode estar certo, Deus deve ter um lugar especial no seu coração para bermudianos idiotas, porque tudo que elas agarraram se partiu, uma das minhas nadadeiras, meu medidor de profundidade, a bolsa para guardar peixes. Subi como uma flecha para a superfície. Por algum motivo, elas não me seguiram e consegui voltar ao barco. Mas tive pesadelos durante muitos meses.

— Jesus! — disse Sharp.

Darling virou uma página e disse:

— Aqui está. — Empurrou o livro para Sharp.

— O que é *isso*? — perguntou Sharp, olhando para a ilustração. Era uma

gravação em madeira, do século XIX, mostrando uma criatura horrível, um monstro pré-histórico, com o corpo imenso arredondado e bulboso que terminava numa cauda em forma de ponta de flecha. Tinha oito braços sinuosos, dois tentáculos duas vezes mais longos do que o corpo e dois olhos gigantescos. Na gravura, o animal estava saindo do mar e destruindo um veleiro. Corpos voavam dos destroços, e uma mulher, com os olhos arregalados de terror, estava dependurada no bico da criatura.

— Isso — disse Whip — é o avô da criatura que me agarrou. É a *Architeuthis dux*, a lula oceânica gigante.

— Por falar em pesadelos. Não pode ser real... pode?

— É real sim, rara, mas real, — Darling fez uma pausa. — Na verdade, Marcus, é mais do que real. Está lá fora neste momento. Está aqui.

Sharp olhou para Darling.

— Ora, vamos, Whip... — disse ele.

— Você não acredita em mim? Muito bem, talvez acredite em Herman Melville. — Apanhou o *Moby Dick* da estante e folheou até encontrar o que queria. Então, leu em voz alta: — "... estávamos vendo o fenômeno mais maravilhoso que o Oceano jamais revelou para a humanidade. Uma imensa massa esponjosa, enorme em comprimento e largura, de cor creme, flutuava na água, com inúmeros braços longos saindo do seu centro, enrolando-se e contorcendo-se como um ninho de cobras, como que procurando, às cegas, agarrar tudo que estivesse ao seu alcance.”

Darling fechou o livro e Sharp disse:

— Whip, *Moby Dick* é ficção.

— Não completamente. A baleia é um fato, baseado num incidente real que aconteceu num navio chamado *Essex.*

— Mesmo assim...

— Você quer fatos? Tudo bem, vamos procurar fatos.

— Tirou outro livro da estante, e, entrecerrando os olhos, leu o título quase apagado na lombada — *O último dragão* — disse ele — de Herbert Talley, Ph.D. Isto vai convencê-lo. — Há muitos anos Darling havia dobrado as pontas das páginas e agora abriu na primeira marca. — Desde o século XVII, talvez antes mesmo, encontramos descrições de lulas gigantescas. Já ouviu a palavra

kraken? É sueco e significa “árvore arrancada”. Era como descreviam o monstro, com todos aqueles tentáculos que pareciam raízes. Hoje, os cientistas preferem a palavra *cefalópode,* que é uma descrição muito boa.

— Por quê? — perguntou Sharp. — O que quer dizer?

— “Cabeça com pés”. Porque os braços, que pensavam que fossem os pés, saíam da cabeça. — Virou para outra marca. — Está aqui, Marcus — disse. — Uma das bandidas subiu à superfície no Oceano Índico e levou para o fundo uma escuna chamada *Pearl,* exatamente como naquela gravura que vimos. Matou todos que estavam no barco. Mais de 100 pessoas foram testemunhas. — Darling bateu com a mão aberta no livro. — Que diabo! — disse ele. — Não sei como não pensei nisso antes. É tão óbvio. *Nada mais* podia ter cortado nosso cabo de aço daquele jeito. Nada mais. Nenhum tubarão que já nadou por estas águas tem tamanho e ferocidade suficientes para fazer em pedaços um barco de 38 pés. — Fez uma pausa e continuou: — E nada mais é tão completa e profundamente cruel.

— Mas, Whip. Veja a data. — Sharp apontou para o livro. — 1874. Isso não foi hoje.

— Marcus, você viu as marcas na pele da baleia. — Darling tirou do bolso uma das garras. — Que tipo de animal tem lâminas como esta? — A sensação de urgência crescia na mente de Darling. E se estivesse certo? Se a coisa lá fora fosse uma lula gigante? O que podiam fazer? Apanhar o animal? Dificilmente conseguiríam. Matá-lo? Como? Mas se não o matassem, o que mais podiam fazer — o que qualquer pessoa podia fazer — para se livrar dele?

Tirou mais livros da estante, deu alguns para Sharp, sentou no sofá e abriu o que tinha nas mãos.

— Leia — disse Darling. — Acho melhor aprendermos tudo que for possível sobre o animal.

Os dois começaram a ler os livros de Darling sobre o mar. As referências a lulas gigantes eram superficiais e muitas vezes contraditórias. Alguns especialistas afirmavam que os animais nunca tinham mais de 15 a 18 metros de comprimento, outros insistiam que lulas de 30 metros ou mais viviam em todos os oceanos do mundo. Uns diziam que as ventosas em forma de discos continham dentes e ganchos, outros diziam que continham um ou outro, outros ainda diziam que não continham nenhum dos dois. Uns diziam que os animais tinham fotóforos na carne, que os faziam cintilar com bioluminescência, outros

que não tinham.

— Ninguém consegue concordar sobre coisa alguma — disse Sharp, depois de ler por algum tempo. — Essa é a má notícia. A boa notícia é que todos os ataques a seres humanos registrados ocorreram no século passado.

— Não — disse Darling, passando para Sharp o livro de Talley. — A respeito deste animal parece que não há nenhuma notícia boa.

Sharp olhou para a página aberta.

— Droga — disse ele —, 1941!

— E não muito longe daqui. Vinte marinheiros de um navio torpedeado num bote salva-vidas. O bote estava com excesso de peso e uns dois ou três iam dependurados na borda, dentro d'água. Na primeira noite, escura como breu, ouviram um grito e um dos homens desapareceu. Segunda noite, a mesma coisa. Então, amontoaram-se todos no bote. Na terceira noite, ouviram alguma coisa arranhando o lado do bote e sentiram um cheiro estranho. Bem, ao que parece, uma lula gigante que os seguia — descansando no fundo durante o dia e subindo à noite — estava agora procurando alguma coisa com o tentáculo. Tocou num dos homens, enrolou-se em volta dele rapidamente e o tirou do bote. Então eles souberam o que era, e na noite seguinte estavam preparados para o ataque. Assim, quando o tentáculo apareceu e começou a procurar, eles o cortaram, mas não antes de o animal ter ferido gravemente um deles. A lula desapareceu. O animal tinha arrancado pedaços de carne do homem ferido do tamanho de um quarto de dólar. Calcularam que a lula tinha... o quê?

Sharp procurou com a ponta do dedo, no livro!

— Sete metros — disse ele. — Do tamanho de um caminhão.

Depois de pensar por um momento, Darling disse:

— De que tamanho você diria que eram aquelas marcas na pele da baleia?

— Dez centímetros.

— Puxa vida! — Darling ficou de pé. — A maldita lula deve ser do tamanho de uma baleia azul.

— Uma baleia azul! — disse Sharp. — Pelo amor de Deus, Whip, isso é duas vezes o tamanho do seu barco. Maior do que um maldito dinossauro. A baleia azul é o maior animal jamais visto.

— Em massa corpórea, sim, mas talvez não em comprimento. E certamente não em crueldade.

Na saída, passaram outra vez pela sala de jantar. Charlotte ergueu os olhos e disse:

— Whip, que negócio é esse de lula gigante?

— Lula gigante? O que é isso, telepatia?

— Ouvi no rádio agora mesmo. Encontraram alguma coisa na praia e um dos cientistas do aquário disse que...

— Sim, Charlie — disse Darling. — Parece que ganhamos uma lula gigante.

— Vão ter uma reunião amanhã à noite. No salão de reuniões. Pescadores, mergulhadores, velejadores. A ilha toda está em polvorosa.

— Não me admira.

— Que tamanho tem uma coisa dessas?

— É muito grande.

— William — Charlotte disse, levantando e segurando o braço de Darling. — Prometa.

— Ora, Charlie. Só um cretino ia sair atrás de um animal desses.

— Como Liam St. John, por exemplo.

— O que quer dizer?

— St. John disse no rádio que ele vai apanhar o animal. Para salvar as Bermudas. Disse que ele e o que chama de seu “povo” sabem como fazer isso.

— Duvido muito — disse Darling. — O Dr. St. John vai acabar na barriga do animal, e já vai tarde. — Inclinou-se para beijá-la e olhou para a pilha de papéis que estava na mesa. — O que vocês duas estão fazendo, encampando a General Motors?

— Nada — disse Charlotte, retribuindo o beijo. — Telefonaram para você.

— Quem? O que queriam?

— Não disseram, estrangeiros. O que falou no telefone parecia

canadense. Só queriam saber se você estava livre.

— Livre para quê? — perguntou Darling. — Pode deixar, eu imagino. Se telefonarem outra vez, pode dizer que eu *estava* livre, até dez minutos atrás. Agora, de repente, acho que me aposentei.

19

Que piada, pensou Darling quando saiu do salão de reuniões. Tinham chamado de fórum da ilha, mas na verdade foi uma brincadeira, um veículo para que o premiê Solomon Tucker demonstrasse aos cidadãos que estava preocupado, sem jamais precisar fazer coisa alguma. Não que alguém pudesse fazer alguma coisa, mas o premiê não chegou ao ponto de admitir isso. Como a maioria dos políticos, fez uma retirada estratégica, sem na verdade se render.

Foi permitido a todos dar opiniões e sugerir medidas idiotas para acabar com um monstro do qual poucos tinham ouvido falar e que ninguém jamais tinha visto. Agora, se as coisas se acalmassem e voltassem ao normal, o velho Solly podería dar o crédito à "democracia em ação". Se as coisas piorassem, podia lançar pelo menos a metade da culpa no povo, que foi chamado a participar e não apresentou nenhuma solução viável. De um modo ou de outro, ele saía ganhando.

Darling respirou fundo o ar da noite e resolveu voltar para casa a pé. Eram apenas uns três quilômetros e ele precisava do exercício depois de ficar sentado tantas horas. Imaginou que a reunião devia se prolongar pelo menos por mais uma hora, para resolver como deviam ser redigidos os avisos à população.

Provavelmente já era tarde demais para se preocupar. Graças a Liam St. John e à sua eterna cruzada pela publicidade pessoal, os jornais daquela manhã publicaram a manchete MONSTRO É LULA GIGANTE, CONFIRMA ST. JOHN. A essa altura, essa afirmação devia estar em todos os noticiários do mundo.

Alguns expressavam a preocupação de que a regata Newport-Bermudas, que já tinha começado, não sofresse com o fato, mas a parte que dizia respeito às Bermudas já estava prejudicada. As reservas nos hotéis diminuíram, os bufês e organizadores de festas não tinham clientes, os motoristas de praça estavam parados jogando cartas nas capotas dos carros.

O próprio Darling conseguiu perder dinheiro que não tinha. No meio da reunião, Ernest Chambers, o mergulhador que oferecera a Darling uma parte do seu trabalho durante a regata, levantou-se e anunciou que dois terços das suas saídas para mergulho tinham sido cancelados, e ele queria saber o que o governo ia fazer a respeito.

Como era de se esperar, Liam St. John deixou que as coisas parecessem

chegar a um impasse para levantar da sua cadeira, na fila dos ministros e, depois de tentar em vão parecer mais alto do que seu metro e sessenta e quatro, afofando os cachos do cabelo cor-de-abóbora, pediu que o povo desse apoio ao seu plano de ação.

Como ninguém sabia o bastante sobre o monstro para julgar a viabilidade do plano de St. John, em altas vozes propuseram que Darling dissesse o que ele sabia a respeito. Afinal, disse alguém: “Whip já apanhou pelo menos um exemplar de tudo que Deus pôs no oceano em volta da ilha.”

Então Darling falou de tudo que tinha lido, e disse também quais eram suas conclusões. Que o aparecimento da lula gigante nas Bermudas podia ser um mero acaso, um acidente natural. Além disso, uma vez que barcos e carne humana não consistiam em seu alimento normal, provavelmente logo ela iria embora. Disse também que sair para caçar o animal era inútil, porque, na sua opinião, isso era impossível, incluindo o plano ambicioso do Dr. St. John. Para concluir, disse Darling, deixem o animal em paz e vamos esperar.

St. John classificou a opinião de Darling de “derrotismo inerte”, o que provocou outra discussão generalizada.

Quando saiu, abrindo caminho com os cotovelos entre os que estavam de pé, Darling ouviu alguém mencionar a conveniência de redigir um formal Aviso aos Navegantes, outro sugeriu uma entrevista coletiva para dizer que era maior o número de pessoas que morriam todos os anos de picadas de abelhas do que por ataques de todas as criaturas do mar juntas e o premiê anunciou a formação de um comitê para estudar as opções — a ser presidido pelo Dr. St. John.

Darling seguiu pela estrada na direção de Somerset, pensando no que poderia fazer. Uma parte do problema com toda aquela gente, concluiu, eram os tempos modernos. No passado, teriam aceitado sem questionar o advento da *Architeuthis.* O inexplicável e inevitável eram parte da vida, e as pessoas aprendiam a viver com eles. Agora não era mais assim. Era um povo mal acostumado, não sabia aceitar uma situação que exigia paciência e que não oferecia soluções fáceis.

Quando chegou num trecho estreito da estrada, entre altos muros de pedra, ouviu um carro aproximando-se atrás dele. Saiu do meio da estrada e encostou no muro para dar passagem, mas o carro passou por ele, diminuiu a marcha e parou logo adiante.

O que será agora, pensou Darling. Olhou para a mala do carro e viu a

marca. BMW. Gente rica... e tola. Num lugar onde a velocidade máxima permitida era de 35 quilômetros, um BMW não era transporte, era um troféu.

Um homem desceu do lado do passageiro e caminhou para ele.

— Capitão Darling? — disse o homem.

Darling viu um paletó de *tweed*, calça bege e botas de caminhada, de cano curto, mas não dava para ver o rosto.

— Eu o conheço? — perguntou.

— Sou o Dr. Herbert Talley, capitão.

Talley, pensou Darling. O nome não era estranho, mas não conseguia lembrar de onde o conhecia.

— Doutor em quê?

— Malac... bem, lula, capitão. Doutor em lula, pode dizer.

— Não precisa ser tão pedante. Conheço a palavra malacologia.

— Desculpe. É claro. Posso lhe dar uma carona até em casa?

— Gosto de andar — disse Darling, começando a dar a volta no carro para seguir seu caminho. Mas então lembrou, parou e disse: — Talley. Dr. Talley. Escreveu aquele livro, certo? *O último dragão.*

Talley sorriu.

— Sim, escrevi.

— Bom livro. Repleto de fatos. Pelo menos, eu acho que são fatos.

— Obrigado. Ah... capitão... gostaríamos de falar com o senhor. Podia nos conceder alguns minutos?

— Falar sobre o quê?

— Sobre a *Architeuthis.*

Um sinal de alarme soou na mente de Darling. Esse devia ser o homem que telefonou. Charlotte disse que parecia canadense e o modo de Talley pronunciar certas palavras era sem dúvida canadense.

— Eu já disse tudo que tinha para dizer.

— Talvez queira nos ouvir, então, só por alguns minutos... um drinque?

— “Nós” quem?

Talley apontou para o carro.

— O Sr. Osborn Manning. — Vendo que Darling não parecia identificar o nome, continuou: — Manning... o pai dos...

— Oh, sim. Desculpe.

— Nós... ele... gostaria de falar com o senhor.

Darling hesitou, desejando que Charlotte estivesse com ele. Não era muito bom com pessoas sofisticadas. Por outro lado, não queria ser rude, não com um homem que acabava de perder os dois filhos. O que *ele* sentiria se Dana fosse devorada por alguma... coisa? Não podia imaginar e nem queria. Finalmente, disse:

— Acho que está bem.

— Ótimo — disse Talley, abrindo a porta de trás do carro. — Há um bom hotel perto do...

Darling balançou a cabeça.

— Siga mais uns 100 metros em frente e pare sob uma tabuleta que diz “Shilly’s”. Eu os encontro lá.

— Nós o levamos.

— Prefiro andar. — Darling deu a volta no carro.

— Mas...

— Shilly’s — disse Darling, começando a andar.

Shilly’s tinha começado como um posto de gasolina, passou depois para discoteca, uma butique e loja de aluguel de vídeo. Agora era um restaurante com uma sala só, propriedade de um caçador de tubarões aposentado. Era anunciado como “a casa dos famosos caramujos fritos das Bermudas”, o que era uma piada, uma vez que os caramujos há muito tinham desaparecido da ilha. Sob muita insistência, Shilly podia servir uma coisa que ele chamava de peixe frito, mas ganhava a vida vendendo bebida barata. O esqueleto da velha bomba de gasolina pintada de vermelho-vivo enfeitava o estacionamento do restaurante.

Darling podia ter deixado que o levassem ao hotel, não tinha nada contra hotéis. Mas eles ficariam mais à vontade no hotel e ele não queria que ficassem à

vontade. Queria obrigá-los a ir direto ao assunto, para acabar logo.

Quando chegou ao estacionamento, viu o BMW parado entre dois caminhões velhos.

Entrou no Shilly's e parou perto da porta por um momento, habituando a vista ao escuro. Sentiu o cheiro de cerveja velha, cigarro e o odor adocicado da maconha. Alguns homens em volta de uma mesa de sinuca falavam alto e faziam apostas. Outros discutiam ao lado de uma antiga máquina de jogo. Eram homens simples, todos eles, com pavio curto. Todos negros.

Havia algumas mesas vazias perto da porta, mas Talley e Manning estavam de pé num canto, como garotos punidos pelo professor.

Um homem enorme, negro como um haitiano e largo como um jogador de futebol americano levantou da banqueta do bar e caminhou para Darling.

— Whip... — disse ele.

— Shilly...

— Estão com você? — Shilly inclinou a cabeça para o canto.

— Estão.

— Muito bem. — Shilly foi até o canto e disse, com um largo sorriso: — Cavalheiros, sentem-se, por favor. — Puxou uma cadeira da mesa mais próxima e a segurou para Manning sentar.

Quando estavam sentados, Shilly perguntou:

— Em que posso servi-los?

Manning disse:

— Eu gostaria de uma Stolichnaya com...

— Rum ou cerveja.

— Traga três Tempestades Negras, Shilly — disse Darling.

— É pra já — disse Shilly, caminhando para o bar.

Darling olhou para Osborn Manning, que parecia ter cinquenta e poucos anos. Era um homem impecavelmente tratado, unhas polidas, o cabelo de corte perfeito. O terno azul parecia ter sido passado enquanto ele esperava para sentar. A camisa engomada era muito branca, a gravata de seda azul segura por um prendedor de ouro.

Mas o que prendeu a atenção de Darling foram os olhos do homem. Em circunstâncias normais deviam parecer fundos. A testa era como uma prateleira de ossos sobre os olhos e as sobrancelhas eram espessas e escuras. Mas agora pareciam dois túneis negros, como se os olhos tivessem desaparecido.

Talvez esteja muito escuro aqui, pensou Darling. Ou talvez seja isso que a dor faz a um homem.

Manning percebeu que Darling o observava e disse:

— Muito obrigado por ter vindo.

Darling fez um gesto afirmativo, procurando alguma coisa educada para dizer, mas não conseguiu nada melhor do que: — Não tem problema.

— Mora aqui perto? — perguntou Talley, para começar a conversa.

— Bem perto. — Darling inclinou a cabeça para o lado norte. — No outro lado de Mangrove Bay.

Shilly serviu os drinques, Talley tomou um gole e disse:

— Esplêndido.

Darling esperou a reação de Manning. Ele estremeceu levemente, mas controlou-se para não fazer uma careta. Para um paladar acostumado a vodca e gelo, pensou Darling, rum e cerveja deviam ter gosto de enchovas com creme de amendoim.

Fez-se então um silêncio constrangido, como se Manning e Talley não soubessem por onde começar. Darling tinha uma boa ideia do que queriam dele e controlou-se para não dizer que fossem logo ao assunto. Mas não queria parecer ansioso. Durante todos aqueles anos havia feito bom dinheiro mantendo a boca fechada e os ouvidos atentos. Na pior das hipóteses, sempre aprendia alguma coisa.

Manning estava sentado ereto, o paletó abotoado, as mãos cruzadas na frente do corpo, olhando para a única vela acesa sobre a mesa.

Que diabo, pensou Darling, não vai fazer mal nenhum ser educado. Disse:

— Eu sinto muito sobre seus filhos.

— Sim — foi tudo que Manning respondeu.

— Não posso imaginar o que... nós temos uma filha... deve ser... — Não sabia mais o que dizer, por isso calou-se.

Manning desviou os olhos da vela e ergueu a cabeça. Seus olhos pareciam escondidos nas cavernas escuras.

— Não, não pode, capitão. Não pode imaginar. Não enquanto não acontece. — Manning mudou de posição na cadeira. — Quer saber qual foi minha pior preocupação a respeito deles? Foi quando estavam para ir para a universidade. Foi a primeira vez que os vi ameaçados por alguma coisa da qual eu não podia defendê-los. Sua vida, seu futuro, estariam nas mãos de estranhos, fora do meu controle. Nunca me senti tão frustrado na vida. Um dia descobri que eu estava perdendo a visão de um dos olhos. Consultei médicos, fiz todos os testes possíveis, não encontraram nada. Mas eu *estava* perdendo a visão de um dos olhos. Então, quando jogava *squash* com um amigo, eu comentei o fato — uma desculpa, suponho, para explicar por que eu estava perdendo no jogo — e ele disse que quando seus filhos foram para a universidade ele teve uma colite ulcerosa. O que eu tinha era cegueira histérica. Logo que eles foram aceitos nos cursos preparatórios, o sintoma desapareceu. Jurei a mim mesmo que aquilo jamais aconteceria outra vez. — Apertou uma das mãos contra a outra e balançou a cabeça. — Quer saber como é? Eu me sinto morto.

Talley tomou outro gole da bebida e disse:

— Capitão Darling, gostamos do que disse na reunião.

— Estavam lá? Por quê?

— No fundo da sala. Queríamos ver como o povo estava reagindo a tudo isso.

— É fácil — disse Darling. — Estão morrendo de medo. A um curto passo do pânico. Eles veem seu mundo ameaçado por uma coisa que não compreendem, e contra a qual não podem fazer nada.

— Mas o senhor não está... amedrontado, quero dizer.

— Ouviu o que eu disse na reunião. É como qualquer outra coisa grande e cruel da natureza. Se a deixarmos em paz, ela nos deixa em paz — pensou nos filhos de Manning e acrescentou: — De um modo geral... via de regra.

— Aquele doutor, St. John... o homem é um idiota.

— É um modo de defini-lo.

— Mas discordo do senhor numa coisa. O que está acontecendo aqui não é acidente.

— Então o que é?

Darling viu Talley olhar rapidamente para Manning.

— Diga-me, capitão — disse Talley —, o que sabe sobre a *Architeuthis*?

— O que tenho lido, o que o senhor escreveu, algumas outras coisas. Não muito.

— O que *pensa* a respeito?

Darling fez uma pausa, depois respondeu.

— Sempre que ouço falar em monstros, penso no *Tubarão.* As pessoas esquecem que *Tubarão* era ficção, o que é outra palavra para... bem, o senhor sabe, Doc. Logo que o filme apareceu, todos os capitães de barcos, daqui até Long Island e até o sul da Austrália, começaram a criar fantasias com tubarões brancos de 12 e 15 metros de comprimento. Minha norma é que quando alguém fala de uma criatura do tamanho de um caminhão, sempre reduzo a um terço o que estou ouvindo.

— Sensato — disse Talley. — Muito sensato. Mas...

— Mas — disse Darling —, com este animal, quando ouvimos histórias sobre ele, não é prudente reduzir coisa alguma. É mais inteligente duplicar as medidas.

— Exatamente! — disse Talley. Com olhos brilhantes, inclinou-se para Darling, feliz por ter descoberto uma alma gêmea. — Eu disse que sou malacologista, mas minha especialidade é teutologia... lula... especificamente *Architeuthis.* Passei a vida toda estudando esses animais. Usei computadores, fiz gráficos, dissequei tecidos, cheirei, senti o gosto...

— *Sentiu o* gosto? Tem gosto de quê?

— Amoníaco.

— Já viu um deles vivo?

— Não. O senhor?

— Nunca — disse Darling. — E gostaria de continuar assim.

— Quanto mais eu estudo, mais me convenço de que sabemos muito

pouco sobre lulas gigantes. Ninguém sabe que tamanho atingem, quanto tempo vivem, por que encalham algumas vezes e aparecem mortas na praia... nem mesmo quantas espécies existem. Uns dizem três, outros dizem 19. É um exemplo clássico do velho ditado: quanto mais você sabe, mais percebe o pouco que sabe de verdade. — Talley parou de falar, embaraçado, depois disse: — Desculpem. Eu me entusiasmo. Posso resumir, se vocês...

— Continue — disse Manning —, o Capitão Darling precisa saber.

Estão me caçando, pensou Darling. Estão corricando, me atraindo, como se eu fosse um espadarte faminto.

— Eu tenho uma teoria — disse Talley — tão boa quanto muitas, e melhor do que algumas. Até meados do século passado, ninguém acreditava de fato na existência da *Architeuthis,* ou de *qualquer* lula gigante. Nas poucas vezes em que foram vistas, as histórias sobre elas foram consideradas como alucinações de capitães enlouquecidos. Então, de repente, por volta de 1870, foram vistas várias, aumentou o número das que encalharam na areia e houve até ataques a barcos, e...

— Eu li a respeito — disse Darling.

— A questão é que tantas eram as testemunhas que, pela primeira vez, as pessoas acreditaram nelas. Então tudo parou, até o começo de 1900, quando, sem nenhum motivo, muitas foram vistas outra vez e várias apareceram encalhadas. Imaginei se haveria um padrão e fiz uma lista de todas que tinham aparecido e das que haviam encalhado. Levei a lista ao computador, com dados sobre os principais eventos meteorológicos, mudanças de correntes e assim por diante, e pedi que o computador procurasse um significado comum ou padrão.

“A resposta foi que o padrão dos aparecimentos e dos encalhes coincidia com flutuações cíclicas nas diversas ramificações da Corrente do Labrador, o grande funil de água fria que passa por toda a costa do Atlântico. Na maior parte dos ciclos, a *Architeuthis* nunca é vista, viva ou morta. Mas nos primeiros anos da mudança, sejam quais forem as razões — temperatura da água, suprimento de comida, eu não sei — o animal aparece.

— Qual a duração de cada ciclo? — perguntou Darling.

— Trinta anos.

— E o último começou em... — Sabia a resposta, antes das palavras saírem dos seus lábios.

— 1960... até 62.

— Compreendo.

— Sim — disse Talley. — Você compreende. Ela está aqui porque está na hora. — Talley inclinou-se para a frente, com a mão na mesa. — Mas a verdade é que posso apresentar uma quantidade de fatos, todos documentados, porém não sei dizer o *porquê* deles. Alguns pensam que a *Architeuthis* fica presa nas correntes de água mais quente, morre sufocada por falta de oxigênio e vai dar na praia. Outros acham que é a água *fria* a responsável por sua morte, numa temperatura, digamos, de menos três graus centígrados. Ninguém sabe.

Este homem, pensou Darling, está apaixonado pela lula gigante.

— Doc — disse ele —, isso tudo é muito interessante, mas não dá nem uma pista de por que o animal está devorando gente.

— Mas é claro que dá! — disse Talley, inclinando-se mais para a frente. — A *Architeuthis* é o que chamamos de comensal fortuita. Ela alimenta-se por acidente, come o que estiver ao seu alcance. Sua dieta normal — eu examinei seus estômagos — é constituída de tubarões, raias, peixes grandes. Mas ela come *qualquer* coisa. Digamos que as correntes cíclicas as estão trazendo da profundidade de 600 a 1.000 metros onde ela vive geralmente. Digamos também que ela não está encontrando suas fontes habituais de alimento. Deve estar, a par disso, capitão. Pelo que tenho ouvido, as águas das Bermudas estão praticamente sem peixes. E digamos ainda que a única coisa que ela está encontrando para comer é...

Ouviram um estalido seco como um tiro de rifle, e alguma coisa passou perto do rosto de Darling.

Osborn Manning segurava com tanta força o palito de plástico para misturar a bebida, que ele se partiu.

— Desculpe — disse ele. — Desculpe.

— Não — disse Talley. — *Eu* peço desculpas. Meu Deus...

— Doc — Darling disse, depois de uma pausa — não falou sobre uma coisa — a regra número um da natureza, o equilíbrio. Quando aumenta o número de leões-marinhos, aparecem os tubarões brancos e as coisas se acertam outra vez.

Quando a população de um lugar aumenta demais, aparece uma praga

qualquer como a Morte Negra. Na minha opinião, o fato de a criatura estar por aqui é sinal de que a natureza está meio fora dos eixos. Por quê?

— Eu tenho uma teoria — disse Talley. — A natureza não está fora dos eixos. Existe um único animal que caça a *Architeuthis*, é o cachalote. O homem vem há muito tempo matando os cachalotes — estão praticamente extintos. Assim, é possível que tenha aumentado o número de lulas gigantes sobreviventes e agora começam a aparecer. Aqui.

— Quer dizer que acha que deve haver mais de *uma*?

— Eu não sei. Acho que não, porque não há comida suficiente para mais de uma. Mas eu posso estar errado.

Muitas outras perguntas acumulavam-se na mente de Darling, teorias formavam-se e eram rejeitadas. De repente, compreendeu que estava mordendo a isca, e procurou recuar, evitar que Talley o prendesse no anzol.

Olhou ostensivamente para o relógio e empurrou a cadeira.

— É tarde — disse ele — e eu levanto cedo.

— Ah... capitão... — disse Talley — ... o caso é que esse animal pode ser apanhado.

Darling balançou a cabeça.

— Nenhum jamais foi.

— Bem, não, não uma verdadeira *Architeuthis.* Não viva.

— Por que o senhor pensa que pode apanhar esta?

— Eu sei que podemos.

— E por que, em nome de Deus, quer apanhar esse monstro?

Talley sobressaltou-se.

— *Por quê?* Por que *não*? É única. É...

Manning interrompeu.

— Capitão Darling — disse ele —, essa, essa criatura... esse animal... matou meus filhos. Meus únicos filhos. Destruiu a minha vida... as nossas vidas. Minha mulher está sob o efeito de sedativos desde que... ela tentou...

— Sr. Manning — disse Darling. — Essa criatura é apenas um animal.

Ela...

— É um ser que tem sensações, foi o que o Dr. Talley me disse e eu acredito... que ela conhece uma forma de fúria, que ela conhece a vingança. Muito bem, eu também conheço. Acredite. Eu também conheço.

— Ainda assim não passa de um animal. Não pode se vingar de um animal.

— Sim, eu posso.

— Mas por quê? Que benefício...

— É uma coisa que eu posso fazer. Queria que ficasse, sentado, culpando o destino e dizendo: “assim são as coisas”? Não vou fazer isso. Vou matar essa fera.

— Não, não vai. Tudo que vai conseguir é...

Talley disse:

— Capitão, nós podemos. Ela *pode* ser capturada.

— Se o senhor diz, doutor. Mas deixem-me fora disso.

Manning disse:

— Quanto cobra por um dia no seu barco?

— Eu não...

— Quanto?

Lá vamos nós, pensou Darling. Eu não devia ter vindo.

— Mil dólares — disse ele.

— Eu pago cinco mil por dia, mais as despesas.

Depois de alguns momentos, vendo que Darling hesitava ainda, Talley disse:

— Não é só um caso pessoal, capitão. Esse animal *precisa* ser apanhado.

— Por quê? Por que não deixá-lo ir embora?

— Porque o senhor estava errado sobre outra coisa, quando falou na reunião. Ele não vai parar. Vai continuar matando gente.

— Há cinco minutos isso era uma teoria, Doc. Agora é um fato, por quê?

— Uma probabilidade — concordou Talley. — Se a criatura encontrou uma fonte de alimento, não vejo por que vai querer sair daqui. E não acredito que exista outra coisa viva, lá fora, capaz de impedir que ela fique.

— Bem, eu também não posso. Procure outra pessoa.

— Não *há* mais ninguém — disse Manning. — A não ser aquele cretino St. John...

— ... com seu plano de mestre — completou Talley. — Será que aquele homem pensa mesmo que pode apanhar a *Architeuthis* jogando explosivos no oceano? É ridículo... um jogo de cabra-cega!

Darling deu de ombros.

— O nome dele vai aparecer nos jornais. Escute, Sr. Manning, o senhor tem muito dinheiro, pode contratar alguns especialistas, pode trazer um navio.

— Não pense que não tentei. Acha que quero trabalhar com vocês... com os habitantes do local? Conheço os povos das ilhas, capitão. Conheço os bermudianos. — Manning apoiou o cotovelo na mesa, inclinou-se para Darling, e disse em voz baixa, mas tão intensa que era como se estivesse gritando: — Tenho uma casa aqui há muitos anos. Sei tudo sobre ilhas pequenas e mentes acanhadas, eu sei como vocês se dão ares de importância e zurram sobre sua independência, eu sei o que vocês pensam dos estrangeiros. Para vocês, eu não passo de outro ricaço americano idiota.

Talley ficou chocado. Darling recostou na cadeira, sorriu e disse:

— O senhor maneja bem as palavras.

— Estou farto desta besteira, capitão. Vou dizer como são as coisas. Eu podia ter alugado um barco. Tem gente em toda a costa louca para fazer isso. Mas seu governo teimoso tem tantas regras e tantos regulamentos, exige tantas permissões e licenças, tanto depósito em dinheiro e impostos, que levaria meses para arranjar tudo. Por isso tenho de usar o povo da ilha, e isso significa usar você. Você é o melhor. Na minha opinião, temos só um problema, você e eu, e o problema é dinheiro. Eu não acertei ainda a oferta. Diga-me, então. Diga-me o seu preço.

Darling olhou para ele por um longo tempo, depois disse:

— Deixe que eu diga como *eu* vejo as coisas. Você é rico e é um ianque, mas não o estou culpando por isso. O que faz de você um cretino é pensar que o

dinheiro vai trazer seus filhos de volta. Pensa que matar a fera vai fazer isso. Muito bem, não vai. Não pode comprar sua paz de espírito.

— Tenho de tentar, capitão.

— Tudo bem — disse Darling. — Já mostrou suas cartas, e aqui estão as minhas. Tenho 250.000 dólares enrolados no meu barco e, certamente, posso usar muito bem o seu dinheiro. Mas, o outro bem que eu possuo está coberto por estas roupas e se eu o perder, meu valor pessoal é zero. — Levantou. — Portanto, obrigado, mas não, obrigado. — Com uma inclinação de cabeça para Talley, Darling saiu do bar.

— Pense sobre o assunto, capitão — disse Manning, em voz alta.

***

Depois que Darling saiu, Talley terminou seu drinque, suspirou e disse:

— Francamente, Osborn, você foi...

— Não me diga como fazer um negócio — disse Manning. — Charme não teria melhor resultado. Nós nos entendemos, Darling e eu. Podemos não gostar um do outro, mas nos compreendemos. — Fez sinal para Shilly, pedindo a conta.

Talley estava furioso. Isso não podia estar acontecendo. Tudo estava correndo tão bem. Tinha um cheque em branco de Manning, havia combinado sua obsessão com a de Manning, criando um objetivo comum. Podia comprar o que quisesse, e comprou. Tinham o melhor equipamento, o mais moderno, mais sofisticado.

Melhor de tudo, ele tinha um plano.

Mas agora a única coisa que estava faltando, a última roda na engrenagem daquela máquina complexa, ele não podia ter.

Precisava não demonstrar seu desânimo a Manning, porque podia ser contagioso. Se Manning cancelasse seu cheque, 30 anos de pesquisa, de esperanças, de sonhos, desapareciam como fumaça.

Não falaram até chegar ao estacionamento e então Manning disse:

— O que nós sabemos sobre Darling?

— Só sua reputação. Ele é o melhor por aqui.

— Não... sobre *ele*... pessoalmente.

— Nada.

— Indague, procure saber. Não existe nenhum homem sem inimigos. Encontre um. Ofereça dinheiro. Diga que você quer saber tudo sobre Darling. Sujeiras, mexericos, mentiras, rumores. Comece com os pescadores. Comunidade pequena, sem trabalho, sem dinheiro... Aposto que estão piores do que atores — venderão a própria mãe pela oportunidade de, arruinar um competidor.

— Quer destruir o homem? Por quê?

— Não. Quero controlar, mas só posso fazer isso depois de saber tudo sobre ele. É um velho truísmo Talley: saber é poder. Vou à cidade de manhã falar com umas pessoas, cobrar algumas dívidas.

— Falar sobre o quê?

— Fraquezas… dívidas. Outro velho truísmo: todo homem tem um preço. Só temos de descobrir qual é o de Darling e ele é nosso.

***

Charlotte o esperava na cozinha quando Darling chegou em casa. Ele contou tudo sobre aquela noite, ela o beijou e disse:

— Estou orgulhosa de você.

— Cinco mil por dia — Darling balançou a cabeça. — Seriam uns dez dias de trabalho, talvez mais.

— Sim, mas então...

Darling a abraçou.

— Você podia me dar um belo enterro.

Charlotte não sorriu. Olhou para ele e disse:

— Não esqueça a sua promessa, William. Não se envolva com gente que não tem nada a perder.

20

A roda era enorme e ela precisou usar as duas mãos e toda concentração de que era capaz para controlá-la. Era um círculo de aço inoxidável, com um metro e vinte de largura e parecia ter vida própria, querendo fugir das mãos dela para tirar o barco do vento. Parecia um potro bravio. A solução era mostrar quem era o chefe, e então ela ia se comportar.

Katherine não queria cometer nenhum erro agora, não depois de esperar três dias e três noites pela oportunidade de governar a roda do leme, depois de ouvir o pai, Timmy, David e os outros comentarem o quanto era difícil pilotar com mar de través, que era preciso a força de um homem para controlar o barco, que iam esperar que o vento amainasse e que as condições fossem perfeitas... blablablá.

Sentada com o corpo ereto, os joelhos firmados na coluna do leme, segurou a roda com tanta força que começou a sentir câimbras nos dedos. Os músculos dos braços estavam doloridos e logo iam começar a arder.

Timmy estava deitado na almofada ao lado dela. David e Peter estavam deitados no convés de proa, tomando sol. Não tinham nada para fazer naquele momento, numa longa bordejada, a não ser esperar a hora do próximo quarto de vigia.

— Vá um pouco para fora — disse Timmy.

— Por quê?

— Porque a mestra está panejando um pouco. — Timmy apontou para a parte superior da vela mestra. — Jesus... será que você não vê?

Katherine olhou para cima, entrecerrando os olhos para se proteger do brilho da vela branca contra o céu azul. Timmy estava certo e isso a aborrecia. Ela devia ter visto antes. Ou ouvido. De qualquer modo, devia ter notado. Mas era um panejamento tão pequeno, tão insignificante, que ela não acreditava que fizesse muita diferença.

Com esforço, girou o leme para a direita até ver parar o tremor no topo da vela. O barco adernou para estibordo e Katherine teve de se firmar bem nos pés.

— Pronto, agora está bem — disse Timmy.

— Graças a Deus. Ainda bem que você viu. Agora, vamos ganhar, na certa.

— Ei, Kate... é uma *regata.*

— Pois eu nem tinha percebido.

Não viam nenhum outro barco. Quantos tinham saído? Cinquenta? Cem? Katherine não sabia. Eram tantos que a linha de partida parecia uma revolta, com barcos ziguezagueando para trás e para a frente, gente gritando e buzinas tocando. Porém, depois de algumas horas, o número de barcos à vista foi cada vez mais diminuindo, como se estivessem sendo engolidos pelo mar. Ela sabia que isso acontecia porque cada capitão usava a própria estratégia, seguindo o próprio rumo, usando computadores, experiência, um pouco de adivinhação e, ao que ela sabia, até vodu, para encontrar a combinação ideal de vento, corrente e maré, que daria a maior vantagem.

Porém, era assustador estar assim sozinho no meio do oceano. O barco tinha quase 50 pés de comprimento e a cabine parecia uma casa, mas ali em cima — com ondas dos dois lados, o horizonte estendendo-se sem fim e o céu completamente vazio — era como um inseto num tapete felpudo e imenso.

A cabeça do seu pai apareceu na portinhola.

— Como vai indo, Muffin?

Pedira a ele para chamá-la de Katherine. Só durante aquela viagem. Ou de Kathy. Qualquer coisa, menos Muffin.

— Muito bem, papai.

— Como vai ela, Tim?

Seja bonzinho, pediu ela, silenciosamente. Não seja um típico irmão chato.

— Muito bem... — disse Tim.

Obrigada...

— ... só um pouco distraída, às vezes.

Miserável!

— Acabamos de pegar as Bermudas no radar... na borda do círculo de 50 milhas.

— Grande! — disse Katherine, esperando estar dizendo a coisa certa.

— Isso mesmo. Quer dizer que podemos navegar em velocidade de cruzeiro a noite toda, e, se tivermos sorte, chegaremos no canal um pouco depois do nascer do dia. Não queremos entrar no escuro.

— Meu Deus, não — disse Tim. — Lembra do ano passado?

— Nem quero pensar.

É claro, pensou Katherine. O ano passado. Quando eu não estava aqui. É sempre quando acontecem as coisas, quando eu não estou presente.

O pai ia entrar para a cabine outra vez, mas parou e disse:

— Uma coisa estranha... O Rádio do Porto das Bermudas está transmitindo um Aviso aos Navegantes sobre um animal que está atacando barcos.

— Uma baleia? — perguntou Katherine. — Talvez ela esteja doente.

— Eu não sei, acho que estão querendo temperar o turismo, com um toque do Triângulo das Bermudas. Seja como for, não convém arriscar. Usem os cabos de segurança sempre que se movimentarem no convés.

— Papai, o mar não está nem agitado.

— Eu sei, Muffin, mas é melhor prevenir do que remediar. — Sorriu. — Prometi à sua mãe que ia ter cuidado especial com você. — Fez um sinal para Tim e entrou na cabine.

Tim sentou-se, estendeu a mão para o colete salva-vidas, de Katherine, desenrolou o cabo de segurança e o prendeu na argola de aço da coluna do leme.

— E o seu? — perguntou ela. — Você não está nem usando o colete.

— Já fiz esta regata três vezes — disse Tim. — Acho que sei como andar no barco.

— Eu também sei!

— Diga isso ao papai, não a mim. Só estou cumprindo ordens. — Tim sorriu e deitou outra vez na almofada.

Katherine abriu e fechou a mão para aliviar as câimbras e passou o peso do corpo para o outro lado, procurando diminuir a tensão nos braços e nos ombros. Não estava usando relógio e não tinha ideia de quanto tempo mais teria

de lutar com aquela roda estúpida. Não muito, esperava, do contrário teria de pedir a Tim para tomar seu lugar, e ele ia fazer piada — nada maldoso, só alguma observação idiota e machista

Katherine não desistia facilmente. Tinha pedido para ir naquela viagem e ia cumprir a sua parte, incluindo os quartos de vigia. Sabia que os irmãos não queriam que ela fosse, e que se sua mãe não tivesse uma conversa séria com o pai sobre justiça, igualdade e todo o resto, ela estaria de volta a Far Hills, ensinando tênis a garotos e garotas de dez anos. Devia a viagem à sua mãe e a si mesma para provar que ela podia ser um elemento ativo e não apenas passivo.

Mas não via a hora de acabar a regata, chegar às Bermudas e passar uns dois dias deitada na praia, andar de moto enquanto o pai e os outros falavam sobre velas e veleiros tomando seus drinques, no Iate Clube — não, no *Dinghy* Clube, era como chamavam nas Bermudas. Bonitinho.

Então ela voltaria para casa de avião, como tinham combinado. Graças a Deus.

Katherine não podia entender a mística da navegação à vela, embora fingisse entusiasmo e tentasse dominar a terminologia obscura, como “alça de cabo” e “estais de aço”.

Gostava de velejar durante o dia em pequenos barcos perto da praia. Era divertido passar algumas horas na água, apostando corrida com amigos, chamando uns aos outros, às vezes até mesmo emborcando — e então, voltar para casa para um chuveiro quente, comida decente e uma boa noite de sono.

Mas isto. Isto era uma maratona de tédio, desconforto e cansaço. Ninguém dormia mais de quatro ou cinco horas por dia. Ninguém tomava banho. Ela tentou tomar um banho de chuveiro, mas caiu duas vezes e feriu a cabeça na saboneteira, por isso resignou-se a se lavar com uma esponja, ou o que estivesse à mão, sempre que era possível. Tudo era pegajoso e úmido a bordo. Tudo cheirava a sal e bolor. Toda a cabine fedia como um gigantesco tênis molhado. Era preciso um diploma de engenharia para manejar os toaletes. Os dois entupiam pelo menos duas vezes por dia, e a culpa inevitavelmente recaía sobre Katherine e sobre a outra única mulher a bordo, a namorada eterna de David, Evan... como se as mulheres costumassem conspirar contra os encanamentos do barco. Deram a Katherine o posto de “assistente-chefe cozinheira e lavadora de garrafas”, o que demonstrou ser uma piada de mau gosto porque, como se pode cozinhar decentemente quando o barco todo está sempre inclinado num ângulo que mal nos permite ficar de pé? A única coisa que conseguiu foi ter sempre café

e sopa quentes à mão, dia e noite, e os ingredientes para fazer sanduíches, numa vasilha de plástico sobre a pia, para quem quisesse repetir.

Katherine não se importaria com as coisas negativas se houvesse alguma coisa positiva para compensar, mas pelo que tinha visto, regatas de oceano — pelo menos, com tempo bom — consistiam de muita conversa, muita falta de serviço e mais ou menos meia hora por dia de ação frenética, quando sua contribuição era não atrapalhar.

Ela concluiu que devia ser alguma coisa relacionada com a camaradagem masculina, e embora estivesse satisfeita por ter visto isso em primeira mão, ficaria feliz se, pelo resto da vida, só ouvisse comentários a respeito, sorrindo delicadamente para as histórias de heroísmo em alto-mar, contadas pelos irmãos.

Seus braços e ombros reclamavam estridentemente agora. Não tinha escolha. Ia passar o leme para Tim.

Porém, de repente — como uma bênção —, chegou a hora da mudança do quarto de vigia. Seu pai e seu tio Lou saíram da cabine para tomar o lugar dela e o de Tim e os dois filhos de Lou foram para a proa, para substituir David e Peter.

— Bom trabalho, meu bem — disse o pai, quando ela saiu de trás da roda do leme. — Bem no curso.

— Tem alguma ideia de como estamos? — perguntou Tim.

— É difícil dizer. Acho que podemos conseguir um segundo ou terceiro lugar na nossa classe. Há muitos barcos no radar, mas não sei quais são.

Katherine soltou o cabo de segurança da coluna do leme e desceu para a cabine. Tirou o colete salva-vidas e o jogou no beliche. Tim passou por ela, espremendo-se contra a parede e atirou-se num dos beliches de proa. Nem tirou os tênis. Não admirava que a cabine fedesse como um ginásio de esportes.

Katherine resolveu tomar uma xícara de sopa e ler um pouco, até sentir sono. Não tinha nada mais para fazer.

Ouviu o pai gritar, "Preparar para cambar”. Passos soaram na fibra de vidro sobre a cabeça dela. Katherine segurou na grade protetora do beliche superior onde Evan dormia, roncando como uma serra.

— Tudo a sotavento! — gritou seu pai e o barco endireitou, ficou assim

por alguns segundos e então, quando a retranca girou e a vela tomou vento com um *vump* surdo, ele aproou para bombordo. As xícaras de cerâmica usadas dançaram dentro da pia.

Ela devia lavar a louça. Esse era o seu trabalho. Mas era o de Evan também e Evan preferia dormir. Para o diabo com a louça, podia lavar mais tarde. Lavou uma xícara, encheu-a de sopa e tomou.

De volta ao seu beliche, parou e olhou para a tela do radar. Brilhava como um videogame verde. Uma linha amarela girava na direção do relógio, acendendo pontos luminosos amarelos que, ela sabia, eram outros barcos. Na parte superior da tela havia uma mancha com bordas irregulares.

Alô Bermudas, pensou ela. Guarde um pouco de sol para mim. E, talvez, enquanto está com a mão na massa, pode reservar um belo salva-vidas. Um que deteste veleiros.

Foi bom ter olhado para o radar — aliviava um pouco a sua solidão.

Deitou no beliche, acendeu a pequena lâmpada de leitura e apanhou o livro *A múmia*, de Anne Rice — escolha de sua mãe, perfeita para uma viagem como aquela —, romântico, assustador, suficientemente longo para durar vários dias e fácil de retomar a leitura sem perder a sequência da trama. Encontrou o lugar em que tinha parado. Ramsés traz Cleópatra de volta à vida e ela começa a dormir com todos os homens que encontra, matando-os depois e...

Precisava ir ao banheiro. Levantou do beliche com um suspiro, passou pela mesa de navegação e abriu a porta do banheiro, na popa. O cheiro quase a derrubou, era pior do que os banheiros públicos da Estação Pensilvânia. Não precisava olhar, mas olhou. Sim, estava entupido. Katherine apertou o pedal da descarga e ajudou com a bomba de mão mas o som — um gorgolejo estranho — era um aviso para não repetir a tentativa.

Ela foi para o banheiro de proa. Um pedaço de adesivo para máscara estava pregado na porta, com o aviso escrito com pilot: ENGUIÇADO.

Ótimo.

Katherine voltou para o beliche, abriu a gaveta inferior e apanhou o vaso de emergência, um vidro de maionese vazio.

Voltou para o banheiro de popa e urinou no vidro, contendo a respiração e pensando, por favor faça com que amanhã chegue depressa, faça com que eu durma agora e só acorde quando chegarmos no cais.

Quando terminou, tampou o vidro e foi para a porta da cabine.

— Colete salva-vidas — disse seu pai.

— Eu vou só... — Mostrou o vidro.

— *Os dois,* agora?

— Isso mesmo. Outra vez.

— Meu Deus... bem, vamos consertar quando entrarmos.

O tio Lou disse com um sorriso maroto:

— Mulheres...

— Tio Lou... — disse Katherine. — Eu nunca fui muito boa em biologia, mas acho que os. homens também vão ao banheiro... às vezes.

— Retiro o que eu disse — sorriu o tio Lou.

— Pode me dar — disse seu pai, estendendo a mão para o vidro.

— Eu faço isso.

— Muffin...

— Eu *faço* isso.

— Então, vista o colete.

— Papai... Oh, está bem.

Desceu a escada de costas, foi até o beliche e apanhou o colete salva-vidas. Estava zangada, embaraçada, aborrecida. Ninguém estava usando colete salva-vidas e todos corriam pelo convés como macacos. Ela queria dar três passos para esvaziar um vidro no mar e o pai a fazia vestir-se como uma astronauta.

Vestiu o colete, pensando, quem está sendo boba agora? Por que não deixou que ele jogasse isso fora para você? Porque. Porque o quê? Porque é... uma coisa íntima. Idiota. Ele trocou suas fraldas. Tudo bem, agora era tarde.

Subiu para o convés, passou pela roda do leme e caminhou para a proa na borda de sotavento. O céu estava baixo no oeste, tão baixo que as ondas quase o escondiam e ali, sob a sombra da vela mestra, parecia o começo da noite.

— Prenda o cabo — disse o pai.

— Sim, senhor. — Prendeu o cabo de segurança no cabo que ia de um suporte da amurada a outro.

— Sei que não vai acreditar, mas não estou sendo rabugento só para me divertir.

— Não, senhor. — Ela sabia que estava sendo petulante, mas não podia evitar.

Desatarraxou a tampa e, firmando os joelhos contra um dos suportes, inclinou-se para esvaziar o vidro. O vidro era grande demais para sua mão e quando ela o virou de cabeça para baixo, escorregou. Instintivamente, Katherine procurou segurá-lo com a outra mão, deixou cair a tampa, tentou apanhá-la também e de repente uma lufada de vento empurrou o barco. Num instante, não havia mais nenhum apoio para suas pernas, e como a maior parte do seu peso estava para fora, ela perdeu o equilíbrio e caiu, dando uma cambalhota no ar.

Naquela fração de segundo, Katherine sabia que o cabo de segurança ia interromper a queda e levá-la de volta ao barco, e enrijecendo o corpo, levou as duas mãos à cabeça. O cabo esticou com um puxão forte. Katherine ouviu sua voz gritando, e mais, o ruído sinistro de alguma coisa rasgando e quando devia estar batendo no lado do barco, suas mãos sentiram só... água.

Estava sob a água, de cabeça para baixo, e então o colete a endireitou e ela subiu para a superfície. Não via nada, o cabelo estava na frente dos olhos. Passou a mão no rosto, afastando o cabelo, e continuou sem ver nada a não ser água, grandes marolas de água escura.

Não pode ser! O que aconteceu? Olhou para o colete. Viu um buraco rasgado onde devia estar o cabo de segurança.

Ouvia os gritos do pai, e dos outros também, uma confusão de palavras. Agitando as mãos, ela virou para a direção do som e lá, em silhueta contra o sol poente, viu o topo do mastro afastando-se dela, a vela panejando, as vozes cada vez mais fracas.

Uma marola a suspendeu e ela viu todo o mastro e até a parte superior da cabine. Gritou, mas tinha a impressão — não, ela *sabia* — que o vento roubava suas palavras levando-as para o leste, para a noite.

A marola passou e ela deslizou para baixo. Agora não via nada do barco, nem o topo do mastro.

Alguma coisa na água a envolveu, uma pulsação muito fraca mas real.

O motor. Tinham ligado o motor. Ótimo. Agora podiam manobrar e encontrá-la mais depressa. Depressa. Antes que a noite chegasse.

Outra marola e do alto ela viu o mastro novamente, parecendo mais distante, com todas as luzes acesas — a luz do topo, as luzes de navegação, as da âncora — para que ela pudesse saber onde ele estava.

Katherine gritou outra vez e sacudiu os braços no ar, mas eles não podiam ouvir agora. É claro que não podiam, não com o motor ligado.

Por que continuavam a se afastar dela? Por que não voltavam?

Então o barco fez a volta, deslizando a proa para a direita, seguindo na direção dela, ótimo. Agora iam encontrá-la.

A marola passou e outra vez ela só via água.

Se ela não podia ver o barco, como podia ser vista? O topo do mastro estava a 15 metros da superfície, ela estava a quantos metros? Uns 60 centímetros?

Poupe suas forças, pensou ela. Não grite, não agite os braços enquanto não estiver no topo de uma marola, quando pode ser vista.

Outra marola a ergueu e ela viu o barco quase inteiro... mas estava afastando-se dela, ia em outra direção! Ela gritou.

Quando deslizou para baixo outra vez, virou o rosto para oeste. O sol tinha desaparecido, deixando um reflexo alaranjado no horizonte e nuvens com bordas rosadas no céu que começava a escurecer. Lá no alto estavam as estrelas.

Logo seria noite. Eles tinham de encontrá-la... *tinham,* senão...

Nem pense nisso.

Meu Deus, estava frio! Como podia ter ficado fria tão depressa? Estava na água apenas há alguns minutos, mas seus braços e pernas tremiam e a garganta e o queixo estavam tão contraídos que ela mal podia respirar.

A coisa flutuava a uma distância igual do fundo e da superfície, sem nenhuma ameaça por perto, imperturbada, ao sabor da corrente.

Tinha se alimentado recentemente, satisfazendo-se ao máximo, e não sentia nenhuma necessidade de caçar.

Ela existia, simplesmente existia.

Então sentiu, vinda de algum lugar muito distante, uma pulsação, ondas fracas que batiam de leve no seu corpo.

Mais por curiosidade do que por alarme, balançou as nadadeiras da cauda e subiu lentamente.

Se encontrasse água mais quente, não continuaria a subida porque o conforto era seu único imperativo. Mas a camada de água fria continuava para cima e ela foi subindo.

Agora sentia claridade, e a pulsação estava mais próxima. Havia outra coisa, uma coisa separada da pulsação, que perturbava a superfície da água.

Alguma coisa viva.

***

Uma marola ergueu Katherine, e quando chegou no topo ela viu o barco, o barco inteiro — bem perto! — um vulto escuro contra o céu do começo de noite, com as luzes vermelhas, verdes e brancas cintilando no mastro.

Ela gritou e agitou os braços, depois deslizou para baixo outra vez.

Ninguém a viu, ninguém a ouviu. *Por quê?* Estavam tão perto! Ela *os* ouvia, ouvia o motor e até mesmo uma ou outra voz.

Katherine estava contra o vento, era por isso. O som do barco chegava até ela, mas seus gritos não chegavam até o barco.

Escuro. Estava escuro, quase noite. E fazia frio. E o mar era profundo. Quanto? Infinitamente profundo.

Então o terror a dominou, um medo real, profundo e primitivo que correu por suas veias, assaltando todos os terminais nervosos do seu corpo.

Seu pai tinha falado de monstros, e agora ela sabia que ia ser devorada por eles. Imagens de pesadelo passaram por sua mente, imagens que não apareciam desde que tinha seis ou sete anos, todos os animais horríveis que viviam debaixo da sua cama e no *closet* e no farfalhar das árvores no lado de fora da janela. Sua mãe sempre entrava no quarto para acalmá-la, dizia que tudo estava bem, que os monstros eram de mentira.

Mas ninguém correu para reconfortá-la agora. O faz-de-conta era real.

Sentiu-se tão só, com uma solidão que nunca soube que existia, como se fosse a única criatura viva em todo o planeta.

Os pensamentos atropelavam-se em sua mente. Por que tinha insistido em fazer aquela viagem? Por que não deixou o pai esvaziar o vidro para ela? Por quê, por quê, por quê?

Tentou rezar, mas a única frase que lembrava era: agora deito-me para dormir...

Ela ia morrer.

Não!

Gritou outra vez — não intencionalmente, não para ser ouvida, mas o grito de um ser vivo protestando contra a morte.

Outra marola a ergueu, e lá estava o barco, mais perto, mas havia alguma coisa diferente. Estava parado. Katherine não ouvia mais o motor. Quando desceu com a marola, ouviu uma voz, a de seu pai, num alto-falante.

— Katherine, pode me ouvir? Não podemos ver você, mas desligamos o motor, desligamos tudo, para ouvir. Se está ouvindo, assim que eu parar de falar, grite, querida, grite com todas as suas forças, está bem?... Agora, grite!

Ela pensou. Ele me chamou de Katherine.

Ela gritou.

***

A coisa estava a 30 metros da superfície. Pairou na água, deixando que seus sentidos transmitissem as informações.

A pulsação parou, mas alguma coisa perturbava a superfície, alguma coisa pequena movia-se acima dela:

A coisa viva.

O animal subiu lentamente.

***

— Estou ouvindo, Katherine! Outra vez! Outra vez!

Ela gritou outra vez, com voz áspera, não tão alta quanto antes, mas, reunindo todas as forças, gritou mais uma vez, e outra, e mais outra.

Uma marola a apanhou, e do alto ela viu o farol de busca girando na sua direção. Rezou para não descer com a marola antes da luz a alcançar, mas estava descendo, descendo. Agitou os braços. O farol não ia encontrá-la!

No último momento, o farol iluminou suas mãos erguidas — ela viu a luz nos dedos contraídos — parou e ouviu a voz no alto-falante.

— Já achamos!

Então ligaram o motor outra vez.

***

A pulsação recomeçou... mais perto, mais clara, movendo-se para a coisa viva.

Excitada agora, a coisa subiu e sua cor mudou. Não era a fome que a impulsionava, não a sensação de uma batalha ou uma ameaça iminente, mas o desejo de matar.

Começou a sentir as marolas, pois estava perto da superfície.

***

Quando Katherine chegou outra vez no topo de uma marola, a luz iluminou seu rosto, cegando-a. Mas o barco estava ali, ela sentia o pulsar do motor, o cheiro da descarga.

Alguma coisa saltou na água ao seu lado, uma coisa grande, sentiu um braço em volta da sua cintura e alguém disse: — Já peguei... está tudo bem... está tudo bem.

Timmy. Katherine passou os braços em volta dele, sentiu que a puxavam e sua mão tocou o lado do barco.

***

Ela estava ali, aquela coisa viva, bem acima dela, debatendo-se na água.

Um animal ferido.

Presa.

Mais do que uma presa.

Comida.

A criatura sugou uma enorme quantidade de água para dentro das cavernas do seu corpo, expeliu pelo funil na barriga, e subiu como uma bala.

***

Mãos a seguraram e a puxaram com força. Katherine teve a impressão de que seus braços iam ser arrancados, mas então estava nos braços do pai, e ele a apertava contra o peito, dizendo:

— Oh, minha querida... oh, minha filha... oh, Muffin. Outras mãos puxaram Timmy para bordo e ele caiu no convés, tossindo.

Então, alguém disse:

— Que cheiro é esse?

Ela ouviu quando engataram a marcha do motor e o barco se moveu.

Então, quando seu pai a carregou para a cabine de proa, ouviu as vozes.

— Ei, olhem!

— O quê?

— Lá atrás.

— Onde?

— Alguma coisa na água.

— Não vejo nada.

— Ali! Bem ali!

— O quê? O que é?

— Não sei. Alguma coisa.

— Provavelmente a nossa esteira.

— Não, acho que não.

— Não é nada. Nós a encontramos. Esqueça.

A pulsação diminuía agora, a coisa viva desapareceu.

A criatura oscilou na superfície, examinando a água com um dos seus enormes olhos auribrancos. Ergueu os tentáculos e os passou pela superfície, procurando. Não encontrou nada e mergulhou de volta para as profundezas.

***

Katherine estava deitada no beliche, enrolada em cobertores, tomando a sopa que o pai lhe dava na boca. Ele ria e chorava ao mesmo tempo, e sua mão tremia tanto que ela tirou a xícara dele e continuou a tomar a sopa sozinha.

Evan — não mais distante agora, mas bastante agradável — tinha tirado a roupa de Katherine, lavou-a com água quente e deu a ela um dos seus conjuntos de *jogging*.

Timmy parou a caminho do chuveiro e não disse nada, só inclinou-se e beijou a testa dela.

David, Peter e o tio Lou, todos entraram na cabine, um de cada vez, dizendo alguma coisa, sem nenhuma observação condescendente.

Era uma sensação agradável, como se fosse uma celebridade. Pela primeira vez, tinha uma história só sua para contar quando todos estivessem se gabando das suas aventuras. Pela primeira vez, ela fazia parte da aventura.

Sentiu os olhos pesados e pensou que gostaria de dormir até chegarem às Bermudas.

21

Whip Darling respirou e sentiu que o ar entrava devagar, com relutância, como se estivesse aspirando numa garrafa de soda vazia. Seu tanque estava quase no fim. Podia respirar mais uma vez, duas no máximo, antes de voltar para a superfície.

Não tinha importância, estava só a um metro e meio de profundidade. Se respirasse no vácuo, podia cuspir o respirador, soltar o ar e subir.

Mas não queria subir agora, trocar os tanques e mergulhar outra vez, queria terminar aquele trabalho idiota e chato que devia ter levado 20 minutos e já estava entrando na segunda hora. Substituir as boias do governo era fácil, qualquer pessoa capaz de usar um alicate podia fazer isso. Darling já havia feito centenas de vezes. Era só soltar a boia da corrente, prender no lugar dela um flutuador provisório, suspender a boia para bordo, passar a nova para fora do barco, prendê-la na corrente e retirar o flutuador. Brinquedo de criança.

Não dessa vez. Para começar, Mike deu a ele um pino de tamanho errado para prender a corrente. Depois, Darling deixou cair o pino certo e teve de subir a bordo para apanhar outro, porque Mike estava tão preocupado por Darling estar sozinho na água durante tanto tempo, que não era capaz nem de encontrar o próprio traseiro com as duas mãos. Então, quando Darling estava a bordo, procurando o pino, Mike deixou cair o croque com que segurava a boia, e tiveram de levantar a âncora e ir atrás dela, porque ninguém ia mergulhar e arrastar uma boia de aço viajante de 150 quilos.

De qualquer modo, quem devia estar na água era Mike, e Darling a bordo, passando o equipamento, peça por peça — e *teria* sido Mike se Darling não achasse que o companheiro estava tão apavorado com a ideia de ser mastigado por um vilão do mar, que era capaz de esquecer de respirar e ter uma embolia. Por isso Darling resolveu fazer o trabalho.

Prendeu a respiração, ajustou o pino na presilha e martelou para fixá-lo. Na água, o martelo batia em câmara lenta, e a maior parte da força que o impelia era perdida antes de acertar o pino, por isso ele teve de bater outra vez. A máscara, a água e o movimento da boia dificultavam a visão, por isso ele martelou de lado, o pino escapou da presilha e desapareceu na água azul.

Darling gritou “Merda!” no respirador, vendo o pino descer rapidamente. Deu a última inalada do tanque, aspirando até o último átomo de ar, e tirou o

pino extra do cinto do calção de banho. Bateu no pino com o martelo e ele entrou direto, como uma faca afiada na carne de um peixe. Darling o firmou com o alicate, depois olhou para baixo, certificando-se de que não havia nada nadando no escuro, pronto para correr atrás dele quando subisse para a superfície. Cuspiu o respirador, soltou o ar e bateu os pés, subindo para o sol.

Mike o esperava na escada externa.

— Terminou? — perguntou ele, apanhando o tanque e o cinto de Darling e levando-os para o convés.

Com um gesto afirmativo, Darling pôs o pé no degrau da escada e deitou de bruços, tomando fôlego.

— O que estamos fazendo aqui, Michael? — disse, quando pôde falar. — Devíamos estar num apartamento em Vero Beach, tomando *Pink Ladies* e olhando o pôr-do-sol, em vez de nos atirarmos no mar, quase nos afogando, por uns míseros 500 dólares.

— Paga o combustível.

— Miseravelmente — disse Darling, pensando em alguma coisa agradável que fizesse Mike sentir-se melhor por não ter mergulhado. — Só graças a você.

Mike tinha descoberto que com uma pequena modificação o motor podia funcionar perfeitamente com uma mistura de diesel e querosene, o que diminuía de um terço o preço do combustível. Isso significava que podiam ganhar alguns dólares com trabalhos insignificantes como aquele.

Há anos Darling não substituía as boias do governo e esperava nunca mais ter de fazer esse trabalho. Mas quando soube que o governo tinha organizado uma concorrência, inscreveu-se e, para sua grande surpresa — quase para seu constrangimento —, foi escolhido por ter oferecido o menor preço.

Agora, estavam fazendo aquilo por 5000 dólares, e porque estavam usando o combustível mais barato, iam tirar 250 líquidos naquele dia — não exatamente dinheiro de resgate, mas melhor do que ficar sentado no quintal, contando os pelos do gato do vizinho.

Não havia outro trabalho, pelo menos não um trabalho que Darling quisesse fazer. Não tinham mais o dinheiro do aquário e a escala da regata passou, sem que nenhum barco fosse alugado, porque, assim que os homens dos veleiros desembarcaram e viram o artigo no *Newsweek* com a fotografia da lula

gigante do Museu de História Natural de Nova York, concluíram que mergulho estava fora de cogitação... mesmo nos recifes mais rasos, onde a pior coisa que podia acontecer era um joelho cortado por coral. Há quase duas semanas que ninguém via sinal da lula, mesmo assim nenhum mergulhador tinha entrado na água.

Não fazia sentido, mas afinal, pensou Darling, muita coisa não podia ser explicada. Logo iam aparecer histórias de gente que se recusava a tomar banho de chuveiro, com medo de ser devorada por uma lula gigante vinda com a água ou saída do ralo.

Porém, alguns estavam conseguindo trabalho. Um dos barcos com fundo de vidro tinha mudado de nome e chamava-se agora “CAÇADOR DE LULA”. Levava os turistas até perto dos recifes onde podiam avistar até 30 metros de profundidade, enquanto o capitão, vestido como Indiana Jones, assustava os passageiros falando no seu sistema de alto-falantes com a melhor imitação possível da voz de Vincent Price.

Era bobagem, mas Darling não culpava o homem. Ele tinha de fazer alguma coisa. Alguns dos barcos que levavam mergulhadores de *snorkel* estariam melhor na doca seca. Os visitantes tinham medo de chegar perto da água e não iam pagar 30 dólares para dar uma volta e ouvir contar o que deviam estar vendo.

Um comerciante, dono de uma loja de presentes, já estava vendendo bijuteria estilo lula, feita com conchas e arame prateado. Diziam também que um pescador estava ganhando uma fortuna com pequenas lulas que ele congelava, embutia em blocos de lucite e vendia como miniaturas genuínas do Monstro do Triângulo das Bermudas.

Representantes de grupos ecologistas apareceram na ilha e iam de porta em porta, angariando dinheiro para a campanha “Salve a Lula”. Pediram a Darling para ser o portavoz local da campanha, mas ele recusou, alegando que a *Architeuthis* estava tratando muito bem de se salvar, sem ajuda dele e de ninguém.

Os Salve-as-Lulas estavam nas Bermudas há menos de 48 horas quando entraram em luta com a oposição, alguns adeptos da pesca esportiva que mandaram trazer suas Rybovitches, Hatterases e Merritts de todos os pontos do oeste para a pesca do monstro. Uns dois deles ficaram impacientes com a demora das suas lanchas e tentaram convencer Darling a alugar a sua, mas ele não aceitou, como não tinha aceito a oferta de Manning e do Dr. como se

chama... Talley.

Às vezes arrependia-se de ter recusado colaborar com Talley, especialmente em dias como este, quando sua boca doía de tanto morder o respirador, quando sentia-se gelado como um picolé, quase em coma de tédio... tudo por algumas centenas de dólares que teria de dividir com Mike.

Mas, como costumavam dizer, Talley e Manning deviam ser alimentados com uma colher de cabo comprido. Charlotte tinha dito que os dois, cada um a seu modo, eram os tipos mais perigosos com quem Darling podia se envolver: uma pessoa que não tem nada a perder. Darling nunca parou para pensar exatamente o *que* podia valer o risco da sua vida, fora Charlotte e Dana, mas tinha certeza de que não era uma criatura que comia gente no café da manhã e barcos no almoço.

Além disso, ainda havia uma esperança para ele. Um restaurante na cidade precisava fazer uns consertos no seu cais, e se Darling conseguisse o emprego, podia ser trabalho para uma semana, a mil dólares por dia. Ouviu dizer que a companhia telefônica talvez fosse instalar um cabo... trabalho braçal, bombear lama e cavar uma vala para instalar o cabo, mas honesto e que pagava bem sem destruir coisa alguma.

Era tudo que ele queria... trabalho. Não sabia como Charlotte estava pondo comida na mesa, como a luz continuava ligada e o seguro pago em dia, mas ela estava conseguindo.

Darling entrou no chuveiro para tirar a água salgada e vestiu um short seco, enquanto Mike guardava o equipamento de mergulho e fritava uma cavala tirada da geladeira. Tinham pensado em usar a cavala como isca, mas como não havia nada para pescar, resolveram que era melhor comer o peixe.

Depois do almoço, navegaram para sudoeste, acompanhando a margem externa dos recifes, na direção geral de casa. Darling queria parar no cais da cidade para apresentar a conta ao departamento de Marinha e Portos, onde tinha um amigo que prometeu pagar em dinheiro.

— Veja aquilo — disse Mike, apontando para baixo, do alto do *flying bridge.*

Dois caranhos flutuavam de barriga para cima, e o barco passou entre eles.

Um pouco depois, viram mais dois, depois um pargo, um anjo-do-mar e

quatro ou cinco sargentos. Todos mortos, inchados.

— Que diabo está acontecendo? — disse Darling.

Então ouviram um barulho ao longe, um som profundo e ressoante, *ca-TAPUM!* E logo sentiram uma batida surda sob o aço do chão do barco, como se alguém estivesse martelando o casco com uma marreta.

Então, a uns 600 metros à direita, na água profunda, viram um barco, e na frente dele uma torrente de respingos descendo sobre o que parecia uma colina de água do mar. Enquanto olhavam, a colina sumiu, afastou-se absorvida pelo mar, e o chuveiro transformou-se numa mancha branca na superfície.

Mike apanhou o binóculo e observou o barco.

— É o barco do aquário — disse ele.

— Cristo Santíssimo — disse Darling. — Liam conseguiu permissão para explodir o animal com bombas.

***

Herbert Talley passou a língua no sal acumulado na lente dos seus óculos e acabou de limpar com a ponta da camisa. Encontrou o peixinho cinzento que tinha voado com a explosão, que o acertou na cabeça, e o atirou para o mar, onde os outros — dezenas de peixes mortos — subiam para a superfície, com as barrigas brancas viradas para o sol.

— Essa passou perto — disse ele, controlando-se para não terminar a frase com as palavras que queria dizer, como “idiota” e “bobalhão”.

— Na verdade, não, doutor — disse St. John, com os cachos do cabelo ensopados e despenteados pelo deslocamento de ar, dependurados nos lados da cabeleira, como cipós. — Eu estudei explosivos. Estamos completamente seguros.

St. John olhou para o lado, protegendo os olhos com a mão para enxergar melhor abaixo da camada de peixes mortos. Afastou-se da amurada, deu um passo e gritou para seus homens na proa.

— Preparem outra carga! Desta vez para 100 braças!

O timoneiro, um rapaz musculoso, que parecia um astro de filmes de sexo e de surfe, pôs a cabeça para fora da cabine e perguntou:

— Até onde temos de ir para encontrar 100 braças?

— Use o sonar, pelo amor de Deus. Você sabe como se usa, não sabe?... Ou será que eu tenho de fazer tudo?

— Acabamos de explodir o sonar.

— Então, vá naquela direção! — disse St. John, sacudindo o braço estendido na direção geral da água mais escura.

Voltou-se para Talley e disse:

— Você concorda que quando explodirmos o animal ele vai flutuar, certo?

— Se... — disse Talley. — Se você matar o animal. Sim. — Concordar? Talley tinha *dito* isso a St. John, que não sabia coisa alguma sobre biologia nem sobre a *Architeuthis.*

— Mesmo que ele seja despedaçado?

— Sim. — Talley não achava necessário justificar sua afirmação, uma vez que St. John tinha tanta chance de matar a *Architeuthis* quanto um garoto de dez anos de acertar um pardal com o estilingue.

— Ele virá à tona, mesmo de uma profundidade de 100 braças... cento e oitenta metros?

— De qualquer lugar. Como eu disse, devido ao conteúdo de amoníaco da sua carne, ele é mais leve do que a água do mar. Vai boiar como óleo, como...

— Eu sei, eu sei — disse St. John, dando meia-volta e caminhando para a proa.

Talley engoliu bile e começou a pensar num meio de escapar daquele homenzinho pomposo que o tratava como a um aprendiz. Não devia ter aceito o convite de St. John para acompanhá-lo naquele empreendimento.

Porém, no telefone, St. John foi muito delicado, receptivo, ansioso mesmo para que Talley observasse sua tentativa de matar a lula gigante. Recebeu Talley a bordo da lancha de 35 pés do aquário, apresentou-o aos quatro tripulantes — incluindo o jovem encarregado dos explosivos, que parecia nauseado por nervosismo ou com a expectativa de enjoo de mar — e então começou a dar uma aula para Talley sobre o assunto ao qual o cientista tinha dedicado toda sua vida, uma aula enfeitada com pseudofatos, tirados, Talley

imaginou, de revistas em quadrinhos, filmes de horror e tablóides do supermercado.

Quando Talley contestou um dos supostos fatos de St. John — não agressivamente, não didaticamente, mas dizendo apenas que não havia nenhuma prova conclusiva do que St. John acabava de dizer, ou seja, que só existem três espécies de *Architeuthis*, que muitos cientistas achavam que, na verdade, devia haver umas 19 espécies, todas com pequenas diferenças características — a resposta de St. John foi um breve "Ridículo!" Então ele mudou de assunto, convencendo Talley de que não estava interessado em aprender coisa alguma, e que esperava que o cientista apenas aprovasse e aplaudisse tudo que ele fizesse.

O mais espantoso era que St. John ignorava a extensão da própria ignorância. Acreditava mesmo nas bobagens que dizia. Era como se seu cérebro recolhesse dados de todas as fontes — as confiáveis, as marginais e as fantásticas — escolhendo o que o agradava e descartando todo o resto para moldar o próprio evangelho.

St. John ficou longe de Talley a maior parte da viagem, tendo dado instruções ao cientista para ficar na popa — "onde estaria seguro" — enquanto ele instruía a tripulação sobre a lula gigante e o uso de explosivos submarinos. Só se deu ao trabalho de falar com Talley — e não foi uma pergunta, mas uma observação sobre a flutuação de certo tipo de carne — porque um dos tripulantes perguntou como iam saber que tinham matado o monstro, já que, se ele não possuía uma bexiga natatória, provavelmente ia afundar... não ia?

St. John ficou impressionado com a ideia, até Talley explicar voluntariamente que a carne da *Architeuthis* tinha capacidade positiva de flutuação, informação que St. John passou para os outros, como se tivesse saído da cornucópia da sua mente.

Talley não se importava em dar informação a St. John. A essa altura, tudo que ele queria era sair daquele barco, antes que St. John fizesse uma besteira e os mandasse pelos ares, aos pedaços.

Se ao menos ele e Manning pudessem alugar um barco só para os dois. Tinham tentado, mas não havia nada de tamanho adequado, exceto uma velha balsa que precisava de uma revisão completa. Havia os barcos de tamanho médio do governo, mas quando procuraram se informar da possibilidade de alugá-los, encontraram uma enorme confusão burocrática, toda ela criada, Talley estava certo, pelo próprio St. John, que queria a criatura só para ele.

Manning tentou arranjar um barco nos Estados Unidos, mas com o tempo da viagem, licenças, inspeções e taxas teriam de esperar mais de um ano.

Enquanto isso, Talley sabia que sua única chance, talvez a única que jamais teria na vida, de ver, estudar e filmar o animal que há mais de 30 anos era sua obsessão, diminuía a cada hora. Mudanças sazonais das correntes marítimas, da temperatura da água e da direção da corrente do Golfo podiam fazer com que a *Architeuthis* partisse para outras paragens.

Evidentemente, sua única esperança era Whip Darling. De tudo que sabiam dele e o que ficaram sabendo conversando com ele, tinham certeza de que era o homem perfeito para o trabalho: entendido, engenhoso, sensato, forte e determinado. Seu barco era perfeito também. Talley e Manning tinham alugado um pequeno barco e, à noite, remaram para Mangrove Bay, depois de verem Darling e a mulher saindo de casa num táxi. Subiram a bordo do barco dele encobertos pelas sombras longas do fim do dia, examinaram a popa ampla, obviamente capaz de comportar enormes rolos de cabos, o motor e as prateleiras para peças avulsas, viram com aprovação o mecanismo de guindaste e de reboque, até a linha da proa e os paineiros que atestavam a resistência e estabilidade da embarcação.

Debateram a conveniência de comprar o barco de Darling, mas pelo que tinham ouvido em conversas superficiais com o pessoal de Cambridge Beaches, e com trabalhadores do estaleiro, Talley ficou sabendo que o barco e o homem eram inseparáveis. Comprar o barco era o mesmo que comprar o homem, e o homem tinha deixado bem claro que não estava à venda.

Não tinham ainda descoberto qualquer fraqueza de Darling que pudesse ser explorada, mas Manning não ia desistir. Garantia que, com tempo, era capaz de descobrir o calcanhar-de-aquiles de um santo. Precisava falar ainda com alguns conhecidos, cobrar alguns favores.

Talley, por seu lado, não tinha ninguém para questionar, nada mais para tentar. Nessa noite, ia se encontrar com uma outra pessoa, mas supunha que a conversa não levaria a nada, a não ser a um pedido de dinheiro em troca de informações interessantes sobre Darling. Não seria a primeira vez que acontecia, mas Talley sempre se recusava a pagar antes de ouvir as informações e nenhuma das coisas que ouviu valia um centavo.

Então, na noite anterior tinha recebido o telefonema de um homem, Carl Frith, que se dizia pescador. Disse que soube que Talley estava fazendo perguntas sobre Whip Darling e achava que podia ajudar. Talley só não recusou

encontrar-se com o homem porque ele garantiu que não queria dinheiro. Tudo que queria era justiça... fosse o que fosse que isso podia significar.

— Pronto! — disse alguém na proa.

St. John disse para o timoneiro:

— Estamos na posição certa?

— Sim, senhor.

— A que distância estamos da carga?

— Mais ou menos 100 metros.

— Chegue mais perto. Quero ter certeza do alcance do sinal.

— Mas...

— Que diabo, chegue mais perto! Você quer que funcione, não quer?... Ou será que não quer?

— Sim, senhor.

O timoneiro engatou a marcha e acelerou. Talley foi para a popa, o mais longe possível da carga de explosivos. Bateu com os dedos na fibra de vidro, imaginando qual seria seu poder de flutuação.

Então, St. John gritou:

— Fogo! — e o tripulante girou o botão no detonador.

Por um momento, não aconteceu nada, só silêncio, e então ouviram um ribombo de trovão seguido da sensação de que o barco fora agarrado por dedos gigantescos que tentavam erguê-lo até o céu. Então, a água explodiu em volta deles.

Finalmente o barco caiu de novo, a cortina de água dissipou-se e St. John foi até a popa e inclinou-se para fora. Peixes pequenos — rosados e vermelhos, cinza e marrons — flutuavam na superfície.

— Mais fundo — disse ele. — O animal deve estar mais no fundo, vamos tentar chegar até lá.

O timoneiro saiu da cabine e disse:

— Doutor, Ned diz que estamos fazendo água.

— Fazendo água? Onde?

— O vidro rachou. Nos lados onde se vê o fundo, bem embaixo.

— Por que você chegou tão perto?

— O quê? O senhor mandou...

— A segurança desta embarcação é sua responsabilidade. Se achou que era perigoso chegar mais perto, tinha obrigação de desobedecer à ordem.

O rapaz olhou para ele, atônito.

— Idiota! — disse St. John, caminhando para a proa. — A abertura é muito grande?

— Acho que devemos voltar para casa, só por precaução.

— Bobagem. Consertem com cola apropriada — disse St. John, desaparecendo na cabine.

Talley pensou, formidável, agora vamos afundar, e provavelmente morrer afogados aqui no meio de lugar nenhum. Olhou em volta, examinando o *cockpit*, à procura de alguma coisa capaz de flutuar. Viu uma escotilha de madeira, e soltou-a para que pudesse boiar livremente se a popa afundasse. Olhou para a direção da praia, calculando a distância... Três milhas? Quatro? Não tinha certeza, mas parecia um caminho longo, muito longo.

Então, quando virou para o outro lado, viu um barco, não muito distante. Não estava fazendo nada, só estava ali, aproado para onde eles estavam. Era um barco grande.

Ainda bem, pensou ele. Pelo menos alguém virá me salvar.

Ouviu o timoneiro engatar a marcha, o barco fez uma volta e começou a retornar para a praia.

St. John saiu da cabine, suando, vermelho, quase roxo, de esforço ou de raiva.

— Há um barco ali adiante — disse Talley. — Quem sabe nós podemos...

— Estou vendo. — St. John bateu na capota da cabine e gritou: — Ei!

A cabeça do piloto apareceu na porta.

— Sim, senhor?

— Está vendo aquele barco? Chame no rádio e diga para nos seguir até a

entrada da baía.

— *Dizer* a eles, senhor?

— Sim, Rumsey... *dizer* a eles. Diga quem somos e mande nos seguir até a entrada da baía, para o caso de precisarmos de ajuda. Eles vão fazer isso. Pode apostar.

— Sim, senhor. — Quando o piloto ia voltar para a cabine, St. John disse:

— Você o reconhece?

— Sim, senhor.

— Quem é?

— *Privateer... é* Whip Darling.

— Oh! — disse St. John. Depois de pequena hesitação, acrescentou: — Esqueça.

— Senhor?

— Esqueça. Não chame no rádio. Apenas leve-nos para casa.

O piloto franziu a testa, deu de ombros e entrou na cabine.

***

— Veja como o barco parece pesado — disse Mike.

— *Baixo*... — observou Darling. — Está fazendo água.

— Quer ir atrás deles até a entrada da baía?

— Se quiserem ajuda, eles nos chamam — disse Darling. — Eu até que gostaria, mas acho que Liam não vai querer.

Pôs o barco no rumo, empurrou as alavancas do motor para a frente e seguiu para a marca do Western Blue Cut. Continuou em alto-mar, e durante vários minutos a proa do barco abriu caminho entre os peixes mortos.

— Ele explodiu mesmo, tudo virou titica de rato.

— Pena que a cretinice não é crime — disse Darling. — Se fosse podíamos prender aquele homem pelo resto da vida.

— O que ele estava usando?

Darling deu de ombros.

— Acho que nem *ele* sabe. Desde que fizesse *bum*, estava bem para ele. Gel para água... C-4... talvez simplesmente a velha dinamite.

— Não se pode comprar isso em qualquer armazém.

— É claro que pode. Veja toda a pólvora que temos. Basta dizer que quer explodir uma doca para colocar os alicerces. O homem que dá a permissão nunca leva em conta a idiotice do comprador.

— Mesmo assim, dá para pensar... Ei! — Mike estava olhando para o norte e apontando para uma coisa brilhante que boiava entre duas marolas.

Darling virou o leme e o barco balançou, apanhando as ondas de través, a bombordo.

— Que diabo — disse Darling, quando chegaram perto da coisa flutuante. — Mais um pedaço daquele cachalote... se não estou enganado.

Era outra “rosquinha” gelatinosa, ovalada, com um metro e oitenta ou dois metros de comprimento ondulando na água, com uma abertura no centro.

Darling pôs o motor em neutro e inclinou-se sobre a amurada do *flying bridge* para ver melhor.

— Eu diria que é vômito de baleia — disse ele. — Você sabe... ambargris... isto é, se ainda existe alguma baleia por aqui.

— Não é escuro como ambargris — disse Mike. — E não fede.

— Não... deve ser um filhote, mas filhote de quê, não tenho a mínima ideia. — Darling ficou calado por um momento, depois disse: — Acho que devíamos levar um pouco para o Dr. Talley examinar.

— Quer que eu puxe para bordo?

— Por que não?

Mike desceu para o convés, apanhou a rede com cabo comprido para apanhar peixes no fundo e foi para a popa onde a amurada era mais baixa e ele podia alcançar a coisa com maior facilidade.

Darling fez o barco dar uma volta fechada, manobrando para que a massa gelatinosa ficasse perto do casco.

Mike inclinou-se para fora e passou a rede. Assim que foi tocada, a gelatina fragmentou-se.

— Droga — disse ele. — Ela se desmanchou.

— Pegou alguma coisa?

— Vou tentar outra vez.

Darling deu marcha à ré e Mike estendeu o braço, segurando com força o cabo da rede.

Quando a rede tocou na água, alguma coisa a agarrou e puxou. O braço de Mike bateu na amurada baixa e, como a maior parte do peso do seu corpo estava fora, ele começou a cair.

— Ei! — gritou ele, agitando a mão livre, mas encontrando só ar.

— Solte a rede! — gritou Darling, mas Mike não soltou. Como se sua mão estivesse grudada no cabo de alumínio, ele foi puxado para fora do barco. Seu corpo deu uma meia cambalhota e caiu de costas na água. Só então largou a rede.

Darling correu para a parte de trás do *flying bridge*, saltou e escorregou pela escada, correndo para a popa. O motor estava em neutro, portanto não havia perigo de Mike ser apanhado pela hélice, mas Darling temia que ele entrasse em pânico, engolisse água e se afogasse.

E era exatamente o que estava acontecendo. Mike esqueceu que sabia nadar. Gritando incoerentemente, girava os braços no ar e na água, como asas de moinho... a menos de um metro e meio da popa do barco.

Darling apanhou um cabo, prendeu uma das pontas e segurou a outra no ar.

— Michael! — gritou ele.

Mas Mike não o ouviu e continuou a se debater e a gritar.

Darling enrolou o cabo e o atirou na direção da cabeça de Mike. A ponta bateu no rosto dele, mas Mike nem percebeu, até seus dedos finalmente tocarem o cabo e, instintivamente, se fecharem em volta dele. Então Darling o puxou para a escada externa na popa, inclinou-se e, segurando-o pelo colarinho, levou-o para cima.

Mike ficou deitado, gemendo baixinho e cuspindo água. Então tossiu,

levantou-se e disse:

— Merda para isto.

— Ora, Michael — disse Darling, sorrindo. — Era só uma velha tartaruga, nada mais. Eu a vi... acho que resolveu disputar o filhote com você.

— Quero que ela vá à merda. Você também. Quero que tudo vá à merda. Para sempre.

Darling riu.

— Você está bem?

— Eu vou ser chofer de táxi.

Mike tirou a roupa molhada e enrolou-se numa toalha. Darling voltou para o leme e fez o barco girar em volta da rede que boiava na superfície. Pôs o motor outra vez em neutro e deixou que o impulso levasse o barco até a rede. Apanhou-a com o croque e a levou para bordo.

A tartaruga tinha feito um furo na rede, mas havia alguns pedaços de gelatina grudados nela. Darling ergueu a rede para o sol e examinou os fragmentos cuidadosamente. Havia umas coisas pequenas dentro da gelatina, mas não dava para perceber o que eram. Pensou em raspar os pedaços da rede e guardar num vidro, mas provavelmente eram tão poucos que nem valia a pena. Passou a rede na água para limpar, jogou-a no convés e voltou para o *flying bridge.*

Alguns minutos mais tarde, quando Darling aproou para a entrada do Western Blue Cut, Mike apareceu no *flying bridge* com duas xícaras de chá.

— Não estou gostando disto — disse Mike, dando uma xícara para Darling.

— Cair do barco pode estragar seu dia.

— Não, quero dizer tudo. Tudo isto está me endoidando. Já caí do barco antes e nunca fiquei doido desse jeito.

— Não fique impressionado. Todo mundo tem um mau dia.

— Mas não é todo mundo que fica doido de medo. As malditas criaturas estão me assombrando. Quase desejo que Liam *consiga* explodir a coisa. Quem ia imaginar que uma droga de lula ia me deixar maluco?

— Pare com isso, ou vai *ficar* maluco de verdade... procure sair dessa.

— Não posso fazer o que já foi feito.

Darling olhou para Mike, enrolado na toalha com as mãos trêmulas, e pensou, esta coisa abriu uma porta escura no íntimo desse homem. É impressionante como as coisas que não compreendemos podem despertar demônios que nem sabíamos que viviam em nós.

***

Já estavam em águas rasas, com a fortaleza do Estaleiro aparecendo à esquerda e os chalés rosados de Cambridge Beaches espiando entre as casuarinas, à direita, quando Mike, inclinado sobre a amurada, olhou para trás e disse:

— Nunca vi aquele cara antes.

Darling virou a cabeça. Ao norte, a menos de 3 milhas, um navio pequeno, de 120 ou 150 pés de comprimento, no máximo, com casco branco e uma única chaminé negra aproximava-se da entrada do Canal Norte.

— Não é daqui — disse Mike.

— Acho que não — disse Darling.

— Também não é da marinha. Parece um barco particular de pesquisa.

Darling apanhou o binóculo, apoiou os braços na amurada e examinou o navio. Viu um barco salva-vidas dependurado no turco a estibordo e, atrás da cabine, um imenso guindaste de aço. Sob o guindaste havia uma coisa oval, com vigias dos dois lados, suspensa numa rede.

— Macacos me mordam, Michael — disse Darling. — Seja lá quem for, ele tem um submersível, um daqueles submarinos pequenos, montado na ré.

TERCEIRA PARTE

22

O Capitão Wallingford estava inclinado sobre sua mesa, assinando formulários de requisições, quando Marcus Sharp chegou, bateu duas vezes no batente da porta aberta e disse:

— Capitão?

— Sharp. O que é? — Wallingford não levantou os olhos do que estava fazendo. — Não, espere, não me diga. Ouviu os boatos de que temos um barco de pesquisa aqui, carregado com equipamento da era espacial, incluindo um submersível de última geração, que vale dois milhões de dólares e que vai sair para procurar a lula gigante. Ouviu também que vamos pôr um homem da marinha naquele barco e no submersível, e você veio se oferecer como voluntário. Você acha que é o melhor homem para fazer esse trabalho. — Wallingford ergueu os olhos e sorriu. — Então?

— Eu... sim, senhor. — Sharp entrou no escritório e parou na frente da mesa do capitão.

— Por que você, Sharp? Você é um piloto de helicóptero, não de submarino. E por que devo mandar um oficial e não um marinheiro? Tudo que vamos precisar é um par de olhos, alguém para garantir que aqueles curiosos não metam o nariz onde não devem, e não arrebentem, por descuido, um dos cabos acústicos da marinha.

— Sou um mergulhador, senhor — disse Sharp. — Conheço o fundo do mar. Sei o que todo aquele equipamento sensível pode ver lá embaixo. Posso ver coisas que outras pessoas não veriam. — Depois de uma pausa, continuou: — Tenho curso de explosivos de profundidade.

— Explosivos de profundidade — disse Wallingford. — Cristo. Sharp, essa gente não está aqui para explodir coisa alguma. É gente importante de revistas e querem ser os primeiros a filmar e fotografar uma lula gigante viva... uma lula que, pelo que ouvi, a esta altura, provavelmente está a milhares de quilômetros daqui.

— Qual é o trato com o governo das Bermudas? Pensei que a última coisa que o governo queria era mais publicidade.

— Dinheiro. O que mais? As Bermudas vão mal. O turismo está no fim. Os hotéis têm problemas, os restaurantes têm problemas, a pesca esportiva

praticamente acabou. O mergulho *fechou* as portas. Quando o pessoal do *Voyager*...

— *Voyager?*

— É a revista. É nova, fundada por um cara da indústria de rolamentos, cheio de dinheiro. Seu submersível novinho em folha estava nas Ilhas Caimã, fotografando coisas estranhas no fundo do mar, e quando ouviram falar da lula, acharam que podia ser um furo de reportagem — um furo que pode elevá-los ao mesmo nível da *National Geographic.* A *Geographic* não tem um submersível. Ninguém tem. Pelo menos, nenhum americano, exceto a marinha, e só um dos nossos vale alguma coisa. Seja como for, as Bermudas disseram: ei, por que não permitir a entrada deles no jogo? Se encontrarem a lula, ótimo, talvez descubram um meio de acabar com ela. Se não, vamos deixar que gastem tempo e dinheiro por aqui e quando virem que não vão encontrar a lula, podemos informar publicamente que o animal foi embora, e dizer ao mundo que as Bermudas são um lugar seguro outra vez.

— Onde é que a marinha entra nisso? Quero dizer, são águas das Bermudas, isto parece que...

— Onde nós *entramos*? Ora, vamos, Sharp... As Bermudas não *têm* águas. Por lei, são águas da OTAN. Mas, de fato, são americanas. Cada gota. Você pensa mesmo que foram os bermudianos que colocaram todos aqueles traçadores de sonar? Pensa mesmo que os bermudianos instalaram todos aqueles cabos que controlam os movimentos dos submarinos russos? Isto aqui é América, Sharp. E quando o Pentágono ouviu falar desse acordo, quando soube do navio com todo equipamento de alta tecnologia, caiu em cima de mim como um enxame de abelhas. O Pentágono quer ter certeza de que vou pôr um homem da marinha naquele navio e no submersível. Ninguém, não me importa que sejam americanos ou *munchkins*, ninguém vai meter o nariz nas nossas propriedades do fundo do mar, sem que estejamos bem junto deles, olhando sobre seus ombros.

Wallingford recostou-se na cadeira.

— É isso, Sharp — disse ele. — Agora, quanto a você, por que quer descer naquela coisa? Pensa que vai descobrir algum navio naufragado para seu amigo Whip Darling?

— Não, senhor — Sharp disse rapidamente, embaraçado. Nunca lhe ocorreu que Wallingford soubesse que ele usava o helicóptero para voar sobre os

recifes à procura de restos de naufrágios. Mas devia ter pensado nisso, uma vez que nunca voava sozinho, havia sempre alguém com ele e a base naval era uma comunidade pequena, onde todos tinham tempo para fofocas. — De que adiantaria? — disse ele. — Mesmo que eu visse alguma coisa a 150 ou 300 metros de profundidade, eles não poderíam trazer para cima.

— Então, o que é? — perguntou Wallingford. — Por que você quer descer a 300 metros no oceano, com pessoas que não conhece, num pequeno caixão de aço, para procurar uma coisa que provavelmente não está lá, ou que pode matá-lo, se estiver?

— Porque... — Sharp hesitou, certo de que a maioria das pessoas teria dificuldade para compreender seus motivos. — É uma coisa que eu nunca fiz antes. Quero ver como é.

— Você também nunca esteve na lua. Iria à lua se alguém o convidasse?

— Sim, senhor. Certamente.

— Deus do céu, Sharp — disse Wallingford, balançando a cabeça. — Está bem, você ganhou. Esteja no Estaleiro às 16:00 horas em ponto. Eles vão sair e ancorar esta noite, e descer o submarino amanhã bem cedo.

— Muito obrigado, senhor — disse Sharp. — Até onde isto é oficial? Devo usar uniforme?

— Não. Mas leve uma suéter e algumas meias de lã. Ouvi dizer que faz muito frio no escuro, a novecentos metros de profundidade.

— Sim, senhor — Sharp fez continência e virou para sair.

— Sharp — disse Wallingford, quando ele estava na porta.

— Senhor?

— Eu ia mandar você, mesmo que não tivesse se oferecido como voluntário. — Wallingford deu um largo sorriso. — Só queria ouvir como ia defender seu caso.

***

De volta ao alojamento, Sharp arrumou uma valise, pondo nela um *walkman*, algumas fitas e um livro. Tomou um banho de chuveiro, vestiu uma calça *jeans* e uma camisa de brim. Eram quase 15:00 horas. O Estaleiro ficava na outra

extremidade das Bermudas, uma hora de moto. Apanhou a valise e saiu do quarto. Na porta, lembrou que tinha combinado mergulhar com Darling no dia seguinte, voltou e apanhou o telefone.

Charlotte atendeu e antes que ele pudesse deixar recado, ela disse que Whip estava no barco e que ia chamá-lo. Enquanto esperava, Sharp pensou se devia dizer a Darling onde ia. Sabendo o quanto a marinha gostava de segredos, imaginou que essa viagem devia ser classificada, embora envolvesse uma revista nacional que ia documentá-la em filme. Mas a marinha gostava de classificar tudo, desde o número de batatas compradas até o preço pago pelas meias dos homens.

Ao diabo com o segredo, resolveu ele. Era capaz de apostar que Darling já sabia de tudo.

— Ainda bem que você telefonou, Marcus — disse Darling. — Eu ia ligar para você. Que tal adiarmos o mergulho de amanhã? Tem uma porção de gente de uma revista que quer descer um submarino para filmar a lula. Eles me contrataram como guia.

— Você vai? O que quer dizer como guia?

— Eles não sabem onde devem procurar a coisa. Não sabem onde termina a plataforma, nem onde começa a inclinação do fundo. Têm um sonar comum e um com *side-scan*, e se tivessem paciência podiam encontrar sozinhos. Mas aquele barco deve custar uns dez mil por dia no mar, por isso vão me usar para cortar caminho.

— E você concordou? Eu pensei...

— Marcus. São mil dólares por dia. Mas tudo que vou fazer é mostrar onde devem ir, dizer para que lado devem apontar as câmaras e flutuar em volta do submarino para o caso dele precisar subir longe do barco. — Darling riu. — Pode estar certo de que não vou descer naquela coisa.

— Whip — disse Sharp, e parou, sentindo o entusiasmo arrefecer. — Eu vou com eles.

— Você? Para quê?

— A marinha não quer que eles fiquem espiando nosso equipamento de sonar, nem que, para justificar as despesas, resolvam fazer uma reportagem sobre o que estamos gastando para monitorar submarinos soviéticos que não existem.

— Por que Wallingford tem tanta certeza de que não vão encontrar a lula?

— A marinha pensa que ela já foi embora — disse Sharp. — O pessoal da Administração Oceanográfica também pensa assim.

— Bem, eu não penso. Nem Talley, do contrário ele já teria voltado para o Canadá. Não, eu acho que a criatura ainda está lá embaixo, Marcus. Tenho certeza de que está lá no fundo, em algum lugar. — Por um momento ficaram em silêncio. Então, Darling perguntou: — Você disse que vai com eles? Não vai me dizer que vai descer naquele submarino?

— É claro — disse Sharp. — A questão é essa.

— Não vá.

— Tenho de ir, Whip.

— Não, não tem, Marcus. — Darling fez uma pausa e depois disse: — Nós dois precisamos lembrar de uma coisa. Há uma grande diferença entre ser corajoso e ser tolo.

23

O Estaleiro da Marinha Real fora construído no século XIX, por condenados apelidados de “transportes”, porque eram transportados da Inglaterra e mantidos em navios-prisões, ancorados no fundo lamacento da Baía Grassy. Os muros de pedra tinham mais de três metros de espessura, as ruas de pedra tinham sido pavimentadas à mão. Ocupava toda a extremidade norte da Ilha Irlanda e foi, durante algum tempo, um centro de civilização independente. Havia alojamentos para centenas de soldados, cozinhas, prisões, lugar para fabricar velas, parapeitos móveis, armazém de cabos e arsenais.

Agora, caminhando no cais onde ocasionalmente ancoravam ainda navios americanos e britânicos de grande calado, Sharp passou por butiques, cafés, lojas de lembranças, um museu.

As letras grandes identificavam a embarcação como *Ellis Explorer,* de Fort Lauderdale. Contando os passos, Sharp caminhou ao lado do navio. Tinha 150 pés de comprimento, mais ou menos, e a popa era quase completamente aberta. Mais ou menos no meio, entre a popa e a cabine, estava o submersível no seu berço, coberto por uma lona. Evidentemente o barco era novo, construído, calculou ele, depois de examinar a linha esbelta, na Holanda ou na Alemanha, e meticulosamente conservado. Não havia nem um grão de poeira no casco, nem um arranhão, nenhum pedaço solto de tinta. Os cabos no convés estavam enrolados com perfeição, e a superestrutura de aço e alumínio cintilava no sol da tarde. O dono desse barco, pensou Sharp, não tem problemas de dinheiro.

Viu uma mulher de pé na proa, atirando pedaços de pão para um cardume de peixes pequenos.

— Alô — disse Sharp.

Ela voltou-se e disse:

— Oi.

Devia ter quase 30 anos, era alta, esbelta e muito bronzeada. Vestia uma *jeans* cortada, uma camisa Oxford masculina com as pontas amarradas na cintura e um Rolex de mergulho. O cabelo castanho, dourado de sol, era curto e penteado para trás. Os óculos escuros estavam dependurados no pescoço.

— Sou Marcus Sharp... Tenente Sharp.

— Oh! — disse ela. — Certo. Suba a bordo.

Sharp atravessou a prancha de embarque e chegou ao convés.

— Sou Stephanie Carr — disse ela, estendendo a mão, com um sorriso. — Tiro fotografias. — Levou-o para a popa, para a cabine.

A cabine era grande e confortável. Havia duas mesas dobráveis, dois sofás de plástico pregados no chão, algumas cadeiras de plástico, pilhas de brochuras e, numa prateleira, uma televisão e um videocassete. Alguns degraus levavam à ponte, na proa, e outros desciam para a cozinha e para os beliches, na popa.

Um homem pequeno e musculoso com cabelo cortado rente, que podia ter de 30 a 45 anos, sentado na cabine, assistia a um filme de James Bond.

— Este é Eddie — disse Sfephanie. — Ele pilota o sub. Eddie, este é Marcus.

Eddie fez um gesto vago e disse, distraidamente:

— Oi.

Sharp viu sobre uma das mesas, câmaras, estrobes, medidores de luz e caixas de filmes.

— Vocês têm também um roteirista? — perguntou para Stephanie.

— Não. Eu faço tudo. Além disso, se conseguirmos filmar esse monstro, ninguém vai se importar muito com palavras. — Apontou para a escada à ré. — Há uma porção de cabines vazias lá embaixo. Pode deixar suas coisas onde quiser.

Sharp atirou a valise numa cadeira.

— Quem é Ellis? — perguntou. — O nome — *Ellis Explorer.*

— Barnaby Ellis... Rolamentos Ellis... a Fundação Ellis... Publicações Ellis. Os rolamentos fundaram a editora, a fundação é dona do barco. Quando uma das publicações precisa de um barco, pede emprestado à fundação.

— Você trabalha para ele?

— Não, sou *free lance.* Trabalho para a *Geographic Traveler,* para quem quiser pagar meus serviços.

— Ei, marinheiro — alguém chamou da ponte.

— Venha conhecer Hector — disse Stephanie, subindo na frente dele para a ponte.

Hector aparentava quarenta e poucos anos. Era moreno e gordo, e vestia uma camisa branca engomada com ombreiras de capitão, calça preta com vinco e sapatos negros reluzentes. Trabalhava com lápis e régua numa carta das águas das Bermudas.

— Esse Darling — disse ele — me disse para ancorar aqui — bateu com a mão num ponto da carta —, mas aqui não tem fundo.

— Ele indicou detalhadamente o caminho a seguir? — perguntou Sharp.

— Cada passo. Dar a volta na ponta, aqui, para o norte, daqui até a boia, depois noroeste aqui. Mas a carta diz que não tem fundo até 500 braças. Não posso ancorar em 500 braças.

— Faça o que ele diz — disse Sharp. — Se Darling diz que tem fundo aqui, então tem. Pode ser uma montanha, pode ser uma prateleira, pode ser parte de uma prateleira.

— Mas a carta...

— Capitão — disse Sharp —, nas Bermudas, se eu tivesse de escolher entre um mapa do Traçado Geodésico e da Costa e Whip Darling, eu escolheria Whip Darling, em qualquer circunstância.

Passava das cinco quando deixaram para trás a ponta do Arsenal e rumaram para o norte, na direção das marcas do canal. Sharp e Stephanie estavam no convés de observação, em cima da cabine e viam os pequenos flocos de cúmulos mudarem de cor, de acordo com o ângulo em que o sol os iluminava.

— Onde você mora? — perguntou Sharp.

— São Francisco, mais ou menos. Mas, na verdade, em lugar nenhum. Tenho um apartamentozinho lá, um lugar para onde voltar, mas estou fora dez ou 11 meses por ano.

— Então não é casada.

— Um pouco difícil — disse ela, sorrindo. — Quem. ia me querer? Nunca ia me ver. Quando entrei para esta profissão — assim que saí da universidade, eu trabalhava para um pequeno jornal, em Kansas, e como bico, fotografava a vida selvagem — compreendi que tinha de fazer uma escolha. Sabia que não podia ter as duas coisas ao mesmo tempo. Tenho muitos amigos

fotógrafos, especialistas nisto que eu faço — esportes, aventuras, animais — e dos que casaram, 90% estão divorciados.

— Valeu a pena?

— Até agora sim. Conheço o mundo todo, meu passaporte parece um catálogo de telefones. Conheci muita gente, fiz uma porção de loucuras, fotografei tudo, desde tigres até formigas guerreiras. Mas estou começando a ficar cansada. Uma vez ou outra, penso em mudar a minha vida. Mas sempre o telefone toca e lá vou eu para algum lugar novo. — Estendeu o braço para o mar e para o céu. — Como agora.

— O que você sabe sobre a lula gigante?

— Nada. Bem, quase nada. Li alguns artigos na viagem. Sei que nunca foi fotografada, e isso é o bastante para mim. Não é sempre que se tem oportunidade de fazer uma coisa que nunca foi feita.

— Há uma razão para isso, você sabe. Elas são raras e perigosas.

— Bem — disse ela. — Essa é a graça da coisa, certo? Veja deste modo, Marcus. Estamos sendo pagos para fazer o que outras pessoas não poderíam fazer, nem que tivessem todo o dinheiro do mundo, isto é, enfrentar riscos e descobrir coisas. Isso se chama viver.

Sharp olhou para ela e sentiu uma pontada dolorosa que há muitos meses não sentia, a dor de se lembrar de Karen.

— Eu estou dizendo — insistiu Hector, apontando para o sonar —, aqui não tem fundo.

Uma luz cor-de-laranja girava na tela circular, acentuando o brilho quando passava a marca das 480 braças.

— Tem certeza de que está no lugar certo? — perguntou Sharp.

— O SatNav diz que estou bem em cima, exatamente onde ele disse.

Sharp olhou para fora da cabine. Nada na cor da água sugeria um ponto mais raso, o céu estendia-se cinzento e uniforme, como aço polido.

— Jogue a âncora — disse ele.

— É fácil para você dizer isso, marinheiro — disse Hector. — A âncora e a corrente de dois mil dólares não são suas.

— Jogue a âncora. Se você a perder, eu a trago de volta, pessoalmente. — Sharp sorriu.

Hector olhou para ele, depois disse:

— Merda — e apertou os botões que soltavam a âncora.

Ouviram o ferro caindo na água, depois a corrente passando pelo escovém *(N. da atualização: abertura tubular no costado da proa do navio, por onde passa a amarra e onde se aloja a âncora depois de içada do fundo) na proa. Um tripulante, com uma camisa listrada de marinheiro, de pé na proa, observava a descida vertical da corrente.

— Importa-se se eu ligar o seu *side-scan*? — perguntou Sharp.

— À vontade.

Sharp girou o botão do sonar *side-scan* e encostou o rosto na proteção de borracha. A tela verde acendeu e apareceu uma linha branca, criada pelo reflexo dos impulsos do sonar, mostrando o contorno do fundo numa extensão de mais de uma milha. Onde está, pensou ele. Onde está a prateleira secreta que vai segurar a âncora, antes que ela desapareça nas profundezas?

Ouviu Hector dizer: “Macacos me mordam”, e nesse instante uma leve pincelada branca apareceu no canto superior esquerdo da tela do sonar, refletindo uma pequena extensão da encosta da plataforma. O barulho áspero e metálico da corrente da âncora cessou.

— Sessenta e quatro metros — disse Hector. — Como, diabo, Darling sabia disso?

— Vinte e cinco anos no mar aberto, nada mais — disse Sharp. — Whip conhece cada pedacinho da plataforma, e sabia como a corrente ia levar sua âncora.

— Ele sabe onde está a lula gigante?

— Ninguém sabe isso — disse Sharp, e desceu outra vez para a cabine.

***

Jantaram na cabine. Hambúrgueres do microondas, macarrão no vapor e salada. Quando terminaram de lavar a louça, Eddie e os dois tripulantes ligaram a televisão para assistir ao filme *A Caçada ao Outubro Vermelho* e Hector voltou para a ponte.

Stephanie serviu café para ela e Sharp, tirou um cigarro de uma das sacolas de máquina fotográfica e foram para a praça de ré aberta. A luz estava tão brilhante que apagava as estrelas. O mar estava liso como um espelho.

— E você? — perguntou ela. — É casado?

— Não — disse Sharp, e depois — sem saber ao certo por que — falou de Karen.

— Isso é duro — disse ela, quando ele terminou. — Acho que eu não aguentaria esse tipo de sofrimento.

Antes que Sharp pudesse dizer mais, Hector gritou da ponte:

— Ei, marinheiro!

Os dois caminharam pela passagem a bombordo, subiram quatro degraus de aço e chegaram à porta externa da ponte.

— Venha cá — disse Hector.

Sharp entrou na ponte. No escuro, parecia uma boate abandonada, apenas com o brilho das luzes verdes, vermelhas e cor-de-laranja dos aparelhos eletrônicos.

— O que você acha disto? — disse Hector, apontando para o sonar.

— De quê?

— O barco rodou preso à âncora. Acho que paramos bem em cima de um navio naufragado.

Aproximando-se do aparelho, Sharp pensou, como seria irônico se descobrissem um velho navio naufragado, nunca visto nem tocado há centenas de anos. Com o pequeno submarino podiam chegar até ele, tirar fotografias, talvez até retirar alguma coisa dos destroços. Whip ficaria surpreso.

Sharp fechou os olhos, depois abriu e olhou para a tela cinzenta. Sabia que as imagens daquele tipo de sonar podiam ser muito precisas quando o objeto desenhado estava em boas condições, isolado e sobre um fundo plano. Tinha visto na *National Geographic* a fotografia da imagem do sonar de um navio naufragado no Ártico. O navio estava de pé no fundo, e os mastros e a superestrutura eram perfeitamente visíveis, como se estivesse pronto para navegar. Mas aquele navio tinha naufragado ancorado a uma profundidade de 90 metros. Se havia um navio ali onde estavam, teria despencado por mais de 500

metros, provavelmente partindo-se na queda. Podia ser apenas um monte de lixo.

O que ele viu foi uma mancha informe. Examinou a calibragem ao lado da tela. A mancha parecia ter 20 ou 30 metros de comprimento, possivelmente o tamanho de um navio.

— Pode ser — disse ele.

— Dê uma espiada com o sub, amanhã — disse Hector. — Durante a guerra foram perdidos muitos navios por aqui. Talvez seja um deles. Quer me dar o número do *loran*?

Sharp afastou-se da tela do sonar e foi até o *loran*. Leu os números em voz alta para Hector, que os anotou num pedaço de papel.

Nenhum deles olhou outra vez para a tela do sonar. Por isso não viram a mudança na mancha informe. Não viram quando algumas linhas desapareceram, quando a coisa, a 900 metros de profundidade, começou a se mover.

24

Os braços de Karen estavam estendidos para ele, seus olhos imploravam ajuda, e ela gritava, mas numa língua que ele não entendia. Tentou alcançá-la, mas suas pernas não se moviam. Tinha a impressão de estar afundado numa lama transparente, ou seguro por alguma coisa que o obrigava a se mover em câmara lenta. Quanto mais perto chegava, mais distante ela parecia. Então, alguma coisa a perseguia, uma coisa que ele não podia ver mas que devia ser enorme e apavorante, porque o medo dela se transformou em pânico e seus gritos eram agora mais estridentes. De repente, ela desapareceu e a coisa que a perseguia sumiu também. Só restou um zumbido alto e agudo.

Sharp acordou, e por um momento não sabia onde estava. A cama era pequena, não a sua, e a luz muito fraca. Só o zumbido persistia, um chamado urgente de algum lugar perto da sua cabeça. Virou na cama e viu o interfone na cabeceira do beliche. Apanhou o fone e resmungou seu nome.

— Levante, Marcus — disse Stephanie —, hora de partir.

Sharp desligou o interfone, sentindo o fluxo de adrenalina em todo o corpo. Tinha-se oferecido para o trabalho mas, o que ontem parecia uma aventura excitante, era agora assustador. Nunca entrara num submarino, muito menos um três vezes menor do que um vagão de metrô. Não gostava de elevadores lotados — quem gosta? — e não se sentia bem dentro das cabines dos navios. Imaginou se ia descobrir que era claustrófobo.

Bem, pensou, logo vou saber.

Enquanto fazia a barba e vestia a calça *jeans,* uma camisa, meias de lã e a suéter, aos poucos o entusiasmo voltou, dominando a apreensão. Pelo menos era ação, um desafio. Pelo menos era uma coisa nova. Como diria Stephanie, isso era viver.

O sol começava a clarear o horizonte quando entrou na cabine e serviu-se de uma xícara de café. Pela janela viu Eddie e um dos tripulantes retirando a lona que cobria o submersível. Stephanie estava no convés de popa, instalando uma câmera de vídeo num recipiente próprio para filmar dentro d’água. Então olhou para a direita e viu o *Privateer* a bombordo, preso por cabos ao navio de pesquisa. Saiu da cabine e parou quando ouviu a voz de Darling atrás dele, na ponte, falando com Hector.

— Bom dia, Marcus — disse Darling, quando Sharp apareceu na ponte. — Tem certeza que quer descer e congelar seu traseiro?

— Sim — disse Sharp. — Tenho certeza.

Darling voltou-se para Hector e disse:

— Meu companheiro fica com o barco aqui perto até o lançamento, depois ele vai acompanhar o sub nos meus aparelhos.

— O que você vai fazer, Whip? — perguntou Sharp.

— Ficar de olho em você, Marcus — disse Darling, com um sorriso. — Você é muito valioso para se perder. — Deixou a ponte e foi para a popa falar com Mike no *Privateer.*

Sharp foi para a praça de ré com a xícara de café na mão. No alto da escada encontrou Stephanie que com um gesto pediu que a seguisse. Passaram pela abertura estanque acima da cabine principal para um compartimento atrás da ponte.

Era a sala de controle do submersível. Estava iluminada apenas por uma lâmpada vermelha no centro do teto e quatro monitores de televisão com listras coloridas nas telas. Um dos tripulantes, Andy, estava sentado na frente de um painel de luzes coloridas e um teclado, com fones nos ouvidos e um microfone perto da boca.

— Andy monitora todos os nossos sistemas — disse Stephanie. — Seu amigo Whip vai ficar aqui com ele — podemos falar com ele a qualquer momento.

Sharp apontou para os monitores de TV.

— O submersível está ligado à superfície?

— Tudo é gravado em videoteipe para a fundação. Um cabo de fibra ótica faz o trabalho. Tenho câmeras de vídeo dentro e fora do sub, além das minhas máquinas fotográficas. Você quer uma câmara? Vamos ficar cada um de um lado, com vigias diferentes, podemos ver coisas diferentes.

— Claro — disse Sharp —, se tiver uma câmara à prova de uma completa ignorância do assunto. Que fotografias você quer? Corais gigantes? Algas?

— Nada disso — disse Stephanie com um largo sorriso. — Monstros.

Nada além de monstros. Grandes e formidáveis.

***

De perto, o submersível parecia uma cápsula de vitaminas gigantesca e com braços, pensou Sharp. Cada braço tinha pinças de aço nas extremidades, e entre elas estava instalada uma câmara de vídeo dentro de um protetor redondo.

O sol estava alto agora e não havia nem sinal de vento. O suor brotava de todos os poros de Sharp quando ele entrou pela vigia redonda na parte superior do submersível. O tripulante que manejava o guindaste ergueu o polegar, indicando que tudo estava bem, e Sharp respondeu com um sorriso amarelo.

Stephanie já estava lá dentro, bem como Eddie, que vestia um colete de mergulho e examinava o painel de controle do submersível.

O interior da cápsula era um tubo com três metros e meio de comprimento, um e oitenta de largura e um e meio de altura. Tinha três vigias pequenas, uma de cada lado, para Stephanie e Sharp e uma na proa, para Eddie. Sharp ajoelhou e foi até a pequena almofada quadrada na frente da sua vigia. Podia sentar com as pernas dobradas sob o corpo, ou ficar de joelhos, com o rosto virado para a vigia, ou deitar, com os pés levantados. Mas de modo algum dava para ficar de pé.

O que aconteceria se tivesse uma câimbra? Como ia se mexer para se livrar dela? Não pense, disse para si mesmo. Apenas *faça.*

— Quanto tempo levaremos para chegar ao fundo? — perguntou.

— Meia hora — disse Stephanie. — Descemos a 30 metros por minuto.

Não era mau. Ele poderia sobreviver durante uma hora, pelo menos.

— E quanto tempo ficamos lá embaixo?

— No máximo quatro horas.

— Quatro horas! — Nunca, pensou Sharp. Não tinha a mínima chance.

Ouviu a portinhola fechando-se acima da cabeça e o zumbido metálico, quando foi trancada com os fechos vedadores.

Stephanie deu a ele uma câmara pequena de 35mm com lentes de ângulo

amplo e disse:

— Está carregada, pronta para usar. É só apertar o botão.

Sharp estendeu o braço, a câmara escorregou da sua mão suada e Stephanie a apanhou antes que caísse no chão de aço.

— Você está pálido como um defunto — disse ela.

— Não diga. — Sharp enxugou a mão na perna da calça e apanhou a câmara.

— Por que está preocupado? Este é um submersível de última geração e Eddie é um piloto de última geração. — Sorriu. — Certo, Eddie?

— Mais do que certo — disse Eddie. Resmungou alguma coisa no microfone preso aos fones de ouvido, e, de repente, com um pequeno tranco, a cápsula começou a subir, saiu da rede e ficou dependurada ao lado do barco. Por um momento, balançou para a frente e para trás, como um carrinho de parque de diversões, e Sharp teve de se segurar para não ser atirado no chão. Então, o submersível desceu devagar até a superfície da água e começou a oscilar suavemente de um lado para o outro.

Sharp olhou pela vigia e viu o mar batendo no vidro. Ouviu o ruído metálico do gancho do guindaste soltando-se da argola do submersível.

A cápsula começou a afundar. A água agora cobria as vigias. Sharp encostou o rosto no vidro e olhou para cima, para uma última visão da luz do sol. O azul do céu, o branco das nuvens e o dourado do sol, refratados através da água em movimento, dançavam hipnoticamente.

Então as cores empalideceram, substituídas por uma névoa azul monocromática. Todos os ruídos cessaram, exceto o zumbido leve do motor elétrico do submersível.

O mundo foi engolido pelo mar.

O suor evaporava rapidamente da testa, das axilas e das costas de Sharp e ele sentiu frio. Em menos de um minuto, a temperatura baixou uns 30 graus. Mas ele suava ainda, não de calor, mas de medo e pela chegada furtiva e lenta da claustrofobia.

Olhou pela vigia. O azul, lá fora, transformava-se rapidamente em violeta. Obrigou-se a olhar para baixo. Raios de sol pareciam querer penetrar na água, mas eram dispersados e consumidos. Lá embaixo, o azul dava lugar ao

negro e tudo era noite.

Desceram lentamente, sem ver, sem ouvir, sem sentir. Então Sharp percebeu que estava procurando o conforto do nada, pois começou a lembrar as histórias de Darling sobre o que vivia ali naquela noite, naquele escuro. Estremeceu.

25

Sharp estava ficando congelado. As meias de lã continuavam molhadas, embora a condensação, agradável e refrescante na superfície, já tivesse evaporado. Seus dedos dos pés estavam adormecidos, as solas coçavam. Pôs as mãos sob as axilas, por baixo da suéter e afastando o rosto da portinhola, examinou o painel por cima do ombro de Eddie. A temperatura externa era de 4 graus centígrados, cerca de 40 graus Fahrenheit. No interior da cápsula não era muito mais alta, cerca de 10 graus centígrados. Estavam a 600 metros de profundidade e continuando a descer.

Eddie disse, no microfone: “ativando iluminação” e ligou um botão. Duas lâmpadas de 1.000 watts acenderam na parte superior do submersível lançando um facho de luz amarela, que penetrou mais ou menos uns quatro ou cinco metros, antes de ser devorada pela escuridão.

Então, um universo de vida explodiu lá fora. Animaizinhos planctônicos rodopiavam, entrando e saindo do facho de luz, como uma tempestade viva de neve. Um camarão minúsculo grudou na vigia de Sharp e começou a andar pelo vidro. Uma coisa que parecia uma fita cinzenta e vermelha, com olhos amarelos e um topete de ferrões finos, nadou para a vigia, pairou na água por um momento, e afastou-se.

— Olhem — disse Eddie, apontando para a vigia da frente.

Sharp esticou o pescoço, mas o que quer que fosse já tinha desaparecido. Voltou para a sua vigia, e logo depois ele viu — algo que só podia ser criado por uma imaginação doentia, nadava serenamente em volta da cápsula.

Era um diabo-marinho ou peixe-pescador, redondo, bulboso, amarelo-escuro, com nadadeiras curtas e transparentes. Os olhos saltados pareciam duas feridas verde-azuladas, tinha presas como agulhas de brilhante, o corpo era cheio de veios negros. Parecia um quisto com dentes. No lugar do nariz, tinha uma haste branca com uma luz na ponta, como um farol.

Sharp já vira fotografias daquele peixe. Usavam a haste como isca, balançando a luz na frente da boca aberta para atrair a presa curiosa ou distraída.

Como não havia nada atrás dele para a comparação, Sharp não podia calcular o comprimento nem o tamanho total do peixe.

— O que você acha? — perguntou a Eddie, erguendo as duas mãos a

uma distância de um metro uma da outra.

Com um largo sorriso, Eddie mostrou o polegar e o indicador da mão direita, um pouco separados. O peixe tinha nove ou dez centímetros no máximo.

Sharp ouviu a câmara de Stephanie tirando uma fotografia atrás da outra. A lente estava encostada na vigia, e ela girava o anel *f-stop*, mais ou menos ao acaso, procurando uma boa exposição.

— Pensei que você só quisesse monstros — disse Sharp.

— O que acha que são essas coisas? — Stephanie apontou para a vigia. — Meu Deus, veja isso!

Sharp viu uma coisa amarela passar rapidamente pela vigia de Stephanie. Olhou para trás, esperando que o animal desse a volta na cápsula.

A criatura aparentemente não tinha nadadeiras, parecia uma flecha amarela, com todo o aparelho digestivo, intestino e estômago dentro de uma bolsa pulsante, dependurada atrás do corpo. O maxilar inferior tinha dentes muito finos, e os olhos brancos e negros saltavam da cabeça como botões redondos.

Logo outros animais começaram a nadar em volta da cápsula, atraídos pela luz, curiosos e sem medo. Havia criaturas que pareciam cobras, com fios de cabelos nas costas, enguias de olhos grandes com saliências que pareciam tumores, no alto da cabeça bolas transparentes que pareciam só ter boca.

Sharp sobressaltou-se quando a voz de Darling soou de repente no alto-falante da cápsula.

— Marcus, vocês têm um zoológico completo aí embaixo — disse ele. — Se o maldito aquário algum dia tomar juízo, já sei onde vou lançar minhas redes na próxima vez.

— Esperem até eles verem as fotos, Whip — disse Sharp. — Vão procurar você de joelhos.

Esquecendo o medo, ignorando o frio, Sharp apanhou a câmara e ajustou o foco. Ajoelhou na almofada e esperou a passagem da próxima miniatura misteriosa.

26

Mike bateu com a mão aberta no rosto, e o ardor o despertou por um momento. Mas, logo que seus olhos voltaram para a tela do aparelho, as pálpebras começaram a descer outra vez. Levantou, espreguiçou, bocejou e olhou pela janela. O navio estava a um quarto de milha do *Privateer* e, atrás dele, podia ver o vulto das Bermudas. Fora isso, o mar estava vazio, de horizonte a horizonte.

Whip tinha dito para não tirar os olhos do aparelho usado para localizar peixes — que ele chamava de sonar de pobre — e Mike estava obedecendo há mais de uma hora. Mas a imagem continuava inalterada. Havia a linha que delineava o fundo e logo acima o pontinho que indicava a localização do submersível. Nada mais. Nem uma mancha irregular que indicasse um cardume, e nenhuma marca sólida de alguma coisa grande e densa, como uma baleia.

Em condições normais, Mike não gostava de ficar sozinho no barco, mas isto era diferente. Havia um barco perto e Whip estava nele e toda a ação, a meia milha de distância, nada tinha a ver com ele. Tudo que tinha a fazer era olhar e avisar se visse alguma coisa. Melhor ainda, não precisava tomar decisões.

Não estava apenas calmo, estava hipnotizado, tanto pela tela do aparelho quanto pelo balanço do *Privateer,* tão suave que por duas vezes o fez cochilar. Acordou só porque sua cabeça bateu no teto do barco.

O rádio estalou e Mike ouviu a voz de Whip.

— *Privateer*... *Privateer*... *Privateer*... responda.

Mike apanhou o microfone, apertou o botão e disse:

— Na escuta, Whip.

— Como vão as coisas, Michael?

— Estou quase dormindo. Isto é pior do que esperar a tinta secar.

— Não está acontecendo nada — descanse um pouco.

— Certo — disse Mike. — Vou fazer café, respirar o ar puro e examinar aquela bomba filha da mãe.

— Deixe o volume no máximo e a porta aberta, assim pode ouvir o rádio.

— Entendido, Whip. Na escuta.

Mike pôs o microfone no gancho. Olhou para a tela mais uma vez, viu que a imagem não tinha mudado e desceu para o convés.

Na cabine de comando, o localizador de peixes continuou ligado. Durante algum tempo a imagem permaneceu firme como uma fotografia. Então, no lado direito da tela, a um terço de altura do canto inferior, apareceu uma nova marca. Era sólida, uma massa compacta, e começou a se mover para o meio da tela, na direção do submersível.

27

Havia-se processado uma mudança na criatura. Até então, ela tinha crescido e amadurecido, vivendo ao sabor do acaso, levada pelas correntes, comendo o que encontrava. Mas o alimento não era mais abundante, a passividade não garantia mais sua sobrevivência.

Seus instintos não tinham mudado — eram geneticamente programados, imutáveis — mas o impulso para a sobrevivência foi alterado. Suas respostas ao ambiente começavam a ficar mais ativas.

Não podia mais viver comendo o que aparecia, era obrigada a se tornar um caçador.

Pairando agora na confluência de duas correntes que circundavam o vulcão, a criatura agitou-se. Alguma coisa invadia e perturbava os ritmos normais do mar.

Sentiu a mudança à sua volta, como se a energia tivesse invadido de repente o seu mundo. Havia uma pulsação remota mas persistente na água, animais pequenos nadavam de um lado para o outro, emitindo bioluminescência. Os maiores passavam por perto, alterando de leve a pressão da água.

O olho humano, pequeno e relativamente fraco, não teria percebido nenhuma luz, mas os olhos enormes da criatura possuíam uma profusão de células em bastonete, da retina, que captavam e registravam a menor centelha de luz.

Nesse momento a criatura percebia mais do que uma centelha. Em algum lugar distante, abaixo dela, havia uma luz forte, que se movia, emitindo o som pulsante, galvanizando os outros animais.

A criatura não comia há dias, e embora não respondesse ao tempo, era impulsionada por ciclos de necessidade.

Absorveu água através das cavidades do corpo e a expeliu pelo funil, dirigindo-se para o foco de luz.

Começou a caçada.

28

— Você parede que está com frio, Marcus — disse Stephanie.

Sharp fez um gesto afirmativo.

— Acertou — disse ele. Estava com os braços cruzados sobre o peito, as mãos sob as axilas, mas mesmo assim não parava de tremer. — Como é que você não está?

— Tenho uma camada de lã sobre uma camada de seda sobre uma camada de algodão. — Voltou-se para Eddie. — Onde está o café?

Eddie apontou e disse:

— Naquela caixa.

Stephanie estendeu o braço, abriu a caixa de plástico e tirou a garrafa de café. Encheu a tampa e passou-a para Sharp.

O café era forte, amargo, sem açúcar e ácido mas quando chegou ao estômago, Sharp sentiu o calor reconfortante.

— Obrigado — disse ele.

Consultou o relógio. Estavam ali há quase três horas, à deriva, a 150 metros do fundo e só tinham visto criaturas pequenas e estranhas, que se agrupavam curiosas em volta da cápsula e depois desapareciam na escuridão.

— O que acha de descermos até o fundo? — Eddie perguntou no microfone.

A voz de Darling soou no alto-falante.

— Acho melhor— disse ele. — Talvez vejam um tubarão.

Eddie empurrou para a frente a alavanca de controle e a cápsula começou a descer.

O fundo do mar era como as fotografias da superfície da lua, pensou Sharp. Árido, empoeirado, ondulante. A pequena pressão provocada pelo submersível agitou a água, levantando uma coluna de lama que rodopiava para longe, com o movimento.

De repente, Eddie disse:

— Cristo!

— O quê? — perguntou Sharp. — O que é?

Eddie apontou para a vigia de Sharp. Sharp protegeu os olhos da claridade, com a mão, e encostou o rosto no vidro.

Cobras, pensou ele. Um milhão de cobras. Amontoadas sobre um corpo morto.

Mas, depois de olhar por mais um tempo, pensou, não, não podem ser cobras, são enguias. Mas não, não são enguias — elas têm nadadeiras. Eram peixes de uma espécie estranha que se contorciam e giravam, comendo alguma coisa. Pedaços de carne flutuavam na água em volta deles e eram imediatamente apanhados e engolidos e reduzidos a moléculas por outros peixes carniceiros menores.

Um dos que pareciam enguias recuou e, enraivecido pela luz, atacou o submersível. Encostou a cabeça no vidro da vigia de Sharp e balançou o corpo, como se quisesse engolir a máquina invasora. A cabeça era agora só boca, com dentes afiados e a língua ávida. O corpo contorcia-se como um parafuso, tentando furar o vidro.

Um peixe-bruxa, um dos demônios de pesadelo que faziam buracos em animais grandes para devorar suas entranhas.

— Um cachalote! — disse Sharp. — É a mandíbula inferior de um cachalote. Está vendo, Whip?

— Estou — a voz de Darling soou distante como um eco.

— Que diabo de animal mata um cachalote?

Darling não respondeu, mas no silêncio Sharp pensou, *eu sei.* E começou a suar. Forçou os olhos, tentando enxergar além do perímetro de luz. Peixes passavam de um lado para o outro, aparecendo e desaparecendo de repente, fantasmas cruzando a divisa da luz. A presença deles e o que ela significava o acalmou. Whip disse certa vez que, enquanto tivesse peixes por perto, não precisava se preocupar com tubarões, porque, muito antes de qualquer homem, os peixes captavam os impulsos eletromagnéticos que avisavam o ataque do tubarão. Quando os peixes desapareciam é que devíamos começar a nos preocupar.

Por outro lado, lembrou Sharp, a *Architeuthis* não é um tubarão.

Encostou a câmara na vigia.

29

Os olhos da criatura captavam cada vez mais luz, seus outros sentidos registravam o aumento na vibração da água. Havia alguma coisa ali, não muito longe, e estava se movendo.

Seus órgãos olfativos não percebiam sinal de vida, nenhuma confirmação da presa. Se não estivesse com tanta fome, ela seria mais cautelosa, ficaria esperando no escuro. Mas as exigências do corpo levavam o cérebro ao descuido, e ela continuou na direção da fonte de luz.

Logo viu os holofotes, como pontinhos luminosos invadindo a escuridão e sentiu em todo o corpo a vibração pulsante que emanava do objeto.

Movimento significava vida, vibrações significavam vida. Assim, mesmo sem ter percebido o odor da vida, resolveu que a coisa era viva.

O monstro atacou.

30

— A coisa não está aqui — disse Eddie. — Vamos subir. — Puxou para trás a alavanca de controle.

Sharp olhou para o marcador digital de profundidade, no painel na frente de Eddie. Era calibrado em metros, e enquanto ele olhava, os números mudaram — tão devagar, pensou ele, desejando que mudassem mais depressa — de 970 para 969 metros. Sharp suspirou, massageou os dedos dos pés, imaginando se estariam congelados.

De repente a cápsula deu um salto e virou de lado. Sharp caiu para a frente e agarrou uma alça de segurança. A cápsula endireitou outra vez e continuou a subir.

— Que diabo foi isso? — perguntou Sharp.

Eddie não respondeu. Estava inclinado para a frente, com os músculos tensos.

Stephanie estava encostada no lado do submersível, com as mãos apoiadas no chão.

— O que foi, Eddie? — perguntou ela.

— Eu não vi — Eddie respondeu. — Parecia um bolsão de ar, ou como se um navio tivesse passado por cima de nós.

— Quer dizer uma corrente?

Ouviram a voz de Darling.

— De jeito nenhum. Não *há* correntes nessa profundidade. — Fez uma pausa. — Tem alguma coisa aí embaixo.

As palavras de Darling foram como um saco de pedras no estômago de Sharp. Oh, meu Deus, pensou ele, lá vamos nós.

Apanhou a câmara que tinha rolado no chão, verificou se tudo estava certo, ajustou o foco e percebeu que seus dedos não estavam funcionando muito bem. Tremiam e pareciam unidades independentes, desafiando as mensagens do seu cérebro. Uma gota de suor pingou da ponta do seu nariz sobre a lente, e ele a enxugou com a ponta da camisa.

Olhou para Stephanie. Estava de costas para ele, com a lente da câmara encostada na vigia. Ela apertou o botão e o automático tirou várias fotografias no espaço de dois segundos mais ou menos.

— Tire algumas fotos, Marcus — disse ela, virando a cabeça para ele.

— De quê? — perguntou Sharp. — Eu não vi nada.

— A lente tem mais alcance do que seu olho. Talvez ela veja alguma coisa.

Antes que ele pudesse responder, a cápsula saltou outra vez, violentamente, e adernou para a esquerda. Uma sombra passou na frente da luz, diminuindo sua intensidade e desapareceu.

— Diabo! — gritou Eddie, manejando a alavanca para endireitar a cápsula.

Sharp encostou a câmara na vigia e apertou o botão, avançou o filme e apertou outra vez.

A cápsula estava subindo novamente. Sharp olhou o marcador, 960, 959, 958 metros...

31

A lula gigante arremeteu para a frente, no escuro, dominada por um paroxismo de raiva e frustração. Seus tentáculos vergastavam a água, com os ganchos eretos, encolhiam e atacavam outra vez, chicoteando o mar. Suas cores passaram de cinza para o marrom, do vermelho para o rosa, e voltaram ao branco-acinzentado.

Tinha passado uma vez sobre a luz, avaliando-a, depois tentou matá-la, embora os sinais de vida emitidos fossem vagos e incertos.

Era um objeto duro, uma carapaça impenetrável, que reagiu com movimento vigoroso e sons estranhos.

Como a investida não provocou nenhum fluxo encorajador de sangue, nem pedaços de carne se soltaram na água, a lula não renovou o ataque. Afastou-se, à procura de outro alimento.

Mas suas células não estavam acostumadas à negação, seus sucos digestivos fluíram antecipando o alimento. Agora, provocavam dor, confusão e raiva.

Procurando comida, qualquer tipo de comida, o animal seguia velozmente para a frente, subindo aos poucos, atrás da luz que se afastava, não mais caçando mas seguindo-a de longe.

32

— Não foi brincadeira — disse Stephanie, sentando na borda da vigia superior do submersível. Sorriu para Darling e Hector que estavam no convés.

Sharp espremeu-se na vigia e sentou-se ao lado dela. Respirou fundo, saboreando o ar fresco. Saboreando a segurança.

— Vocês viram? — perguntou Hector.

— Vimos um bilhão das coisas mais estranhas do mundo — disse Stephanie. — Coisas que eu nunca imaginei que pudessem existir, muito menos que eu pudesse fotografar.

— Não, estou falando da coisa que bateu em vocês. O que atingiu o barco?

— Eu não sei. Na verdade, não vi. — Olhou para Sharp.

— Você viu?

— Não — disse ele, olhando para Darling. — Pegou alguma coisa no vídeo, Whip?

— Só uma sombra — respondeu Darling, aproximando-se do submersível, examinando-o, tocando aqui e ali.

Eddie, que fora o primeiro a sair da cápsula e ajudava os dois tripulantes a prendê-la na rede, disse:

— Seja lá o que for, não quis pegar o sub. Olhou para nós e seguiu seu caminho.

— Talvez — disse Darling. Parou e tocou em alguma coisa na parte externa da cápsula.

Sharp inclinou-se e olhou para baixo para onde Whip passava os dedos na tinta da cápsula. Viu cinco marcas longas onde a tinta fora arranhada, deixando à mostra o metal.

— É a lula, não é? — perguntou.

Darling fez um gesto afirmativo.

— Sim, acho que é.

— Bem, se foi ela — disse Eddie — só deu uma olhada e foi embora.

— Estaremos preparados para ela da próxima vez — disse Stephanie. — Vou reajustar as câmaras de vídeo. — Tirou a perna de dentro da cápsula, desceu e disse para Eddie: — Quanto tempo você precisa para reabastecer?

— Quatro horas — respondeu Eddie, consultando o relógio. — Devemos estar prontos para descer outra vez mais ou menos às três e meia, quatro horas.

Eu não, pensou Sharp, tive o bastante por um dia.

— Eu fico aqui em cima — disse ele. — Posso ver muito bem na televisão para satisfazer a marinha.

— Não poderia ir nem se quisesse, marinheiro — disse Hector. — Você já foi despedido.

— Por quem?

Hector não respondeu. Sharp olhou para Darling e viu uma expressão de desprezo nos olhos dele. Então Darling fez meia-volta e cuspiu no mar.

33

Herbert Talley viu a *pickup* barulhenta entrar na estrada e, voltando-se, entrou na casa. Atravessou a sala de estar, passou por um corredor e abriu a porta do quarto de dormir de Manning.

— Acorde, Osborn — disse ele.

O quarto cheirava a sono e brande, e Talley foi até a janela, abriu as cortinas e levantou o vidro.

Manning gemeu alto e disse:

— Que horas são?

— Quase meio-dia. Eu o espero no terraço.

Enquanto Manning escovava os dentes e servia-se de uma xícara de café, Talley, de pé no terraço, olhava para Castle Harbor. No aeroporto, a um quilômetro e meio da casa, um 747 preparava-se para aterrissar e quando o piloto inverteu a marcha do motor, o ruído foi tão estridente que a colher tremeu no pires de Talley. O que havia em Tucker Town, pensou Talley, que atraía os ricos e famosos e os fazia comprar e reformar casas imensas, praticamente umas sobre as outras, pelo privilégio de aguentar aquele barulho ensurdecedor 20 vezes por dia? Exclusividade, concluiu ele, o portão no fim da entrada de veículos e a tabuleta que diz PARTICULAR.

Manning saiu da cozinha de roupão e com a xícara de café.

— O que há? — perguntou ele.

— O pescador, Frith. Acaba de sair. Ele ouviu uma conversa interessante no rádio, mais ou menos há meia hora, entre o navio de pesquisa e a base naval. Um tal de Tenente Sharp estava fazendo um relatório.

— E daí? — Manning estava nervoso e impaciente e a ressaca não ajudava muito. Quando viu Talley parar de falar e sorrir, disse, quase gritando: — Que droga, Herbert, pare de fazer suspense. O que está acontecendo?

— O navio chama-se *Ellis Explorer.* Tem um submersível a bordo. Está lá, procurando a *Architeuthis.* Acho que eles a encontraram, embora não tenham certeza ainda.

— Ellis — disse Manning. — Barnaby Ellis?

— Eu não sei, acho que sim. Mas o caso, Osborn, é que eu acho que a lula ainda está lá e com fome. E eles têm um barco com equipamento que pode nos levar até ela. Naquele sub podemos ver, estudar, filmar o animal, saber tudo sobre ele. E você pode matá-lo, se... — Talley não continuou.

— Se o quê? — disse Manning.

— Se pudermos ir a bordo. Você tem poder, Osborn. Está na hora de fazer uso dele.

Manning hesitou, pensou por um momento, depois levantou-se e entrou na casa. Talley o ouviu discando o telefone.

Talley foi até à extremidade do terraço e olhou para a enorme piscina oval. Ao lado dela estava uma garrafa de mergulho, com as alças e o regulador. Talley percebeu que devia estar ali há dias, ou semanas, pois havia sobre ela uma camada de agulhas de pinheiro e uma salamandra tinha-se instalado entre as alças de tecido. Imaginou se fora usada por um dos filhos de Manning e deixada ali como um sinistro memorial.

Talley começava a se preocupar. Manning passava as noites com uma garrafa de brande, e, ao que parecia, a inação e a frustração começavam a transformar sua fúria em desespero.

Ouviu Manning falando ao telefone, e pensou, ótimo, talvez ele comece a agir outra vez.

Manning voltou e disse:

— Está tudo arranjado. Falei com Barnaby. O navio está aqui a serviço de uma das suas revistas. Concordou em mandar sua gente sair e nos dar uma oportunidade amanhã.

— Amanhã? Por que não hoje? — perguntou Talley. — Frith disse que têm uma descida marcada para esta tarde.

— O sub está tomado. O governo das Bermudas pôs alguém nele esta tarde. Parece que têm um plano para matar a lula.

— Como? — Talley chegou a ficar nauseado. — Como pensam que vão matar o animal?

— Não tenho ideia — disse Manning —, mas se fosse você não me preocuparia.

— Como pode ser tão indiferente? Você gastou...

— Eu diria que a chance deles é de uma em um milhão.

— Por quê?

— Porque o principal caçador de lula que eles mandaram é o seu amigo Liam St. John.

34

No convés superior, Sharp e Darling observaram St. John descarregar seu equipamento do barco do aquário. Eram quatro caixas de alumínio, dois caixotes de peixe fresco e uma gaiola de peixe modificada, mais ou menos de um metro quadrado, feita de arame trançado e reforçada com barras de aço.

St. John conversou com Eddie e Stephanie. Eddie chamou os dois tripulantes e eles apanharam as caixas e começaram a prender as gaiolas na parte superior do submersível, na frente da vigia.

Stephanie subiu para o convés superior.

— Isto deve ser interessante — disse ela. — Ele conseguiu até entusiasmar Hector, o que não é fácil. — Apontou para o convés de popa, onde Hector acompanhava St. John de um lado para o outro, fazendo perguntas.

Darling olhou para Stephanie por um momento, depois disse:

— Às vezes certas coisas nunca são feitas por um motivo, e o motivo é que não podem ser feitas.

— Eu sei — disse Stephanie —, mas não me parece uma coisa impossível. Apenas bastante incerta.

Sharp disse:

— Então, você acha que ele tem alguma chance?

— Uma chance, sim. E, sem dúvida, tem bastante isca. Cinquenta quilos de atum fresco devem atrair qualquer coisa que viva lá no fundo, e mantê-la ocupada o tempo suficiente para fazermos o que temos de fazer.

— Como ele acha que vai matar a lula? — perguntou Darling.

— Com duas armas — disse Stephanie, mostrando os dois braços mecânicos do submersível. — Ambas estão presas aos braços do sub, e ele pode manejá-las do interior da cápsula. Uma é um arpão carregado com estricnina, uma dose capaz de matar 12 elefantes. A outra é uma arma de mergulho — atira uma bala calibre 12, carregada com mercúrio que se dispersa como estilhaços venenosos dentro do alvo. Não sei muito sobre lulas gigantes, mas, acho que ele tem poder de fogo para matar o animal duas ou três vezes. Eddie também acha.

— Estou vendo que você acha que tudo isso tem lógica — disse Darling

—, mas o que não calculou é que o animal não tem lógica. Ele não joga de acordo com as regras. Ele *faz* as regras.

— Ele considerou isso também.

— Como?

— Se as armas não matarem o animal, St. John acha que ele vai enrolar os tentáculos no submersível e, nesse caso, pode ser içado para a superfície, por cabos, e liquidado aqui em cima.

— Meu Deus menina — disse Darling. — Isso é como tentar pegar um tigre, enfiando o braço na boca dele e gritando: “Peguei!” Não sabe que tipo de animal é esse?

— Ele não pode amassar o submersível — disse Stephanie. — Acho que é uma boa ideia.

— Bem, pois eu acho que é uma grande bobagem — disse Darling, descendo para o convés.

— Não desça desta vez — Sharp disse para Stephanie. — Deixe que St. John tente sozinho. Você pode ir na próxima vez.

— É muita bondade sua, Marcus — disse ela, tocando o rosto dele com as pontas dos dedos. — Mas eu quero ir. É para isso que estou aqui.

***

Darling entrou na ponte, pediu a Hector permissão para usar o rádio e chamou o *Privateer*, que estava agora a uma milha ao norte.

Mike demorou para responder. Darling supôs que ele devia estar no convés de popa, cochilando ou mexendo no motor da bomba.

— Só para checar, Michael — disse ele. — Você está acordado?

— Mais ou menos. Posso jogar uma linha para ver se pego alguns caranhos?

— Claro, mas primeiro traga o barco para cá. Fique a uns 200 metros, depois desligue o motor e deixe à deriva. Assim estará em posição de acompanhar o sub.

— Certo. Quando vão descer?

— Dentro de uma hora mais ou menos. E, Michael, quando ele estiver lá embaixo, procure não cochilar. Quero você bem acordado e com todos os cilindros funcionando, se precisarmos.

— Entendido, Whip — disse Mike. — *Privaleer* na escuta.

35

Mike desligou a marcha e deixou o barco acomodar. Olhou para o mar calmo, tentando calcular sua distância do navio. Cento e cinquenta metros, talvez 200. Estava bem. Desligou o motor.

Apanhou o binóculo na prateleira na frente do leme e examinou o submersível. A vigia superior estava aberta e os homens faziam alguma coisa nos braços mecânicos. Tinha muito tempo.

Foi para a popa, cortou o peixe que tinha deixado no sol para descongelar. Pôs dois anzóis numa linha, um pedaço de isca em cada um, amarrou um peso de um quilo na ponta da linha e a lançou para fora. Deixou a linha correr entre os dedos até calcular que os anzóis deviam estar a 30 metros de profundidade. Freou o molinete e, encostado na amurada, balançava a linha uma vez ou outra, para dar a impressão de que se tratava de um peixe ferido.

O balde em que tinha deixado-o peixe para descongelar estava cheio até a metade com água, sangue, escamas e pedaços de carne. Ele o apanhou, jogou tudo na água e viu uma pequena tira de sangue e óleo começar a se espalhar debaixo do barco.

Depois de cinco minutos sem nenhuma mordida, Mike pensou que, se houvesse algum peixe por perto, devia estar muito acima ou muito abaixo dos seus anzóis. O localizador de peixes estava ligado ainda. Ele resolveu ver se conseguia alguma pista. Prendeu o molinete e foi para a casa do leme.

A tela estava numa desordem incrível. Mike nunca tinha visto nada igual. Se não tivesse certeza de estar acima de 900 metros de água, juraria que o barco estava encalhado. Era como se alguns impulsos do aparelho estivessem ricocheteando em alguma coisa bem debaixo do barco, enquanto que outros conseguiam passar, mas eram desviados no caminho para o fundo. O desenho era tremido e indistinto.

Talvez alguma coisa estivesse presa no transmissor-receptor adaptado no casco da proa. Quando, voltassem, ele ia mergulhar com uma garrafa e examinar o casco. Ou talvez o aparelho estivesse quebrado. Nesse nosso tempo, com tudo feito de *chips* e placas de circuito e coisas mágicas invisíveis, que só podiam ser compreendidas pelos japoneses com seus microscópios, um homem normal não podia olhar para um aparelho eletrônico e fazer um diagnóstico decente.

Mike resolveu que, quando terminasse de pescar e o sub estivesse no fundo, ia desmontar a máquina para ver se era um problema simples, como um fio solto.

Voltou para a popa, soltou a linha e percebeu imediatamente que alguma coisa estava errada. A linha estava muito leve. O peso tinha desaparecido e provavelmente os anzóis e as iscas também.

Praguejando, Mike começou a enrolar a linha.

36

A criatura expeliu um grande volume de água pelo funil, impulsionando o corpo na água azul, procurando o leve cheiro de comida que tinha encontrado, perdido, encontrado e perdido outra vez.

Não se sentia bem tão perto da superfície, não estava acostumada com água quente e não estaria ali se não fosse a fome. Tinha encontrado dois fragmentos de comida e depois de consumi-los descansou na sombra fresca de alguma coisa que estava um pouco acima. Mas de repente a coisa emitiu uma barragem de, impulsos desagradáveis, e depois de alguns momentos, ela saiu de onde estava.

Mergulhou da água azul para a água violeta, depois subiu outra vez para a azul.

Não encontrou nada.

Quanto mais subia, quanto mais se aproximava da superfície, mais promissora parecia a água. Não tinha substância, mas alguma coisa a atraía, como se a água perto da superfície contivesse resíduos de alimento.

Subiu mais até chegar perto de uma coisa escura, acima da superfície, e pairou debaixo dela, deslocando uma vasta massa de água à sua volta.

37

Malditos filhotes de tubarão, pensou Mike, examinando a ponta da linha não filamentosa. A gente deixa a linha presa por um momento e eles vêm sorrateiros e comem tudo.

O barco levantou na água, como se apanhado por uma marola enorme e Mike olhou para o mar liso como um espelho. Era arrepiante como apareciam marolas de um momento para o outro, vindas de lugar nenhum. A distância, ele viu o guindaste do *Ellis Explorer* erguer o submersível e levá-lo até o lado do navio.

Quanto tempo tinham dito que o submersível levava para chegar ao fundo? Meia hora? Tinha tempo para jogar outra linha. Mas dessa vez não ia sair de perto dela, ficaria segurando o tempo todo e se algum filhote de tubarão resolvesse comer sua isca, ia ter a maior surpresa da sua vida.

Mike apanhou outra parada de aço de cima do alçapão da popa, encostou na amurada e aproximou a parada dos olhos, para enfiar a linha na argola minúscula. Não consegui na primeira tentativa. Estou ficando velho, pensou, logo vou precisar usar óculos de vovô.

Ouviu um ruído estranho, uma espécie de farfalhar molhado. Uma parte da sua mente registrou o barulho, mas ele estava concentrado em enfiar a linha na parada.

A linha passou pela abertura.

— Consegui — disse Mike.

Ouviu o ruído outra vez, mais perto, e depois o barulho de alguma coisa raspando o barco. Começou a virar para ver o que era. Sentiu um cheiro estranho também, um cheiro familiar, mas que não identificou.

E então, de repente, o mundo de Mike escureceu. Alguma coisa apertava seu peito e sua cabeça, uma coisa dura e molhada. As mãos de Mike tentaram segurá-la, e escorregaram. A coisa começou a apertar. A dor era de milhares de furadores de gelo enfiando-se em sua carne.

Quando seus pés se ergueram do convés e ele foi puxado para o ar, Mike compreendeu o que tinha acontecido.

38

Andy estava sentado na frente do painel, na sala de controle. Darling, de pé atrás dele, ao lado de Sharp, tinha os fones nos ouvidos.

Como só duas câmaras de televisão estavam em uso, dois dos quatro monitores não registravam nada. O terceiro mostrava o interior da cápsula. Eddie segurava a alavanca de controle e olhava para a vigia da proa. St. John verificava os manipuladores dos braços mecânicos e Stephanie ajustava a lente de uma das câmaras. O quarto monitor mostrava a cena fora da cápsula, a aura branca dos holofotes, o chuveiro de plâncton, rodopios evanescentes vermelhos quando o movimento giratório da água carregava sangue de peixe para fora da gaiola de arame. Uma vez ou outra um peixe pequeno aparecia na frente da câmara, numa frustração frenética por não poder passar pelo arame e alcançar a fonte daquela abundância tantalizante.

— Oitocentos e cinquenta — disse Andy. — Estão quase lá.

Logo viram o fundo que parecia subir. A turbulência provocada pela hélice do submersível perturbou a lama que subiu numa nuvem, embaçando a lente da câmara.

A cápsula parou no fundo e a nuvem clareou..

De repente uma sombra passou pelo fundo, desapareceu e passou outra vez, para o outro lado.

— Tubarão — disse Darling. — Liam não pensou nos tubarões. Provavelmente vai direto para a isca.

A imagem no monitor dançou quando a cápsula estremeceu.

— O que é isso? — ouviram St. John perguntar.

— Um tubarão, doutor — disse Andy no microfone. — Apenas um tubarão.

— Muito bem, faça alguma coisa! — disse St. John.

Darling riu.

— Estamos a mais de 600 metros de vocês, Liam. O que acha que podemos fazer?

Andy apertou um botão e segurou uma alavanca de controle. O monitor da câmara externa virou para fora, depois para cima. Agora podiam ver a gaiola de arame.

— É um tubarão de seis guelras — disse Darling. — Bastante raro.

O tubarão cor-de-chocolate tinha um olho verde brilhante e seis guelras finas e denteadas. Era pequeno, duas vezes menor do que a gaiola, mas tenaz. Mordia o canto da armadilha e girava o corpo, primeiro para um lado, depois para o outro, tentando cortar o arame. Peixes menores pairavam atrás dele, como abutres esperando para reclamar sua parte no prêmio.

— Por que os peixes não se afastaram? — perguntou Sharp. — Sempre pensei que procuravam ficar longe quando os tubarões se alimentam.

— Ele está concentrado — disse Darling. — Mas não neles. Os peixes sabem. O tubarão emite sinais eletromagnéticos que eles entendem perfeitamente. Se ficar enraivecido e se voltar contra eles, ou se aparecer outro para disputar o prêmio, pode estar certo que os peixes menores vão desaparecer.

No outro monitor viram St. John adiantando-se de joelhos para a frente e segurando as alavancas que controlavam os braços mecânicos. Embutido no painel de controle do submersível havia um monitor branco e preto, de quatro polegadas, que mostrava a imagem transmitida pela câmara externa. Com os olhos pregados nele, como um cirurgião executando uma artroscopia, St. John puxou uma alavanca e o braço dobrou. Puxou a outra, o braço se ergueu e girou, apontando a agulha para a gaiola de arame.

— Opa! — disse Darling. Apertou o botão “falar” do microfone e disse: — Não faça isso, Liam. Deixe o maldito tubarão em paz.

A voz de St. John soou na cabine.

— Por que vou deixar que o tubarão coma toda a isca?

— Escute. Ele não pode levar sua gaiola. Esse tipo de tubarão não tem dentes cortadores muito fortes. Vai dobrar e amassar o arame, mas não pode fazer nada mais.

— É o que *você* diz.

Com um suspiro resignado, Darling tentou outro argumento:

— Escute, Liam, se você quer se matar, o problema é seu, mas as duas pessoas que estão aí dentro talvez não estejam tão ansiosas para tocar harpa.

Viram Stephanie aproximar-se de St. John e a ouviram dizer:

— Doutor, se usarmos uma das nossas armas no tubarão, vamos reduzir à metade nossas chances.

— Não se preocupe, Miss Carr — disse St. John. — Vai sobrar muita coisa para o que viemos fazer.

Num dos monitores viram St. John apertar um botão e no outro a explosão de bolhas quando o dardo foi disparado, atingindo o tubarão bem atrás das guelras.

Durante alguns segundos, o tubarão pareceu não tomar conhecimento da picada. Então, de repente seu corpo se dobrou, a cauda e as nadadeiras peitorais enrijeceram, a boca aberta deixou a gaiola. Rígido e estremecendo, ficou suspenso na água e depois, como um avião de combate deixando a formação, inclinou-se para a direita, rolou na água, bateu no lado da cápsula e caiu na lama do fundo.

Então os peixes miúdos aproximaram-se, circularam curiosos em volta do corpo e voltaram para a comida na gaiola.

Um dos monitores de vídeo mostrou Stephanie encostando a câmara no vidro e fotografando seguidamente.

— O tubarão morto não vai atrair *mais* tubarões? — perguntou Sharp.

— Não — disse Darling. — Os tubarões são diferentes nesse ponto. Matam-se uns aos outros, mas se um deles morre, não se aproximam. É como se pudessem pressentir a própria morte — Darling fez uma pausa e olhou para o monitor. — Alguns seres não suportam o espetáculo da morte — disse ele. — Outros sentem prazer.

39

A lula estava alimentada, mas depois de um período tão longo de privação, a proteína consumida além de não satisfazer a fome, a aumentou, exigindo mais. Assim, a besta continuou a caçada.

De repente, seus sentidos foram assaltados por sinais novos e conflitantes — sinais de comida, de presa viva, presa morta, de luz, movimento, som. Ela começou a se agitar de um lado para o outro, confusa, na defensiva, faminta, agressiva.

Subiu na água, procurando a fonte do conflito, mas não encontrou nada. Então, desceu lentamente até sentir o fundo macio sob o corpo.

As células em bastonete nos seus olhos detectavam lampejos de bioluminiscência dos pequenos animais. Ela os ignorou. Então, mais luz inundou a escuridão, e mais ainda. Agitada, sentindo tanto a oportunidade quanto o perigo, aspirou água para dentro do corpo e a expeliu, lançando-se rente ao fundo.

À medida que o animal se aproximava da fonte, a luz tornava-se mais agressiva, repelente. O instinto reflexo dizia para se esconder no escuro, mas os sensores olfativos começaram a receber ondas enormes de cheiro de alimento, carne morta há pouco tempo, rica e nutritiva.

A fome a impeliu para a frente.

Ergueu-se do fundo acima da luz e deixou que a água a levasse para o escuro, atrás do foco luminoso. Parou, então, quando os sinais de perigo desapareceram, para se concentrar no cheiro da caça, no fundo:

A lula desceu.

40

Sharp bocejou, espreguiçou e balançou a cabeça. Esforçava-se para ficar acordado. Estavam observando há mais de uma hora e não havia movimento em nenhum monitor. Era hipnótica aquela espera, como quando se observam padrões de testes.

No submersível, Stephanie, St. John e Eddie pouco tinham falado durante esse tempo e quase não se moveram. Depois de tirar algumas fotografias dos animais estranhos que nadavam junto da vigia, Stephanie agora estava ajoelhada, só observando.

St. John ergueu os olhos para a câmara de vídeo do submersível e disse:

— Que horas são?

— Já se passaram 90 minutos — informou Andy no microfone.

Com um gesto afirmativo, St. John continuou a observar da sua vigia.

A câmara exterior, reajustada, mostrava no fundo o corpo do tubarão morto, de barriga para cima. Um pouco antes, um peixe-bruxa tinha tentado fazer um buraco no tubarão, mas a pele era dura demais e o peixe desistiu, partindo à procura de uma presa mais fácil.

A porta da sala de controle se abriu e Darling entrou com duas xícaras de café. Deu uma para Sharp e disse:

— Não encontrei nenhum creme decente, por isso... puxa vida!

— O quê? — perguntou Sharp, olhando também para os monitores.

— Os peixes. Desapareceram.

Darling colocou os fones de ouvido, apertou o botão do microfone e Sharp compreendeu. Nenhuma criatura abissal patrulhava a borda da escuridão, nenhum peixe pequeno pairava sobre o tubarão morto, nenhum minúsculo abutre das profundezas apanhava os pedaços de atum que saíam da gaiola de arame.

— Liam! — Darling gritou no microfone. — Cuidado!

St. John sobressaltou-se e olhou em volta, mas não viu nada.

— Cuidado com...?

Ouviram um ruído surdo, alguma coisa raspando, um estalo forte, quase como o de um navio encalhando. Então, a cápsula saltou e inclinou-se para a frente. A câmara interna mostrou Stephanie e St. John sendo atirados sobre Eddie, e os três caindo sobre o painel de controle. A câmara externa só mostrava o fundo de lama.

Eddie praguejou. St. John segurou a alavanca do braço mecânico.

— O braço está preso na lama! — gritou ele.

— Ligue o motor! — Darling disse para Eddie. — O animal não vai gostar da hélice.

Viram Eddie puxar a alavanca para trás e ligar a força e ouviram o zumbido do motor e o ronco pulsante quando ele pegou.

A cápsula virou a frente para cima, libertando o braço mecânico.

— A câmara! — disse St. John.

Eddie estendeu a mão para os controles da câmara externa, enquanto St. John flexionava e levantava o braço mecânico, com o dedo preparado acima do botão de disparo.

O monitor mostrou a câmara girando e procurando. A lama foi substituída por água, depois por uma mancha vaga no lado da cápsula e então por...

— Que diabo é aquilo? — disse Sharp.

A câmara mostrou um conjunto de círculos cinza-rosados, cada um vibrando numa haste, cada um aparentemente munido de dentes e uma garra cor-de-âmbar.

— Aquilo é má notícia, isso é que é — disse Darling, e gritou no microfone: — Atire, Liam!

Então, quando a câmara foi arrancada do suporte, a tela ficou vazia.

A criatura amassou a câmara com os tentáculos e atirou-a para longe.

Voltou então para os restos picados de comida, com os oito braços curtos arranhando e puxando, à procura de mais alimento para o bico voraz. Mas não havia mais.

A criatura ficou confusa, pois o cheiro de comida estava por toda parte,

espalhado na água. Seus sentidos diziam que havia comida, sua fome exigia comida. Mas onde estava?

Viu uma carapaça grande e dura e a associou com o cheiro de comida. Enrolou os tentáculos naquela coisa e começou a destruí-la.

***

– Não vejo nada! — gritou St. John. — Para onde ela foi?

— Atire, Liam — gritou Darling. — Dispare o dardo. A filha da mãe é tão grande que você não pode errar.

Viram St. John apertar o botão do dardo.

— Não atirou! — gritou ele, apertando o botão outra vez e mais outra.

Stephanie gritou:

— Veja! — apontava para a sua vigia. — No fundo. O arpão. A coisa o *estraçalhou!*

Nesse momento a cápsula estremeceu e balançou de um lado para o outro. St. John escorregou e caiu em cima de Stephanie. Eddie agarrou-se nos controles. As imagens no lado de fora das vigias passavam e mudavam como pedaços de vidro num caleidoscópio: lama, água, luz, escuridão.

A cápsula estremeceu outra vez, estalando como se estivesse se partindo.

Olhando no único monitor de televisão, Sharp sentiu náuseas e impotência.

— Temos de *fazer* alguma coisa! — disse ele.

— O quê, por exemplo? — perguntou Darling.

— Trazer a cápsula para cima. Ligar o guincho. Talvez o movimento assuste o animal.

— Levaríamos dez minutos para enrolar a folga no cabo — disse Darling. — E eles não têm dez minutos. O que está para acontecer vai acontecer agora.

***

A criatura procurava um ponto fraco. Havia um ponto fraco em algum lugar. Existia em todas as presas.

A coisa tinha menos da metade do seu tamanho, e embora fosse forte e sólida, não lutava. A criatura a ergueu facilmente com dois longos tentáculos e girou a cápsula, procurando um lugar macio, uma brecha. Então segurou com os oito braços curtos e apertou. Abriu o bico e passou a língua na pele da presa. A língua se moveu lentamente, lambendo, procurando, raspando.

***

— Que barulho é esse? — perguntou St. John.

Era como uma lixa áspera raspando o casco.

A cápsula estava de cabeça para baixo e os três ajoelhados no teto procuravam se firmar com as mãos.

— Ela está brincando com vocês — disse Darling no microfone. — Como um gato com um brinquedo. Se tivermos sorte, vai se cansar e desistir.

St. John inclinou a cabeça para o lado, aparentemente ouvindo um som diferente.

— Nosso motor parou — disse ele.

— Assim que a criatura soltar o submersível, nós o puxamos para cima. Não vai demorar agora.

Sharp esperou Darling desligar o botão do microfone e disse:

— Você acredita nisso?

Darling pensou por um momento e depois respondeu:

— Não. A filha da mãe vai encontrar um jeito de entrar.

***

A língua escorregou na pele examinando a textura, procurando alguma diferença. Mas a pele era toda igual, dura, sem gosto, morta. A língua foi um pouco para cima, lambendo com impaciência.

Um sinal acendeu-se no seu cérebro e logo se apagou.

A língua parou, recolheu-se, começou a lamber outra vez, mais devagar. Ali estava. O sinal reapareceu, firme agora. Naquele ponto a textura era diferente, mais macia, mais fina.

Mais fraca.

***

Stephanie devia ter ouvido alguma coisa atrás dela, pois eles a viram voltar-se e olhar para a sua vigia. O que viu a fez gritar e recuar.

St. John olhou e de boca aberta parou de respirar.

— O que foi? — perguntou Darling.

— Eu acho... — disse St. John. — Uma língua.

Andy mudou o ângulo da câmara no interior do submersível e a focalizou na vigia. Então eles viram. Era uma língua. Lambia em círculos, uma massa de carne rosada cobrindo a vigia. Depois foi retirada, mudou de aspecto, formando um cone e bateu no vidro. Parecia um martelo prendendo um carpete no chão.

A língua recolheu-se e por um momento a vigia ficou negra. Ouviram um som estridente, ensurdecedor.

St. John tirou a lanterna do gancho e assestou a luz na portinhola.

Só podiam ver uma parte, pois era maior do que a portinhola, muito maior. Um bico curvo afiado como uma foice cor-de-âmbar, com a ponta fina e aguçada fazendo pressão no vidro.

Stephanie espremeu-se contra o outro lado do submersível, enquanto St. John, ajoelhado e em silêncio, continuou com a lanterna apontada para a vigia. Eddie voltou-se para a câmara e disse:

— Maldito!

Ouviram então o ruído de alguma coisa se partindo e numa fração de segundo uma explosão de água, um som trovejante, e gritos... e então silêncio, quando o monitor ficou vazio.

Todos continuaram a olhar em silêncio para a tela vazia.

41

Assim que Darling entrou no táxi, tirou a gravata e enfiou no bolso do paletó. Tinha a impressão de estar sufocando. Abaixou o vidro e deixou que a brisa refrescasse seu rosto.

Detestava funerais. Funerais e hospitais. Não só por serem associados a doenças e morte, mas também porque representavam o limite máximo da perda de controle. Eram a prova da falha inerente ao preceito que guiava sua vida, segundo o qual um homem inteligente e cauteloso podia sobreviver calculando seus riscos e jamais passando daquela linha. Hospitais e enterros eram a prova de que a linha às vezes se movia.

Além disso, achava que os funerais não faziam coisa alguma para os mortos. Eram para os vivos.

Mike concordava com ele. Há muito tempo tinham feito um pacto. Se um deles morresse, o outro o sepultaria no mar sem nenhuma cerimônia. Muito bem, Mike fora sepultado no mar, mas não como tinham planejado.

Foi uma cerimônia simples, só a família e Darling, umas poucas palavras do padre português e umas duas canções. Não houve perguntas, nem recriminações, nenhuma conversa sobre o que tinha acontecido. Ao contrário. A viúva de Mike e seus quatro irmãos fizeram o possível para consolar Darling.

O que, é claro, o fez sentir-se muito pior.

Darling não contou a eles a verdade sobre a morte de Mike. Só ele e Sharp sabiam e ninguém mais podia sequer suspeitar. Acharam melhor não descrever cenas de horror que ficariam para sempre na lembrança da família. Darling disse que Mike tinha caído na água e se afogado. Que devia ter batido a cabeça num dos degraus da escada externa e desmaiado.

Contaram essa história também para as autoridades da ilha, sem a mínima intenção de esconder provas reais. Já havia carnificina bastante nos videoteipes para satisfazer todos os amantes do sinistro. Uma vítima a mais não faria diferença.

Quando o rádio do *Privateer* não respondeu, Darling teve vontade de passar uma descompostura em regra em Mike por estar dormindo quando devia estar atento. Ele e Sharp pediram emprestado o barco *Zodiac* de Hector e atravessaram rapidamente a meia milha de mar aberto até o *Privateer.* Sharp

estava ainda em estado de choque e parecia um zumbi. Mas quando viram que Mike não estava no barco, ele voltou à vida imediatamente.

Durante os primeiros 15 ou 20 minutos, ambos estavam certos de que Mike tinha caído na água. Notaram a direção da maré e a deriva do barco e usaram o *Zodiac*, leve e fácil de manobrar, para percorrer uma milha ou mais de oceano. Mas então resolveram que precisavam da distância e da perspectiva da ponte alta do *Privateer* e voltaram para bordo. Quando se aproximaram, a estibordo, viram as marcas na tinta.

Então, quando subiram a bordo e passaram as mãos na amurada, sentiram a gosma pegajosa e o cheiro.

Darling não estava a bordo quando o acidente ocorreu, e provavelmente não poderia fazer nada se estivesse. Mas assumiu toda a culpa. Embora reconhecendo a falta de lógica dessa atitude, sabia também que havia um pouco de verdade nela. Mike não era homem de tomar decisões. Sempre confiava em Whip para lhe dizer o que fazer. Não gostava de ficar sozinho no barco e Whip sabia disso.

Pare com isso, pensou Darling. Não vai adiantar nada.

O rádio do táxi estava ligado e naquele momento começou o noticiário da tarde, com mais informações sombrias sobre a economia das Bermudas. Na semana que se seguiu ao desastre do submersível, o turismo tinha diminuído em 50%.

O povo pressionava o governo para acabar com o animal, mas ninguém tinha sugestões concretas, e o governo continuava consultando os cientistas da Califórnia e da Terra Nova, que não conseguiam chegar a um consenso. Finalmente, todos concordaram com a previsão esperançosa de que a lula logo iria embora.

Ninguém queria mais enfrentar a besta — ninguém, a não ser o Dr. Talley e Osborn Manning. Eles escreveram para Darling, tentaram falar com ele pelo telefone, mandaram telegramas, tudo isso e mais alguma coisa. Tentaram até convencê-lo de que ele, de algum modo, tinha obrigação de ajudá-los a matar a criatura, que era um símbolo e um sintoma do desequilíbrio da natureza e que sua destruição seria o começo da volta ao normal. Aumentaram a oferta de tal modo que, se Darling os levasse no seu barco durante dez dias, podia tirar 100.000 dólares líquidos. Sua resposta foi simples: de que servem 100.000 dólares para um homem morto?

Não foi difícil recusar a isca, pois na sua opinião os dois, cada um a seu modo, eram pouco menos do que malucos. Manning, enlouquecido pela ideia de vingança pessoal. Talley, pela necessidade de provar que sua vida tinha algum valor. Juntos não tinham uma cabeça com todos os parafusos no lugar.

Ouviu dizer que tinham até procurado a marinha. Segundo Marcus, Manning procurou um senador dos Estados Unidos, que entrou em contato com o Departamento de Defesa, que por sua vez pediu ao Capitão Wallingford algumas ideias sobre o modo de apanhar e eliminar o animal. Wallingford ficou extremamente angustiado, em parte porque, para ele, qualquer pergunta do Pentágono era uma crítica, e em parte porque era um covarde. Não queria desagradar o senador que, no futuro, podia ser chamado para resolver se ele devia ou não trocar sua águia de prata por uma estrela de prata. Assim, Wallingford descarregou sua ansiedade em Marcus, procurando de certa forma culpá-lo pelo fiasco da primeira tentativa.

Mas a investigação inocentou Sharp, lançando a culpa nos alvos mais fáceis, ou seja, nos mortos, Liam St. John, o criador daquilo, que em retrospecto viam agora como uma aventura imprudente e Eddie, que tinha concordado com o plano.

O noticiário terminou quando o táxi entrou em Cambridge Road, e Darling percebeu que a palavra “lula” não fora mencionada nem uma vez.

Sua preocupação era encontrar imediatamente um modo de ganhar a vida. Resolveu que tinha chegado a hora de vender sua querida garrafa Masonic, e o vendedor, em Hamilton, disse que podia ser um bom negócio. Se conseguissem fazer com que dois colecionadores disputassem a garrafa, ele podia ganhar alguns dólares com a venda. Darling sabia que, algum tempo atrás, Charlotte tinha escrito para Sotheby’s pedindo informações sobre a possibilidade de incluir num dos seus leilões a coleção de moedas herdada do seu pai. Darling pensou em examinar os objetos de valor que tinham em casa para ver se havia mais alguma coisa que valesse dinheiro. Detestava fazer isso, era como vender pedaços do seu passado, ou dele mesmo, mas não tinha escolha.

Porém, havia ainda uma esperança bastante real. Tinham telefonado do aquário, interessados em fazer um novo contrato. Agora, sem St. John, podiam tomar decisões de ordem prática e não baseadas na exaltação do ego. Isso pagaria uma parte do combustível.

Mesmo assim, ele e Charlotte não podiam comer combustível.

***

A corrente fechava o caminho de terra que levava à sua casa. Darling pagou o táxi, desceu, soltou uma ponta da corrente e deixou cair.

Caminhando para a casa, viu o carro de Dana na entrada de veículos. O que ela estava fazendo ali àquela hora do dia? Não estava trabalhando? *Alguém* precisava trabalhar na família. Com uma careta, Darling pensou, grande, você está a um passo de se tornar um verdadeiro parasita.

Então, ouviu uma voz.

— Capitão Darling?

Voltou-se e viu Talley e Manning caminhando na sua direção. Manning ia na frente, imaculado no seu terno cinzento, camisa azul e gravata listrada e carregava uma pasta. Atrás dele, Talley parecia nervoso e constrangido.

— O que vocês querem? — perguntou Darling.

— Queremos falar com você — disse Manning.

— Não tenho nada a dizer. — Darling virou outra vez para a casa.

— Fale conosco agora, capitão — disse Manning —, ou vai falar com a lei, mais tarde.

Darling parou.

— Com a lei? Que lei? Não tem nada melhor a fazer do que ameaçar as pessoas?

— Não ameacei ninguém, capitão, apenas constatei um fato.

— Muito bem. Diga o que tem a dizer e vá embora.

— Será que podíamos... — Manning apontou para a casa — entrar e discutir o assunto como...

— Não sou uma pessoa civilizada, Sr. Manning. Sou um pescador furioso, farto até os olhos de ouvir dizer...

— Como queira, capitão. O Dr. Talley e eu já fizemos uma proposta, que consideramos bastante generosa, em troca da sua ajuda. Em vista dos fatos recentes, estamos preparados para aumentar a oferta.

— Jesus *Cristo,* homem, será que não têm ainda ideia do que querem enfrentar? Não sabem que...

— Sim, capitão, nós sabemos. Mas o fato é que achamos que podemos matar a lula. Não nós dois, não você sozinho, mas nós três juntos.

— *Matar?* Podem chegar a vê-la, mas será a última coisa que verão em suas vidas. Matar? Nem uma chance. Não vejo como qualquer pessoa pode vencer aquele animal.

— Capitão — disse Talley —, deixe-me...

— Cale a boca, Herbert — disse Manning secamente. — Palavras não vão convencê-lo. — Voltou-se outra vez para Darling. — A última oferta, capitão. Se nos levar para caçar a lula gigante, eu pago 200 mil dólares. Se não a encontrarmos, se ela *já* se foi, se não a matarmos, o dinheiro é seu do mesmo modo. Sua única obrigação é fazer um esforço de boa fé.

— Ainda pensa que o dinheiro pode resolver tudo — disse Darling. — Pois não pode. Vá tomar um porre, se isso ajuda. Reze por seus filhos, dê o dinheiro para uma boa causa, em nome deles. Pelo menos isso vale alguma coisa.

Manning olhou para Talley e Darling viu Talley fechar os olhos e respirar fundo.

— É sua última palavra? — perguntou Manning.

— Primeira, última... chame como quiser.

— Sinto muito, capitão, não me deixa escolha. Precisamos de você. É a única pessoa com habilidade, conhecimento e com o barco. Assim... — Manning hesitou, depois continuou: — O caso é *o* seguinte: devo dizer que dentro de dez dias, a contar do fim do horário útil de hoje, tem de me entregar um cheque visado de 12 mil dólares. Se não pagar no vencimento, terá 30 dias para sair da sua casa, com todos os seus pertences.

Darling olhou para Manning, absorvendo o sentido das palavras. Depois olhou para Talley, que estava com os olhos pregados no chão.

— Espere um pouco — disse Darling. Não podia ter ouvido direito, devia haver um engano. — Vejamos se entendi. Eu lhe dou 12 mil dólares para não levá-los para o mar, ou vocês me expulsam da minha casa.

— Exatamente. Como vê, capitão, sou o proprietário da sua casa... ou,

para ser mais exato, em breve serei.

Darling riu.

— Certo. Agora vai dizer que é o meu trisavô e que a construiu para mim em 1770. — Deu as costas para Manning e disse: — Vocês estão fumando uma maconha forte demais.

— Capitão... — Manning tirou alguns papéis da pasta e estendeu um para Darling, — Leia isto.

Era um documento legal, cheio de *saibam quantos* e *parte da primeira parte,* e os únicos elementos que Darling conseguiu entender claramente foram o nome da casa, sua localização, uma opção ou coisa parecida, para Osborn Manning e alguns números. Talvez Charlotte pudesse entender.

— Tenho de apanhar meus óculos — disse ele.

— Fique à vontade. Mas por que não me deixa fazer um resumo? Sua mulher tem feito empréstimos usando a casa como garantia. Está quase três meses atrasada nos pagamentos e duas vezes foi avisada de que pode perder a casa. Comprei a promissória do credor. Dentro de dez dias eu executo a hipoteca.

— Bobagem — disse Darling, olhando para o documento. Aquele papel não podia dizer nada daquilo, porque não tinha acontecido. — Um pedaço de papel não significa nada. Charlie não faria isso. Nunca.

— Ela fez, capitão.

— Bobagem — disse Darling outra vez, e deu meia-volta, caminhando para a casa, com o papel na mão.

***

Charlotte e Dana estavam sentadas ao lado do balcão da cozinha.

A porta de tela bateu e Darling entrou.

— Vocês não vão acreditar o que aquele... — parou quando olhou para elas. As duas tinham chorado antes e agora começaram a chorar outra vez. — Não — disse ele. — Não.

— E depois: — Por quê?

— Porque precisamos viver, William.

— Estávamos vivendo. Tínhamos comida, tínhamos combustível.

— Tínhamos comida porque Dana trazia. Como é que eu ia pagar a luz? Como ia pagar os impostos da casa? Quando o *freezer* quebrou e sua isca derreteu, como é que eu ia mandar consertar? E a rachadura na caixa d'água... ficaríamos sem água. Nosso seguro ia ser cancelado. Iam cortar o gás.

— Charlotte enxugou os olhos e olhou para ele. — Com que diabo você pensa que temos *vivido* todos estes meses?

— Mas... quero dizer... podíamos vender algumas coisas. As moedas...

— Eu vendi. E a garrafa com os três modelos, e a jarra Bellarmine e... tudo. Não temos mais nada.

— Eu vou falar com o banco. Pelo amor de Deus, Derek não pode...

— Não foi o banco — disse Dana. — O banco recusou fazer a hipoteca. Você não tinha renda certa. Eu me ofereci para ser avalista, mas não aceitaram.

— Então, quem emprestou o dinheiro?

— Aram Agajanian — disse Charlotte.

— Agajanian! — gritou Darling. — Aquele pervertido?

Aram Agajanian, emigrado há pouco tempo para as Bermudas, tinha feito fortuna produzindo filmes pornográficos para a televisão a cabo do Canadá e escolheu as Bermudas como o paraíso dos impostos.

— Por que foram procurar Agajanian?

— Porque ele ofereceu o dinheiro. Dana fez a contabilidade de uma das suas companhias e fez algumas perguntas sobre empréstimos e... bem, ele se ofereceu para emprestar.

— Cristo! — disse Darling para Dana. — Você tinha de lavar nossa roupa suja na frente daquele armênio imundo?

— Quer que eu diga que estou arrependida, papai? Muito bem, eu estou. Sinto muito. Isso o faz sentir-se melhor? — Dana controlava-se para não soluçar. — Mas o fato é que ele ofereceu. Nenhum compromisso, nenhum prazo para o pagamento. Pague quando puder, disse ele. Nunca pensei que ele fosse vender a promissória. Ele não queria.

— Então por que vendeu?

— Acho que o Sr. Manning fez uma daquelas ofertas que não se pode recusar. O Sr. Manning é dono de uma porção de companhias de cabos de televisão.

— Como Manning ficou sabendo?

— Agajanian acha que foi Carl Frith.

— *O quê?!* Será que alguém nesta ilha *não sabe*? — Darling estava gritando. — Como *ele* descobriu?

— Estava trabalhando no cais de Agajanian e deve ter ouvido alguma coisa.

— Maravilha, grande — Darling sentia-se traído e confuso. Olhou em volta e sem saber por quê, tocou a parede. — Duzentos e vinte anos — disse.

— É só uma casa, William — disse Charlotte. — Encontraremos outro lugar para morar. Dana quer que a gente more com ela. Por algum tempo. É só uma casa.

— Não, Charlie, não é. Não é só uma casa. É mais de dois séculos de Darling. É a nossa família. — Olhou para a mulher, depois para a filha. — Foi deixada para mim, e se eu tenho uma obrigação nesta vida, é continuar a passá-la para as gerações futuras.

— Deixe a casa, William. Estamos vivos, estamos juntos. Isso é o que importa.

— Uma droga que é — disse Darling. Fez meia-volta e saiu da sala. — Uma droga que é.

42

Darling voltou para onde tinha deixado os dois homens. Tudo estava na mesma. Talley andava de um lado para o outro nervoso e Manning continuava parado, como um manequim da Bond Street.

Darling fez sinal para que os dois o seguissem e, caminhando na frente, imaginou que Manning devia estar se vangloriando com a vitória. Teve de se controlar para não partir para cima dele.

Com um gesto, mandou que sentassem na varanda.

— Então, tem certeza de que o animal ainda está por aqui? — perguntou a Talley.

— Tenho.

— Por quê?

— Porque nada mudou até agora. As estações não mudaram, as correntes não mudaram, não houve nenhuma grande tempestade. Ontem à noite consegui alguns dados do NOAA e eles acham — uma suposição baseada em dados concretos — que a Corrente do Golfo não deverá sofrer nenhuma alteração, pelo menos durante um mês. — O entusiasmo de Talley voltava, diminuindo o constrangimento de ser aliado de Manning naquela chantagem. — Enquanto isso, a *Architeuthis* está encontrando comida — não seu alimento habitual, mas comida. Não tem nenhum motivo para sair daqui.

— Também não tinha nenhum motivo para vir até aqui.

— Certo, mas ela veio, está aqui. O importante, capitão, é lembrar que não devemos ver a *Architeuthis* como um demônio. Ela — não ela, *a coisa* — é um animal, não um demônio. Tem seus ciclos, responde a ritmos naturais. Acho que está faminta e confusa. Não encontra mais sua presa normal. Acho que posso levá-la a responder a uma ilusão de normalidade.

— Seja lá o que isso significa.

— Deixe comigo.

— E acredita mesmo que pode ter sucesso?

— Acho que sim, acredito.

— Antes que ela mate todo mundo?

— Sim. Eu acho.

— Como?

Talley hesitou.

— Eu vou dizer... em breve.

— É segredo de estado, ou coisa assim?

— Não. Desculpe, não estou brincando. Os meios dependem das circunstâncias, do comportamento do animal. Pode ser... há uma chance... de que meu plano faça o animal se destruir sozinho.

Darling olhou para Manning. O homem olhava fixamente para a baía, como se aqueles detalhes não o interessassem.

— Certo, Doc — disse Darling. — Ela também pode levantar voo para Vênus, mas eu não contaria com isso. Acho que tenho o direito de...

— Não, capitão — disse Manning, interessando-se de repente pela conversa. — Não tem nenhum direito. Tem um dever. Pilotar o barco e nos ajudar.

— Espere um pouco, Osborn — disse Talley. — Não acho...

— Por que não, Herbert? Não somos gente civilizada aqui, como disse o Capitão Darling, e eu o respeito por isso. A boa educação é enganosa e uma perda de tempo. É melhor sabermos exatamente onde estamos, desde o começo.

Darling sentiu uma pontada atrás dos olhos, provocada, ele sabia, pela raiva e por uma sensação de impotência. Apertou as têmporas com as mãos, tentando expulsar a dor. Queria bater em Manning, mas Manning estava certo. Tinha encontrado o preço de Darling e o comprou, e não adiantava querer negar a realidade.

— Quando querem partir? — perguntou.

— Logo que for possível — respondeu Manning. — Tudo que temos a fazer é carregar o equipamento.

— Preciso abastecer o barco, comprar comida. Podemos sair amanhã.

— Combustível — disse Manning, tirando da carteira um maço de notas de 100 dólares — Dez mil chegam para começar?

— Devem chegar.

— Agora, os termos. — Manning. fechou a pasta. — O Dr. Talley tem certeza de que pode localizar e atrair a lula num período de 72 horas, portanto abasteça o barco para três dias. Se pegarmos o animal ou não, quando voltarmos, eu inutilizo a promissória e pago a diferença dos 200 mil. Depois de garantir a propriedade da sua casa, você terá aproximadamente mais de 100 mil dólares líquidos. — Levantou-se. — Feito?

— Não — disse Darling.

— O que quer dizer com não?

— *Meus* termos são estes — disse, olhando para Manning. — Você queima a promissória agora, na minha frente. Antes de sairmos do cais, me dá 50 mil dólares em dinheiro, que ficarão em terra, com minha mulher. A diferença deve ser depositada no banco, em nome dela, para o caso da minha morte.

Manning hesitou, depois abriu a pasta, tirou a nota e um isqueiro Dunhill do bolso.

— É um homem honrado, capitão — disse, estendendo o braço e aproximando a chama do papel. — Sabemos disso. Mas eu também sou. Uma vez o negócio fechado, eu cumpro o combinado. Não devia desconfiar de mim.

— Isso não tem nada a ver com confiança — disse Darling. — Quero garantir o futuro da minha mulher.

***

Darling viu Talley e Manning caminharem até o estacionamento em Cambridge Beaches, guardou o maço de notas no bolso e foi para onde estava seu barco. Ligou o motor e subiu para o *flying bridge.* Ia ligar a marcha quando lembrou que o barco estava ainda amarrado no cais.

Foi como se tivesse levado um murro no estômago e Darling respirou fundo, inclinando-se sobre a amurada de metal da ponte. Era a primeira prova real de que Mike não estava mais ali. Ficou assim por alguns minutos até passar o choque, depois desceu e soltou as amarras.

Quando virou a ponta, saindo de Mangrove Bay a caminho das bombas de gasolina do Estaleiro, Darling pensou em quem podia contratar para o lugar de Mike. Não acreditava que Talley ou Manning soubessem alguma coisa sobre

plotar rumo ou manter o barco aproado para o vento, ou qualquer outro dos trabalhos comuns do barco.

Não, concluiu ele, não havia ninguém. Tinha amigos e conhecidos capazes, que talvez até aceitassem, mas não ia chamar ninguém. Não queria ser responsável por outra morte.

Faria tudo sozinho. Bem, não exatamente. Tinha um aliado na caixa sob o convés e o usaria se fosse preciso.

Uma chance, Sr. Manning, pensou. Estou lhe dando uma chance. E se você falhar, vou explodir aquele miserável até o fim do mundo.

***

Darling levou quase três horas para bombear oito mil litros de óleo diesel e dois mil e oitocentos litros de água doce nos tanques do *Privateer,* e comprar seis sacolas de provisões, frutas frescas e secas e vegetais, carne defumada, atum em lata, queijo branco, pão, carne para assado e vários tipos de feijão. Quando acabassem com aquela comida, pensou ele, estariam em casa ou mortos.

Quando chegou ao seu cais era quase noite. Retirou o equipamento desnecessário do barco, armadilhas quebradas, garrafas de mergulho, partes do descompressor desmontado. E a bomba que Mike estava consertando. Darling a segurou por um momento e teve a impressão de sentir a energia de Mike nas mãos.

Não seja idiota, pensou, e levou a bomba para terra.

***

Charlotte estava na cozinha, fazendo o que sempre fazia quando as coisas ficavam pretas: cozinhando. Tinha assado uma enorme perna de carneiro e preparado salada para um regimento.

— Convidados para o jantar? — perguntou Darling, beijando-a na nuca.

— Depois de 21 anos — disse ela —, eu devia saber o que você ia acabar fazendo.

— Também fiquei surpreso. Até hoje de manhã, pensava que só duas coisas no mundo eram importantes para mim. — Darling apanhou uma cerveja

na geladeira. — Imagino o que meu velho diria.

— Diria que você é um grande bobo.

— Duvido. Ele era apaixonado por raízes — por isso todos amavam esta casa. Representa suas raízes. As nossas também.

— E *nós?* — Charlotte virou para ele, com os olhos cheios de lágrimas. — Não somos raízes suficientes, Dana e eu?

— Não *seríamos* nós sem esta casa, Charlie. O que seríamos morando num apartamento na cidade ou no quarto de hóspedes de Dana? Só um casal de velhos inúteis esperando o pôr-do-sol. Não seríamos nós.

O telefone tocou na extremidade do corredor e Darling atendeu, mandou alguém, no outro lado da linha, plantar batatas e voltou para a cozinha.

— Um repórter — disse ele. — Acho que não existe essa coisa de número que não consta da lista.

— Marcus telefonou — disse Charlotte.

— Você contou o que está acontecendo?

— Contei. Na esperança de que ele arranjasse um jeito de dissuadir você.

— E ele arranjou?

— É claro que não. Ele pensa que você caminha sobre a água.

— É um bom garoto.

— Não, só outro grande tolo.

Darling olhou para as costas dela.

— Eu te amo, Charlie — disse ele. — Não digo isso sempre, mas você sabe que é verdade.

— Não o suficiente, eu acho.

— Bem... — Darling suspirou, desejando encontrar palavras mais confortadoras.

— Ou será que você não *se* ama o suficiente? — disse Charlotte, batendo o molho até espumar.

A pergunta mais estranha que Darling tinha ouvido em sua vida. O que

significava amar a si mesmo? Que tipo de pessoa amava a si mesma? Não sabia a resposta, por isso ligou a televisão para ver a previsão do tempo.

Deixaram a televisão ligada enquanto jantavam para que o apresentador enchesse o silêncio, pois sentiam que não havia mais nada a dizer, e que qualquer tentativa de conversa resultaria em palavras das quais se arrependeríam mais tarde.

Terminado o jantar, Darling saiu para o jardim e olhou para a baía. Havia ainda alguma luz — a suave tonalidade de violeta que abre caminho para a noite — e ele viu duas garças brancas de pé, como sentinelas, nas águas rasas da ponta, esperando talvez uma refeição de tainhas antes do fim do dia. Um som suave e adejante, como um leque de papel se abrindo, anunciou a chegada de um cardume de peixes miúdos, deslizando na superfície da água lisa como um espelho.

Quando era pequeno, Darling passava muitas horas, no fim do dia, olhando para a baía, encantado com ela como outras crianças encantavam-se com o rádio ou a televisão, pois da baía vinham sons, e algumas vezes suspiros, que excitavam sua imaginação como nenhum outro fabricado num estúdio de som poderia excitar. Barracudas vorazes arremetiam contra cardumes de cavalas e a água fervia com uma espuma cor de sangue. Vinham os tubarões também, às vezes sozinhos, às vezes em dois ou três, com as nadadeiras dorsais cortando a superfície enquanto procuravam calmamente a presa, num ritual primitivo de caça. Caranguejos escondiam-se sob a areia da praia, tartarugas expeliam o ar como pequenos foles, os chapins zangados brigavam nas copas altas das árvores.

A baía era vida e morte e transmitia uma sensação de paz e de segurança que Darling não podia descrever. Mais a garantia de continuidade.

Havia ainda vida na baía, embora muito diminuída, mas muita vida ainda para amar.

A lua cheia espiou por cima das árvores a leste, atingindo com suas flechas douradas as duas garças, transformando-as em estátuas de ouro.

— Charlie — chamou Darling —, venha ver.

Ouviu os passos dela dentro da casa, mas pararam na porta de tela.

— Não — disse ela.

— Por que não?

Charlotte não respondeu, mas pensou, oh, William, você parece um índio velho, sentado na encosta da montanha, preparando-se para morrer.

QUARTA PARTE

43

Darling acordou com o assobio do vento nas casuarinas, atrás da casa. Estava escuro ainda, mas ele não precisava ver para sentir o tempo. Seus ouvidos diziam que era vento de noroeste, com 15 a 20 nós de força. Nessa época do ano, o vento noroeste era instável, portanto, logo ia rodar, voltando para o sudoeste, acalmando, ou passaria para nordeste, ficando um pouco mais violento. Quase desejou a última possibilidade. Talvez Talley e Manning ficassem enjoados com muito mar e vento e acabassem desistindo.

Que esperança, pensou ele. Aqueles dois estavam possuídos por forças que provavelmente não compreendiam e certamente não podiam enfrentar e nada, a não ser um furacão, os faria desistir.

Charlotte estava deitada de lado, encolhida como uma menina e respirando profundamente. Darling inclinou-se e beijou a nuca da mulher, aspirando seu perfume e prendendo a respiração, como para levar a lembrança dentro dele.

Quando Darling, depois de se barbear, fez café e esquentou o carneiro da véspera, o céu começou a clarear no horizonte e os chapins, no alto das árvores, anunciavam a chegada do dia.

Darling foi até o gramado e olhou para o céu. Soprava ainda uma brisa forte. Nuvens baixas eram levadas para sudeste. Mas uma cordilheira de cirros altos aparecia ao norte, anunciando que o vento logo ia virar para o sul. Ao meio-dia, a água rasa, agora picada, ficaria lisa e as grandes marolas desapareceriam do mar aberto.

O barco balançava suavemente, retesando os cabos. Darling ia subir a bordo quando sentiu que havia alguém na cabine. Não podia dizer ao certo o que provocou aquela sensação, por isso parou e escutou. Sobre os ruídos comuns, o estalar dos cabos e a batida da água no casco, ouviu o ritmo de uma respiração.

Algum maldito repórter, pensou, um daqueles garotos metidos a espertos que pensam que “não” quer dizer “insista mais”, certos de terem o direito dado por Deus de invadir a privacidade dos outros.

Passou pela prancha, parou no convés e disse:

— Quando eu acabar de contar até três, é bom você estar em terra, do contrário vai nadar durante muito tempo. — Parou na porta da cabine e começou

a contar: — Um... — e viu Marcus Sharp levantar-se rapidamente, sobressaltado, e bater com a cabeça no beliche superior.

Sharp bocejou, passou a mão na cabeça, sorriu e disse:

— ... dia, Whip...

— Ora, vejam só — disse Darling. — A que devo o prazer da visita?

— Pensei que talvez precisasse de ajuda hoje.

— Eu gostaria de um par de mãos amigas, sem dúvida, mas o que o Tio Sam tem a ver com isso?

— O Tio Sam me mandou... mais ou menos. Cientistas de todo o país — de todo o *mundo* — estão tentando convencer a marinha a organizar uma expedição para caçar a lula, mas a marinha diz que não tem dinheiro para isso. Acho que, na verdade, a marinha não quer se meter numa coisa que não entende, correndo o risco de fazer papel feio. Seja como for, estão deixando Wallingford maluco, como se estivessem esperando que *ele* descubra uma fórmula mágica. Quando eu disse que você ia sair, ele achou que seria bom mandar a marinha também, assim, para mostrar a bandeira — isto é, eu. Assim, vai parecer que Wallingford está fazendo alguma coisa. — Sharp fez uma pausa. — Tentei telefonar. Pensei que você não... espero que não se importe.

— É claro que não. Mas, escute, Marcus, quero que saiba exatamente no que está se metendo. Esses caras...

— Eu vi o animal, Whip. Ou quase vi.

— Tudo bem, então. Você tem curso de demolição, certo?

— Um ano de treinamento.

— Ótimo. Vamos precisar. — Darling sorriu. — Enquanto isso, a primeira providência é fazer café.

***

Às 6:30 h eles saíram e atravessaram a baía lentamente até o cais da cidade, onde Talley e Manning esperavam, ao lado de uma *pickup* alugada, cheia de caixas de madeira. Talley estava com uma jaqueta de couro, calça cáqui e botas de borracha de cano curto. Manning parecia saído das páginas de um catálogo de vendas. Sapato de marinheiro, calça larga, pregueada, camisa bege com um

emblema de clube e uma jaqueta Gortex para chuva e frio, novinha em folha.

— Para que todo esse lixo? — perguntou Darling da ponte, quando Sharp amarrou o barco no cais. — Pretendem construir um arranha-céu?

Ninguém respondeu, e Darling sentiu a tensão entre os dois homens. Curioso, pensou. O que aconteceu agora? Conseguiram o que queriam, tudo devia estar perfeito.

Descarregaram as 22 caixas e levaram para bordo, sob a supervisão de Talley. Algumas ficaram dentro da cabine, protegidas do tempo, mas a maior parte foi empilhada no convés de popa.

Quando estavam todas a bordo, Manning tirou uma caixa longa de dentro do carro. Pelo modo que ele a carregava, Darling percebeu que era pesada e o cuidado com que evitava que batesse em qualquer coisa dizia que era preciosa.

— O que é isso? — perguntou Darling.

— Esqueça — disse Manning desaparecendo na cabine.

É mesmo, pensou Darling. Bem, veremos.

Um furgão da estação de televisão local apareceu na esquina, na extremidade da rua e parou perto do cais. Um repórter desceu, acompanhado por um *cameraman* que começou a montar seu equipamento.

— Capitão Darling? — chamou o repórter. — Podemos falar com o senhor, por favor? Para a ZBM.

— Não — disse Darling, do *flying bridge.*

— Só um minuto. — O repórter olhou para trás, certificando-se de que o *cameraman* estava pronto e rodando. — Vocês vão procurar o monstro. Por que acham que...

— Não, não vamos. Que diabo, filho, ninguém com juízo faria uma coisa dessas. — Olhou para a popa e disse para Sharp: — Pode soltar, Marcus — e quando viu que a última amarra estava a bordo, engatou a marcha e começou a navegar lentamente entre os barcos atracados na baía.

Esperou até ter certeza de que não podiam ser ouvidos do cais e inclinando-se para fora da ponte disse:

— Sr. Manning, quer vir aqui em cima por um segundo?

Manning subiu a escada e disse impaciente:

— O que é?

— O que tem naquela caixa?

— Eu já disse tudo que você precisa saber.

— Umm-umm — disse Darling. — Compreendo. — A 100 metros, uma escuna de 60 pés estava atravessada bem na frente do barco, flanqueada por duas traineiras de 50 pés cada uma. — Tudo bem, então... — Darling segurou uma das mãos de Manning e pôs na roda do leme. — É todo seu.

Fez meia-volta e caminhou para a escada.

— O que está fazendo? — gritou Manning.

— Vou tirar uma soneca.

— O *quê?*

— É seu show. Você dirige.

— Volte aqui! — gritou Manning, olhando para a frente. A escuna estava a 50 metros agora e eles se aproximavam rapidamente. Não tinha para onde virar, havia barcos por todos os lados.

Darling começou a descer a escada.

— Me chame quando chegarmos lá — disse ele.

Manning puxou a alavanca para trás e virou o leme, mas o barco não parou, apenas deu uma guinada e continuou direto para o veleiro. Ele pôs a alavanca toda para trás, o motor roncou e o barco começou a dar marcha à ré, na direção da popa de um pesqueiro.

— O que você *quer*? — gritou ele.

Darling disse:

— Você quer dirigir o espetáculo, vá em frente, dirija.

— Não! — protestou Manning. — Eu... socorro! — Pôs a alavanca toda para a frente e a proa foi outra vez na direção da escuna.

Darling esperou mais um segundo. Manning entrou em pânico, agitou as mãos no ar e recuou, afastando-se do leme. Darling subiu os dois degraus da escada, atravessou rapidamente o convés da ponte e segurou a roda. Virou-a para

o lado, empurrou a alavanca para a frente e como um alfaiate enfiando linha na agulha, aproou o barco entre a proa da escuna e a popa do barco de pesca, passando a menos de 12 centímetros de cada um.

— Engraçado, não é? — disse Darling, quando estavam fora de perigo. — As coisas que o dinheiro não pode comprar.

Manning estava furioso.

— Isso foi completamente contra...

— Não, foi muito necessário — disse Darling. — Escute, Sr. Manning, temos de trabalhar juntos. Não podemos ter gente correndo pelo barco, cada um com uma agenda diferente. Talley conhece o animal mas não sabe nada de mar. Marcus conhece o mar mas não conhece o animal. Eu sei um pouco sobre cada um, e você, tenho certeza, só sabe fazer dinheiro. Portanto, o que tem naquela caixa?

Manning hesitou.

— Um rifle.

— Como conseguiu passar com ele? As Bermudas não gostam desse tipo de armas.

— Desmontado. Espalhei as peças pelas malas de Talley. Só um armeiro podia juntar todas.

— Que tipo de rifle?

— Um rifle de assalto finlandês. Um Valmet. Geralmente usa munição padronizada da OTAN de sete-ponto-sessenta-e-cinco milímetros.

— O que quer dizer “geralmente”? Mandou modificar alguma coisa?

— A munição, sim. Cada terceira bala do pente está carregada com um traçador de fósforo, e as outras com cianureto.

— E acha que pode matar o animal com isso.

— Esse é nosso plano. Talley encontra o animal, faz os estudos que quer fazer, e eu o mato.

— Tem de ser você.

— Sim.

Darling pensou por um momento e depois disse:

— Acha mesmo que pode fazer alguma coisa por seus filhos, agora?

— Não tem nada a ver com eles, não mais. Tem a ver comigo. É uma coisa que tenho de fazer.

— Sim — disse Darling com um suspiro. — Tudo bem, Sr. Manning, mas aceite um conselho. Faça direito na primeira vez, porque eu estou lhe dando só uma chance. Depois, o show é meu, eu assumo o controle.

— Para fazer o quê?

— Vou explodir o animal, ele vai virar pó. Pelo menos vou tentar.

— Acho justo — disse Manning. — Quer café?

— Claro. Puro.

Manning caminhou para a escada e disse:

— Mando o imediato trazer.

— O imediato, Sr. Manning — disse Darling —, é tenente da Marinha dos Estados Unidos. Não mande, peça a ele. E diga “por favor”.

Manning abriu a boca, fechou, abriu outra vez para dizer “Com licença” e desceu a escada.

Na saída da baía, Darling rumou para o norte. Quando passou pela ponta, na direção da passagem, olhou para trás. Charlotte estava na ponta do cabo, entre dois pinheiros Norfolk, com a camisola esvoaçando ao vento. Darling acenou, ela respondeu e, voltando-se, caminhou para a casa.

Sharp levou o café para Darling e ficou ao lado dele na ponte de comando. Olhavam para noroeste, para o lugar na borda da plataforma, onde o *Ellis Explorer* tinha ancorado.

Por um momento não falaram. Então Darling disse:

— Você gostava daquela moça.

— Sim. Até pensei... bem, isso não importa agora.

— É claro que importa.

Talley subiu para a ponte e ficou um pouco afastado. Parecia nervoso, ansioso.

— Já passou muito tempo no mar, Doc? — perguntou Darling.

— Alguns anos atrás, apanhando polvos. Mas nada como isto. Esperei a vida inteira por isto, pela oportunidade de encontrar uma lula gigante. É o meu dragão.

— Então agora é um dragão, certo?

— É assim que eu a vejo. Por isso dei ao meu livro o título de *O último dragão.* O homem precisa de dragões, sempre precisou para explicar o desconhecido. Você já viu os mapas antigos. Quando desenhavam terras desconhecidas, escreviam: "Aqui estão os dragões", e isso explicava tudo. Passei a vida lendo e escrevendo livros sobre dragões. Imagina o que significa chegar finalmente perto de um deles?

— Tenho a impressão, Doc — disse Darling —, que em alguns casos é melhor deixar os dragões em paz.

— Não para os cientistas. — De repente Talley apontou e gritou.

— Olhem!

Uma meia dúzia de peixes voadores passaram rente à proa do barco, deslizando uns 50 metros sobre a água antes de mergulhar outra vez. O rosto de Talley iluminou-se, maravilhado.

Passaram por uma faixa de sargaço, manchas flutuantes de vegetação amarelada, separadas, mas aparentemente seguindo umas às outras, como formigas, na direção do horizonte.

— O sargaço sempre forma uma linha reta? — perguntou Talley.

— Parece que sim. É um mistério, como o filhote que vimos. Não tenho ideia do que pode ser aquela coisa, de onde vem, nem para onde vai.

— Que coisa? Que aparência tem?

Darling descreveu as coisas enormes e gelatinosas, com buracos no centro, dizendo como elas pareciam girar para expor todas as partes do corpo à luz do sol.

Talley fez perguntas, pediu detalhes e a cada resposta de Darling ficava mais excitado.

— É uma bolsa de ovo — disse ele, finalmente. — Ninguém viu uma antes, pelo menos não nos últimos 100 anos. Acha que pode encontrar outra?

— Nunca se sabe. Eu nunca tinha visto *nenhuma* até o outro dia. Agora,

já vi duas. Tentamos apanhar uma, mas ela se desfez na água.

— Sim, exatamente. E quando a matriz ou o casulo é quebrado, os animais que estão lá dentro morrem.

— Que tipo de criaturas vivem num saco como aquele?

Talley olhou para o mar, depois voltou-se lentamente e olhou para Darling.

— O que *você* acha, capitão?

— Como é que vou...? — Darling não terminou a frase e um pouco depois disse: — Jesus Cristo! Filhotes do monstro? Naquela coisa gelatinosa?

— Centenas — disse Talley. — Talvez milhares.

— Mas eles morrem, certo? — perguntou Sharp.

— Normalmente sim, a maior parte.

Darling disse:

— Alguma coisa vai devorá-los.

— Sim — disse Talley. — Isto é, se sobrar alguma coisa para fazer isso.

44

— Já leu Homero? — perguntou Talley, tirando de uma das suas caixas um anzol de aço de seis polegadas que passou para Darling. — Homero do mar escuro como vinho.

— Não, acho que não — disse Darling. Enganchou o anzol numa cavala e atirou o peixe numa pilha de outros.

— Você sabe, o cara que escreveu a *Ilíada* — disse Sharp. Ele estava pondo as paradas nas argolas dos anzóis, depois amarrando guias de linha de titânio de seis pés em cada parada.

— Esse mesmo — disse Talley. — Alguns acreditam, e eu sou um deles, que Homero falava de lulas gigantes há três mil anos. Ele a chamou de Scila, e a descreveu do seguinte modo. Ela tem 12 pés achatados e seis pescoços magros. Cada pescoço tem uma cabeça obscena, com três fileiras de presas muito juntas, sinistramente carregadas de morte... Ela ataca especialmente seres humanos, nunca deixando de roubar um homem com cada uma das suas cabeças, de todos os navios de proa escura que passam por perto. — Talley sorriu: Uma descrição muito real, não acha?

— Parece — disse Darling, prendendo as guias de arame em um dos conjuntos de anzóis em forma de guarda-chuva de Talley — que seu Homero tinha uma imaginação de 12 volts. — Arrastou o guarda-chuva pelo convés e o pôs ao lado dos dois outros.

— Nada disso — disse Talley. — Imagine se você fosse um marinheiro naquele tempo, quando dragões e monstros eram a resposta para tudo. Suponha que você visse uma *Architeuthis*. Como ia descrevê-la quando voltasse para casa? Ou mesmo nos dias de hoje, imagine que você estivesse num barco de transporte, durante a Segunda Guerra, e uma delas atacasse seu navio. Como ia descrever um monstro enorme que apareceu do nada e tentou arrancar a coluna do leme do seu navio?

— Elas fizeram isso? — Darling prendeu a argola superior de um dos guarda-chuvas a um pedaço de cabo ligado à linha de náilon.

— Algumas vezes, no Havaí.

— Por que uma lula gigante ia atacar um navio?

— Ninguém sabe — disse Talley. — Essa é a coisa maravilhosa sobre...

Tiros pipocaram ao lado deles, 30 disparos tão rápidos que parecia pano sendo rasgado. Todos se voltaram e viram Manning, de pé, ao lado da amurada, com o rifle de assalto na mão. Atrás do barco, penas voavam no ar entre pedaços ensanguentados de uma procelária.

— Para que isso? — perguntou Talley.

— Treinando um pouco, Herbert — disse Manning, substituindo o pente vazio do rifle por outro carregado.

***

Levaram uma hora para descer a aparelhagem, para o que Talley chamou de primeira fase da operação. Seis guarda-chuvas, com dez iscas presas nas paradas com linha de titânio foram descidas a 915 metros de profundidade, presos a um cabo de meia polegada de espessura. O titânio era inquebrável, os anzóis não podiam ser dobrados e tinham uma base de quatro polegadas — grandes demais para atrair qualquer outro animal que não fosse a lula ou um tubarão. Se um tubarão fosse apanhado, pensavam eles, os sinais enviados por sua luta para se libertar só serviríam para reforçar a atração da isca. E se a *Architeuthis* mordesse um dos anzóis, agitaria os vários braços e (segundo a teoria de Talley) ia se prender nos outros, até ficar imobilizada.

— Quanto calcula que ela pode pesar? — Darling tinha perguntado, quando Talley descreveu seu plano.

— É difícil dizer. Eu pesei a carne de lulas mortas, tem o peso quase igual ao da água. Portanto, é possível que uma lula muito grande pese de cinco a dez toneladas.

— *Dez toneladas!* Eu não posso pôr dez toneladas de carne morta neste barco e aquela coisa não está morta. Eu talvez pudesse rebocar dez toneladas, mas...

— Ninguém está pedindo isso. Nós a traremos para cima com o guincho e depois que Osborn a matar, eu tiro algumas amostras para estudo.

— Com o quê? Com seu canivete?

— Eu vi que você tem uma serra a bordo. Ela funciona?

— Estou vendo que é muito ambicioso, doutor — disse Darling. — Mas suponha que a criatura não queira jogar de acordo com suas regras?

— É um animal, capitão — tinha respondido Talley. — Apenas um animal. Não esqueça isso.

Quando acabaram de descer o cabo, Darling e Sharp amarraram numa linha três boias de atracação cor-de-rosa, de um metro e vinte cada uma, prenderam a linha na parte superior do cabo e atiraram para fora do barco.

— E agora? — perguntou Sharp.

— Não adianta puxar antes de umas duas horas — disse Darling. — Vamos comer.

***

Depois do almoço Talley abriu algumas das suas caixas e instalou um monitor de vídeo, depois testou as duas câmaras, enquanto Manning, sentado num dos beliches, lia uma revista. Darling chamou Sharp e saíram da cabine. O barco estava à deriva, acompanhando as boias, mas agora movia-se mais depressa e as boias estavam a uma distância de 100 metros da popa.

— O doutor tem razão numa coisa — disse Darling, observando as boias da popa do barco. — Qualquer coisa que se enganchar naquela engenhoca vai saber que está presa.

— Eu acho que Talley não quer matar a lula.

— Não, o tolo só quer ver a maldita coisa, aprendei mais com ela. Esse é o problema com cientistas, eles nunca sabem quando devem deixar a natureza em paz.

— Talvez ela acabe morrendo de tanto se debater.

— Claro, Marcus — disse Darling, com um sorriso. — Mas, para o caso do animal ter outras ideias, vamos ficar preparados. Apanhe o croque para mim.

— Para quê?

— Vamos nos garantir um pouco.

Darling desceu a escada e desapareceu no porão.

Quando Sharp finalmente encontrou o croque na proa e o levou para a

popa, Darling estava perto do paineiro de ré, abrindo uma caixa de papelão, duas vezes maior do que uma caixa de sapatos. No lado da caixa Sharp viu uma única palavra escrita num alfabeto estrangeiro.

— O que é isso? — perguntou ele.

Darling tirou da caixa um objeto que parecia um salame com 15 centímetros de comprimento e uns cinco de diâmetro, coberto com uma película de plástico vermelho. Ergueu o objeto para Sharp, sorriu e disse:

— Semtex.

— Semtex! — exclamou Sharp. — Jesus, Whip, isso é material de terrorista.

Sharp sabia o que era, mas nunca tinha visto. Fabricado na Tcheco-Eslováquia, era o explosivo preferido pelos terroristas mais sofisticados, por ser extremamente poderoso, maleável e, o melhor de tudo, estável. Só um homem muito burro e, ainda por cima, desajeitado, podería detonar o Semtex por engano. O minicassete que explodiu um 103 da Pan Am estava preparado com Semtex.

— Onde você arranjou?

— Se as pessoas soubessem o que anda voando com elas pelo mundo todo, Marcus, ninguém saía mais de casa. Isto veio com um carregamento de peças de compressor que encomendei da Alemanha e certamente veio por engano. Deus sabe onde devia ter ido parar. Eu não tinha ideia do que podia ser, nem o inspetor da alfândega, mas pensei, por que jogar fora uma coisa que talvez possa ser útil algum dia? E disse a ele que era um lubrificante. Ele deixou passar. Algumas semanas depois eu vi a fotografia do Semtex num livro e pensei, puxa vida, é isso que está guardado na minha garagem. — Darling virou a ponta do salame para Sharp. Tinha cor de gemada com rum. — Temos o suficiente para explodir uma ponta das Bermudas e mandar os pedaços até o Havaí. Mas temos também um pequeno problema.

— Que problema?

— Detonadores. Mike deve ter levado para terra e esqueceu de trazer de volta. Mike não gosta — Darling respirou fundo e corrigiu —, não *gostava* de navegar com coisas que podiam afundar o barco.

— Acho que podemos fazer um.

— De que você precisa?

— Benzina... gasolina comum.

— Tem uma lata no porão, para o motor de popa.

— Glicerina. Tem sabão em flocos?

— Na cozinha, debaixo da pia. Só isso?

— Não. Preciso de um gatilho alguma coisa para disparar. Fósforo seria o ideal. Se tiver uma caixa de fósforos comuns, podemos...

— Não tem problema. Manning tem uns 200 traçadores de fósforo. Quantos?

— Um só. Um pouquinho dura muito. Mas, Whip... nunca fiz isso antes. Já li a respeito, mas nunca fiz.

— Eu também nunca cacei uma lula de dez toneladas antes — disse Darling.

***

— Não parece uma bomba — disse Sharp, quando terminaram —, parece mais fogos de artifício muito vagabundos.

— Ou a brincadeira de mau gosto de um açougueiro — disse Darling. — Acha que vai funcionar?

— É melhor que funcione, não acha?

— Um consolo, Marcus. Se não funcionar, então não vai sobrar ninguém para te censurar.

Tinham misturado a gasolina com o sabão em flocos, formando uma pasta espessa que aplicaram, como se fosse chiclete, na extremidade do Semtex. Então, Sharp abriu uma das balas de fósforo de Manning. Trabalhou com as mãos dentro de uma bacia cheia d’água, porque o fósforo incendeia em contato com o ar e, depois de retirar o chumbo, derramou o resíduo de fósforo com pólvora e água num pequeno vidro de remédio vazio, que foi então selado e embebido na pasta.

Em seguida, com adesivo de canalização, pregaram a bomba na ponta do croque de três metros de comprimento. Darling ergueu o croque e o balançou,

para ver se a coisa estava firme.

— O que acontece se ela engolir a bomba antes de quebrar o vidro de fósforo? — perguntou Darling.

— Não explode — disse Sharp. — Se não chegar ar no fósforo, ela não dispara. Se não disparar, não liga o resto do detonador. Fica sendo uma bomba viva.

— Então, você quer que eu faça a coisa morder primeiro.

— Só por um segundo, Whip. Depois, dê um pulo, ou...

— Eu sei, eu sei. Com um pouco de sorte, o plano de Talley vai funcionar e não precisaremos disto. — Depois de uma pausa, continuou. — É claro que, com sorte *de verdade*, não encontraremos a filha da mãe, para começo de conversa.

Subiu para a ponte, foi até a roda do leme, virou o barco para o sul e começou a procurar as boias. Tinham levado uma hora para preparar o explosivo e prender o croque de pé, num suporte da amurada, em lugar seguro. Darling não tinha se preocupado com as boias, nem pensado nelas.

Ficou surpreso quando não as encontrou imediatamente. O barco não podia ter-se afastado mais de meia milha das boias e num dia claro como aquele, aquelas bolas grandes, cor-de-rosa, eram visíveis a pelo menos uma milha, de distância. Porém, sabia exatamente onde elas estavam, porque plotou o lugar com marcos de terra. Provavelmente as marolas estavam muito altas e o barco estava na vala entre duas delas. Ia encontrar as boias num minuto.

Mas não encontrou. Nem num minuto, nem em dois e nem em três. Quando já tinha navegado cinco minutos para o sul, verificou, pelas marcas de terra, que estava muito além do lugar onde deviam estar.

As boias tinham desaparecido.

Darling apanhou o binóculo e focalizou na linha de sargaço. Se as boias tivessem sido levadas pela maré, estariam boiando na mesma direção que o sargaço. Acompanhou a linha, até o horizonte. Nada.

Ouviu passos atrás dele e a voz de Manning.

— Você as perdeu?

— Não — disse Darling. — Só ainda não encontrei.

— Que droga! Se você não tivesse perdido tanto tempo...

Darling ergueu a mão e ficou atento. Acabava de ouvir ou de sentir alguma coisa.

A sensação vinha dos seus pés, fraca e distante, uma estranha sensação de latejamento. Quase como de uma explosão ao longe.

— Pelo amor de Deus, o que você...

Então Darling reconheceu o que era, embora mal pudesse acreditar.

— Filha da mãe! — disse ele e empurrando Manning com o ombro, foi até a amurada de metal da ponte e olhou para as profundezas do azul.

Ele viu então a única boia intacta saltando para a superfície como um míssil. Saiu da água com um som alto de sucção, subiu uns três metros no ar, espirrando água nos dois homens na ponte, e voltou para a superfície, oscilando, seguindo sob os destroços das duas outras.

Talley e Sharp ouviram o barulho e saíram da cabine. Quando Darling chegou ao convés, Sharp já tinha apanhado um cabo com ganchos na ponta e estava içando a boia para bordo. Darling soltou a boia, jogou o cabo para o lado, depois amarrou no guincho e ligou.

— É ela? — perguntou Manning. — É a lula?

O cabo estremecia e gotas d’água pingavam no convés. Darling tocou nele com as pontas dos dedos.

— Não sei, Sr. Manning, mas uma coisa posso dizer, qualquer coisa com força suficiente para esticar um cabo de polietileno de 500 metros, e afundar três boias capazes de fazer flutuar meia tonelada cada uma — afundar tanto, que duas delas explodiram com a pressão — tem de ser um monstruoso filho da mãe. — Darling inclinou-se na borda do barco e disse: — Não sei se ela ainda está aqui ou não.

— Se foi fisgada — disse Talley — está aqui. Não pode partir aquelas paradas, nem vergar os anzóis.

— Nunca diga nunca, Doc, não quando se trata de uma coisa completamente fora do normal. — Voltou-se para Sharp e disse: — Apanhe uma faca, Marcus e use a pedra de amolar até ficar afiada como uma navalha. Então, venha e sente-se aqui ao meu lado.

Sharp entrou na cabine e Talley foi atrás dele para carregar a câmara de vídeo.

— Uma faca, capitão? — perguntou Manning. — Para quê?

— Se isto é um monstro de verdade, se tem a metade do tamanho que o Doc calcula — e se existe ainda uma centelha de vida nele — vou cortar a linha e deixar o filho da mãe ir embora.

— Uma ova que vai. Não antes que eu acerte um tiro nele.

— Vamos ver.

— Isso mesmo, vamos ver — disse Manning, descendo para a cabine.

***

Talley instalou o tripé na ponte de comando e montou a câmara de vídeo, enquanto Manning tomava posição ao lado da amurada, com o rifle carregado com um pente de 30 balas encostado no peito. No convés, Darling manejava o guincho enquanto Sharp ia colocando o cabo num tambor de plástico.

Quando o tambor estava cheio pela metade, Darling estendeu o braço e passou os dedos no cabo. Então, parou o guincho, segurou o cabo e puxou com força.

— Foi embora — disse ele. — Se é que estava aqui. Foi embora, não tem nada no cabo.

— Não pode ser! — exclamou Talley.

— Vamos saber num minuto — disse Darling, começando a girar o guincho outra vez.

— Então não estava presa nos anzóis.

— Quer dizer que puxou as boias para baixo só por esporte?

O primeiro guarda-chuva apareceu e Sharp o içou para bordo. As iscas estavam todas no mesmo lugar, intocadas. Um pouco depois, apareceu o segundo, depois o terceiro. Nada fora comido nem mordido em nenhum deles.

Quando o quarto guarda-chuva subiu para a superfície, Sharp levantou a mão e Darling diminuiu o movimento do guincho.

— Meu Deus — disse Sharp, estendendo a mão para o aparelho —, esta

coisa parece que foi atropelada por um trem.

O guarda-chuva estava amassado, as paradas enroladas no cabo. Entrelaçadas com o cabo e as paradas havia tiras de fibra branca, que pareciam tiradas de um músculo. Duas iscas estavam inteiras, presas ainda nos anzóis, mas as outras tinham desaparecido, e os anzóis estavam reduzidos a uns cinco centímetros de haste retorcida.

Talley estava filmando com o olho encostado no visor. Darling ergueu um dos anzóis para a câmara.

— Não pode dobrar, hem? Não pode quebrar? Muito bem, Doc, seja o que for que está lá embaixo, não só dobrou como *os arrancou* com os dentes.

Sharp tirou algumas fibras longas do cabo e elas deixaram um cheiro forte e ácido nos seus dedos. Com uma careta, ele passou a mão na perna da calça.

— É a *Architeuthis* — disse Talley. — Sintam o cheiro de amoníaco. Ela deixou o cartão de visita. — Desligou a câmara.

— Não existem outras coisas que cheiram a amoníaco? — perguntou Darling.

— Não como a *Architeuthis*, capitão. É a sua assinatura, e é principalmente por isso que sabemos alguma coisa a seu respeito. Ninguém jamais viu uma delas viva, não neste século, exceto uma que matou algumas pessoas, na década de 40, e foi no escuro e ninguém viu realmente. Mas algumas mortas foram vistas. Duas apareceram na praia na Terra Nova, nos anos 60. Foram parar na praia ao invés de afundar — não são como os peixes, não têm bexigas natatórias — porque sua carne está cheia de íons de amônia e a gravidade específica da amônia é um pouco menor do que a da água do mar. É um-ponto-zero-um contra um-ponto-zero-dois-dois, se querem saber. Eu vi essas lulas mortas, capitão, e elas não apenas cheiravam, elas *fediam* a amoníaco. — Talley voltou-se para Manning, com um largo sorriso. — É ela, Osborn. Ela está aqui, não há dúvida nenhuma. Nós a encontramos.

— Escute, Doc — disse Darling —, ou o senhor é louco ou está escondendo alguma coisa. Não pode pegar uma lula gigante com anzol. Não pode pegá-la com um submarino. Então, em nome de Cristo, como pretende pegar o animal?

— As coisas vivas — disse Talley — são impulsionadas por dois

instintos primitivos, certo, capitão? O primeiro é a fome. Qual é o outro?

Darling olhou para Sharp, que deu de ombros, e disse:

— Eu não sei. Sexo?

— Isso mesmo — disse Talley —, sexo. Pretendo capturar a lula gigante com sexo.

45

As caixas de Talley eram numeradas e o manifesto da alfândega tinha a descrição detalhada do conteúdo de cada uma. Ele consultou o manifesto e, com ajuda de Darling e Sharp, escolheu as caixas e as dispôs, em ordem, no convés.

Manning estava de pé, olhando para a água. Para Darling, ele estava se reduzindo a um único objetivo, um único propósito, desfazendo-se das camadas de condicionamento social, deixando apenas a compulsão de matar. No passado, Darling conhecera pessoas como Manning, pessoas que perdiam toda a preocupação com a própria segurança. Não podia haver nada mais perigoso num barco.

Quando Talley terminou a arrumação das caixas, ele chamou Darling e Sharp e mostrou uma caixa longa de alumínio, do tamanho de um caixão mortuário, com fechos de mola. Abriu os fechos e ergueu a tampa.

— Vocês têm de admitir — disse ele com orgulho. — Isto não é a coisa mais sexy que já viram?

Sobre um colchão de espuma de borracha estava uma coisa que para Darling pareceu um pino de boliche com um metro e oitenta de comprimento, feito com um dos novos tipos de plástico e pintado de vermelho-vivo. Centenas de pequenos anzóis de aço inoxidável pendiam de argolas espalhadas por toda a área do objeto e na parte de cima havia uma argola de sete centímetros, também de aço inoxidável.

Talley ergueu a coisa pelo anel e a passou para Darling. Não devia pesar mais de cinco quilos. Darling bateu nela com a mão e verificou que era oca.

— Eu desisto — disse Darling simplesmente, passando a coisa para Sharp.

— É obra de gênio, puro e simples — disse Talley.

— Isso está claro — disse Sharp. — Mas que *espécie* de gênio?

Talley tirou a coisa de Sharp e segurou-a com as duas mãos, na frente do corpo.

— Pensem nisto — disse ele — como o corpo principal, a cabeça e o tronco, o que chamamos de manto, da *Architeuthis.* De um modo geral, o corpo de uma lula gigante — seja qual for a espécie, *dux, japonica* ou *sanctipauli* —

constitui cerca de um terço do seu comprimento total. Sendo assim, isto representa um animal cujo comprimento total, contando os tentáculos e os chicotes nas pontas, é mais ou menos de cinco ou seis metros.

— Um bebê — disse Sharp. — Um filhote.

— Não necessariamente. Seja como for, isso não é importante, o impulso sexual não vê tamanho. Mesmo que o nosso animal seja, como eu penso que é, quatro ou cinco vezes maior do que esta coisa, seu impulso será de procriar com ela. Se o animal for macho, vai depositar seu esperma aqui, se for fêmea, vai querer que seus ovos sejam fertilizados.

— Por que diabo ela vai querer fazer *qualquer* coisa com um pedaço de plástico? — perguntou Darling.

— É aí que entra o gênio. — Talley começou a desaparafusar o anel da parte superior. — Passei anos desenvolvendo uma substância química que imita perfeitamente o hormônio procriador da *Architeuthis.* Recolhi amostras de tecido de dois espécimes mortos. Retirei o oviduto de uma fêmea grande que encalhou na Nova Escócia, e então, dois anos atrás ouvi dizer que uma parte do manto de uma lula macho tinha aparecido na praia, em Cape Cod. Quando cheguei lá, não restava muita coisa. Os pássaros e caranguejos tinham trabalhado nele. Mas uma parte estava protegida, enterrada na areia e consegui remover o saco espermático inteiro. Tinha mais de um metro de comprimento. Durante meses analisei as duas partes, a masculina e a feminina, com microscópios, espectrógrafos e computadores. Finalmente, consegui sintetizar o gatilho químico.

— Tem certeza? — perguntou Darling. — Já experimentou alguma vez?

— Experiência de campo? Não. Mas no laboratório, sim. Faz sentido, cientificamente. Eu não vou aborrecê-los com explicações científicas específicas, mas assim como um cão no cio emite um cheiro especial, do mesmo modo que os seres humanos respondem à testosterona e aos feromônios e a todos os outros sinais hormonais, uma lula gigante responde às substâncias químicas liberadas por outras da sua espécie durante o período semelhante ao que chamamos de estro nos mamíferos. — Talley pôs o dedo na abertura deixada pelo anel de metal. — Um frasco de líquido derramado aqui e diluído com água do mar vai vazar pelos pequenos orifícios onde estão os anzóis. O cheiro vai se espalhar por milhas e milhas. A *Architeuthis* vai sentir que uma outra da sua espécie está pronta para a fecundação e não poderá resistir a esse chamado da natureza.

— Ela não vai perceber que é imitação? — perguntou Sharp.

— Não. Lá no fundo quase não há luz, portanto ela não depende muito dos olhos. Sabemos quê a lula muda de cor, mas não sabemos se ela *vê* as cores, por isso, por segurança, pintei a imitação de vermelho, que é, como sabemos, a cor da excitação. E o formato da isca está correto. Vamos dependurar luzes químicas ao lado dela de modo que, se o animal estiver acostumado a usar os olhos para identificação da presa, o jogo de luzes vai ajudar. — Talley fez uma pausa.

— Pode parecer exagero — disse ele. — O cheiro poderia funcionar se eu o deixasse sair aos poucos do vidro. Mas a isca com a forma correta e a cor certa não me custou muito e não pode prejudicar a caçada. Quando jogamos cartas com o desconhecido, é bom ter o maior número de trunfos na mão.

— Tudo bem — disse Darling. — Ela chega e transa adoidada com a nossa isca. E depois?

— O animal tem oito braços e dois tentáculos, e vai enrolar todos em volta do objeto. Vai apertar o corpo contra ele. — Com um piparote, Talley fez tilintar alguns dos pequenos anzóis. — Cada um deles vai se enfiar na carne do animal — não o suficiente para alarmá-lo, nem para provocar dor. Mas quando ele quiser se afastar estará preso. É aí que nós o trazemos para cima, até bem perto da superfície. Eu tiro as fotografias e Osborn o mata. Depois, eu tiro algumas amostras. — Talley olhou para Sharp, para Darling e sorriu.

— Bem, uma coisa é certa — disse Darling. — Quando ela chegar aqui em cima, vamos ter uma lula danada da vida.

— Acho que não. Acho que só estará preocupada com uma coisa, a sobrevivência. A mudança brusca da temperatura da água pode atordoá-la, a mudança de pressão pode matá-la antes que chegue à superfície. Pode estar tão cansada a ponto de não conseguir respirar. Porém, haja o que houver — disse Talley, voltando-se e apontando para Manning — é aí que Osborn entra em cena.

Manning inclinou a cabeça levemente, ouvindo as palavras de Talley e mostrou o rifle.

— Sabe o que me assusta? — disse Darling. — Você está tão seguro disso tudo. Já vi o fracasso de muitos planos perfeitos. — Voltou-se para Sharp. — Marcus, estou muito feliz por termos feito aquela bomba.

— Não vai precisar de explosivos, capitão — disse Talley. — Você vai

ver.

— Espero que não. Mas pelo que tenho visto, não podemos subestimar esta criatura.

***

Levaram mais de três horas para preparar a engenhoca de Talley, que era uma obra-prima de complexidade, envolvendo quilômetros de cabo de corda, centenas de metros de cabo de aço e uma câmara de vídeo para funcionar com pouca luz, dentro de uma esfera de *plexiglas* do tamanho de uma bola de cristal. Talley não sabia que objetos presos a linhas longas no fundo do mar tendem a girar de modo imprevisível e pensou que sua câmara ia ficar dependurada ao lado da isca e focalizada nela. Por isso Darling teve de apanhar sua serra elétrica do porão, cortar um pedaço de madeira e colocá-la entre a câmara e a isca com um suporte de ligação.

— Qual é o tempo de filmagem da câmara? — perguntou Darling, quando Talley ligou o fio na bateria.

— O teipe tem duração de 120 minutos — disse Talley — e a bateria de lítio na base aciona a câmara e as luzes durante todo esse tempo. Mas não vai ficar ligada constantemente. A cada cinco minutos, um regulador automático de tempo desliga a bateria por um minuto. Ou eu posso ligar daqui de cima quando for preciso.

A tarde chegava ao fim quando terminaram de preparar a isca. O vento parou e o mar era uma campina de marolas prateadas.

Sharp observou duas gaivotas que sobrevoavam a popa, à espera de uma oferta de pão ou restos de isca, depois foram embora. Acompanhando o voo das gaivotas na direção do pôr-do-sol, ele viu alguma coisa a distância, boiando na superfície da água. A princípio pensou que fosse a água levantada por mergulhos de pássaros marinhos, mas não, eram movimentos mais demorados e a água subia muito, com um borrifo espesso. Então, ele compreendeu o que era.

— Olhe, Whip — disse ele, apontando. — Baleias.

— Ótimo — disse Darling. — Pelo menos ainda sobraram *algumas.*

— Que tipo de baleias? Corcundas?

— Não. Cachalotes. As corcundas não ficam tanto tempo paradas, estão

sempre em movimento. Os cachalotes reúnem-se no fim do dia, não sei por quê, talvez para uma conversa amistosa.

Talley olhou para as baleias, depois, com as mãos em concha aos lados da boca gritou para elas:

— Vão embora!

Darling riu.

— O que tem contra baleias, Doc? — perguntou.

— Nada. Só não quero que elas espantem a *Architeuthis.* Elas comem lulas, você sabe.

— Eu não me preocuparia com isso — disse Darling. — Não conheço coisa alguma feita por Deus capaz de espantar aquele animal. As baleias não são tão idiotas quanto os homens — elas sabem quando devem ficar longe do perigo.

Talley entrou na cabine e quando voltou as baleias já tinham se separado e o mar se fechou sobre elas.

Talley tinha na mão um vidro com 200 gramas de um líquido claro. Seguindo suas instruções, Darling e Sharp seguraram a isca de pé e a encheram com água do mar. Então Talley tirou a tampa do vidro e o estendeu para eles.

— Pela ciência — ele disse.

Darling hesitou, depois deu de ombros e disse:

— Ora, que diabo... não é todo dia que eu sinto o cheiro de tesão de lula. — Segurou o pulso de Talley e cheirou o líquido — e foi como se a mucosa do seu nariz tivesse pegado fogo. Seus olhos encheram-se de lágrimas, seu estômago deu uma virada e ele recuou, tossindo.

Talley riu e disse:

— O que você acha?

— O que eu *acho*? Puxa vida! Amoníaco, enxofre... aquele negócio que usam para acelerar o coração — nitrito de amilo — e alguma coisa, eu não sei, uma coisa simplesmente *má.*

— Má? — disse Talley. — Quer dizer má, como em malvado? Não existe isso de animal malvado.

— É. o que *você* diz, Doc. Quanto a mim, estou começando a pensar de

outro modo.

Talley esvaziou o vidro na água no interior da isca e aparafusou com força a argola superior. Engancharam a coisa no cabo e com Darling segurando uma extremidade do pedaço de madeira e Sharp segurando a outra, desceram a isca pela borda do barco e deixaram afundar. Ela flutuou por um momento, até sair todo o ar que continha, e então mergulhou num turbilhão de bolhas.

Darling e Sharp manejaram as manivelas dos dois guinchos manuais, uma a cada lado da popa. Simultaneamente, foram soltando os cabos na água, parando a cada três metros e meio de profundidade para que Talley prendesse o cabo da câmara no cabo principal.

Então a noite chegou. As estrelas espalharam pontos de luz prateada sobre o mar e a lua nascente desenhou uma estrada dourada do horizonte até a popa do barco. Atrás deles brilhava a luz quente da cabine.

Finalmente, às nove horas, as marcas de 480 braças dos cabos deslizaram entre seus dedos e eles fizeram a isca parar, enrolaram os cabos nos suportes e os amarraram numa coluna de ferro para reboque, que passava pelo convés e ia até a quilha.

— Quer comer alguma coisa, Sr. Manning? — perguntou Darling, quando ele e Sharp foram para a proa.

Manning balançou a cabeça e continuou a olhar para a água.

Talley sentou-se na frente da mesa, na cabine, para ajustar o gravador de vídeo, o monitor e a caixa de controle. Darling aproximou-se e examinou o monitor. A isca estava na tela, balançando de um lado para o outro, e das centenas de orifícios na sua pele pingavam gotas brilhantes de líquido que se perdiam na escuridão.

Darling notou que Talley estava suando e que suas mãos tremiam quando girava os botões da caixa de controle.

— Está ficando nervoso, Doc? — disse ele. — Às vezes é melhor que nossos sonhos não se realizem.

— Não estou com medo, capitão — disse Talley, secamente. — Estou excitado. Há 30 anos espero por isto. Não, não estou com medo.

— Pois eu estou — disse Darling, subindo para a cabine de comando. Olhou pela janela para o mar calmo. Não havia nenhuma outra luz, nenhum

barco pesqueiro, nenhum navio. Estavam sozinhos. Sentiu um arrepio nas costas e estremeceu.

Ligou a sonda de profundidade. O estilete traçou um desenho no papel de gráfico e Darling leu a marcação. O assoalho estava a 915 metros, portanto, se a medição das linhas que ele e Sharp haviam feito estivesse correta, a isca e a câmara estavam suspensas a 36,5 metros do fundo. Ia voltar para a cabine, mas parou, ligou o localizador de peixes e calibrou a leitura da profundidade em 500 braças. Quando a tela esquentou, o fundo apareceu como uma linha reta. Fora isso, não havia mais nada.

— Aquele cheiro está espantando tudo, daqui até os Açores — disse Darling, entrando na cabine. — Não tem nem um pargo, nem um tubarão entre nós e o fundo.

— Não — disse Talley. — Não devia ter. Eles sabem quando devem se afastar. — Desligou a câmara e ajustou o regulador automático de tempo.

Darling foi até a porta e ligou o interruptor, acendendo as lâmpadas de halogênio instaladas no *flying bridge* e inundando de luz o convés de popa. Pela janela, Darling viu que Manning nem se mexeu, como se não tivesse notado a explosão de luz. Estava sentado na tampa do compartimento de meia-nau, com os ombros curvados, o rifle no colo.

Sharp deu um sanduíche para Darling. Com um gesto de cabeça indicou Manning e disse:

— Levo um para ele?

— Manning não está interessado em comida — disse Darling. — O homem está se devorando por dentro.

— Osborn é um homem infeliz — observou Talley, apanhando uma fatia de pão e um pedaço de queijo. — Perdeu toda a perspectiva. Há três semanas, era um homem poderoso que sabia como usar seu poder. Fizemos um trato para executar a sua vingança. Achou que era um bom negócio. Mas agora o projeto é uma obsessão.

— Acha que pode culpá-lo? — perguntou Darling.

— É claro que sim. O homem está irracional.

— Pior do que isso — disse Darling. — Está perigoso.

— Vai passar. Deixaremos que use sua arma contra a *Architeuthis* e ele

voltará a ser o que era, um vencedor.

— Acha que é tão simples?

— Animais são previsíveis, capitão, até o animal humano.

— Incluindo a *Architeuthis*?

— Oh, sim. É programada como uma máquina. Quando conhecemos os códigos, seu comportamento é previsível. Completamente.

***

Às dez e meia, o regulador de tempo tinha ativado a câmara 12 vezes e sempre eles se agrupavam na frente do monitor para ver a isca oscilando na tela, emitindo longas tiras do líquido. A favor da corrente que passava por ela, alguns crustáceos minúsculos passavam na tela como vaga-lumes, deixando atrás deles faixas fosforescentes. No outro lado, para onde a corrente levava o cheiro do líquido, não viam nada, só a escuridão.

O barco estava à deriva no mar calmo. Mesmo com mar de costado, não girava, apenas balançava suavemente, como um berço de criança. As luzes da cabine eram um casulo acolhedor alaranjado, intensificando a ilusão de paz.

— E se ela não vier esta noite? — Darling perguntou para Talley.

— De manhã, então, ou à tarde. Mas ela virá.

— Então acho melhor dormirmos um pouco.

— Se você conseguir.

— Acho melhor tentar. Você também.

Sharp desceu para o compartimento dos beliches. Talley observou mais um ciclo do monitor, depois deitou no banco e fechou os olhos. Darling foi para fora.

Manning estava no mesmo lugar, mas inclinado para a frente, dormindo.

Darling verificou os cabos. Estavam retos, imóveis, intocados. Então olhou na direção da praia. A ilha era um brilho rosado contra o céu negro e ele via o vulto enorme do Southampton Princess Hotel e o holofote giratório do farol em Giggs Hill. Estavam a 16 quilômetros, mas era reconfortante saber que seu lar ainda estava lá. Pensou em Charlotte, na cama dos dois e de repente

sentiu-se extremamente só.

Quando voltou para a cabine, o monitor da televisão estava ligado outra vez, desenhando sombras cinzentas no rosto de Talley que dormia no banco.

Darling subiu para a cabine de comando e ficou parado ouvindo os sons da noite. O gerador ronronava, o estilete da sonda sibilava, acompanhando a deriva do barco ao longo da linha do fundo a 150 braças, o localizador de peixes murmurava, com a tela vazia. Ouviu o som da água acariciando suavemente o casco de aço, e a respiração de Talley.

Foi para a cabine e deitou num dos beliches. Queria dormir, desligar-se de si mesmo, mas, apesar do cansaço, tinha certeza de que sua mente não permitiria o conforto do sono. Desde a primeira vez que saiu para o mar, quando era ainda menino, sempre que dormia a bordo, uma parte do seu cérebro mantinha-se alerta para qualquer mudança no vento, a menor alteração nos ritmos do mar.

O vigia em sua mente estava sempre alerta nos melhores momentos, quando o barco passava por cima do que parecia uma fonte infinita de vida, quando acordar no meio da noite geralmente indicava promessa e não ameaça. O vigia não tinha esmorecido ultimamente nos tempos difíceis, quando as noites eram repletas de esperanças vãs.

Darling sabia que o vigia estaria de prontidão agora, quando, pela primeira vez em sua vida, sua maior esperança era que o mar sob o barco continuasse como uma planície árida e sem vida.

O ritmo da sua respiração diminuiu, o cérebro sucumbiu à fadiga. O vigia ficou alerta, uma sentinela solitária.

46

A lula gigante expandiu seu manto, aspirou água e a expeliu pelo funil na barriga. Impulsionou a massa enorme através do mar noturno com uma força que formava ondas à sua frente e deixava uma esteira de redemoinhos.

Levada pelo impulso mais básico, arremeteu numa direção, depois parou, lançou-se para outra, ampliando o alcance dos sentidos para captar cada vez mais os sinais esparsos que a estavam levando a uma excitação frenética. A química do seu corpo estava confusa, e os cromatóforos que ela detonava mudavam a cor da criatura, do cinza-pálido para o rosa, para o marrom, para o vermelho, refletindo um misto de ansiedade e paixão.

Os sinais que estava recebendo eram em parte estranhos, em parte familiares, mas seu cérebro registrava apenas o fato de que eram irresistíveis.

Assim, ela arremetia, para baixo e para cima, de um lado para o outro, como um avião descontrolado ou um predador gigantesco enlouquecido.

De repente, encontrou uma corrente de sinais. Era uma trilha, forte e verdadeira.

A criatura seguiu por ela, sem se importar com nada mais.

47

Darling acordou sem saber o que o tinha despertado. Ficou imóvel por um momento, escutando e sentindo.

Ouviu sons familiares, o zumbido da geladeira, o estilete raspando no papel da sonda, a respiração de Talley. Viu as coisas familiares, a escuridão, amenizada apenas pelo brilho da bitácula da bússola na ponte de comando. Mas sentiu uma diferença no movimento do barco. Havia uma resistência, como se o barco não estivesse mais sendo levado pelo mar mas lutando contra ele.

Levantou-se do beliche e saiu da cabine. Assim que viu o movimento da água, compreendeu o que o tinha acordado. O barco estava indo na direção errada.

Alguma coisa o puxava para trás.

Olhou para a popa e viu pequenas ondas batendo contra o barco, borrifando o convés. Os cabos continuavam retos, mas tremiam, e mesmo a distância, ele ouvia o estalo das fibras retesadas.

Então, pensou Darling. Aqui vamos nós.

Enfiou a cabeça na porta da cabine e gritou:

— Marcus!

Talley sentou-se no banco e disse:

— O que é?

— Ligue seu monitor de TV, Doc — disse Darling, e chamou outra vez: — Marcus! Vamos!

— Por quê? — Talley estava ainda meio adormecido. — O que...?

— Porque fisgamos a filha da mãe, é isso. E ela nos está arrastando para trás. — Darling ligou o monitor. A tela piscou, depois acendeu.

A imagem era indefinida, um redemoinho de bolhas e de sombras, luz cintilando no escuro — uma cena de caos e violência.

— A isca! — disse Talley. — Onde está a isca?

— Ela apanhou — disse Darling. — E está tentando fugir com ela.

Nesse momento, Sharp apareceu e Darling fez sinal para que o acompanhasse para fora.

Manning estava de pé na popa, molhado pelos borrifos, olhando para os cabos retesados.

— É...?— perguntou ele.

— Ou a lula, ou fisgamos o próprio demônio. — Darling fez sinal para Sharp se encarregar do guincho de estibordo, enquanto ele manejava o de bombordo, e juntos começaram a içar os cabos.

Por um ou dois minutos, não conseguiram nada. O peso era demais para a força de tração e os tambores do guincho escorregavam sob os cabos. O barco continuou a andar para trás, borrifando água quando a popa mergulhava nas ondas.

Então, os cabos afrouxaram de repente e o barco parou.

— A tensão desapareceu — disse Sharp. — Será que ela foi embora?

— Pode ser. Ou então está só fazendo a volta. Eu não sei. Continue girando a manivela.

Trabalharam juntos, erguendo 30 centímetros de cabo por segundo, dez braças por minuto. Os músculos dos braços de Darling. doíam, depois começaram a queimar, e ele mudava de mão a cada cinco ou seis voltas.

— Whip, ela deve ter ido embora — disse Sharp, quando as marcas de 200 braças passaram pelos tambores do guincho e caíram enroladas no convés. — Acho que foi.

— Não acredito — disse Darling. Com a mão no cabo, procurava interpretar o que sentia. Havia peso no cabo, mas não tensão, estava esticado mas imóvel. — Parece que ela está lá, mas sem puxar. Quem sabe parou para descansar.

— Ou talvez esteja morta — disse Sharp, esperançoso.

— Continue virando a manivela, Marcus — disse Darling.

Talley saiu da cabine.

— Não vejo nada no vídeo — disse ele. — Está um caos.

— Deixe ligado assim mesmo — disse Darling.

— Eu deixei. — Talley ficou atrás deles, encostado na parede da cabine. Tinha tirado outra câmara de vídeo da caixa e apressou-se a carregar um teipe e ligar a bateria.

De repente, Sharp disse:

— Whip! Olhe... — e apontou.

Os cabos não pendiam mais verticalmente. Começavam a se afastar do barco. Mas os guinchos continuavam a trazê-los para bordo.

— Ela está subindo! — Darling gritou, e pensou, como um peixe de bico preparando-se para saltar fora d'água, puxa, para, reúne as forças, e agora vai dar a cartada definitiva. Olhou para Manning e disse: — Engatilhe seu rifle. Era isto o que estava esperando. — E para Talley: — Se quer fotografias, Doc, acho melhor tirar muito depressa. O animal não vai ficar muito tempo por aqui.

Ninguém falou nos minutos seguintes. Para Darling, o silêncio era como a calma falsa no olho de um furacão.

Darling e Sharp viravam as manivelas dos guinchos, enquanto o cabo entrava no barco. Quando terminou, as argolas bateram com um som metálico na amurada, seguidas pela primeira parte dos cabos de metal.

— Cinquenta braças, Marcus — disse Darling. — Mais um ou dois minutos.

Os cabos formavam ângulos, não completamente na horizontal, esticados e vibrando, mas subindo sempre a bordo. A criatura devia estar perto da superfície, mas não tinham certeza, não sabiam a que profundidade podia estar, nem a que distância do barco.

Olharam para a água atrás da popa, tentando acompanhar a linha prateada dos cabos, ver além da borda do círculo de luz formado pelas lâmpadas de halogênio.

— Apareça, sua filha da mãe! — exclamou Darling, percebendo que seu medo tinha mudado. O que sentia agora não era medo, mau presságio ou terror, mas o temor galvanizante de enfrentar um oponente mais formidável do que qualquer um que podia imaginar. Era quase uma carga elétrica, um medo saudável, pensou ele, combinado com a febre da caçada.

Nesse momento os guinchos deram um retrocesso, deslizaram e o cabo que acabava de entrar saltou no convés e começou a serpentear para fora do

barco.

— O que ela está fazendo? — gritou Sharp.

— Está correndo outra vez — exclamou Darling, apoiando-se com toda a força na manivela do guincho, mas sem resultado. O cilindro girou, e o cabo continuou a voltar para a água.

— Não! — gritou Manning. — Parem o animal!

— Eu não posso — disse Darling. — *Nada* pode.

— Quer dizer que *não quer.* Você está com medo. Vou mostrar como se faz.

Manning largou o rifle e segurou o cabo num ponto em que estava ainda frouxo.

— Não faça isso! — gritou Darling, dando um passo na direção de Manning, mas antes que pudesse evitar, Manning enrolou o cabo na coluna de ferro, de reboque, e o amarrou com força.

— Pronto — disse Manning.

O cabo continuou a sair da popa para a água, zumbindo quando passava sobre o aço da amurada. Manning virou para a popa, ergueu o rifle e esperou que a criatura aparecesse. Mas quando estava fazendo a volta, escorregou, e nesse momento a criatura deve ter acelerado o arremesso, pois de repente os rolos de cabo saltaram do convés e voaram no ar. Manning cambaleou, procurando se equilibrar e um dos seus pés enganchou numa volta do cabo, que enrolou-se na altura da coxa dele e Manning foi erguido no ar como um boneco. Por uma fração de segundo ficou suspenso no círculo de luz. Não fez nenhum som e o rifle caiu da sua mão.

Então, uma força enorme esticou os cabos ao máximo e Manning voou para trás, puxado pela perna, com os braços estirados como se fosse dar um mergulho de cisne.

A luz incidiu no rosto dele por um instante e Darling não viu horror, nem agonia, nem protesto — apenas surpresa, como se a última sensação de Manning fosse de espanto com o fato da sorte ter a temeridade de vencê-lo.

O rifle bateu no convés e disparou. A bala ricocheteou na amurada e subiu zumbindo.

Darling teve a impressão de ver a perna de Manning ser arrancada do corpo, pois alguma coisa caiu do cabo. Mas não ouviu barulho nenhum na água, pois todos os sons eram dominados pelo *toing!* do cabo contra a coluna de ferro.

Imediatamente, o cabo ergueu-se na horizontal e o barco foi arrastado para trás. Ondas batiam contra a amurada, molhando os três homens.

Então Darling viu o cabo subir acima da horizontal e gritou:

— Ela está em cima!

— Onde? — gritou Talley. — Onde?

Nesse momento ouviram alguma coisa batendo na água, um som como de um fole e sentiram o fedor acre. A água que caía sobre eles transformou-se num borrifo de tinta negra.

Darling ajoelhou e começou a se levantar, mas então viu, a três ou quatro metros da popa, uma centelha prateada, e instintivamente adivinhou o que era. Os fios do cabo estavam se partindo e enrolando-se como molas.

Ele gritou:

— Abaixem!

— O quê? — disse Talley.

Darling mergulhou em direção a ele e o derrubou. Quando caíram, ouviram um som trovejante atrás do barco, como o disparo de uma pistola *magnum* dentro de um túnel, seguido imediatamente de um assobio estridente.

Um pedaço do cabo ergueu-se no ar e fez em pedaços as janelas da cabine. Um segundo pedaço veio logo depois e o protetor da câmara de Talley bateu na amurada e se desintegrou.

O bote cabeceou e guinou por um momento, depois, pousou outra vez na água.

— Jesus Cristo... — disse Talley.

Darling rolou para longe dele e ficou de pé. Olhou para a popa, para a escuridão da noite. Nenhum sinal de que qualquer coisa tivesse estado ali, nenhuma agitação na água, nenhum som. Só o murmúrio suave da brisa sobre o mar silencioso.

48

Talley estava pálido como papel e quando se levantou no convés, tremia tanto que mal podia ficar de pé.

— Eu nunca pensei... — começou a dizer, mas não terminou a frase.

— Esqueça — disse Darling. Ele e Sharp estavam puxando para bordo os rolos de cabo espalhados na água, ao lado do barco.

— Você estava certo — disse Talley. — Estava certo o tempo todo. De nenhum jeito nós...

— Escute, Doc... — Darling olhou para Talley e pensou, o homem está desesperado. Mais um minuto e vai desabar. — Quando chegarmos em terra, teremos tempo para reclamar e gemer. Diremos boas coisas sobre o Sr. Manning e faremos tudo que é certo. Mas agora, tudo que eu quero é que desapareça da minha frente. Vá para a cabine e deite no beliche.

— Sim — disse Talley. — Certo. — Entrou na cabine. Quando acabaram de recolher todos os cabos, Sharp inclinou-se sobre a amurada e disse:

— Espero que nenhum desses cabos esteja enrolado na isca.

— Você quer entrar na água para verificar? — disse Darling, caminhando para a proa. — Pois *eu* não quero. Talley tinha razão numa coisa — a filha da mãe sem dúvida foi atraída pela isca. Mas agora, quem sabe? Tudo que sei é que quero estar em outro lugar qualquer quando ela compreender que foi enganada.

Na cabine, Talley estava sentado na frente da mesa. Tinha, rebobinado o videoteipe e começou a passar a fita, olhando para o monitor.

— O que está procurando? — perguntou Darling.

— Qualquer coisa — disse Talley. — Qualquer imagem. Darling deu um passo na direção da torre de comando e disse para Sharp.

— Verifique a pressão do óleo para mim, Marcus.

Sharp abriu o alçapão do porão e começou a descer.

De repente, Talley deu um pulo e gritou:

— Jesus, Maria, José! — Olhava arregalado para o monitor, procurando

sem olhar os controles do gravador.

Sharp e Darling ficaram atrás dele. Talley encontrou os controles e apertou o botão “pausa”.

No monitor viram uma imagem com espuma e bolhas. Talley apertou o botão “avançar” e a imagem deu um salto.

— Lá está a isca — disse Talley, apontando para uma forma densa e brilhante. Na tela em branco e preto parecia cinzenta. No quadro seguinte, tinha desaparecido para reaparecer no alto da tela. Talley apontou para a parte inferior e disse:

— Agora, olhem.

Uma massa acinzentada ergueu-se da parte inferior da tela, e, na pulsação do avanço do quadro, pareceu marchar para cima, até cobrir toda a tela. Os quadros continuavam mudando e a sombra cinzenta continuava a subir. Então, a parte inferior da tela foi invadida por uma coisa de cor creme, curva na extremidade superior. Moveu-se para cima, como para cobrir a tela.

A coisa devia ter saído da frente da câmara, porque a imagem gradualmente se alargou e ela apareceu como um círculo perfeito, creme, tendo no centro outro circulo, negro como ébano.

— Meu Deus! — exclamou Sharp. — É um *olho*?

Talley fez um gesto afirmativo.

— De que tamanho? — perguntou Darling.

— Não sei dizer — respondeu Talley. — Não temos nenhum ponto de referência para medir. Mas se o comprimento focal da câmara era de mais ou menos um metro e oitenta e o olho ocupa todo o quadro, deve ser... assim. — Ergueu as duas mãos, uma a 60 centímetros da outra. Por um momento ele olhou para as mãos, como se não pudesse acreditar no que estava vendo. Então, com voz sumida, disse: — A coisa deve ter 28 metros, ou mais. — Ergueu os olhos para Darling. — Podia ser uma centopeia.

— Quando chegarmos em casa — disse Darling — vamos cair de joelhos e agradecer por não termos chegado mais perto dessa coisa maldita. — Então, subiu para a cabine de comando.

O dia estava nascendo. A leste o céu começava a se iluminar com um tom azul-acinzentado, e o sol desenhava uma linha rosada no horizonte.

Darling apertou o botão de partida e esperou para ouvir o toque de alerta do porão e o ronco do motor.

Mas tudo que ouviu foi um estalido, depois nada.

Apertou o botão outra vez. Agora, nem o estalido. Darling praguejou, depois bateu na roda do leme com a mão fechada. Ele sabia por que o motor não podia pegar. Não ouvia o ruído do gerador. O silêncio dizia que, durante a noite, tinha acabado o combustível do gerador. As baterias foram ligadas automaticamente, mas depois de algum tempo, com as luzes, a geladeira, a sonda e o localizador de peixes ligados, arriaram também. Tinham ainda alguma energia, mas não o suficiente para movimentar o grande motor diesel.

Depois de se acalmar, Darling procurou resolver qual das duas baterias carregadas, do compressor, seria mais fácil de ser passada para o motor. Escolheu uma e reconstituiu mentalmente o processo de tirar a bateria dos suportes, passar para o compartimento das máquinas e montar ao lado do motor.

Era trabalho duro mas não o fim do mundo.

Quando estava indo para o compartimento do motor, lembrou que devia desligar os instrumentos para economizar força. Toda a força da nova bateria devia ser dirigida para o motor. Girou o botão da sonda e o ponteiro ficou imóvel. O botão do localizador de peixes ficava um pouco mais longe. Quando estendeu o braço para ele, Darling olhou para a tela.

Não estava mais vazia. Por um momento ele pensou, ótimo, a vida está voltando ao mar. Então, olhou mais de perto e compreendeu que nunca tinha visto uma imagem como aquela. Não havia os pontinhos que indicavam peixes espalhados, nem as manchas dos cardumes de peixes maiores. A imagem na tela era uma massa sólida e viva. Uma coisa que estava subindo para a superfície, e subindo rapidamente.

49

O animal subiu como um torpedo. Quem o visse, diria que fugia em retirada, porque nadava para trás, mas não era fuga. A natureza o tinha feito para se mover para trás com grande velocidade e eficiência. A lula estava atacando e sua cauda triangular parecia a ponta de uma flecha, conduzindo-a ao alvo.

Tinha mais de 30 metros dos bastões nos tentáculos até a ponta da cauda e pesava 12 toneladas. Mas não tinha noção do próprio tamanho, nem do fato de ter a supremacia dos mares.

Seus tentáculos estavam retraídos agora, e seu colorido tinha mudado muitas vezes, à medida que os sentidos procuravam decifrar mensagens conflitantes. Primeiro o impulso irresistível para procriar, depois a perplexidade, quando tentou acasalar e não conseguiu, em seguida confusão, quando a coisa estranha continuou a emitir o cheiro do acasalamento. Então, a ansiedade, quando tentou a união e sentiu que não podia, pois a coisa grudou nela como um parasita, depois a raiva quando percebeu a ameaça e começou a despedaçá-la com o bico e os tentáculos.

Agora só restava a raiva, uma raiva com nova dimensão. A cor do animal era um vermelho escuro e viscoso.

Antes, a lula gigante sempre respondia aos impulsos de raiva com espasmos explosivos e instantâneos de destruição, que consumiam a raiva. Mas desta vez a raiva, em vez de diminuir, aumentou. E agora tinha um propósito, um objetivo.

Assim, o caçador subiu, preparado não só para destruir, mas para matar.

50

Trezentos e cinquenta metros, calculou Darling, calibrando o localizador de peixes. A coisa estava a 350 metros e subia como uma bala. Tinham cinco minutos, não mais, provavelmente menos.

Saltou para baixo e entrou na cabine.

— Apanhe o croque, Marcus — disse ele. — E prepare o detonador para que esteja pronto para disparar.

— O que aconteceu? — perguntou Talley.

— A filha da mãe está subindo outra vez — disse Darling — e minha maldita bateria está descarregada. — Desapareceu no compartimento do motor.

Sharp subiu para o *flying bridge*, apanhou o croque e examinou a bomba. A pasta de glicerina e gasolina tinha endurecido, mas estava úmida ainda e ele a espalhou por igual na extremidade do explosivo. Então, afundou mais o vidro na massa para não cair, mesmo que a extremidade do croque balançasse.

Era uma bomba simples, não havia nenhum motivo para que não funcionasse. Assim que o ar atingisse o fósforo, este se acenderia, começando uma reação em cadeia, na direção do Semtex. Só precisavam evitar que o animal mordesse o vidro ou que o amassasse com um dos tentáculos.

Só o que tinham a fazer era enfiar um explosivo na boca de um monstro de 30 metros e pular para longe para não explodir com ele.

Só isso.

De repente, Sharp ficou nauseado. Olhou para o mar calmo, mosqueado de sol. Tudo estava em paz. Como Whip sabia que a criatura estava subindo? Como podia ter certeza? Talvez o que ele tivesse visto na tela fosse uma baleia.

Pare com isso, disse para si mesmo. Pare de fantasiar e prepare-se.

Ia funcionar. Tinha de funcionar.

***

Darling arrastou-se para dentro do compartimento do motor, empurrando na frente a bateria pesada de 12 volts. As juntas dos seus dedos estavam sangrando

e suas pernas quase adormecidas. Quando achou que a bateria estava ao alcance dos cabos, ele os soltou da bateria descarregada, sem se dar ao trabalho de tirá-la do suporte. Não se importava com a possibilidade da nova bateria cair e se soltar dos cabos, desde que fosse depois de dar partida no motor. Depois, não precisava mais dela.

Parou o tempo suficiente para certificar-se de que estava ligando os cabos nos polos certos — positivo no positivo, negativo no negativo — e terminou a ligação.

Então, ficou de pé e subiu correndo a escada.

51

A presa estava diretamente acima dela.

Podia vê-la com os olhos, sentir com os sensores do seu corpo. Não parou para analisar a presa, não procurou sentir os sinais de vida ou de alimento.

Mas porque a presa era desconhecida, o instinto a mandava ficar afastada, estudar primeiro. Assim, como um tubarão que nada em volta de objetos desconhecidos no mar, como a baleia que emite sinais de sonar e decifra o eco recebido, a *Architeuthis dux* passou uma vez sob a presa, examinando-a com os olhos. A força da sua passagem provocou uma onda de pressão que chegou até a superfície.

Então, de repente, a presa acima dela explodiu em ruídos estranhos e começou a se mover.

O animal interpretou o ruído e o movimento como sinais de fuga. Rapidamente, fez girar o funil na barriga, recobrou o comprimento normal e atacou.

52

Quando Darling sentiu o barco subir debaixo dele, prendeu a respiração e apertou o botão de partida e um segundo depois ouviu o ronco do grande diesel. Não esperou para esquentar o motor — empurrou a alavanca para a frente e apoiou nela todo o peso da mão.

O barco primeiro saltou para a frente, depois parou, como se estivesse ancorado pela popa. Inclinou para trás, a proa levantou e Darling foi atirado para trás, contra a capota. Então o barco avançou para a frente outra vez e aproou para o mar. Mas não se moveu.

O ronco do motor tinha-se transformado num assobio estridente. Começou a falhar. Tossiu duas vezes, depois morreu e o barco ficou parado na água.

Jesus Santíssimo, pensou Darling — o animal destruiu a hélice. Amassou as pás ou a virou para cima. De repente, Darling ficou gelado.

Desceu para a cabine e saiu para o convés de popa.

Talley estava de pé ao lado do alçapão do porão, olhando fixamente para o mar. Quando viu Darling, disse:

— Onde está ela? Pensei que você tinha dito...

— Bem debaixo de nós — disse Darling. — Ela nos pegou direitinho. — Foi até a popa e olhou para a água. Um pouco abaixo do último degrau da escada externa sacudindo, saindo de baixo do barco estava a ponta de um tentáculo.

De pé, ao lado de Darling, Talley disse:

— Ela deve ter tentado pegar a hélice.

— Agora perdeu um braço — disse Darling. — Talvez isso a faça desistir.

— Não vai desistir — disse Talley. — Só vai ficar mais furiosa.

Darling olhou para a ponte e viu Sharp perto da amurada com o rifle de Manning na mão. Quando começou a subir a escada, ouviu Talley dizer:

— Capitão...

— O que é?

— Eu sinto muito — disse Talley. — Foi tudo minha...

— Esqueça. Ficar arrependido é perda de tempo e não temos muito tempo. Vista um colete salva-vidas.

— Estamos afundando?

— Ainda não — disse Darling.

Darling retirou o croque do suporte e calculou seu peso.

— Eu faço isso — disse Sharp, apontando para a bomba na ponta do croque.

— Não, Marcus — disse Darling, tentando sorrir. — Prerrogativa de capitão.

Olharam para a água e enquanto olhavam o sol iluminou o horizonte, passou de alaranjado para amarelo-ouro e a superfície do mar passou do cinza opaco para azul.

***

O animal contorceu-se no escuro, louco de dor e de confusão. Um líquido verde escorria do topo do tentáculo cortado.

Não estava incapacitado — não percebia nenhuma perda de força. Só sabia que o que tinha sentido como presa era mais do que isso. Era um inimigo.

A criatura subiu outra vez para a superfície.

***

Darling e Sharp estavam olhando na direção da proa quando ouviram o grito de Talley atrás deles.

— Não!

Viraram rapidamente, olharam para a popa e ficaram gelados.

Alguma coisa subia pela amurada. Por um momento pareceu deslizar como uma lesma gigante. Então a parte da frente dobrou para cima, como um lábio e a coisa começou a subir, abrindo-se como um leque, até atingir um metro e vinte de largura e dois metros e meio de altura, bloqueando os raios do sol. Era

coberta de círculos que vibravam como bocas famintas, e, em cada um deles, Darling viu uma lâmina brilhante cor-de-âmbar.

— Atire, Marcus! — gritou Darling. — Atire!

Mas Sharp estava paralisado, boquiaberto, com o rifle inútil nas mãos. Abaixo deles, Talley ouviu alguma coisa, virou para a esquerda e gritou. No meio do barco, deslizando para bordo estava, o outro tentáculo do animal.

O grito assustou Sharp. Ele girou o corpo e atirou três vezes. O primeiro tiro foi alto demais, o segundo atingiu a amurada e ricocheteou, o terceiro acertou bem no meio do tentáculo. A carne não reagiu, não sangrou, não estremeceu nem se recolheu. Foi como se tivesse engolido a bala.

Os dois tentáculos continuavam entrando, contorcendo-se como cobras e caindo em pilhas de carne púrpura, cada átomo com vida e movimento próprio, pulsando e trepidando como se cada um tivesse um objetivo diferente. Pareciam ter sentido vida a bordo, e movimento, pois as pontas achatadas inclinaram-se para a frente e começaram a avançar em círculo, como aranhas procurando a presa.

Talley parecia paralisado. Não recuou, não fez nenhum movimento para fugir, mas ficou parado, congelado.

— Doc! — gritou Darling, — Dê o fora daí depressa!

Quando os dois tentáculos estavam amontoados na popa, ficaram imóveis por um momento, como se a criatura estivesse hesitando, e então os dois expandiram-se por tensão muscular e a popa do barco foi empurrada para baixo. Atrás do barco, o oceano começava a se levantar, como para dar à luz uma montanha. Ouviram o ruído de sucção e um rugido.

— Jesus Cristo! — gritou Darling. — Ela está subindo a bordo! — Ele recuou, segurando o croque na altura do ombro como uma lança.

Viram primeiro os sete braços que agarraram a popa e, como um atleta erguendo-se numa paralela, deram impulso para baixo, para erguer o corpo.

Então, viram o olho, branco-amarelado, incrivelmente grande, como a lua levantando sob o sol. Tinha no centro um globo negro como um poço sem fundo.

A popa foi empurrada para baixo até mergulhar na água. A água entrava a bordo e corria para a frente, inundando toda a ré.

Ela vai conseguir, pensou Darling. A filha da mãe vai nos afundar. E depois, apanhar um por um.

O outro olho apareceu então e nesse momento a criatura virou a cabeça e os olhos pareciam fixos nos três homens. Entre os olhos, os braços estremeciam e oscilavam e, na articulação dos braços, como o centro de um alvo, o bico de 60 centímetros, afiado e protuberante, abria e fechava, estalando, à espera da comida. O barulho era de uma floresta desabando sob uma tempestade, grandes troncos se partindo sob o rugido do vento.

De repente, Talley pareceu acordar. Virou, correu para a escada e começou a subir. Estava quase na ponte de comando quando a criatura o viu.

Um dos tentáculos se encolheu, subiu no ar e arremessou para a frente procurando agarrá-lo. Talley viu a coisa se aproximar, tentou desviar, seu pé escorregou do degrau e ele ficou dependurado pelas mãos na escada. O tentáculo enrolou na escada, arrancou e a levantou no ar, acima da ponte, com Talley dependurado como uma marionete.

— Pule, Doc! — gritou Darling, quando o outro tentáculo passou sibilando no ar e chicoteou Talley.

Talley soltou a mão e caiu. Seus pés bateram na borda externa da amurada da ponte e por um segundo ele ficou equilibrado ali, girando os braços no ar, tentando segurar a grade de metal. Seus olhos estavam arregalados, a boca aberta. Então, quase em câmera lenta, caiu para trás, no mar. O tentáculo amassou a escada e jogou para longe.

Sharp atirou no animal até acabar a munição do pente. As balas entravam na carne da lula e desapareciam.

A cauda da criatura moveu-se para a frente, ajudando-a a entrar mais no barco e afundando mais a popa. A proa levantou outra vez e tudo que havia no barco, ferramentas, cadeiras e louça partia-se contra o aço que revestia a cabine.

— Vá, Marcus — disse Darling.

— Você vai. Deixe que eu...

— *Vá*, que diabo!

Sharp olhou para Darling, quis falar, mas não havia nada a dizer. Mergulhou no mar.

Darling virou para a popa. Mal podia ficar de pé. O convés estava

inclinado e teve de se abaixar e prender um pé na grade de metal da ponte.

A criatura estava despedaçando o barco. Os tentáculos moviam-se ao acaso, agarrando tudo que encontravam — um tambor com cabos, uma cobertura de escotilha, uma antena do mastro —, amassando e jogando no mar. O animal aspirava o ar e o expelia pelo funil, roncando como um porco.

Nesse momento, o ataque parou. Como se tivesse lembrado de algo de repente, a cabeça enorme, com o focinho que parecia um ninho de víboras, voltou-se para Darling. Os tentáculos lançaram-se para a frente e cada um agarrou um dos lados da amurada da ponte de comando. Darling viu o balão de carne e músculos contrair-se. Os tentáculos se retesaram e a criatura avançou.

Darling firmou o pé na grade de metal, o outro no convés da ponte e ergueu o croque como se fosse um arpão, tentando calcular a distância que o separava do bico.

A criatura parecia se despencar na direção dele. Os braços estenderam-se para a frente. Darling olhava só para o bico e então atacou.

O croque foi arrancado das suas mãos e ele atirado contra a grade de ferro. Viu um dos tentáculos levantar o croque e jogá-lo no mar.

Seu único pensamento foi, eu vou morrer.

Os braços estenderam-se para ele. Darling abaixou o corpo, escorregou, caiu muito junto da borda da ponte e foi parar na popa inundada e escorregadia.

Estava com água pela cintura. Começou a andar na direção da amurada. Se conseguisse se atirar na água, nadar para longe do barco, talvez pudesse se esconder entre os escombros, talvez a criatura perdesse o interesse, talvez...

O animal apareceu então ao lado da cabine, pairando ameaçador acima dele, os tentáculos como cobras dançantes. Os sete braços mais curtos, e até o toco do oitavo do qual escorria o líquido fétido, estenderam-se para ele, para levá-lo para o bico cor-de-âmbar.

Darling deu meia-volta e correu para o outro lado do barco. Um dos braços bateu na água ao seu lado, ele desviou, cambaleou e recuperou o equilíbrio. Quantos passos mais? Cinco? Dez? Nunca ia conseguir. Mas continuou, porque não podia fazer mais nada, e porque alguma coisa dentro dele o proibia de se entregar.

Encontrou um obstáculo. Tentou afastá-lo do caminho, mas era muito

pesado. Darling olhou para o objeto, calculando se daria para mergulhar por baixo dele. Era a tampa do compartimento do meio do barco, flutuando. Em cima dele estava a serra de cadeia.

Darling não pensou, não hesitou, não calculou. Agarrou a serra e puxou o cabo de partida. O motor pegou na primeira tentativa, com um ronco ameaçador, em neutro. Darling apertou o botão e a lâmina da serra girou, gotas de óleo pingaram na água.

Darling ouviu a própria voz dizer:

— Muito bem — e, voltando-se, enfrentou o animal.

A criatura parou por um momento, e então, expelindo ar com um ronco, arremeteu para ele.

Darling apertou o gatilho e o motor da serra parecia um grito estridente.

Um dos braços passou na frente do seu rosto e Darling enfiou a serra nele. Os dentes de aço entraram na carne e Darling recebeu um banho de amoníaco. O motor roncou com o esforço, girou mais devagar, como se estivesse cortando madeira molhada e Darling pensou, Não! Não pare. agora!

O som do motor mudou outra vez, ficou mais alto e os dentes penetraram mais fundo, espirrando pedaços de carne no rosto de Darling.

O braço foi cortado e caiu para o lado. O animal soltou um rugido de raiva e de dor.

Outro braço atacou Darling, e outro, e ele se defendeu com a serra. Quando os dentes de aço tocavam cada um deles, os braços se encolhiam e depois, como que incentivados pelo cérebro frenético da criatura, voltavam ao ataque. Uma chuva de pedaços de carne explodiu em volta de Darling e ele estava ensopado de gosma verde e tinta negra.

De repente, uma coisa tocou sua perna, debaixo d’água e começou a subir, na direção da sua cintura.

Um dos tentáculos. Darling voltou-se procurando encontrar o tentáculo e atacá-lo com a serra antes que o imobilizasse, mas na confusão de coisas que se contorciam e tremiam, não conseguia distingui-lo dos braços.

Quando o tentáculo envolveu sua cintura, começou a apertar como uma jiboia e Darling sentiu uma dor aguda quando os ganchos das ventosas penetraram sua pele. Sentiu que estava sendo erguido do convés pelo tentáculo e

sabia que estaria morto quando estivesse no ar.

Girou o corpo e ficou de frente para o bico que abria e fechava. Quando o tentáculo apertou mais tirando todo o ar dos seus pulmões, Darling inclinou-se para o bico com a serra na mão. O bico se abriu, e por um segundo Darling viu a língua, rosada e coberta por pequenas saliências ásperas.

— Tome! — gritou ele, enfiando a serra no bico escancarado.

A serra falhou uma ou duas vezes, quando os dentes de aço não conseguiram cortar o bico ósseo e escorregou para fora. Darling a levantou outra vez, e então um dos braços passou pela frente do seu rosto, enrolou-se nas suas mãos, tirou a serra e a atirou para longe.

Agora, pensou Darling, agora estou morto de verdade.

O tentáculo apertou mais e Darling sentiu que a névoa na frente dos seus olhos era o sinal do fim. Sentiu que era erguido no ar, viu o bico aproximando-se, sentiu o fedor rançoso.

Viu um dos olhos, negro e inexorável.

Então, de repente, o animal começou a subir, como que empurrado por uma força que vinha de baixo. Darling ouviu um som que nunca tinha ouvido na vida, um rugido surdo e terrível e uma coisa enorme, branco-azulada, explodiu do mar, segurando a lula na boca.

O tentáculo que o segurava contorceu-se violentamente e Darling sentiu que estava voando, depois caindo no nada.

53

— Puxe! — gritou Sharp.

Talley enfiou a mão na água e procurou o cinto de Darling. Achou e puxou e com Sharp ajudando seu braço o içaram para bordo de uma cobertura de escotilha de ré. Estava encharcada de água, mas a madeira era grossa e sólida e tinha espaço para os três.

A camisa de Darling estava em pedaços e listras de sangue cruzavam seu peito e a barriga, onde os ganchos cortantes do animal tinham penetrado a pele.

Sharp tocou com a ponta dos dedos a artéria do pescoço de Darling.

— Se não estourou nada por dentro, ele vai ficar bom — disse ele.

No meio de uma densa neblina, Darling ouviu a frase “ficar bom” e sentiu que estava nadando para a luz. Abriu os olhos.

— Como você está, Whip?

— Como se tivesse sido atropelado por um caminhão. Um caminhão cheio de facas.

Sharp o ajudou a sentar segurando suas costas.

— Olhe — disse ele.

Darling olhou. Sentiu náuseas com o movimento da cobertura e balançou a cabeça lentamente.

O barco tinha desaparecido. O animal tinha desaparecido.

— O que foi? — perguntou Darling. — O que fez isto?

— Um cachalote — disse Sharp. — Levou a maldita lula inteirinha. Mordeu bem atrás da cabeça dela.

A água se moveu perto deles e Darling sobressaltou-se.

— Está tudo bem — disse Talley. — É só a vida, só a natureza.

A superfície do mar estava cheia de carne, massas de carne, cada uma assaltada por peixes pequenos. O tumulto em volta do barco foi como o sino do jantar, chamando as criaturas do fundo e da superfície. A nadadeira dorsal de um tubarão passou no meio dos destroços. A cabeça de uma tartaruga apareceu,

olhou em volta e mergulhou outra vez. Bonitos ondulavam à superfície, atacando a presa fresca e indefesa. Peixes-tigre e rabos-amarelos ignoravam uns aos outros, atentos à sopa apetitosa.

— Bonito — disse Darling, deitando outra vez. — É dessa vida que eu gosto.

— Não sei onde estamos nem para onde vamos — disse Sharp. — Não vejo terra, não vejo coisa alguma.

Darling molhou a ponta de um dedo e o ergueu no ar. — Para casa — disse ele. — Vento de noroeste. Estamos indo para casa.

54

Ela foi criada no abismo e viveu lá durante semanas, grudada na rocha da encosta da montanha. Então, soltou-se da pedra, seguindo o plano da natureza e, flutuando por meio da concentração dos íons de amônia, começou a subir lentamente para a superfície. No passado, teria sido devorada no caminho, pois era uma rica fonte de alimento.

Mas nada a atacou, nada abalou sua integridade, nenhum fluxo de água do mar a penetrou, o que teria matado as criaturas no seu interior, e assim ela chegou a salvo na superfície para se banhar com o calor do sol, vital para a sua sobrevivência.

Flutuava na água do mar, indiferente ao vento e ao tempo, fina, quase transparente. Mas sua pele gelatinosa era extremamente forte.

Era oval com uma abertura no centro, e repetia séculos de instruções genéticas e girava no sol, expondo todo o corpo aos nutrientes que vinham de quase 100 milhões de quilômetros de distância.

Contudo, era vulnerável. Uma tartaruga podia devorá-la, um tubarão podia destruí-la. Por ordem da natureza, muitos membros da sua espécie deviam morrer, alimentando outras espécies e mantendo o equilíbrio da cadeia alimentar.

Mas como a própria natureza estava desequilibrada, o oval gelatinoso girou durante dias e noites até completar seu ciclo. Madura, finalmente abriu-se, espalhando no mar milhares de pequenos sacos, cada um contendo uma criatura completa. Quando cada uma sentisse que tinha chegado sua hora de viver, saía do saco e imediatamente começava a procurar alimento.

Essas criaturas eram canibais e quando podiam devoravam suas irmãs. Mas eram tantas, e dispersavam-se tão depressa, que a maioria sobreviveu e mergulhou para o frio reconfortante do abismo.

Quase todas geralmente eram devoradas antes de chegar ao fundo, ou à segurança das fendas nas encostas dos vulcões submersos. No máximo uma entre mil sobrevivia.

Mas os predadores tinham desaparecido e embora surgissem alguns caçadores solitários, que diminuíram seu número, não havia mais os grandes grupos que antes agiam como monitores naturais. Os enormes cardumes de bonitos e cavalas, de pequenas lulas brancas, os peixes-bandeiras das

profundezas, os grupos de atuns, o voraz *wahoo* e a barracuda, todos tinham desaparecido.

Assim, quando as criaturas atravessaram 915 metros de profundidade no mar aberto e abrigaram-se nas encostas, quase 10% — talvez uma centena de indivíduos, talvez 200 ou 300 estavam ainda vivos.

Elas pairavam, sempre sozinhas, pois cada uma era completamente autossuficiente e absorviam água nas suas mantas, expelindo-a pelo funil na barriga. Sua confiança crescia com cada respiração. Seus corpos iam amadurecer lentamente, e durante um ano ou pouco mais procurariam se afastar dos outros predadores. Mas chegaria o tempo em que sentiríam sua singularidade, sua superioridade e então ousariam sair para o largo.

Elas pairavam e esperavam.